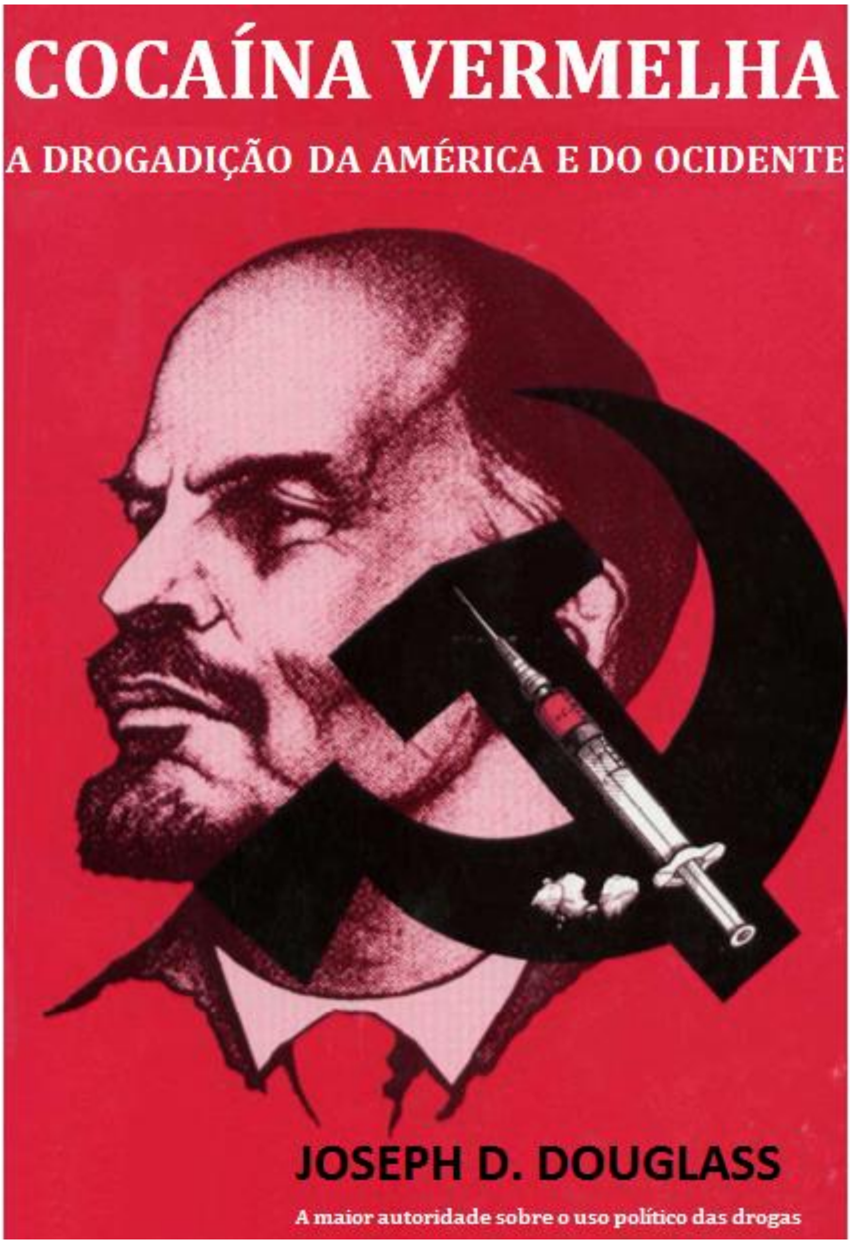

COCAÍNA VERMELHA
A DROGADIÇÃO DA AMÉRICA E DO OCIDENTE
JOSEPH D. DOUGLASS
A maior autoridade sobre o uso político das drogas

A comum, desinformada, visão contemporânea do flagelo das drogas, o qual está devastando as mentes e corpos da juventude ocidental e assim degradando o fundo genético da humanidade, é de que isto "simplesmente aconteceu". As recompensas financeiras, de acordo com este argumento, são tão enormes que sempre haverão forças malignas dispostas a distribuir narcóticos por dinheiro. Esta visão complacente é detonada por *Cocaína Vermelha, A Drogadição da América e do Ocidente*, que mostra conclusivamente que, continuamente, leninistas russos e chineses tem usado narcóticos por muitas décadas como uma arma decisiva na contínua campanha de baixo nível que estão travando contra a civilização ocidental. Seu uso de drogas como um instrumento ofensivo de "amolecimento" pressupõe a ausência de qualquer descontinuidade das intenções e práticas dos Leninistas desde 1917, e (crucialmente), desde as orquestradas "mudanças" de 1989-1991, que foram concebidas para hipnotizar e levar enganosamente o mundo a acreditar que a Revolução Mundial tinha desmoronado. A narco-guerra é baseada em uma estratégia satânica prevista por Lênin e desenvolvida por Stalin pelo seu odioso chefe de polícia Lavrentiy Beria. Depois que o chinês comunista, tendo usado narcóticos contra seu próprio povo antes de tomar o poder em 1949, tinha estendido suas operações de drogas internacionalmente, os soviéticos embarcaram a sério, sob ordens de Khrushchov, na sua própria ofensiva de drogas - reforçando uma campanha revolucionária para desmoralizar o ocidente através da degradação da moral e das instituições da sociedade, uma estratégia elabora pelo fundador do Partido Comunista Italiano, Antonio Gramsci. Dr. Joseph D. Douglass, o maior *expert* sobre o uso político de narcóticos, explica como um desertor tcheco, o falecido general Jan Sejna , alertou o Ocidente para esta ofensiva diabólica - e como autoridades e bancos ocidentais, corruptos e irresolutos,  optaram por ignorar a realidade feia, por razões de conveniência e do "politicamente correto".

# COCAÍNA VERMELHA

## A DROGADIÇÃO DA AMÉRICA E DO OCIDENTE

Uma exposição das operações de longo prazo da inteligência russa e chinesa que visou alcançar a desmoralização e controle absoluto do ocidente por meio das drogas, como uma extensão da continua Revolução Mundial Leninista.

JOSEPH D. DOUGLASS, JR.

Introdução pelo Dr. Ray S. Cline
Ex-Vice-Diretor de Inteligência,
C.I.A.

# Sobre o Autor: PHD Joseph D. Douglass Jr.

Dr. Joseph Douglass é um analista de segurança nacional e autor com especialidade em política de defesa, avaliação de ameaça, fraude, inteligência e guerra política, estratégia nuclear, terrorismo, agentes e aplicações químicas e biológicas de guerra avançada, e tráfico de narcóticos internacional. Desde meados dos anos 1980, seu foco principal tem sido o estudo das diferentes dimensões da guerra cultural e notavelmente do flagelo das drogas ilegais, com ênfase em suas origens, estruturas de apoio, *marketing* - e na questão: "O que pode ser feito?".

Dr. Douglass recebeu seu PhD em engenharia elétrica pela *Cornell University* em 1962 e ensinou na *Cornell University*, na *Navy Postgraduate School* em Monterey, e na *Johns Hopkins School of Advanced International Relations* em Washington, D.C.. Ele tem trabalhado nos e para os laboratórios nacionais (*Sandia Corporation*), para o governo dos EUA, onde ele foi vice-diretor e diretor-interino, no Departamento de Tecnologia Tática, da Advanced Research Projects Agency[1] – e com vários contratantes de defesa, como o *Institute for Defense Analyses and System Planning Corporation*. Ele é ex-membro do *Weapons Systems Evaluation Group*, da *US Army Science Board*, e ex-consultor da *Arms Control and Disarmament Agency* e *Senate Foreign Relations Committee*. Atualmente ele dirige o *The Redwood Institute* que foi formado para chamar atenção para os problemas internos que a América encara – como drogas ilegais, crime e educação empobrecida – e identificar as raízes do problema, avaliar políticas nacionais e elaborar opções de políticas alternativas. O autor tem sido um analista pioneiro e talvez mais conhecido por seus estudos inovadores sobre políticas de armas nucleares, o impacto de munições teleguiadas, a natureza da ameaça nuclear soviética, os riscos decorrentes de agentes da guerra química e biológica e aspectos da inteligência do tráfico internacional de narcóticos.

Seus livros não-catalogados incluem *The Theater Nuclear Offensive* [1976, reimpresso dez vezes]; *Soviet Strategy for War in Europe* [*Pergamon Press*, 1980, também traduzido e publicado em alemão]; *Soviet Strategy for Nuclear War* [*Hoover Institute Press*, 1979: muitas impressões, traduzido e publicado em japonês]; *CBW: The Poor man's Atomic Bomb* [*Institute for Foreign Policy Analysis*, 1984]; *Why the Soviet Union Violates Arms Control Treaties* [*Pergamon-Brassey's*, 1988]; *Conventional War and Escalation* [*The National Strategy Information Center*, 1981]; *The Superpowers and Strategic War Termination* [co-editor, *Pergamon-Brassey's*, 1989]; e o presente trabalho, originalmente entitulado: *Red Cocaine: The Drugging of America* [1990].

Esta nova edição tem sido preparada visando reunir a contínua demanda pelo trabalho, tanto nos EUA quanto em outros lugares, seguindo o ajustamento estratégico completado em 1991 quando os estrategistas comunistas passaram a perseguir seus maníacos objetivos de Revolução Mundial através do comunismo disfarçado e uma "nova forma" de "capitalismo controlado pelo estado" reversível – trabalhando, como Lenin ensinou aos seus "iluminados" seguidores, "por outros meios".

[1]Atual DARPA – *Defense Advanced Research Projects Agency*

Dedicado a

todos os que perderam um amigo
ou um ente querido para a
maligno flagelo das drogas.

Já está mais que na
hora de revidar.

# SUMÁRIO

# AGRADECIMENTOS

No desenvolvimento deste livro, tenho recebido inestimáveis críticas e encorajamento de muitos colegas e amigos. Em particular, gostaria de agradecer Ray Sleeper, Ray Raehn, John Lenczowski, Robert Wilson, Scott Miler, Marianne Hall, Dan Bagley, e George Kowals, por seu encorajamento e assistência. Acima de tudo, eu gostaria de agradecer a paciência e esforços especiais concedidos pelo falecido general Jan Sejna em recriar as suas experiências pessoais com operações de inteligência de drogas soviéticas e chinesas. Sem sua generosa assistência, este livro poderia nunca ter sido escrito. Gostaria também de expressar a minha gratidão às várias publicações que tem ajudado a trazer partes deste material à atenção do público. A essência da mensagem apareceu pela primeira vez no *Journal of Defense and Diplomacy*; no *America the Vulnerable and Soviet Strategic Deception*, Lexington Books; no *Global Affairs*; e no *Washington Inquirer*.

Finalmente, quero agradecer a Ellen Levenseller e Terri Lukach por sua assistência meticulosa na revisão e edição do manuscrito, e James Whelan e WW. 'Chip' Wood por suas muitas sugestões bem-pensadas e ajuda no desenvolvimento do manuscrito final da edição original [1990]. A segunda edição [1999] foi reorganizada, editada e preparada por Christopher Story, do Edward Harle Limited. O capítulo 12 é inteiramente novo.

# INTRODUÇÃO À SEGUNDA EDIÇÃO

O Manual Comunista de Instruções Sobre Guerra Psicopolítica (*Communist Manual of Instructions on Psychopolitical Warfare*[1]), cujo texto sobrevive em domínio público, em parte, porque foi usado em escolas clandestinas tais como o *Eugene Debs Labor School* na 113 E. Wells Street, Milwaukee, Wisconsin, na década de 1930 e posteriormente, contém declarações explícitas relativas ao uso intencional de drogas contra populações-alvo para fins revolucionários. Em um discurso para estudantes americanos que frequentavam a *Lenin University* pouco antes de 1936, Lavrentiy Beria, um dos homens mais maus que já viveram, exortou os estudantes de "psicopolítica"*, a qual Beria chamou de "uma repartição da geopolítica", para estudar técnicas revolucionárias especiais, projetadas "para produzir um máximo de caos na cultura do inimigo". "Vocês devem trabalhar…", ele insistiu em seu discurso, que permaneceu em seu domínio público juntamente com o próprio manual comunista, "...até que tenhamos domínio sobre as mentes e corpos de cada pessoa importante da sua nação".

*"Psicopolítica", conforme explicado no Manual Comunista, é a (satânica) arte e ciência de afirmar e manter o domínio sobre os pensamentos e lealdades dos indivíduos, funcionários, departamentos e massas, e a efetivação da conquista de nações inimigas através subversiva e instrumental "cura mental".

O capítulo 9 do Manual Comunista revela que a escola freudiana já tinha sido sequestrada pelos revolucionários leninistas. "Viena...", ele afirma, "...tem sido cuidadosamente mantida como o lar da psicopolítica, já que foi o lar da psicanálise... nossas atividades há muito tempo dissiparam qualquer dos avanços obtidos pelos grupos freudianos e tomaram estes grupos". Agora, considere o seguinte conselho contido no capítulo 3 do Manual Comunista: "O rico, o habilidoso em finanças, o bem informado no governo são alvos específicos e individuais para o psicopolítico... cada homem rico, cada estadista, cada pessoa bem informada e capaz no governo, deve ter trazido para o seu lado, como um confidente, um operador psicopolítico".

O produto recente mais conhecido do "sucesso" diabólico de tal psicopolítico, posando de "curandeiro" - um falso "psiquiatra", mal-recebido entre os psiquiatras profissionais em Londres - é a falecida Princesa Diana, cuja mente foi "transformada", desconstruída e então preenchida com "valores lixosos" nos anos finais de sua vida trágica.

O caso dela se encaixa precisamente nesta instrução do manual:

As famílias dessas pessoas ("do topo das camadas da sociedade", o manual explicou) são muitas vezes perturbadas pela ociosidade ... e este fato deve ser aproveitado. A saúde normal e selvageria do filho de um homem rico deve ser distorcida e pervertida e ... transformada em criminalidade ou insanidade. Isto traz, de uma só vez, alguém da "cura mental" para o contato confidencial com a família… [e é por este meio] que poderia ser colocado ao lado de cada rico ou influente um operador psicopolítico.

Embora Beria e seus sucessores buscassem primeiramente atacar e perturbar as pessoas influentes e legisladores no ocidente, como um atalho para a política de desestabilização para “embaraçar ou transtornar as políticas econômicas do país [alvo]”, eles também tinham em mente o uso de drogas como um meio de degradar a sociedade em geral. Assim, "as massas", em cujo nome os comunistas pretendiam perturbar, vieram a ser as próprias vítimas diretas de uma ofensiva de narcóticos global.

Os jovens da sociedade, em particular, vieram a ser alvos - desde que eles oportunamente assumissem posições de influência, com os seus valores e lealdades corroídos e “alterados” para o benefício irreversível da revolução.

A natureza auto-evidentemente satânica deste programa não deve ser nenhuma surpresa: afinal de contas, Marx tornou-se um satanista no final da adolescência[2]; Lênin é conhecido por ter participado de pelo menos um evento satânico ("massa negra"), na ilha de Capri; e Stalin (e, claro, o “nacional” socialista, Hitler) estavam preocupados quase que exclusivamente com a agenda dos habitantes do "fosso sem fundo" - a morte.

Assim, o Manual Comunista ordenou os estudantes da Universidade de Lenin da seguinte forma:

“Ao fazer drogas facilmente disponíveis de vários tipos, dando ao adolescente álcool, elogiando sua selvageria, estimulando-o com publicidade e literatura sexual para ele ou ela praticarem, como ensinado na *SEXPOL*[3], o operador psicopolítico pode criar a atitude necessária de caos, ociosidade e inutilidade .... ele pode, de sua posição como uma autoridade sobre a mente, aconselhar todos os tipos de medidas destrutivas. [Como um educador] ele pode ensinar a falta de controle desta criança em casa. Ele pode instruir, numa situação ideal, a nação inteira a como lidar com crianças - e instruí-la para que as crianças, dado nenhum controle, dado nenhum real lar, possam correr descontroladamente por aí sem nenhuma responsabilidade pela sua nação ou por si próprios. O desalinhamento da lealdade dos jovens para uma nação [não-comunista] define o palco adequado para um realinhamento de sua lealdade com o comunismo. Criando uma ganância por drogas, mau comportamento sexual e da liberdade descontrolada e apresentando isso para eles como um benefício... vai com facilidade trazer o nosso realinhamento [de lealdades]”.

O *Sunday Telegraph*, de Londres, publicou uma notícia em 05 de fevereiro de 1995[4] , intitulada: A nova Suíça: viciados, prostitutas e assassinatos de rua. A autora, Patricia Morgan, revelou que "uma vez que a prostituição foi legalizada em dezembro passado [1994], bordéis têm-se empurrado para o centro das atenções, anunciando seus produtos em detalhe gráfico. O mesmo pode ser dito do selo de Natal de 1994, uma paródia descarada da temporada religiosa, que exibiu não a Virgem e o menino, mas um falo cercado por estrelas. Um lema foi carimbado por cima do desenho: Parem a AIDS ".

A “colisão traumática” estava “a caminho entre a velha ordem e um novo niilismo .... Depois do sexo, drogas. Eram seringas descartadas, não neve, que havia no chão em torno da ponte Kornhaus em Zurique. Quase nada se compara ao incidente com drogas do distrito de Letten que agora existe em qualquer lugar: o que parece uma prisão de segurança máxima, patrulhada por guardas, é de fato a escola de ensino fundamental local. O arame do perímetro mantém para fora os viciados e

prostitutas". Atravesse a ponte para Toronto a partir do lado americano da fronteira canadense, e com o que é que o visitante se depara? Com a exibição mais opressiva e repugnante que a subcultura do "entretenimento" tem para oferecer para qualquer lugar do mundo.

No Reino Unido, toda semana, cerca de 1,5 milhões de jovens passam as noites de sexta e sábado em "*raves*", alterados por uma droga sintética chamada "ecstasy" importada ilegalmente da Holanda, a Meca da permissividade das últimas duas décadas; muitas mortes desta mistura letal foram reportadas, e o dano que está sendo infligido em longo prazo é imensurável. Em ginásios e boates, uma nova "droga-designer" conhecida como "ecstasy líquido" estava sendo vendida extensivamente em meados de 1999, depois de vários "ensaios" em várias partes do país e entre as comunidades homossexuais em grandes cidades. Se esta substância - gamahidroxibutirato, ou GHB - é misturada ao álcool, os efeitos letais rapidamente se sucedem. Imediatamente após a morte de Ian Hignett, 27 anos de idade, que faleceu subitamente após ingerir esta substância numa boate do Reino Unido sem saber o que ele estava tomando, o Detetive-Chefe, Inspetor Colin Matthews, da polícia de Merseyside, falou ao *The Daily Telegraph*[5] que "as pessoas que estão tomando esse líquido estão dançando com a morte". E estão, na verdade, já que ela possui a deliciosa característica de ser responsável por debilitar o sistema nervoso central.

O notável Inspetor Detetive-Chefe de Merseyside sabe que esta maligna substância é quase certamente um subproduto do contínuo programa de armas químicas e biológicas soviético/russo? Se não, porque o MI5/MI6 não o avisou sobre esta forte probabilidade?

A inteligência contida em Cocaína Vermelha vai chegar como "novidade" para esses, como o admirável Colin Matthews, que trabalha conscientemente no "fim definitivo" do flagelo das drogas, e vê em primeira mão suas consequências devastantes para os jovens britânicos, no decurso das suas funções?

Porque a civilização ocidental tem sido degradada desde os anos 1960, e quem está por trás deste fenômeno? A resposta, em suma, é que o ocidente tem sido vítima sem saber, nas últimas décadas, das operações de inteligência estratégica de longo prazo soviéticas-chinesas de usar drogas como um meio de obter a progressiva desmoralização da sociedade ocidental e da concomitante degradação dos genes – com os jovens como alvo primário desta ofensiva satânica.

Comunismo, uma forma de mania coletivista diabólica que, consistentemente com todas as formas de aberração mental, não conhece descanso – "rodando e rodando em círculos" (por isto "revolução") - não conseguiu êxito em seus próprios termos. Do início da Revolução Mundial Leninista, portanto, o "Comintern" procurou caminhos especiais (secretos) de debilitar a sociedade – usando a metodologia ditada por Lenin e elaborada pelo fundador do Partido Comunista Italiano, Antonio Gramsci.

Gramsci argumentou que "o poder é melhor alcançado em países desenvolvidos através de um processo gradual de radicalização das instituições culturais – um processo que por sua vez transformaria os valores morais da sociedade. Gramsci acreditava que como a moral da sociedade estava enfraquecida, então suas fundações políticas e econômicas seriam mais facilmente destruídas e reconstruídas. [Portanto seria necessário] se infiltrar em instituições autônomas – escolas, mídia, igrejas, grupos de interesse público – de forma a

transformar a cultura, que determina o ambiente para medidas econômicas e políticas[6].

Cocaína Vermelha, que elimina definitivamente qualquer dúvida de que o flagelo mundial das drogas foi sequestrado, desenvolvido e cooptado por agentes de inteligência estrangeira e tem se tornado uma medida primária da contínua Revolução Mundial Leninista, é uma obra clássica que o establishment nos Estados Unidos preferiu ignorar. Auto-evidentemente, esta mensagem não é aplicável só nos Estados Unidos, mas também em todo ocidente, onde os governos estão lutando, em grande parte, às cegas, com um fenômeno cujas origens eles não entendem.

Cocaína Vermelha confirma que a determinação de Lavrentiy Beria de que narcóticos deveriam ser implantados nos interesses da Revolução, tem sido consumada desde a sua liquidação nas mãos de seus mestres satânicos. Confirma também que o uso de drogas para degradar sociedades-alvo ocidentais é um componente integral do que pode ser chamada "a medida Gramsci" da contínua Revolução Mundial que tem engolido o ocidente. Curiosamente, revolucionários contemporâneos omitem este fato de suas discussões abertas sobre "a medida Gramsci" - sugerindo que eles podem ter medo da exposição deste elemento diabólico nas suas atividades dementes. Por exemplo, em um resumo de 1996 do progresso feito em vencer "a guerra de posição Gramsciana", que ele ferventemente suportava, Michael Walzer[7], listou os "ganhos positivos" da revolução contemporânea sobre praticamente tudo exceto a epidemia de drogas debilitantes: a legalização do aborto; a extensão de regulações ambientais, de segurança e de saúde pública; a destruição ("transformação") da vida familiar; a aceitação do pluralismo cultural; políticas de direitos dos homossexuais; ações afirmativas; feminismo; secularização indiscriminada e infiltração das igrejas; e a escalada colossal da dívida pública com desperdício em provisões de bem-estar (sendo necessário os destinar, em parte, para as consequências da ofensiva de narcóticos travada secretamente pelos revolucionários contra a sociedade). Quão curioso é que a praga global das drogas lançada a fim de envenenar nossas crianças foi omitido desta lista perversa das realizações secretas da contínua Revolução Mundial.

A aparição desta edição revisada e atualizada do trabalho clássico de Dr. Douglass veio a coincidir com um livro erudito com o mesmo assunto, em que neste é exposto que "corrução tem sido desenfreada na Rússia e países da Europa Oriental desde que a União Soviética colapsou, fazendo deles alvos fáceis para as atividades de marketing e lavagem de dinheiro dos sindicatos das drogas"[8].

Só essa exposição contém três temas diversionários. Primeiro, ela implica que os "sindicatos das drogas" são fenômenos "autossuficientes", e de que aceitariam facilmente (como planejado) que sua principal motivação é a familiar ganância. Dr. Douglass mostra conclusivamente em Cocaína Vermelha que este é exatamente o contrário da verdade – a motivação primária vem a ser estratégica (desmoralização). Secundariamente, é implícito que drogas são uma nova experiência para a "antiga" URSS. Mas no Bloco Soviético "antigo", como hoje (sob "comunismo disfarçado"), todas as atividades foram e são "licenciadas": por exemplo, os (falsos) partidos políticos na Rússia são lascas do Partido Comunista e são supervisionados e controlados por este até hoje[9]. Sob a tutela do general da *MVD, Eduard Shevardnadze,* da República Socialista Soviética da Geórgia, drogas foram empregadas estrategicamente para fins de engenharia social e política[10].

Em terceiro lugar, a declaração oblitera a realidade - que é o fato de a inteligência soviética/russa e chinesa serem os autores principais da ofensiva das drogas, uma vez que a agenda de criminalidade está na essência da Revolução Mundial, em sua atual fase avançada. De fato, O FUTURO É A CRIMINALIDADE GLOBAL, como Dr. Douglass explica no Capítulo 12. E será, se os legisladores ocidentais permanecerem adormecidos por mais uma década, enquanto as instituições ocidentais restantes são irremediavelmente corrompidas - como já tem sido uma proporção alarmantemente considerável da comunidade bancária internacional. Na verdade, Cocaína Vermelha revela que, desde o início (nos anos de 1960), elementos da comunidade bancária ocidental colaboraram com os soviéticos e tchecos para aperfeiçoar acordos secretos para lavagem de dinheiro da ofensiva soviética de drogas contra o Ocidente.

Estudos do flagelo das drogas (por mais que já difundidos e bem intencionados) que evitam, ofuscam ou ignoram os fatos revelados em Cocaína Vermelha – a edição original que, afinal de contas, tem estado em domínio público por uma década – aumentam a confusão em torno deste problema. Eles também fazem o papel de aparato de desinformação das organizações de inteligência ofensiva, que está preocupada em assegurar que a atenção permaneça distante do verdadeiro "foco do incêndio".

Infelizmente, porque a resposta do ocidente a esta guerra de baixo nível tem sido inefetiva até esta data, o sistema bancário internacional tem sido severamente comprometido, de modo que a corrupção dos bancos torna difícil o encontro de uma reação adequada. Mesmo assim, a mensagem de Cocaína Vermelha permanece relevante hoje como há uma década atrás - de modo que se tornou mais irresponsável e amoral do que nunca deixar a cabeça enterrada na areia.

Em sua obra *"What is to be Done?"* ("O que há de ser feito?"), Lênin respondeu esta sua própria questão ao prescrever a revolução global que engoliu o mundo – e que avança para o seu objetivo de controle mundial enquanto, como o tenente Dimitri Manuilski previu, "a burguesia dorme". Dr. Douglass reage à pergunta de Lênin com a única resposta efetiva possível: exposição. Por isto esta é a única resposta que os autores políticos da ofensiva global de drogas não conseguem digerir.

CHRISTOPHER STORY, Londres, Janeiro de 1999 e Julho de 2001.

Referências:

1. *Communist Manual of Instructions on Psychopolitical Warfare*, destinado por Lavrentiy Beria, chefe do Ministério de Interior de Stalin, para estudantes americanos na *Lenin Univervity*, citado em "*Brainwashing, A Synthesis of the Russian Textbook on Psychopolitics*", Kenneth Goff, um comunista que participou das palestras baseadas no Manual Comunista entre 2 de Maio de 1936 e 10 de outubro de 1939.

2. Vide "*Was Marx a Satanist?*", Rev. Richard Wurmbrand, Diane Books Publishing Co., Glendale, CA, 1976-77.

3. *Sexpol*, uma escola leninista de políticas sexuais, a partir da qual o feminismo contemporâneo e outras aberrações gramscianas são derivadas. Esta de que "feminismo" (um meio de dividir os sexos), como a ofensiva de drogas, é um instrumento da revolução, foi confirmada pela reformista radical Betty Friedan em seu livro *The Second Stage* [Summit Books, 1981], resumido por Ellen Willis em *The Nation*, EUA, 14 de novembro de 1981, páginas 494-495:

“Feminismo não é apenas um problema ou um conjunto de problemas; é a ponta da lâmina da revolução nos valores culturais e morais... O objetivo final resultado de todas as reformas feministas, do aborto legalizado... à programas de cuidados infantis*, é de debilitar os valores da família tradicional e aumentar a liberdade pessoal e sexual da mulher.”

*Vide “lei das palmadas”.

4. Patricia Morgan, *The Sunday Telegraph*, 5 de fevereiro, 1995.

5. “*Mother’s plea as son is killed by new ‘party drug’*”. Nigel Bunyan, *The Daily Telegraph*, Londres, 14 de janeiro 1999, página 13.

6. *Antonio Gramsci's Selections from the Prison Notebooks* [conhecido no Brasil como “Cadernos do Cárcere”, por Antonio Gramsci], ed. Q. Hoare and G. Nowell Smith (Londres, 1971), citado pelo Dr. S. Stephen Powell em *Covert Cadre: Inside The Institte For Policy Studies* , Green Hill Publishing, Ottawa, IL, 1987, páginas 160, 359-360.

7. *What's Going On?* [ver também *'What is To be Done?'* de Lênin] por Michael Walzer, Dissent, Inverno de 1996, Nova Iorque, páginas 6-7.

8. "*Hard Target: the United States War Against International Drug Trafficking*", 1982-1997, Ron Chepesiuk, McFarland & Company, Inc., Jefferson, NC, 1999.

9. Consulte a nota de rodapé da página 180, para obter detalhes sobre a base documental para esta afirmação.

10. Vide James A Inciardi, "*Drug Abuse in the Georgian S.S.R.", Journal of Psycho-Active Drugs*, Outubro-Dezembro de 1987.

# O QUE DISSERAM SOBRE COCAÍNA VERMELHA?

"Um poderoso e bem documentado caso de uma decisão política deliberada, primeiro pelas autoridades em Pequim e então em Moscou, para contribuir para a decadência da sociedade americana...Cocaína Vermelha registra os fatos. Ignoremos a mensagem que ele revela por nossa conta e risco."

DR. RAY S. CLINE, ex-vice-diretor de inteligência, CIA.

"Cocaína Vermelha finalmente estoura fora a tampa que cobria o aspecto mais explosivo do tráfico de drogas, a conexão soviética. Aqui está a história chocante da drogadição da América pelo comunismo internacional."

ROBIN MOORE, autor de *The French Connection*.

"Este livro de arregalar os olhos prova o envolvimento insidioso dos serviços de inteligência soviética na propagação deliberada da ameaça de drogas nos Estados Unidos ".

CHAPMAN PINCHER, autor de *Secret Offensive* etc.

"Cocaína Vermelha é um trabalho seminal que é de leitura essencial para todos os estudantes sérios da contínua Revolução Mundial Leninista hoje (1999). A condição *sine qua non* para entender porque a civilização ocidental está sob um ataque tão implacável e cruel é estar ciente da história da ofensiva de drogas a longo prazo contra o ocidente pela inteligência russa e chinesa, como um elemento-chave do assalto em curso sobre as estruturas e instituições da sociedade, a fim de "mudar lealdades" de forma irrevogável para fins revolucionários."

CHRISTOPHER STORY, Redator e Editor, *Soviet Analyst*, de 1999.

# O QUE ELES DISSERAM SOBRE COCAÍNA?

"Vamos desarmar os capitalistas com as coisas que eles gostam de provar."

CHOU EN-LAI, 1958

"Fraude e drogas são os nossos dois primeiros escalões estratégicos na guerra…"

NIKITA KHRUSHCHOV, 1963

"Eu estava incumbido de encher os Estados Unidos de drogas."

MARIO ESTEVEZ GONZALEZ, agente da inteligência cubana, 1981

"As drogas são usadas como armas políticas. O alvo era a juventude…"

ANTONIO FARACH, alto oficial da Nicarágua, 1984

"Drogas são consideradas a melhor maneira de destruir os Estados Unidos. Minando a vontade da juventude americana, o inimigo é destruído sem disparar uma bala".

MAJOR JUAN RODRIGUEZ, oficial da inteligência cubana, citando e invocando

Antonio Gramsci, Lavrentiy Beria e Sun-Tzu em uma única frase, de 1988.
[Sun-Tzu: estrategista militar de fraudes da China Antiga].

“O ópio deveria ser respeitado como uma poderosa arma. Ele tem sido empregado pelos imperialistas contra nós, e agora devemos usar isso contra eles.” [Fato:. Mao Tsé-tung empregou drogas contra populações chinesas].

# OBSERVAÇÕES SOBRE O FALECIDO GENERAL JAN SEJNA PELA AGÊNCIA DE INTELIGÊNCIA DE DEFESA DOS EUA (DIA)

"...a 'fonte' forneceu informações confiáveis para o governo dos EUA por mais de 20 anos."

*DIA [POW/MIA]*, 18 Abril de 1992.

"...a 'fonte' forneceu informações confiáveis para a comunidade de inteligência dos EUA por muitos anos .... a 'fonte' se submeteu a um exame do polígrafo durante o qual nenhum engano foi detectado."

TENENTE-GENERAL CLAPPER, Diretor,
Agência de Inteligência de Defesa, em 27 de Abril de 1992.

"...fez contribuições significativas para produtos da Inteligência de Defesa [DI] abordando vários aspectos das relações políticas/militares da antiga União Soviética e do Pacto de Varsóvia [e] deu apoio substancial para os serviços de inteligência aliados .... histórico comprovado como um substantivo especialista da Agência de Inteligência de Defesa... registro de excelência em substantivo apoio para *Inteligência de Defesa*."

DAVE SISSON, analista sênior da Agência de Inteligência de Defesa,
5 de novembro de 1992, carta via correio-interno a Alan Young.

# SOBRE A SEGUNDA EDIÇÃO

Sempre que o contexto permitir, nenhuma tentativa será feita para alterar as datas, calendário e, assim, os tempos, utilizados no texto. No entanto, sempre que o editor sentiu que para fins de esclarecimento seriam proveitosos, os tempos foram alterados. Cocaína Vermelha apareceu pela primeira vez em 1990, e o texto reflete esse contexto. A situação agora é muito pior do que descrito no livro, e nada em Cocaína Vermelha tornou-se irrelevante nos anos seguintes. O leitor vai achar que é útil ter em mente, porém, que não houve descontinuidade desde os eventos de 1989-1991, quando o mundo imaginou que a "Guerra Fria" tivesse terminado. Em vez disso, os revolucionários leninistas tem trabalhado, para honrar Lenin, "por outros meios".

# Advertência

Este livro tem sido reconhecido por gerar fortes reações emocionais. Cocaína Vermelha é um estudo de caso do mal: dos os governos e das pessoas responsáveis por inundar os Estados Unidos com drogas; dos funcionários públicos americanos que têm suprimido a inteligência e têm feito vista grossa para favorecer os "interesses especiais" e também para fazer avançar agendas políticas secretas.

As informações apresentadas em Cocaína Vermelha explicam porque a chamada guerra contra as drogas nos Estados Unidos tem sido tão ineficaz. O livro desafia a crença errônea de que o problema das drogas tem "raízes internas"; resultado de uma inexplicável sede americana por drogas. Essa crença errônea, cuidadosamente alimentada por políticos e traficantes de drogas, se encontra entre a América e a promoção de uma guerra eficaz contra as drogas, por uma razão muito simples: uma nação não pode simplesmente entrar em guerra com seu próprio povo. Essa crença de que os americanos em si são a causa é usada por funcionários públicos para justificar seus maus resultados - e não fazer nada sobre as atividades nefastas de governos, políticos, serviços de inteligência e bancos.

Cocaína Vermelha foi escrito para destruir esta crença, para expor as verdadeiras forças por trás do comércio ilegal de drogas, e para revelar a proteção política que permite que o tráfico de drogas sobreviva e cresça. Nada surgiu desde que este livro foi publicado, há quase uma década, para contradizer qualquer das informações aqui contidas. Pelo contrário, a evidência é ainda mais esmagadora, de forma que a análise não pode ser refutada. De fato, é muito significativo que não foi tentada refutação - pela razão óbvia de que nenhuma é possível.

Apesar de Cocaína Vermelha abordar principalmente a ofensiva de drogas dirigida pela inteligência soviética e chinesa contra os Estados Unidos, todos os países ocidentais são alvos, como parte da luta pela implacável Revolução Mundial, esta maníaca batalha para remodelar o mundo de acordo com o que é claramente um modelo diabólico. A fim de que o flagelo das drogas seja abordado de forma construtiva em qualquer país, a informação contida em Cocaína Vermelha deve ser absorvida primeiro.

Um dos propósitos da republicação e atualização de Cocaína Vermelha, portanto, é fazer com que o trabalho esteja prontamente disponível para o leitor comum interessado, e para os profissionais e legisladores não só nos Estados Unidos - onde a demanda para este livro se manteve intacta ao longo dos anos - mas também nos principais países-alvo em todo o mundo. Além disso, o editor garante que este livro clássico vai permanecer impresso - uma vez que a missão central da Edward Harle Ltda. é garantir a disponibilidade permanente de obras que irão ajudar todos aqueles que tem de lutar contra a Revolução Mundial Leninista que tem sido travada contra nós em sua novas, mais insidiosas e “invisíveis” manifestações.

# PREFÁCIO

Na madrugada de 14 de julho de 1989, o general cubano Arnaldo Ochoa Sanchez foi executado por um pelotão de fuzilamento, juntamente com três outros oficiais cubanos. Ochoa foi um dos oficiais mais populares de exército cubano. Laureado com a medalha de Herói da República, sua carreira remonta 31 anos da revolução, quando ele era um membro da famosa brigada *Camilo Cienfuegos*. Mais recentemente, ele comandou forças cubanas na Etiópia, o grupo de aconselhamento cubano na Nicarágua, e 50.000 soldados cubanos em Angola.

O general Ochoa foi considerado culpado de ajudar o cartel de drogas de Medellín na Colômbia a contrabandear cocaína para os Estados Unidos. Seu julgamento, que foi realizado em segredo, começou no domingo, 26 de junho de 1989. A testemunha-chave foi o general Raúl Castro, ministro da Defesa, irmão de Fidel Castro, vice, e suposto sucessor. Raúl Castro denunciou Ochoa e pediu punição exemplar. Todos os membros do Tribunal Militar também denunciaram o general Ochoa. O promotor militar, general Juan Escalona, afirmou em sua conclusão que o general Ochoa "traiu seu povo, sua pátria e Fidel ... e lançou uma mancha no prestígio e credibilidade da 'revolução'".

O julgamento e a condenação foram realizados com brevidade. Junto a Ochoa, treze outros oficiais foram acusados. Quatro, incluindo Ochoa, foram condenados à morte; o resto recebeu longas penas de prisão. Ninguém ofereceu qualquer defesa. Todos os acusados se declararam culpados. Em um ponto, como relatado pelo Ministério Cubano de Notícias, Ochoa respondeu "não" quando perguntado se Raúl Castro teria conhecimento de sua atividade. Mas, não menos do que uma dúzia de desertores da inteligência cubana e seu Ministério do Interior, que é responsável pela segurança interna, bem como da inteligência da Nicarágua e de seu Ministério do Interior, diplomatas da Nicarágua, e traficantes de drogas variadas, afirmaram inequivocamente que ambos, Fidel e Raúl Castro, sabiam sobre o envolvimento de Cuba no tráfico de drogas, sua aprovação, e que lucravam com isso. Qual é a verdadeira história? Fidel estava envolvido ou não?

Luis Carlos Galán foi um presidenciável colombiano. Era um proeminente senador, que fez campanha contra os barões das drogas. Isto lhe rendeu um caixão. Em 18 de agosto de 1989, ele foi baleado por matadores - acredita-se, a mando dos cartéis de drogas. Sua execução, seguida de outros assassinatos semelhantes - de outras quatro autoridades que estavam agindo contra os interesses dos barões das drogas - um, dois dias antes, e três, apenas algumas horas antes do assassinato de Galán. Em resposta, o presidente Virgilio Barco ordenou a prisão de todos os suspeitos. Durante a noite, 11.000 pessoas, que acreditavam estar ligadas aos cartéis de drogas, foram presas. Nenhum dos principais traficantes de drogas estão entre os presos, e a maioria dos detidos foram liberados dentro de um dia ou dois.

Imediatamente após as prisões em massa anunciadas em Bogotá, o presidente Bush anunciou um programa de assistência de 65 milhões de dólares em equipamentos militares para a Colômbia. Mais seria incluso no próximo programa de estratégia de drogas, não apenas para a Colômbia, mas para outras nações sitiadas, como Peru, Bolívia e México. No entanto, um ex-membro do Conselho Municipal de Bogotá, Clara López Obregón, levantou uma séria questão sobre a utilidade de

tal assistência: “Você não pode fazer cumprir a lei, se dentro das agências de policiamento você tem pessoas do outro lado".

Como uma indicação da dimensão do problema aqui, quando Cuba e Tchecoslováquia estabeleceram pela primeira vez as operações de drogas na Colômbia na década de 1960, todo o pessoal recrutado foi inicialmente submetido a intensas investigações de segurança sobre antecedentes. Uma foi realizada pelo Partido Comunista da Colômbia e do outro por um agente comunista que era um alto funcionário do Ministério do Interior da Colômbia.

Aqueles, nos Estados Unidos, que são responsáveis pelo planejamento de assistência militar para a Colômbia, estão cientes de tais complicações? Como é que eles avaliam a ameaça na Colômbia?

Após as prisões em massa na Colômbia, houve uma série de atentados, assim que o governo e os cartéis declararam guerra um ao outro. Na semana seguinte, mais de 500 pessoas foram presas por violar o toque de recolher que havia sido imposto em Medellín, lar do infame cartel de drogas de Medellín. Entre os presos estavam 27 cubanos que portavam passaportes falsos da Costa Rica. O que eles estavam fazendo lá? Claramente, eles não poderiam, de maneira nenhuma, serem turistas ou empresários.

Vários desertores haviam relatado anteriormente fortes laços entre Cuba e os cartéis. O principal intermediário disse ser o embaixador cubano Fernando Ravelo Renedo, que trabalha para Manuel Piñeiro Losada, chefe do “Departamento América” comunista em Cuba, que tem a responsabilidade especial de sabotagem e subversão em todo o hemisfério ocidental. Piñeiro anteriormente era o chefe da inteligência cubana. Cuba também é o principal patrocinador dos revolucionários guerrilheiros do M-19 da Colômbia e o braço militar/terrorista do Partido Comunista da Colômbia que são as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), ambos os quais são também fortemente envolvidos na produção e tráfico de drogas.

No fim de 1985, uma forma quase desconhecida de cocaína, o “crack”, foi introduzida no mercado norte-americano – bem em tempo para os feriados de Natal. Em meados de janeiro, foi relatada em oito estados; em junho de 1986, tinha se espalhado por todo o país e tornou-se reconhecida como um grave desafio.

Em 1989, o uso do crack tornou-se epidêmico. Acredita-se agora ser a principal causa do aumento do uso de drogas nos últimos anos, a principal causa da escalada da criminalidade e da violência nas cidades americanas, e a principal causa da escalada de abuso infantil, sobrecarga das salas de emergências dos hospitais e bebês nascidos com vício e dificuldades de aprendizagem.

O “*US Drug Enforcement Administration*” (D.E.A. – departamento de narcóticos da polícia federal americana) publicou um estudo sobre o crack intitulado “*Crack Cocaine Overview 1989*” [Panorama sobre a Cocaína-Crack (1989)]. Um relatório similar foi publicado em 1988. Ambos os relatórios concluíram: "em larga escala, as redes de tráfico interestadual controladas por gangues de rua jamaicanas, haitianas e negras dominam a fabricação e distribuição de crack". Seus alvos principais também são conhecidos: as minorias do centro da cidade, principalmente negros e hispânicos, apesar de o crack também estar abrindo caminho em zonas rurais e suburbanas. Os principais fornecedores mencionados no estudo são dois: os cubanos e colombianos. Um estudo do Departamento de Justiça dos Estados Unidos revelou,

também em 1989, que as mulheres são tão propensas a serem usuárias de drogas pesadas quanto os homens. Outro estudo mostrou que os casos de AIDS entre toxicodependentes superariam aqueles entre homossexuais dentro de um ou dois anos. Mais de 40 por cento dos casos notificados de AIDS ocorreram entre negros e hispânicos, embora esses dois grupos apenas constituam cerca de 20 por cento da população dos EUA. Mais uma vez, a droga responsável é o crack.

A velocidade com que o crack se espalhou, a sua distribuição focada, e seu preço de venda e de marketing, que é projetado para capturar o jovem e ignorante com apenas alguns dólares para gastar: tudo sugere uma organização profissional treinada. William Bennett, diretor do Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas, se refere a este fenômeno como "uma inovação no varejo de cocaína". De onde é que o crack vem? O que estamos vendo é o resultado de uma operação planejada? Se for, quem é o responsável?

Em 1988, a ABC-TV apresentou uma narrativa comovente sobre flagelo das drogas, intitulada "Drogas: uma praga sobre a Terra"[1] narrada por Peter Jennings. Jennings concluiu o especial de notícias com uma observação instigante: “Se esta é uma guerra contra as drogas - e todos, do presidente abaixo, a chamam assim - não deveria ser combatida como uma guerra ?”.

1. *ABC News Special*, *Drugs: A Plague on the Land*, 10 de abril de 1988, Nova Iorque: transcrição produzida por *Journal Graphics*, *Inc.*, 1988, página 13.

Claramente, Jennings não estava sugerindo que houvesse um poder comunista por trás do tráfico de drogas. Ele só estava usando o exemplo para levantar uma questão importante: a saber, por que os Estados Unidos não estava lutando uma guerra séria sobre as drogas? No entanto, ao usar este exemplo, Jennings tinha indiretamente levantado o que pode ser uma questão ainda mais grave que é: se houvesse um poder comunista por trás do tráfico de drogas - a União Soviética, por exemplo - quem iria acreditar?

Minhas ansiedades a respeito das origens do tráfico de drogas remontam 1984, quando li um artigo que descrevia as relações entre o tráfico e terroristas revolucionários na América Latina. O autor descreveu a maneira pela qual Cuba ajudou os traficantes a passarem drogas para os Estados Unidos e, como parte da mesma operação, forneceu armas para terroristas e revolucionários. Evidências sobre esta atividade foram coletadas pelo escritório do procurador dos EUA em Miami e resultou no indiciamento de quatro altos funcionários cubanos por um júri federal em novembro de 1982.

Mas a história parecia incompleta para mim. O depoimento no tribunal ligou o serviço de inteligência cubana ao tráfico, a *Dirección General de Inteligencia*, ou DGI, e a alta liderança de Cuba, Fidel e Raúl Castro.

Mas, eu me perguntava, como poderia Cuba e, especialmente, a DGI, estar envolvida, se a União Soviética não estava por trás da operação? A DGI estava sob o controle direto da inteligência soviética desde os anos de 1960. Assim, parece extremamente improvável, para uma operação de DGI desta importância, ter sido realizada sem aprovação e direção soviéticas.

Quanto mais eu mergulhava mais profundamente no assunto, mais se tornou evidente que Cuba não era um exemplo isolado. Havia também

amplas informações ligando a República Popular da China ao tráfico internacional de drogas. Além disso, havia evidências de que a Nicarágua, Bulgária, Hungria, [a "ex"] Alemanha Oriental e Coréia do Norte também estavam envolvidas no tráfico como uma matéria de política oficial de Estado. Mas, ao mesmo tempo que parecia inconcebível que estes países poderiam estar envolvidos sem a União Soviética também estar envolvida, eu ainda não tinha dados diretos sobre o envolvimento soviético.

Tudo isso estava para mudar radicalmente em um dia, em 1985, quando eu estava almoçando com Jan Sejna, um ex-oficial do alto escalão político-militar da Checoslováquia que desertou para os Estados Unidos em 1968. General Sejna continua sendo, até onde eu sei, o mais alto oficial do bloco soviético a ter pedido asilo político no Ocidente, e o único funcionário que era realmente um membro da hierarquia da tomada de decisão. Foi durante a conversa do almoço que eu perguntei pela primeira vez ao General Sejna se ele tinha algum conhecimento direto do envolvimento soviético no tráfico internacional de narcóticos. Durante as uma ou duas horas seguintes, ele forneceu amplos detalhes sobre operações do tráfico de narcóticos soviético, incluindo a utilização de países satélites, as datas das decisões-chave, e, o mais importante, a estratégia soviética básica.

A informação era alarmante. Claramente, o conhecimento de Sejna era de extrema importância, ou assim eu pensava. Eu também suspeitava que nenhuma das agências americanas envolvidas na luta contra o tráfico de drogas estava ciente desta informação, o que acabou se mostrando estar correto. Era claro para mim que o conhecimento de Sejna era tão amplo que um apanhado completo exigiria um esforço substancial e um tempo considerável. Fui trabalhar em solicitar apoio para a tarefa. No processo, a minha animação se transformou em desânimo quando comecei a perceber que nenhuma das agências norte-americanas com responsabilidades na guerra contra as drogas estavam interessadas em obter o conhecimento de Sejna.

Em retrospecto, não deveria haver nenhuma surpresa nisto. Eu tive a oportunidade única de trabalhar com o General Sejna ao longo dos últimos dez anos. Esta não foi a primeira vez que eu havia encontrado um desinteresse dentro do governo dos EUA sobre temas de importância estratégica onde Sejna tinha ampla experiência. Fraude estratégica; o plano de longo prazo soviético; a estratégia política e militar soviética; as operações coordenadas de inteligência do bloco soviético; a tomada de decisão soviética; o treinamento do bloco soviético de terroristas internacionais; e, a penetração da inteligência do bloco soviético no crime organizado, são apenas alguns exemplos.

É bem claro que as comunidades nacionais de segurança e de política não gostam do que Sejna tem a dizer e, portanto, não perseguem o seu conhecimento. Porque é mais difícil de explicar. O problema não é a credibilidade. O testemunho de Sejna foi confirmado várias e várias vezes. É consistente com seu histórico e com outras informações confidenciais. Sejna é conhecido como uma excelente fonte ao mais alto nível na comunidade de inteligência. Não, o problema não é de avaliação seguida da rejeição de dados; é um problema, antes de tudo, de nem querer saber.

Na verdade mesmo, o problema é semelhante ao desafio enfrentado pelos funcionários do governo quando informados de que uma região inteira na União Soviética estava sendo sistematicamente morta de fome; ou que um regime que tinha andado junto com seus líderes

governamentais e empresariais tinha simplesmente assassinado 60 milhões de seus próprios cidadãos; ou, que o nosso parceiro em trégua estava violando sistematicamente cada um dos novos tratados de controle de armas, enquanto desestabilizava vários governos independentes ao redor do globo, também em violação direta de numerosos tratados, acordos internacionais e garantias pessoais. Ninguém quer ouvir as notícias.

Mas as notícias são importantes e precisam ser transmitidas, porque as possíveis consequências são muito graves. Como é que é possível lutar uma guerra eficaz contra as drogas se a imagem aceita desta guerra é deficiente, ou se as forças primárias e os jogadores não são reconhecidos? A resposta lógica é que isto não é possível.

Como então é possível provocar uma mudança? Esta é uma pergunta que todo mundo que está preocupado com a crise de drogas é obrigado a considerar e levar a sério.

Ao examinar os problemas relacionados com o tráfico de drogas, a minha preocupação pessoal é que a situação é muito mais grave do que qualquer um de nós percebe precisamente por causa da guerra política que está sendo travada; o amplo envolvimento comunista; o abatimento deliberadamente planejado da saúde dos nossos jovens e do nosso sistema de valores; a corrupção predominante nos círculos de poder e influência; o colapso na lei e na ordem pública (tanto em casa como no estrangeiro) e a deliberada desestabilização política associada; o poder das drogas experimentais que ainda não foram introduzidas no mercado; e as políticas auto-impostas equivocadas e os interesses privados que nos impedem de compreender a verdadeira natureza do que está acontecendo. Estes "fatores perdidos" são o foco deste livro. A situação é especialmente grave por causa desses fatores, e porque eles não fazem parte da "imagem aceita". E isto não está sujeito à mudança a menos que, e até que, as pessoas exijam uma mudança.

Embora tenha havido uma grande tentação para mim para expandir este estudo e para mergulhar em muitas dimensões conexas e paralelas da estratégia da inteligência soviética dirigida contra os Estados Unidos e contra nossos amigos e aliados, decidi focar estritamente sobre a dimensão do tráfico de drogas, a fim para manter a mensagem tão simples quanto possível. Apenas materiais plausíveis o suficiente para apresentar um caso crível focado na situação do tráfico de drogas nos EUA e países latino-americanos estão incluídos. Nenhuma tentativa foi feita para incluir detalhes complementares sobre as operações de inteligência e influência política da China ou do bloco soviético relacionados com drogas na África, Europa, Oriente Médio, Ásia do Sul, Austrália, o Extremo Oriente, ou o Sudeste Asiático, com exceção das operações durante a guerra do Vietnã, que é discutida no capítulo 6. Entretanto, o capítulo 12 é inteiramente novo, tendo sido concluído em dezembro de 1998.

Espera-se que o material apresentado aqui, que levanta sérias preocupações de que o desafio das drogas não é tão simples como muitas autoridades querem nos fazer crer, pode estimular o interesse em direcionar as agências apropriadas à coletar e reunir todos os dados pertinentes. Da minha perspectiva, este é o primeiro passo para travar uma guerra eficaz contra as drogas: desenvolver uma compreensão completa do que está acontecendo e de quem está envolvido.

Sem essa compreensão, como pode uma contra-estratégia eficaz ser desenvolvida e implementada algum dia? E, sem ela, como pode a civilização ocidental ser preservada?

JOSEPH D. DOUGLASS JR.
Falls Church, Virginia

# INTRODUÇÃO

Este livro será um choque para a maioria das pessoas. Por muitos anos, a sabedoria convencional tem sido a de que o problema das drogas é estritamente criado por nós mesmos. Sem nossa demanda não haveria abastecimento, traficantes de drogas só entram nessa pelo lucro. Além disso, como um alto funcionário do Departamento de Estado assegurou ao Congresso em 1985, não haveria nenhuma evidência de uma conspiração comunista para enfraquecer o tecido social norte-americano, promovendo o uso de drogas.

Cocaína Vermelha apresenta fatos desagradáveis contradizendo esses pontos de vista. Dr. Joseph Douglass, o autor deste livro, não está vendendo uma teoria, mas sim chamando a atenção para provas. Ele reuniu seus fatos cuidadosamente, os apresenta com responsabilidade e cautela, e oferece uma riqueza de dados sobriamente documentados. Dados que descrevem em detalhes os esforços da China, da União Soviética, e seus substitutos, para usar drogas durante muitas décadas como armas projetadas para danificar e enfraquecer - se não destruir - a estabilidade dos países do Mundo Livre. O principal alvo é, e sempre e tem sido, é claro, os Estados Unidos.

Ninguém sugeriria que o problema das drogas é inteiramente resultado de uma conspiração comunista. Há alguma verdade no senso comum acerca das nossas próprias responsabilidades. O que você vai encontrar neste livro, no entanto, é um argumento poderoso e bem documentado de uma decisão política deliberada, primeiro por autoridades de Pequim e depois de Moscou, para contribuir para a decadência da sociedade americana. Este caso clama por uma inspeção rigorosa e séria, por cidadãos comuns, bem como pelos níveis mais altos do governo dos EUA. O que é história deve ser contado nas previsões do futuro. Os americanos merecem um exame completo e franco de quão profundamente Moscou e Pequim têm estado envolvidos na criação e planejamento da crise mundial das drogas.

Este livro oferece evidências convincentes de que o papel comunista foi grande, muito grande. Este livro apresenta, com uma riqueza de documentação, que o comando e o controle desta rede mundial das drogas emanava dos níveis mais altos de liderança das ditaduras comunistas. No mínimo do mínimo, o governo dos EUA tem o dever de fornecer um relatório completo da tese de Cocaína Vermelha de que muito do flagelo de drogas atual é resultado direto de coordenadas e cínicas operações de inteligência do bloco soviético e chinês ao redor do mundo, especialmente no hemisfério ocidental.

Se estamos falando sério sobre ganhar esta guerra contra as drogas, é preciso saber, também, até que ponto é verdade - como argumenta o livro - que altos funcionários de Washington teriam tido acesso a esta evidência por muitos anos, mas preferiram calar-se, pela preocupação a respeito do que a revelação ao público faria com as relações sino-americano-soviéticas.

Claramente, a guerra contra as drogas não pode ser vencida a menos que saibamos como e onde começou o problema, a menos que saibamos quem são e onde os nossos inimigos nesta guerra estão. Mesmo que muitos estados comunistas estejam se desintegrando e experimentando mudanças extraordinárias, precisamos saber como esse gênio da droga saiu da lâmpada e como podemos tê-lo de volta sob controle.

O autor deste livro importante, Dr. Joseph Douglass, possui a experiência, o conhecimento e a capacidade de apresentar um caso assim. Autoridades do Governo Federal norte-americano, incluindo as das nossas agências de inteligência, se não coniventes num encobrimento, parecem ter se prestado ao que parece ser uma singular falta de cuidado em lidar com a evidência há tempos disponível do envolvimento comunista sistemático no tráfico de drogas.

Aqueles de nós que passaram a maior parte de nossas vidas na profissão de inteligência estão, infelizmente, muito familiarizados com como e por que isso pode acontecer e acontece. Isso acontece porque o processo de averiguação e análise está subordinado a considerações geopolíticas ou estratégicas supostamente maiores, determinadas ao nível da política. No processo, a informação transmitida aos líderes da nossa nação é muitas vezes posta de lado.

O homem que é a principal fonte de informação para Cocaína Vermelha foi, em um sentido muito real, vítima de um mau momento. Seu nome é Jan Sejna*, e ele escolheu desertar da sua terra natal, a Checoslováquia, onde ocupou um alto e crucial cargo, em 1968. Ele não poderia ter pego um momento pior. Em 1968, Washington, cansada da Guerra Fria e no lado perdedor de uma guerra quente no Vietnã, estava no limiar de uma nova área de trégua. E foi assim que este homem, Sejna, que trouxe com ele conhecimento sem precedentes de muitos dos segredos mais profundos e escuros do mundo comunista, estava prestes a se tornar para seus anfitriões norte-americanos não um herói, para ser celebrizado, mas uma vergonha, para ser escondida.

*Nota do editor: O general Sejna morreu em circunstâncias desconhecidas em agosto de 1997. Apesar de ter estado sob tratamento médico supervisionado da CIA por alguns anos, a forma e o momento de sua morte - não muito depois de ter participado de audiências no Congresso com o Dr. Douglass em questões sobre MIA (Missed In Action - Desaparecidos Em Combate) e sobre o uso de drogas em veteranos ocidentais prisioneiros – demanda esclarecimentos, que ainda não apareceram.

O que ele sabia, que poderia em uma época anterior se tornar amplamente conhecido e posto em prática, tornou-se, em vez disso, uma vítima do desejo de trégua. Dados que não ajudam a meta política desejada (ou elegante) de gerenciar a trégua entre Moscou e Washington tiveram dificuldades – muitas dificuldades – em emergir e serem ouvidos. Nem é preciso dizer que, por toda a comunidade de inteligência, dezenas de oficiais conscientes lutam contra este processo pernicioso, muitas vezes a ponto de colocar seus empregos, reputações e suas próprias carreiras em risco. Mas seus esforços são muitas vezes uma luta quixotesca; grandes estratégias simplistas, muitas vezes, prevalecem onde os fatos não conseguem prevalecer.

Especialistas cuja experiência precede os presidentes Nixon e Carter jogando a "Carta China" – esta brilhante iniciativa de cortejar o antes quarentenado regime de Pequim – há muito estavam muito bem cientes do tráfico de drogas chinês. Mais tarde, soubemos, também, dos laços soviéticos à guerrilha internacional e à operações terroristas, e a negociação de armas por drogas e vice-versa. Muitos de nós suspeitávamos que houvesse uma conexão - de algum tipo - entre o aumento do tráfico de drogas e a União Soviética, especialmente levando em conta os vários fragmentos e peças de inteligência sobre as atividades de tráfico de drogas de seus muitos Estados clientes-

substitutos. Nossas suspeitas repousavam sobre a proposição muito sólida de que os substitutos também estavam ligados firmemente a Moscou para o Kremlin não ter consciência do que eles estavam fazendo. Talvez Moscou não dirigisse e controlasse o negócio internacional de drogas, mas eles deviam ter consciência disso e permitiram que ele se espalhasse.

Nosso conhecimento e suspeitas se transformaram em choque enquanto observávamos o tráfico de drogas e o terrorismo internacional tornarem-se notícia de primeira página, enquanto a trégua ainda parecia importar mais do que os desagradáveis fatos sobre as drogas.

Foi para dentro deste pântano político que Sejna saltou. Compreender a relutância a nível político de enfrentar a informação desagradável nos ajuda a entender por que a recepção que recebeu da comunidade de inteligência de Washington - como detalhado no Capítulo 10 deste livro - era consideravelmente menos do que morna. Compreender isto também coloca em perspectiva os rumores propagados sobre ele, tanto pela inteligência e comunidade política, bem como pelo nosso principal adversário estratégico, a União Soviética. Só podemos supor que é uma homenagem à importância do que ele sabe que aqueles que visam desacreditá-lo persistem até os dias de hoje.

Eu estava posto na Alemanha como assessor de inteligência para a Embaixada dos EUA em Bonn no momento que o general Sejna desertou; portanto, não tenho conhecimento de primeira mão disto ou conexão com as decisões tomadas na época. Tenho observado ao longo dos anos os vários rumores e assistido com interesse enquanto seu testemunho - longe de ser desacreditado - tem sido confirmado ou se provado correto de novo e de novo. Estou, por exemplo, pessoalmente ciente da autenticidade do que ele tinha a dizer sobre os temas da conexão Soviética com o terrorismo internacional; seu treinamento de terroristas; e a importância do sinal do Conselho de Defesa Soviético na tomada de decisões soviética.

Foi, então, uma agradável surpresa para mim quando o Dr. Douglas chegou no meu escritório um dia e perguntou se eu estaria disposto a tomar um olhar crítico sobre o seu manuscrito.

Então eu li Cocaína Vermelha com muito cuidado. Fiquei impressionado. Fiquei impressionado com o quão profissional e objetivamente Dr. Douglass montou e apresentou seus argumentos. Fiquei impressionado com a forma como ele tinha reforçado o valor do texto por meio de notas abundantes e informativas, representando toda uma dimensão adicional de dados que suportam a tese básica. Ao mesmo tempo, como disse que faria no prefácio, o Dr. Douglass foca em dar ao leitor não-profissional em geral uma história coerente e informação bastante para apresentar uma imagem clara sem sobrecarregá-lo indevidamente com detalhes técnicos.

Como convém a uma análise dessa natureza, a melhor abordagem é deixar que os fatos falem por si - minimizando, se algum, o argumento. Dr. Douglass conseguiu admiravelmente. O material da fonte é bem desenvolvido e, na minha opinião, torna claro que Sejna é uma excelente fonte, que por muitos anos manteve-se subexplorada. Como um profissional de inteligência experiente, lamento que muito do funcionamento interno - ou não-funcionamento - da comunidade de inteligência precisasse ser examinado em público. Mas eu acredito que os fatos devem ser confrontados. Que é igualmente alarmante que até as autoridades deste dia e desta era ainda relutem em encarar o que a

União Soviética estava fazendo em 1960 e 1970. O objeto deste exercício é o de apresentar uma crítica construtiva.

Para aqueles que dizem que, dadas as transformações cataclísmicas de 1989 no bloco soviético, tudo isso é história antiga, eu responderia: não tão rápido, não tenha tanta certeza. Seja qual for o resultado final dessas transformações, permanece o fato de que eles não reduziram a capacidade militar das forças armadas soviéticas, mas realmente melhoraram e modernizaram a vasta gama de armas estratégicas soviéticas intercontinentais. Eles ainda não diminuíram os níveis de ajuda militar de Moscou para países como Cuba, Coréia do Norte e Angola.

Nem reduziram as atividades de inteligência do bloco soviético por todo o mundo. Além disso, hoje, por mais amigáveis que possamos estar inclinados a ser pelo "novo" Estado Soviético, o fato é que não podemos começar a montar um ataque verdadeiramente eficaz contra as drogas, muito menos ganhar a guerra, sem entender tudo o que há para saber sobre as origens e crescimento do vasto império de narcóticos. Bem nesse sentido, o que Jan Sejna tem a nos dizer nas páginas deste livro torna-se de vital importância para todos nós.

O problema das drogas se tornou uma vergonha nacional e uma ameaça significativa para a nossa segurança nacional, bem como para o bem-estar de nossa sociedade livre. É também uma ameaça para a segurança de nossos amigos e aliados, para a saúde e bem-estar das nações que lutam para se tornarem livres e auto-suficientes na família das nações modernas. É chegada a hora de abrir os olhos para todas as facetas do problema do tráfico de drogas.

Cocaína Vermelha registra os fatos. Ignoremos a mensagem que nos revela por nossa própria conta e risco.

Dr. RAY S.CLINE
Chairman do Conselho de Estratégia Global dos Estados Unidos e ex-vice-diretor de inteligência da CIA (*Central Intelligence Agency*).

-Capítulo 1-

# A Ofensiva Chinesa das Drogas

Em 1928, Mao Tsé-Tung, o líder comunista chinês, instruiu um dos seus subordinados de confiança, Tan Chen-Lin, a começar a cultivar ópio em grande quantidade[1]. Mao tinha dois objetivos: utilizar o ópio como fonte de troca para suprimentos necessários e "drogar a região branca"[2] onde "branca" possui sentido ideológico, e não racista. Era assim que Mao se referia à oposição não comunista. A estratégia do Mao era simples: utilizar as drogas para amolecer a área almejada. Após esta região estar capturada e sob controle, ele proibia o uso de todos os narcóticos e impunha controle estrito para garantir que a papoula continuasse exclusivamente como um instrumento do Estado contra seus inimigos.

Mais tarde, Mao falaria do uso do ópio contra os imperialistas apenas como uma fase moderna nas guerras do ópio que começou no século XIX. "Ópio foi uma poderosa arma que foi utilizada pelos imperialistas contra os chineses e deve ser utilizada contra eles na segunda Guerra do Ópio". Foi assim que Mao explicou para Wang Chen em uma palestra sobre seu plano para plantar ópio, "uma guerra química com métodos indígenas"[3]. Porém, o fato do ópio ter sido previamente utilizado contra os chineses foi apenas uma desculpa, não a verdadeira razão. Mao utilizou o ópio como uma arma política, pela primeira vez, contra seu próprio povo, os chineses, durante sua caminhada para estabelecer o regime comunista na China. Seu uso do ópio expandiu simplesmente porque se demonstrou como uma arma eficiente.

Assim que Mao dominou o território da China em 1949, a produção do ópio foi nacionalizada e o tráfico de narcóticos, contra os estados não comunistas, se tornou a atividade formal do novo estado comunista, a República Popular da China.

A operação de tráfico chinesa se expandiu rapidamente. Os alvos oficiais foram o Japão, os exércitos americanos no Extremo Oriente, os países adjacentes ao Extremo Oriente e o território dos EUA. As principais organizações envolvidas no início da década de 1950 foram o Ministério do Exterior chinês, o Ministério do Comércio e o Serviço de Inteligência. A Coréia do Norte também estava traficando narcóticos[4] em cooperação com a China nesta época, e estava diretamente conectada ao fluxo de drogas dentro do Japão e das bases americanas no Extremo Oriente[5].

O problema doméstico com narcóticos no Japão ficou sério em 1949[6]. A Divisão de Investigação Criminal das Forças Armadas Americanas no Japão, junto com as autoridades japonesas, começou a construir uma rede por todo o Japão para determinar como as drogas estavam entrando no país[7]. Em 1951, os japoneses oficialmente identificaram os narcóticos que entravam ilegalmente no país e as fontes do tráfico – que eram os governos comunistas da China e da Coréia do Norte. Este tráfico não era limitado ao ópio e à heroína, mas também incluía o haxixe, a maconha, cocaína e perigosos estimulantes sintéticos como o hiropon e os aminobutanos[8]. Estes sintéticos em particular são especialmente perigosos e avaliados como os responsáveis por sérios

problemas de saúde que começaram a aparecer no Japão no início da década de 1950.

A experiência americana foi similar à japonesa. Um novo tráfico foi identificado no final da década de 1940. A "*US Narcotics*" e agentes especializados se uniram para descobrir estas novas fontes e em 1951 começaram a descobrir grandes quantidades de heroína em grandes portos americanos como os de Nova Iorque, São Francisco e Seattle[9]. A heroína foi diagnosticada como tendo sido fabricada na China e o tráfico estava sendo gerenciado pelos chineses.

Sincronizada com o aparecimento do tráfico de narcóticos chineses entre 1949 e 1952, a produção de ópio na China aumentou rapidamente e atingiu o patamar de 2.000 a 3.000 toneladas por ano. Esta produção continuou neste patamar entre 1958-1964, quando a produção aumentou para incríveis 8.000 toneladas como parte do "Grande Salto Adiante"[10]. As datas destes aumentos são cruciais. Como será discutido no capítulo 11, examinando o uso de narcóticos nos Estados Unidos, observa-se dois aumentos abruptos no consumo que se destacam. O uso de narcóticos nos Estados Unidos veio caindo nas décadas de 1930 e 1940. Então começando em 1949-1952, ocorreu uma ascensão abrupta simultaneamente ao lançamento da operação de tráfico chinesa. Após 1952, o consumo de narcóticos decaiu. No final dos anos 50 e no início dos 60, veio o segundo grande aumento. Este segundo aumento coincide precisamente com o segunda expansão na operação chinesa de narcóticos e com a entrada da União Soviética no tráfico de narcóticos, como será descrito mais tarde. Esta correlação é um dos indicativos de que o aumento do tráfico e consumo de drogas dentro dos Estados Unidos e pelo mundo afora não é um processo evolucionário natural, ou um fenômeno condicionado pela "demanda". Pelo contrário, existem poderosas forças em segredo estimulando e expandindo o consumo.

No caso do tráfico chinês, não existe dúvida que foi uma atividade oficial do Estado. Dados sobre o tráfico chinês e norte-coreano foram obtidos pela segurança interna japonesa, pelo Serviço de Inteligência do Exército Americano e pelo "*US Narcotics Bureau*" operando com a ajuda de auditores fiscais infiltrados e de informantes da CIA na China[11]. Estes dados indicavam claramente as fontes de produção, instalações para manufatura e empacotamento, rede de tráfico e até mesmo as organizações gerenciadoras[12]. Como será discutido mais tarde, a operação chinesa de narcóticos estava infiltrada e era observada pela inteligência soviética e tchecoslovaca, e havia certas operações de narcóticos chinesas conduzidas conjuntamente com os comunistas da Coréia do Norte, do Vietnã e do Japão.

A operação chinesa dos narcóticos também foi descrita por vários oficiais chineses que mais tarde abandonaram a China e conseguiram asilo político em outros países. Um destes que desertou no fim da década de 1950 descreveu uma reunião secreta dos oficiais do Estado em 1952, quando a operação Chinesa foi reorganizada, e um plano de 20 anos de duração foi adotado[13]. Nesta reunião, decisões foram tomadas no sentido de padronizar os tipos de narcóticos, estabelecer regulações de promoção, fixar cronogramas de preços projetados para incentivar o marketing agressivo, despachar representantes de vendas, expandir a pesquisa e a produção e reorganizar as responsabilidades de gerência[14]. Esta informação também é confirmada por dados coletados pelos agentes de inteligência soviéticos e tchecoslovacos, como será discutido em maiores detalhes nos Capítulos 4 e 6.

A organização por trás das operações chinesas de narcóticos era extensa e envolveu muitos ministérios e agências do nível nacional até os níveis locais. Estas organizações supervisionaram a recuperação das terras de produção (Ministério das Florestas e Silvicultura); cultivo e pesquisa para produzir variedades melhores da papoula (Ministério da Agricultura); desenvolvimento de opiáceos (Comitê para a Revisão da Austeridade); controle de estoque e preparação para exportação (Ministério do Comércio); gerenciamento das organizações de comercio exterior (Ministro do Comércio Exterior); controle estatístico e programação (Quadro de Produção do Governo Central); finanças (Ministério das Finanças Marketing através de representantes especiais e intrigas políticas (Ministério das Relações Exteriores); e operações de segurança e operações secretas (Ministério da Segurança Pública)[15].

O portfólio de técnicas do tráfico contava com os do contrabando clássico; transporte utilizando empresas de navegação (algumas informadas e outras desinformadas a respeito); uso de comunistas e chineses pelo mundo; colaboração com os sindicatos do crime organizado; o uso de entidades consulares do país no estrangeiro; abuso do privilégio diplomático; uso de mercadorias normais como disfarce; transporte por correio; e falsificação ou falso empacotamento utilizando marcas conhecidas[16]. Como veremos mais adiante, a estratégia e a tática soviética utilizaram técnicas similares, organização, gerenciamento, alvos e motivações – embora num estilo soviético-leninista e numa escala imensamente maior.

Nas décadas de 1950 e 1960, provavelmente o mais importante oficial operando no dia-a-dia do controle da operação das drogas na China foi Zhou Enlai. Como o chefe ideológico soviético Mikhail A. Suslov explicou durante um importante discurso na China em um encontro com o Comitê Central Soviético em fevereiro de 1964, a estratégia de Zhou Enlai era "desarmar os capitalistas com coisas que eles adoram provar" [referindo-se às drogas][17].

Professor J. H. Turnbull foi o chefe do Departamento de Química Aplicada na Faculdade Real-Militar de Ciências em Shrivenham na Inglaterra e especialista em tráfico de narcóticos e suas implicações estratégicas. Em 1972, em seguida à publicidade focada no uso maciço de narcóticos contra os soldados americanos no Sudeste da Ásia (ver Capítulo 6), Turnbull preparou um resumo sucinto da estratégia do tráfico de narcóticos chinês. O tráfico chinês, ele escreveu, "era amplamente direcionado aos grandes setores industriais do Mundo Livre... em termos comerciais, isto oferece alvos óbvios, já que eles proveem grandes [e] abundantes mercados"[18]. Estes setores industriais líderes eram particularmente vulneráveis por causa da natureza aberta implícita às suas sociedades.

A produção e distribuição de drogas, Turnbull enfatizou, foram "uma valiosa fonte de renda nacional e uma poderosa arma de subversão"[19]. Ele então identificou três objetivos básicos das atividades subversivas chinesas no emprego das drogas: financiar atividades subversivas pelo mundo; corromper e enfraquecer as pessoas do Mundo Livre; e destruir o moral dos militares americanos que lutavam no Sudeste Asiático[20].

A conclusão de Turnbull foi praticamente igual àquela chegada vinte anos antes pelo comissário de narcóticos dos Estados Unidos, Harry Anslinger. Isto é igualmente relevante hoje. A disseminação secreta de narcóticos do ópio, em particular a viciante droga heroína, tanto para objetivos comerciais quanto subversivos, representa uma das maiores ameaças para as Forças Armadas e para as sociedades do Mundo

Livre. A operação subversiva precisa ser conhecida como uma forma peculiar de guerra química, na qual a vítima voluntariamente se expõe ao ataque químico[21].

**Referências ao Capítulo 1:**

1. *A Follow-Up Report on Chinese Communist Crimes in Drugging the World,* Chang Tse-min (Taipé: *World Anti-Communist League*, 1979), página 1.

2. Ibid., página 1; e *Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West,* A. H. Stanton Candlin (New Rochelle, Nova Iorque: *Arlington House*, 1973), página 73.

3. "*A Look at the Chinese Communist 'Strategy of Narcotic'*", um trabalho não publicado do (aposentado) Major-General Sing-yu Chu, Society for Strategic Studies, Taipé. Citado em *The Inside Story of Red China's Opium Sales* (Taiwan: *Hsueh Hai Press*, maio de 1957).

4. Antes e durante a Guerra da Coréia, a Coréia do Norte estava intimamente ligada à China comunista. No entanto, depois da guerra, as relações com a China azedaram e a Coréia do Norte tornou-se mais alinhada à União Soviética. A Coréia do Norte forneceu à inteligência soviética dados consideráveis sobre o negócio de drogas chinês.

5. Vide testemunho de um dos Departamentos de Narcóticos [*a Bureau of Narcotics*], do auditor fiscal do Departamento do Tesouro [*Treasury Department*] disfarçado no Congresso dos EUA, Senado, O Tráfico de Narcóticos Ilícitos e a China Comunista [*Communist China and Illicit Narcotics Traffic*], Audiência Anterior ao Subcomitê para Investigar a Administração do Ato de Segurança Interna e Outras Leis de Segurança Interna do Comitê sobre o Judiciário [*Hearings Before the Subcommittee to Investigate the Administration of the Internal Security Act and other Internal Security Laws of the Committee on the Judiciary*], 8 de março, 18-19 de março, e 13 de maio de 1955 (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [*US Government Printing Office*], 1955), páginas 14-17.

6. *Chinese Opium Narcotics: A Threat to the Survival of the West*, J. H. Turnbull (Richmond, Surrey, Inglaterra: *Foreign Affairs Publishing Company*, 1972), página 12.

7. Vide *The Traffic in Narcotics*, Harry J. Anslinger e William F. Tompkins (Nova Iorque: Funk & Wagnails Company, 1953), páginas 70-116, e *The Peking Bomb*, Gerd Hamburger (Washington: *Robert B. Luce, Inc.*, 1975), página 54. Vide também *The Chinese Secret Service*, Richard Deacon (Nova Iorque: *Ballantine Books*, 1974), páginas 449-450.

8. Congresso dos EUA, Senado, O Tráfico de Narcóticos Ilícitos e a China Comunista [Communist China and Illicit Narcotics Traffic], Audiência Anterior ao Subcomitê para Investigar a Administração do Ato de Segurança Interna e Outras Leis de Segurança Interna do Comitê sobre o Judiciário [Hearings Before the Subcommittee to Investigate the Administration of the Internal Security Act and other Internal Security Laws of the Committee on the Judiciary], 8 e 18 de março de 1955, 13 de maio de 1955, e 19 de março de 1955 (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office]; 1955), páginas 34-91.

9. "*Red China's Secret Weapon*", Victor Lasky, na Extensão das Observações [*Extension of Remarks*] do Hon. Norris Poulson, Congresso dos EUA, Câmara, Registro do Congresso - Apêndice (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office], 23 de april de 1953), página A2176.

10. Vide *Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West*, Candlin, op. cit., páginas 108-118; *The Peking Bomb*, Hamburger, op. cit., página 235; e *Communist China and Illicit Narcotics Traffic*, op. cit, página 16.

11. *The Chinese Secret Service*, Deacon , op. cit, página 447, onde relata, usando 37 relatórios separados de 26 indivíduos que Deacon acreditava terem entrevistado believed had interviewed cerca de 50 a 60 desertores, oficiais da polícia, agentes secretos, oficiais do esquadrão anti-drogas, e oficiais da inteligência.

12. Para maiores detalhes e mapas das áreas de produção e rotas de tráfico, vide *Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West*, op. cit, *The Peking Bomb*, op. cit, e vários relatos às Nações Unidas dados pelo Comissário dos EUA sobre Narcóticos, Harry Anslinger.

13. *Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West*, Candlin, op. cit, página 195; e *The Peking B*omb, Hamburger, op. cit, página 59.

14. Tokyo Shinbun, 8 de janeiro de 1953, citado em *Mao Tse-tung: Stop This Dirty Opium Business!*, Richard L. G. Deverall (Tóquio: *Toyoh Printing and Bookbinding Co.*, 1954), páginas 64-66. Vide também *Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West*, Candlin, op. cit, páginas 195-197,454-455.

15. *Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West*, Candlin, op. cit., página 214.

16. Ibid., páginas 215-216.

17. Entrevista com Jan Sejna, que estava presente quando Suslov discutia sobre o tráfico de narcóticos chinês em detalhes. Esta informação é derivada da inteligência soviética.

18. *Chinese Opium Narcotics*, Turnbull , op. cit., página 15.

19. Ibid., página 15.

20. Ibid.

21. Ibid., página 16.

## -Capítulo 2-

# OS SOVIÉTICOS DECIDEM "COMPETIR"

Quando a China começou a travar uma guerra com drogas e narcóticos no final da década de 1940, sua estratégia de drogas foi rapidamente identificada. Remessas de drogas foram apreendidas e foram recolhidas informações que identificavam a fonte como a República Popular da China, juntamente com as suas rotas de tráfico, técnicas e, eventualmente, as principais organizações por trás da produção e distribuição. No caso da União Soviética, informações sobre a operação não ficaram imediatamente disponíveis, talvez provando o cuidado exercido pelos soviéticos em desenvolver técnicas de marketing seguras, secretas, antes mesmo da ofensiva de Moscou ser lançada. Como será visto, a ofensiva soviética foi desenvolvida para ser bem mais abrangente que a operação chinesa, e, assim que estava montada, foi intensificada quase que anualmente.

Enquanto a suspeita de iniciar uma guerra política em larga escala utilizando drogas vai para o chineses, foram os soviéticos quem transformaram o tráfico na efetiva arma política e de inteligência que ela se tornou – realização que não levantou praticamente nenhuma desconfiança no ocidente do envolvimento soviético. Apenas em 1968 apareceu uma fonte no ocidente que possuía conhecimento detalhado sobre a ofensiva soviética de drogas. Apenas em 1986 alguma atenção foi dada ao seu conhecimento. A história a seguir é a primeira revelação detalhada do conhecimento desta fonte sobre a guerra de narcóticos soviética.

A fonte em questão é Jan Sejna, que desertou da Checoslováquia para os Estados Unidos em fevereiro de 1968[1]. O Major-General Sejna foi um membro do Comitê Central, da Assembleia Nacional, da junta governativa e seu Politburo. Ele também foi um membro da Diretoria Política Principal, seu escritório político, e um membro do Departamento de Órgãos Administrativos[2]. Ele foi o Primeiro Secretário do Partido no Ministério da Defesa, onde ele também foi Chefe do Estado-Maior e um membro do *Kolegium* de Ministros. Sua posição mais importante foi a de Secretário do poderoso Conselho de Defesa, que era o órgão máximo da cadeia de tomada de decisão em matéria de defesa, inteligência, política externa e economia. Sejna era um dos mais altos oficiais do Partido na tomada de decisão. Ele regularmente se reunia com os maiores oficiais na União Soviética e em outros países comunistas. Ele estava presente durante a concepção, planejamento e implementação das operações de tráfico de narcóticos soviéticas.

A ideia soviética de usar o tráfico de drogas e narcóticos como uma operação estratégica, Sejna explicou, surgiu durante a Guerra da Coreia. Durante este conflito, os chineses e os norte-coreanos usaram drogas contra os militares dos EUA tanto para minar a eficiência dos oficiais e dos alistados quanto como arrecadar fundos no processo[3]. Os soviéticos estavam também ajudando os norte-coreanos na guerra, embora de uma maneira não tão óbvia quanto os chineses.

A guerra propiciou aos soviéticos uma oportunidade de estudar a eficiência das forças dos EUA e dos seus equipamentos. A inteligência

da Tchecoslováquia ajudou aos soviéticos. Como parte dessa missão de inteligência, a Tchecoslováquia construiu um hospital na Coreia do Norte. Ostensivamente criado para tratamento das casualidades da guerra, o hospital era na realidade uma instalação de pesquisa, onde doutores tchecos, soviéticos e norte-coreanos faziam experimentos em prisioneiros de guerra dos EUA e da Coréia do Sul. O oficial checo encarregado das operações tchecoslovacas na Coreia do Norte foi o Coronel Rudolf Bobka da Zpravodajska sprava (Zs), a Diretoria de Inteligência Militar do Estado-Maior tchecoslovaco. O professor doutor coronel Dufek, um cardiologista, era o encarregado pelo hospital. Sejna soube do hospital e de suas atividades diretamente pelo coronel Bobka, através de vários relatórios e do resumo subsequente que sumarizava os resultados dos experimentos e usava os resultados em estudos sobre o potencial estratégico militar do tráfico de drogas[4].

Os experimentos eram justificados como preparativos para a próxima guerra. Prisioneiros de guerra americanos e sul-coreanos eram usados como cobaias em: experimentos de guerra química e biológica; em testes de resistência fisiológica e psicológica; e em testes de eficácia de várias drogas alucinógenas, que eram utilizadas para fazerem os combatentes dos EUA renunciarem a América e falar em benefício do sistema comunista[5].

Para entender melhor a constiuição química e biológica dos soldados americanos e sul-coreanos, autópsias foram realizadas em cadáveres e prisioneiros de guerra capturados que não sobreviveram aos diversos experimentos. Durante esta atividade, os doutores soviéticos determinaram que um percentual anormalmente alto de jovens soldados dos EUA sofreram danos cardiovasculares, aos quais eles se referiam como “mini ataques cardíacos”.

Ao mesmo tempo a inteligência soviética, que estava estudando a operação chinesa de tráfico de drogas[6], determinou que os jovens combatentes dos EUA eram também os usuários mais proeminentes de drogas mais pesadas[7]. Os doutores soviéticos notaram a correlação e criaram a hipótese que um dos fatores que provavelmente contribuiu para os danos cardíacos foi o abuso de drogas[8].

Notícias do efeito fisicamente debilitante das drogas chamaram a atenção do líder soviético, Nikita Khrushchov. O tráfico de drogas e de narcóticos, ele pensou, deveria ser visto como uma operação estratégica que iria enfraquecer o inimigo diretamente, ao invés de ser meramente uma ferramenta financeira e de inteligência. Assim, ele ordenou uma junta civil-militar soviética-tchecoslovaca para examinar por completo os efeitos do tráfico de drogas e narcóticos na sociedade ocidental; isto incluía seus efeitos na produtividade do trabalho, educação, os militares (o principal alvo na época) e o seu uso no suporte às operações de inteligência do Bloco Soviético. Esse estudo não foi abordado nem como uma questão tática nem como uma simples oportunidade a ser explorada. O potencial dos narcóticos foi examinado no contexto de uma estratégia de longo-prazo. Custos e riscos, benefícios e retornos, integração e coordenação com outras operações, tudo foi examinado. Até mesmo o efeito das drogas em várias gerações[9] foi analisado pelos cientistas da Academia de Ciências Soviética.

As conclusões do estudo foram que o tráfico seria extremamente eficiente, os alvos mais vulneráveis eram os Estados Unidos, Canadá, França e a Alemanha Ocidental; e que os soviéticos deveriam capitalizar com esta oportunidade. Esse estudo foi aprovado pelo Conselho de Defesa soviético entre o final de 1955 e início de 1956. A principal orientação do Conselho de Defesa na aprovação da ação foi

direcionar os planejadores a acelerar o calendário de eventos, o que foi possível, pois certa experiência operacional com narcóticos já existia no serviço de inteligência do Bloco Soviético mas que era desconhecido para as pessoas que prepararam o plano básico[10]. Esse plano foi formalmente aprovado quando os soviéticos decidiram começar a traficar narcóticos contra os chamados burgueses, especialmente contra os "capitalistas americanos" - o "principal inimigo".

Além disso, o estudo apareceu na época mais propícia para os comunistas porque, simultaneamente, os soviéticos sob o comando de Khruschov estavam trabalhando duro para modernizar o movimento revolucionário mundial. Khruschov acreditava que o crescimento do movimento tinha estagnado sob Stalin e ele buscava um rejuvenescimento que iria tirar vantagem das novas condições do mundiais.

A estratégia soviética da guerra revolucionária é uma estratégia global. A estratégia soviética dos narcóticos é apenas um subcomponente desta estratégia global e é mais bem compreendida neste contexto. Normalmente se acha que o alvo principal desta atividade é o terceiro mundo, porém este não é o caso. Tanto as estratégias como as táticas soviéticas foram desenvolvidas para o mundo inteiro, nas quais os setores mais importantes eram as nações industrializadas e o principal alvo era os Estados Unidos.

A atualizada estratégia básica revolucionária* tomou forma entre os anos de 1954 e 1956. Como detalhado por Sejna, existiam 5 principais frentes na estratégia modernizada. A primeira foi um treinamento melhorado dos líderes para os movimentos revolucionários - nas equipes civis, militares e de inteligência. A fundação da Universidade de *Patrice Lumumba* em Moscou é um exemplo de uma das primeiras medidas tomadas para modernizar o treinamento dos líderes revolucionários soviéticos.

O segundo passo foi o treinamento efetivo de terroristas. O treinamento para uma rede internacional de terroristas começou, na verdade, por trás do slogan "Luta por Liberação", dentro da estratégia de descolonização do Comintern**. O termo "liberação nacional" foi forjado para substituir o movimento de guerra revolucionária por duas fachadas: uma para prover uma capa de nacionalismo para o que era uma basicamente uma operação de inteligência soviética; e outra para prover um rótulo que era semanticamente separado do movimento bélico revolucionário comunista.

O terceiro passo foi o tráfico internacional de drogas e narcóticos. As drogas foram incorporadas à estratégia para travar a guerra revolucionária tanto como uma arma política e de inteligência implementada contra as "sociedades burguesas", quanto como um mecanismo para recrutar agentes de influência por todo o mundo.

O quarto passo foi infiltrar as organizações criminosas e, mais tarde, estabelecer sindicatos do crime organizado patrocinados e controlados pelo Bloco Soviético em todo o mundo. O quinto passo foi planejar e preparar a sabotagem em todo o mundo. A rede para essa atividade foi montada em 1972.

Por causa da proximidade do crime organizado e dos traficantes, a entrada dos soviéticos no crime organizado merece uma atenção especial. As decisões de Moscou sobre o crime organizado foram feitas em 1955. Essa foi também uma operação global apontada para todos os

países, não somente os Estados Unidos, apesar de o crime organizado nos Estados Unidos, junto com a França, Inglaterra, Alemanha e Itália sejam os alvos primários.

A principal razão para infiltrar o crime organizado era a crença soviética de que informação de alta qualidade – informação sobre corrupção política, dinheiro e negócios, relações internacionais, tráfico de drogas e contra-inteligência – seria facilmente encontrado no crime organizado. Os soviéticos perceberam que se eles infiltrassem com sucesso o crime organizado, teriam acesso a uma inusitada e promissora maneira de controlar muitos políticos e teriam acesso às melhores informações sobre drogas, dinheiro, armas e diversas categorias de corrupção. Um motivo secundário foi utilizar o crime organizado como um disfarce para a distribuição das drogas.

No caso do tráfico de drogas, os soviéticos reuniram grupos de estudo para analisar o crime organizado para identificar os principais grupos criminosos, desenvolver estratégias e táticas para infiltrar nesses grupos, identificar quais pessoas poderiam ser usadas para promover essa infiltração e examinar a possibilidade da organização ou ajuda na organização de novas franquias criminosas. Na Checoslováquia, os estudos duraram seis meses. Não pegaram leve com estes estudos, ao contrário, eles eram operações de alto escalão envolvendo os oficiais máximos da inteligência militar, contra-inteligência, inteligência civil e o Departamento de Órgãos Administrativos do Comitê Central.

O primeiro plano foi posto em prática em 1956. Foram dadas à Tchecoslováquia as direções das operações que deveriam ser empreendidas como parte do plano de inteligência, que foi revisto e aprovado no outono deste ano. O plano instruía o serviço de inteligência estratégica da Tchecoslováquia para infiltrar dezessete grupos do crime organizado, assim como a máfia na França, Itália, Áustria, América Latina e Alemanha. O Partido Comunista Italiano foi bastante usado na operação de infiltração. Vinte por cento dos policiais italianos eram membros do Partido Comunista naquela época. Esses membros ajudaram os agentes de inteligência do Bloco Soviético a infiltrar a máfia. Criminosos de guerra, por exemplo, alemães, foram coagidos a ajudar os agentes do Bloco Soviético nessa investida, especialmente na América Latina.

A operação Tchecoslováquia foi muito bem sucedida e custou uma pechincha. A atividade de crime organizado se desenvolveu em torno da coleta de informação e da chantagem; era uma operação de duas fases. Uma vez infiltrados, os agentes permaneciam por um bom tempo passivos; eles apenas coletavam informações. Então, no momento mais oportuno, essas informações seriam vazadas por motivos políticos – por exemplo, para provocar mudanças revolucionárias, ou para criar uma situação que poderia ser aproveitada pelos socialdemocratas. Por isso a operação foi organizada dentro da unidade de inteligência estratégica: ela era usada para vantagens estratégicas.

Narcóticos, terrorismo e o crime organizado foram coordenados e usados em conjunto de uma maneira complementar. Drogas eram usadas para destruir a sociedade. Terrorismo era usado para desestabilizar o

país-alvo e preparar um ambiente revolucionário. O crime organizado era utilizado para controlar a elite. Todas essas três linhas eram operações estratégicas de longo prazo e todas as três foram incorporadas no plano do Bloco Soviético de 1956.

Antes que o tráfico de narcóticos pudesse começar de fato, diversas medidas preparatórias eram necessárias, das quais as duas mais importantes eram o desenvolvimento de uma estratégia para uma propaganda disfarçada das drogas e narcóticos e o treinamento das equipes de inteligência. Os soviéticos queriam esconder sua operação da China e especialmente do ocidente, para evitar descontentamentos na aceitação ocidental da estratégia soviética de "coexistência pacífica". Como a maioria dos detalhes da estratégia de narcóticos era nova, as habilidades de inteligência necessárias tinham de ser desenvolvidas e transmitidas aos agentes. Este treinamento envolveu não só os soviéticos como também agentes de inteligência do Leste Europeu.

Além disto, durante o fim da década de 1950, um programa de pesquisas foi realizado para obter dados quantitativos sobre os reais efeitos de diferentes drogas em soldados, que envolveu o uso de soldados soviéticos como cobaias. Como parte desta pesquisa, um programa de espionagem foi iniciado para penetrar os centros médicos e científicos do ocidente, especialmente os de natureza militar, para determinar o quanto o ocidente sabia sobre os efeitos das drogas nas pessoas – particularmente seus efeitos no combate militar, eficiência e tomada de decisões.

Em paralelo, os serviços de inteligência do Bloco Soviético foram orientados a descobrir o quanto os serviços de inteligência do ocidente sabiam sobre o negócio das drogas e quais grupos de drogas eles tinham infiltrado. Uma das questões mais importantes levantadas por este estudo era a natureza e a eficiência da habilidade dos serviços de inteligência ocidentais em monitorar a produção e a distribuição de drogas[12]. Vários anos mais tarde, Sejna descobriu os resultados deste estudo diretamente do Chefe de Estado-Maior soviético, o Marechal da União Soviética Matvei Vasilevich Zakharov.

Zakharov disse que a inteligência soviética concluiu que a inteligência e contrainteligência dos EUA estavam cegos e que isto tornou a operação de drogas soviética muito mais fácil. As operações de inteligência dos Estados Unidos estavam concentradas, juntamente com as britânicas, no tráfico de narcóticos da Tailândia e Hong Kong, onde existia tanta atividade de drogas e corrupção associada que nenhuma informação útil sobre o tráfico de drogas soviético poderia ser coletada. O "ruído" era simplesmente muito grande.

Durante os estudos, o uso de drogas e narcóticos se tornou conhecido como uma medida especial de guerra química. Na Tchecoslováquia, a pesquisa sobre drogas e narcóticos foi formalmente adicionada ao planejamento militar, como uma medida de pesquisa de guerra química. Esta pesquisa incluía testes sobre os efeitos das drogas no desempenho militar – por exemplo, nos desempenhos dos pilotos, que foram estudados na Diretoria de Saúde da Logística e nos Institutos de Saúde da Força Aérea.

Finalmente, o estudo básico sobre o impacto das drogas no ocidente foi expandido para melhorar a identificação de grupos e regiões-alvos. Este estudo adicional foi responsabilidade do Departamento Internacional (do Exterior) do Comitê Central do PCUS

(Partido Comunista da União Soviética). Era, na realidade, uma análise de mercado política e um estudo de técnicas de marketing.

Uma das últimas medidas iniciadas antes da massiva operação de tráfico realmente ser posta em prática foi o estabelecimento de centros de treinamento para traficantes de drogas. No caso da Tchecoslováquia, os centros de treinamento foram operações soviéticas-tchecoslovacas conjuntas. Existiam tanto centros de treinamento de inteligência civil, que foram planejadas conjuntamente por oficiais da KGB (soviéticos) e oficiais tchecoslovacos da Segunda Diretoria do Ministério do Interior (a Segunda Diretoria era a contraparte tchecoslovaca da inteligência da KGB)[13]; quanto centros de treinamento de inteligência militar, que foram planejadas conjuntamente pelo GRU (Inteligência Militar Soviética) e sua contraparte tchecoslovaca, as Zs.

Esses planos foram desenvolvidos em 1959, como o General Sejna relembra, e a revisão do Conselho de Defesa dos planos e da decisão de patrociná-los, segundo as instruções do Conselho de Defesa Soviético, aconteceu entre 1959 e 1960.

O centro de treinamento da Zs (inteligência militar) ficava localizado numa base tchecoslovaca da Zs em Petrzalka, um subúrbio de Bratislava, situado na fronteira austríaca. O centro de treinamento da Segunda Diretoria ficava localizado próximo a Liberec, na fronteira alemã-ocidental.

Cada curso consistia em três meses de treinamento intensivo. Enquanto o doutrinamento em marxismo-leninismo estava presente, a ênfase era estritamente no negócio de drogas. Os soviéticos proveram aos tchecoslovacos uma cópia do calendário e planos de aula soviéticos, que os tchecoslovacos aderiram. O curso incluía instruções sobre:

- A natureza do negócio de drogas, tipos e qualidade;
- Meios de produção;
- Organização da distribuição;
- Mercados de drogas e usuários;
- Segurança;
- Infiltração em redes de produção já existentes;
- Comunicações dentro das organizações de drogas;
- Como transmitir informações da inteligência; e,
- Como recrutar fontes de inteligência.

Nos centros da Zs, dois grupos diferentes foram processados para treinamento, e eles alternaram. O primeiro grupo foi recrutado pelos serviços de inteligência civis e militares. Este grupo era estritamente para “traficantes” de drogas - os participantes não eram nem comunistas nem motivados ideologicamente. A palavra “traficantes” está entre aspas porque era o que o treinamento estava a produzir. No entanto, todos os recrutas foram cuidadosamente examinados pela contrainteligência civil e militar para ter certeza que os recrutas estavam limpos; isto é, que eles não tinham antecedentes criminais ou antecedentes de corrupção que os tornassem suscetíveis à chantagem da outra parte. Frequentemente, os recrutas eram filhos ou filhas de pessoas em posições de poder. Estas pessoas e os riscos potenciais associados ao seu recrutamento eram frequentemente o assunto de discussões específicas dentro do Conselho de Defesa tchecoslovaco.

O segundo grupo era de pessoas recomendadas pelos primeiros-secretários de vários Partidos Comunistas estrangeiros. Estes eram comunistas que eram considerados leais à causa. Eles, também, eram

examinados cuidadosamente pela contrainteligência civil e militar antes de serem admitidos no curso. Seu treinamento era levemente diferente porque o seu tráfico também foi concebido para servir a um propósito político local e porque eles se comunicavam e operavam por diferentes canais especiais (o Partido ou a inteligência). O seu tráfico de drogas (e treinamento) era fortemente orientado para dar suporte ao primeiro-secretário dos partidos comunistas locais; por exemplo, para comprometer líderes da oposição.

Além dos instrutores tchecoslovacos, os soviéticos frequentemente forneciam dois instrutores por cada curso que tinham experiência prática. Mais frequentemente eles eram latino-americanos ou outros que fossem adequados e falassem espanhol fluente. Estes instrutores apresentariam seminários a respeito de problemas práticos e experiências reais.

Como foi dito acima, os cursos duravam três meses. Então, um total de quatro grupos eram treinados todo ano. O primeiro grupo a ter o curso da Zs na Tchecoslováquia era pequeno – sete futuros traficantes de drogas consistindo em quatro latino americanos, dois da alemães-ocidentais e um de nacionalidade ou italiana ou francesa, como Sejna se lembra. Em 1964, o tamanho do grupo tinha crescido para quatorze e no final da década de 1960 a capacidade máxima, vinte, foi alcançada. Portanto, o total de aproximadamente trinta estudantes foram treinados no primeiro ano no centro da Zs tchecoslovaca, e, em 1968, a produção anual de graduados chegou a oitenta.

O centro da Segunda Diretoria era de tamanho similar. Além disto, centros de treinamentos de narcotraficantes similares de que Sejna tinha conhecimento eram os estabelecidos na Bulgária, Alemanha Oriental e na União Soviética. E em 1962-1963, a Tchecoslováquia foi orientada pelos soviéticos a ajudar a Coréia do Norte, Vietnã do Norte e Cuba a estabelecerem centros de treinamento. Sob a incerta suposição de que cada centro de treinamento tinha o tamanho mínimo, cada um operando próximo ao ou no total da sua capacidade, e sem existirem outros centros ou nenhum ter sido adicionado depois que Sejna desertou, o número de graduados hoje excederia os 25,000.

Os estudantes que participaram do curso nos centros tchecoslovacos eram principalmente da América Latina, Europa Ocidental, partes do Oriente Médio, Canadá e Estados Unidos. O foco da Bulgária era no Oriente Médio e no Sudoeste Asiático – Turquia, Afeganistão, Paquistão, Líbano e Síria. A Alemanha Oriental cuidou dos europeus ocidentais e escandinavos, e todos os países assistidos com oriundos do Extremo Oriente.

O curso era gratuito, todas as despesas pagas. Os graduados retornavam aos seus respectivos países e praticavam suas novas habilidades. Alguns desenvolveram operações independentes, outros cooperaram com operações em curso. Aqueles que se desviavam e tentavam "mudar de lado" eram mortos[14]. Todos retornavam uma porcentagem dos seus ganhos diretamente para a União Soviética, que reembolsariam então os serviços de inteligência dos satélites que tinham realizado o treinamento. No caso da Tchecoslováquia, sua parte era de 30% da taxa que era retornada aos soviéticos[15].

O estabelecimento destes centros de treinamento completou as preparações para a estratégia de drogas. Estas atividades – desenvolvimento estratégico, treinamento, pesquisa, espionagem, e análise de mercado – são as principais atividades do início da ofensiva de drogas soviética no fim da década de 1950. Onde existiam

operações de inteligência envolvendo o tráfico em si, existiam apenas com uma natureza limitada a sondagens, testes e continuações das práticas de inteligência anteriores. O tráfico de verdade, segundo a perspectiva de Sejna, não começou até 1960, época em que a estratégia de marketing já tinha sido elaborada, os agentes de inteligência estratégica já tinham sido treinados, e as escolas de treinamento tinham formado os primeiros traficantes de drogas graduados.

Referências do capítulo 2:

1. "Vamos enterrá-lo" (*We Will Bury You*), Jan Sejna (Londres: Sidgwick & Jackson, 1982).

2. O Departamento de Órgãos Diretivos é um dos dois ou três departamentos mais importantes do Comitê Central. Este departamento era de responsabilidade do Ministério da Defesa, Ministério do Interior (KGB), e do Ministério da Justiça. Ele é o departamento mais importante no que concerne a defesa, inteligência e fraude.

3. No testemunho congressista e nos relatórios oficiais da Divisão de Narcóticos do Departamento do Tesouro dos EUA, a Guerra da Coréia é descrita como "tendo sido financiada exclusivamente pela venda de drogas ilícitas". "A Arma Secreta da China Vermelha" (*Red China's Secret Weapon*), Lasky, op. cit., página A2176.

4. O resumo mais significativo, que se deu em 1956, incluía Dr. Dufek, coronel-general Miroslav Hemalla da Diretoria de Saúde Militar, que mais tarde se tornara general e chefe da Diretoria de Saúde Militar, Coronel Dr. Plzak, cuja especialidade era o sistema nervoso central e que atendeu no hospital experimental na Coréia do Norte, e muitos outros médicos especialistas.

Havia inteligência espalhada em certos experimentos que tinham levantado sérias preocupações na inteligência militar dos EUA e no exército dos EUA. Vide, por exemplo, "A Agência: A Ascenção e Declínio da CIA" (*The Agency: The Rise and Decline of the CIA*), John Ranelagh (Nova Iorque: Simon and Schuster, 1986), página 215; e Senado dos EUA, "Comitê Especial para Investigar Operações Governamentais a Respeito de Atividades de Inteligência, Inteligência Estrangeira e Militar: Livro 1" (*Select Committee to Study Governmental Operations with Respect to Intelligence Activities, Foreign and Military Intelligence: Book 1*) (Washington, D.C.: Imprensa Governamental dos EUA, 26 de abril de 1976), páginas 392-393.

5. A preocupação da CIA acerca do uso de LSD e outras drogas em experimentos alucinógenos pelos soviéticos, chineses e norte-coreanos se tornou real durante da Guerra da Coréia. A preocupação era aparentemente válida e justificável mas existia uma falta de conhecimento da dimensão e objetivos dos programas comunistas. Infelizmente, esta preocupação levou a uma experimentação tragicamente aberrante da inteligência dos EUA que surgiu durante as audiências congressistas de 1975-76. Vide, por exemplo, Senado dos EUA, "Relatório Final do Comitê Especial para Investigar Operações Governamentais a Respeito de Atividades de Inteligência, Inteligência Estrangeira, Livro 1" (*Final Report of the Select Committee to Study Governmental Operations with Respect to Intelligence Activities, Foreign Intelligence, Book 1*) (Washington, D.C.: Imprensa Governamental dos EUA, 1976), páginas 392 – 420.

6. O interesse soviético no uso de drogas remonta a meados de 1930, quando os soviéticos estavam experimentando as drogas como uma ferramenta revolucionária. Um exemplo particularmente interessante de uso de drogas a este respeito é relatada por A.H. Stanton Candlin. Ele afirma que em 1934, o Comintern experimentou o uso de maconha na cidade de Nova Iorque para incitar estudantes radicais contra a polícia. O comportamento dos jovens drogados e não drogados foram comparados.

"Durante o esfaqueamento gerado era óbvio aos observadores que o grupo drogado era bem mais efetivo do que o não drogado. Os primeiros eram insensíveis à dor e também continuaram a lutar e resistir vigorosamente depois de terem sido presos. Assim que eles chegavam à delegacia de polícia, a ACLU [União Americana pelas Liberdades Civis] aparecia e afiançava a sua saída. Todos os manifestantes eram então tomados para a Escola Rand de Ciência Social (*Rand School of Social Science*) (listado como uma organização de direção comunista pelo governo federal) onde eles eram submetidos a exames médicos e psiquiátricos... dois dias depois uma conferência foi realizada tendo como assunto o uso de marijuana como um meio de condicionamento para protestos e violência revolucionária. Isto chegou à sede da Liga Pela Democracia Industrial (*League for Industrial Democracy*)... as principais personalidades do Partido Comunista... participaram".

O principal palestrante, Rosito Carrillo (um pseudônimo), explicou que o México tinha sido usado de prova de testes para uma nova técnica de condicionamento mental, usando marijuana, que acentuava o espírito revolucionário. As emoções e estados de medo, apreensão, e indecisão poderiam ser inibidos e os sentidos eram parcialmente anestesiados contra dor e mesmo a irritação causada pelo gás lacrimogêneo.

Marijuana, e haxixe, podiam ser concentrados o suficiente, disse Carrillo, para causar inconsciência e até dano cerebral permanente. Ele explicou que esta era uma arma válida no arsenal comunista para ajudar a enfraquecer e tombar o sistema capitalista. Os oradores apareceram e propuseram uma campanha de longo alcance para obter a aceitação legal da maconha e outras drogas similares, usando como argumento o direito à liberdade de escolha individual. Guerra Psicoquímica: A Ofensiva de Drogas Chinesa Contra o Ocidente (*Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West*), A. H. Stanton Candlin (New Rochelle, Nova Iorque: Arlington House, 1973), páginas 45-47.

Além disto, o uso de drogas para subjugar sociedades, da mesma maneira que as drogas foram usadas por Mao Tsé-Tung, é relatado como tendo sido examinado pelo Comintern em meados de 1930. Ademais, o uso de drogas como armas da inteligência pelos serviços de inteligência soviético para corromper e extorquir oficiais estrangeiros antecede a Guerra da Coréia.

Parece razoável então a hipótese de que esta história do interesse soviético no uso de drogas como armas e como ferramentas revolucionárias estimulou os soviéticos a olhar com um cuidado considerável e estudar o impacto do tráfico chinês na eficiência de combate das forças dos EUA e da Coréia do Sul, o que então os conduziu à decisão de que drogas são de fato uma arma válida cujo uso deveria ser explorado.

O uso de drogas pelos norte-vietnamitas e comunistas chineses para intensificar o espírito de ataque também foi relatado nos últimos anos. Num artigo relembrando experiências pessoais no Vietnã, dois exemplos foram dados: "o jeito que o gás lacrimogênio não afetava o NVA (Exército Norte-Vietnamita, em inglês, *North Vietnamese Army*) tudo me leva a crer que eles estavam drogados". E: "um bocado dos NVA que matamos dentro do nosso cercado estavam enfaixados naquela noite. Isto me assustou – ao ponto que eu não conseguia acreditar que as pessoas que já haviam sido feridas e despedaçadas ainda queriam lutar. Eu imaginei que eles tinham muito mais energia do que eu. Aquela gente era assustadora, eles eram quase super-homens. Daí descobrimos drogas – seringas e químicos". O *Sanh*: Ataque na Colina 861 A, Gazeta do Corpo de Fuzileiros Navais (*Khe Sanh: Attack on Hill 861 A, Marine Corps Gazette*), Eric Hammel, fevereiro de 1989, páginas 48,49.

Ademais, em 4 de junho de 1989, uma transmissão da Cable News Network sobre a luta em Pequim na qual os soldados estavam particularmente brutais em seus ataques aos estudantes que estavam se revoltando contra o regime comunista, relatou que foi identificada a presença de drogas no sangue e na urina dos soldados que foram hospitalizados. Os soldados disseram que lhes deram injeções ou "vacinas" antes de enfrentar os estudantes porque a Tiananmen Square (Praça da Paz Celestial) estava agitada. Relatórios subsequentes da Europa afirmaram, também, que os soldados tinham recebido um

condicionamento psicológico de ódio em conjunto com a administração de drogas antes do seu assalto aos estudantes.

O primeiro uso de drogas sintéticas para estimular soldados atacantes pode ter sido empreendido pelos alemães na Segunda Guerra Mundial. Considere isto: quando os exércitos alemães travaram a "blitzkrieg" ou a "guerra-relâmpago" na França e nos Países Baixos em 1940, as forças Aliadas não tinham a sua mesma energia e ferocidade. Os alemães lutaram como homens possuídos, e eles estavam. Seus farmacêuticos tinham sintetizado metedrina, uma droga barata mas energética que permitia que seus soldados lutassem vigorosamente por semanas de uma só vez sem dormir e com pouca comida". Tome o Controle Efetivo da Sua Vida (*Take Effective Control of Your Life*), Dr. William Glasser (Nova Iorque: Harper &: Row, 1984, página 138).

Outro relato encontrado é reportado por Michael Isikoff em "Usuários de Crack Ligam Violência à Influência das Drogas" (*Users of Crack Cocaine Link Violence to Drug's Influence*), Washington Post, 24 de março de 1989, página A10. Isikoff relata sobre estudantes que tinham ligado fortemente o comportamento agressivo ao crack. Quase metade dos que ligaram para a linha de apoio reportaram que eles tinham cometido crimes violentos, a maioria enquanto estavam sob a influência da droga. Não houve diferença perceptível entre usuários masculinos e femininos.

7. O uso de drogas durante a Guerra da Coréia, embora grave, não foi tão generalizada como foi durante a Guerra do Vietnã. Na verdade, muitas pessoas que serviram na guerra não estavam cientes do problema, que tendia a ser mais nítido em locais específicos do que em outros. Por exemplo, uma área identificada por um ex-especialista em contrainteligência, onde o uso de drogas pesadas era especialmente notável, era entre os batalhões de estivadores em Busan.

8. O pessoal médico dos EUA também identificou danos cardiovasculares entre jovens militares dos EUA. Eles atribuíram a causa à dieta. Os médicos soviéticos, também, reconheceram a possível contribuição da dieta, mas notaram uma contribuição igualmente possível de uso de drogas entre os militares dos EUA. Esta última possibilidade chamou a atenção de Khrushchov. Embora os relatórios sobre os efeitos médicos adversos das drogas apareçam na década de 1970 na literatura médica ocidental, esses efeitos não receberam real atenção médica até a década de 1980. Pesquisas recentes ligaram cocaína, heroína, maconha e outras drogas a danos cardiovasculares e danos cerebrais. Vide, por exemplo, "Complicações Médicas do Abuso de Cocaína" (*Medical Complications of Cocaine Abuse*), Jornal de Medicina da Nova Inglaterra (*New England Journal of Medicine*), do Dr. Louis L. Cregler e Dr. Herbert Mark, de 4 de dezembro de 1986. Em muitos aspectos, a ciência soviética, no que diz respeito às operações militares e de inteligência, está muito à frente da ciência ocidental. Tome a questão crucial da conseqüência do uso de drogas ao longo das sucessivas gerações. Em 1990, o Wall Street Journal relata que "o uso multigeneracional é uma das grandes áreas inexploradas na guerra contra as drogas, em parte porque o fenômeno é bem recente". "A Geração dos Anos 60, Uma Vez Drogada, Alerta Suas Crianças" (*The '60s Generation, Once High on Drugs, Warns Its Children*), David Shribman, Wall Street Journal, 26 de janeiro de 1990, página 1. Os cientistas soviéticos estavam estudando este fenômeno em meados de 1950.

9. Não se sabe o quanto os soviéticos sabiam sobre os efeitos das drogas em meados da década de 1950. Parece que, por causa do seu interesse em, por exemplo, controle mental e no uso de drogas para estimular a atividade revolucionária, eles poderiam muito bem saber bem mais do que era conhecido no mundo livre. A identificação dos efeitos nocivos pelos soviéticos no sistema cardiovascular parece preceder o mesmo reconhecimento no ocidente em muitos anos. A questão dos efeitos das drogas em sucessivas gerações tem recebido atenção apenas recentemente nos Estados Unidos; note a preocupação crescente das deficiências permanentes e capacidade mental reduzida de crianças nascidas de mulheres usuárias de drogas, até mesmo de maconha. Vide, por exemplo, "Usuárias de Cocaína Grávidas Reduzem o Risco por Parar de Usar" (*Pregnant Cocaine Users Reduce Risk by Stopping*), Michael Abramowitz, Washington Post, 24 de março de 1989, página A10.

10. Referia-se provavelmente à experiência soviética no uso de drogas para incitar, entre outras atividades revolucionárias, e à prática de seus

serviços de inteligência no uso de drogas para extorquir e subornar oficiais estrangeiros. Também se obteve um conhecimento considerável da experimentação extensiva com drogas para fins de controle mental. Além disso, os soviéticos estavam experimentando e promovendo o uso de drogas como o LSD para criar incapacidades mentais. Este trabalho é descrito no didático comunista, "Manual Comunista de Instruções de Guerra Psicopolítica" (*Communist Manual of Instructions of Psychological Warfare*), usado nos Estados Unidos para "tomar as mentes de uma nação através da lavagem cerebral e de falta saúde mental", como descrito por Kenneth Goff, um ex-comunista transformado em um cruzado anti-comunista [ vide também a *Introdução* deste livro, a *Segunda Edição* deste presente trabalho]. O didático contém um discurso introdutório sobre psicopolítica de Lavrenti Béria ao Ministério dos Assuntos Internos da União Soviética no qual afirma que "a psicopolítica é um dever solene. Com ele você pode esmagar nossos inimigos como insetos. Você pode paralisar a eficiência dos líderes, golpeando com insanidade as suas famílias através do uso de drogas". O próprio texto afirma que "através da disponibilização de drogas de vários tipos, dando ao adolescente álcool, elogiando sua selvageria, estimulando-o com literatura de sexo e publicidade para ele ou ela, as práticas como as ensinadas no *Sexpol*, o operador psicopolítico pode criar a atitude necessária de caos, ociosidade e inutilidade em que se pode então lançar a solução que dará ao adolescente total liberdade em todos os lugares - o comunismo". Lavagem Cerebral: Uma Síntese do Didático Comunista sobre Psicopolítica (*Brain-Washing: A Synthesis of the Communist Textbook on Psychopolitics*), publicado por Goff, 1956.

11. Uma boa descrição da estratégia de coexistência pacífica de Khrushchov está contida em "Vamos Enterrá-lo" (*We Will Bury You*), Jan Sejna, op. cit., páginas 22-36. Vide também "Hipnotizado Pelo Urso" (*Mesmerized by the Bear*), editor Raymond S. Sleeper (Nova Iorque: Dodd Mead & Company, 1987), págnas 216-219.

12. Desde 1973, numa iniciativa da Alfândega dos EUA (*US Customs*) e do Departamento de Narcóticos e Drogas Perigosas (*Bureau of Narcotics and Dangerous Drugs*), os Estados Unidos tem compartilhado técnicas de controle de tráfico da Narcóticos dos EUA e inteligência sobre as organizações de tráfico com várias agências alfândegarias da União Soviética. Em 1988, o Departamento de Estado dos EUA (*US State Department*) e a Diretoria de Combate às Drogas (DEA - *Drug Enforcement Administration*)relataram que eles estavam negociando o compartilhamento de inteligência sobre o tráfico de drogas com a União Soviética, incluindo amostras de drogas ligadas a diferentes redes de produção e distribuição. Isto é discutido com mais detalhes no capítulo 9.

13. Havia uma confusão considerável no ocidente (e também no oriente, por falar nisto) sobre a estrutura dos serviços de inteligência do Bloco Soviético. Isto é normal, porque a inteligência é ultrassecreta, e "secreta" inclui a estrutura e a organização dos serviços de inteligência em si.

Na Tchecoslováquia, provavelmente o componente mais famoso do serviço de inteligência fosse a *StB* ou Segurança Estatal (*Statni Bezpecnosti*, que antes de 1967 era chamada de *StB* ou Segurança Secreta do Estado [*Statni Tajna Bezpecnost*]). Seu nome mudou em 1967 para remover o "Secreta", numa tentativa de melhorar a sua imagem. Apesar da propaganda ligada à *StB*, havia poucas pessoas, mesmo na Tchecoslováquia, e mesmo dentro do serviço de inteligência tcheco, que entendiam o que era a *StB* e como ela se encaixava no sistema de inteligência tchecoslovaco de forma geral. Muitas vezes, a *StB* foi usada genericamente para descrever qualquer atividade dentro do sistema de inteligência civil inteiro. Mas isto era incorreto e aí é onde a confusão começou. [O autor explicou com mais detalhas na primeira edição desta obra]:

O serviço de inteligência civil é organizado dentro do Ministério do Interior. Funcionalmente, o Ministério é organizado em diretorias separadas. A Primeira Diretoria é a contrainteligência civil. Esta é a *StB*. Esta é a organização que é responsável por manter o controle de civis tchecoslovacos e para erradicar os traidores e outros inimigos do estado. A Segunda Diretoria é a inteligência civil (distinta da inteligência militar,

que é organizada dentro da Diretoria de Inteligência Militar do Estado-Maior). Esta é a organização responsável pelas operações inteligência fora da Tchecoslováquia, isto é, operações de inteligência estrangeira como espionagem, sabotagem política, fraude e desinformação, e roubo de tecnologia.

Um bom exemplo da confusão que existe é um artigo sobre a "pavorosa polícia secreta" publicado durante as revoltas na Europa Oriental [1989-90]. A *StB* tem sido considerada pelos diplomatas ocidentais como a mais implacável e eficiente de todos os serviços de segurança da Europa Oriental. Internacionalmente, a KGB da União Soviética usou frequentemente a *StB* como um substituta para fazer seu trabalho sujo. A ligação da *StB* com organizações terroristas internacionais - através da fabricação do mortal explosivo plástico Semtex [um explosivo plástico preferido por terroristas por emitir poucos rastros de vapores e é muito difícil de detectar] - é outro mistério. "Amadores Sondam a Pavorosa Polícia Secreta" (*Amateurs Probe Dread Secret Police*), Dan Morgan, Washington Post, 14 de dezembro de 1989, página 41.

Aqui, o autor está misturando, ou combinando, a Primeira e a Segunda Diretorias. As duas são impiedosas e eficientes. Os diplomatas ocidentais na Tchecoslováquia terão mais contato com a *StB* ou Primeira Diretoria do que com a Segunda Administração, embora sem seu conhecimento. A Primeira Diretoria entrará em contato com eles para descobrir espiões na Tchecoslováquia. A Segunda Diretoria tentará os recrutar para espionarem para a Tchecoslováquia. Fora da Tchecoslováquia, quase todo contato será da Segunda Diretoria. E mesmo que as duas Diretorias sejam usadas como substitutas da KGB, internacionalmente é a Segunda Diretoria que é a substituta para as operações de inteligência da KGB, e é na Segunda Diretoria e na inteligência militar onde as operações terroristas e o suporte fornecido a elas – como a produção de Semtex – são organizadas. O tráfico de drogas, também, é organizado dentro da Segunda Diretoria e dentro da inteligência militar, não na *StB*, apesar de a *StB* ter uma tarefa de contrainteligência, que é compartilhada com a Terceira Diretoria, a contrainteligência militar.

Há também muitas vezes uma confusão quanto à importância e ao papel da inteligência militar. Isto deve-se provavelmente ao número preponderante de fontes (desertores) da inteligência civil e à escassez relativa de fontes de inteligência militar. A maioria dos oficiais de inteligência civil não sabe muito sobre as operações de inteligência militar e, portanto, tendem a minimizar a importância da inteligência militar.

Outra confusão é a noção de que a *StB* "opera como um estado dentro de um estado, descontrolado por seus supostos superiores no Ministério do Interior do Comitê Central do Partido Comunista". O controle é a essência evidente do sistema comunista. Tudo e todos são controlados. É o Primeiro-Secretário quem exerce maior controle. Abaixo dele, há numerosos comitês e comissões também exercendo controle, muitos dos quais, por sua vez, são controlados pelo Primeiro-Secretário. Além disso, dentro dos Satélites, a União Soviética tem seus próprios mecanismos de controle. Pensar que organizações, incluindo a *StB*, agem desenfreadamente sem controle é ignorar uma das características mais importantes da estrutura interna do sistema comunista.

Além da inteligência e contrainteligência civis, existe uma variedade de outras grandes subdivisões ou diretorias dentro do Ministério do Interior que são componentes importantes do sistema de inteligência e segurança. São eles: a contrainteligência militar, a segurança pública (polícia), controle de passaportes, investigações, prisões, tropas do interior, tropas de fronteira, serviço alfandegário, censura, suporte aos diplomatas estrangeiros e embaixadas, e finanças. Comparando os serviços de inteligência tchecoslovacos e soviéticos, o Ministério do Interior tchecoslovaco é grosseiramente comparável à KGB soviética (*Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti* ou Comitê de Segurança do Estado). A principal diferença é que a segurança pública (polícia) na União Soviética não está abaixo da KGB. A Segunda Diretoria tchecoslovaca é comparável à parcela da KGB que lida com inteligência, embora diferente da contrainteligência, investigações, alfândega e assim por diante.

14. Quando o plano de inteligência foi revisto em 1965 ou 1966 pelo Conselho de Defesa da Checoslováquia, um dos membros perguntou o quão eficaz o programa tinha sido. Na época, o chefe de inteligência militar explicou, apenas sete graduados não obtiveram sucesso. Desse número, dois haviam sido mortos pela inteligência tchecoslovaca quando tentaram mudar de lado.

15. General Sejna estava presente no debate com o Primeiro-Secretário do Partido Comunista de El Salvador, a quem foi dito diretamente que em troca de armas e suprimentos militares era responsabilidade do seu Partido ajudar os tchecoslovacos a pagar as armas com drogas. O Primeiro-Secretário respondeu que o mercado em El Salvador era limitado, mas, se ele fosse expandido para os Estados Unidos e Canadá, nenhum dos dois teriam problemas com dinheiro. O oficial tchecoslovaco que estava no comando então aconselhou que os Estados Unidos e o Canadá eram os alvos principais.

-CAPÍTULO 3-

# CONSTRUINDO A REDE DE DROGAS LATINO-AMERICANA

O componente tchecoslovaco da ofensiva de drogas soviética iniciou em 1960 em duas frentes: Ásia (Indonésia, Índia e Birmânia) e América Latina (Cuba). Devido à especial relevância de Cuba para o crescimento de drogas ilegais e narcóticos nos Estados Unidos, a operação soviética-tchecoslovaca-cubana merece um exame minucioso.

No final do verão de 1960, apenas um ano e meio após Fidel Castro tomar o poder, seu irmão Raúl Castro visitou a Tchecoslováquia buscando ajuda e assistência militar. Na época, Fidel e os soviéticos desconfiavam um do outro, razão pela qual os cubanos primeiro se aproximaram da Tchecoslováquia ao invés da União Soviética. Sejna foi o responsável por receber a delegação cubana e ser seu anfitrião durante a sua visita. Um dos seus primeiros atos foi arranjar uma visita à União Soviética para Raúl, para que conhecesse Khrushchov[1]. Após essa visita, os soviéticos orientaram a Tchecoslováquia a trabalhar com os cubanos e preparar o caminho para uma eventual tomada de poder soviética de Cuba. Os soviéticos queriam que a Tchecoslováquia assumisse a liderança, escondendo o papel da União Soviética. Eles não queriam que Fidel Castro soubesse da operação soviética de infiltrar e tomar Cuba e eles não queriam que os Estados Unidos ficassem alertas sobre o que estaria acontecendo.

Cuba e Tchecoslováquia assinaram um acordo no qual os tchecoslovacos ajudariam os cubanos a obter equipamento militar, treinariam os cubanos nos planos e operações militares e ajudariam a organizar a inteligência e contrainteligência cubanas[2]. Em troca, Cuba concordou em se tornar um centro revolucionário[3] no ocidente e em permitir que a Tchecoslováquia estabelecesse uma estação de inteligência em Cuba. Dezesseis assessores tchecoslovacos foram a Cuba para prover treinamento e ajuda no estabelecimento das suas operações de inteligência e contrainteligência. Aproximadamente cinquenta por centro dos assessores tchecoslovacos e agentes de inteligência que foram a Cuba eram na verdade soviéticos disfarçados de tchecoslovacos. Dentro de três anos, todos os tchecoslovacos em posições estratégicas seriam substituídos por soviéticos. Assim, desde o início, a inteligência e as estruturas militares cubanas foram fortemente influenciadas pelos soviéticos. Em menos de dez anos os soviéticos tinham controle total.

Depois de os primeiros cubanos terem sido treinados como agentes de inteligência, eles receberam suas primeiras orientações de Moscou via Tchecoslováquia: infiltrar os Estados Unidos e os países da América Latina4 e produzir e distribuir drogas e narcóticos nos Estados Unidos. As instruções do Conselho de Defesa soviético foram ao Conselho de Defesa tchecoslovaco e então a Cuba. Os assessores tchecoslovacos ajudaram os cubanos a iniciar a produção de drogas e narcóticos como uma matéria da mais alta prioridade e também os ajudaram a montar rotas de transporte pelo Canadá e México, onde os

tchecoslovacos tinham boas redes de agentes, para dentro dos Estados Unidos. Rudolf Barak, o ministro do interior tchecoslovaco e também chefe da inteligência civil, ajudou pessoalmente a estabelecer a operação cubana. Desde o começo, Barak estava constantemente pressionando os soviéticos a agir mais rápido e a ir mais longe. Ele queria acelerar a produção e fazer um uso mais efetivo da rede de agentes tchecoslovacos na América Latina, Ásia, Áustria e Alemanha Ocidental5.

Assim que a operação básica de produção e tráfico de drogas em Cuba começou, foram recebidas instruções do Conselho de Defesa soviético para expandir a ofensiva. Em 1961, a Tchecoslováquia recebeu orientações do Conselho de Defesa soviético para que a inteligência cubana infiltrasse operações de drogas já existentes na América Latina e nos Estados Unidos, e preparar a base para "recrutar" estas operações independentes. A ordem foi apresentada ao Conselho de Defesa soviético pelos ministros de defesa e do interior. Como secretário do Conselho de Defesa tchecoslovaco, Sejna era responsável por coordenar e agendar tais orientações e tarefas subsequentes. O plano tchecoslovaco para implementar a ordem tinha sido coordenada e aprovada pelo Departamento de Órgãos Diretivos soviético do Comitê Central do PCUS.

O objetivo principal da infiltração era obter informação sobre indivíduos que tinha sido corrompidos pelo tráfico de drogas e narcóticos. Os principais grupos-alvo identificados foram os militares, a polícia, o governo, os políticos, as religiões e o empresariado. Alvos adicionais eram as instituições científicas, a indústria militar e as universidades. Um objetivo secundário era obter inteligência sobre toda atividade envolvendo a produção e distribuição de drogas e narcóticos, para permitir que os soviéticos exerçam um controle estratégico e ajudem a impedir que as várias operações independentes interfiram uma na outra. A inteligência derivada das penetrações no crime organizado também contribuíram para este objetivo. A primeira reunião para coordenar a infiltração e coleta de dados sobre corrução pelas drogas e narcóticos de que Sejna estava ciente ocorreu em 1962 durante a Segunda Assembleia Nacional do Povo, numa reunião secreta dos soviéticos e todos os agentes de inteligência estratégica treinados pelos soviéticos de todas as organizações latino-americanas. A reunião secreta foi dirigida por inteligência cubana e tchecoslovaca. Oficiais da inteligência militar (Zs) tchecoslovacos organizaram a reunião. Outros oficiais tchecoslovacos que compareceram à reunião eram do Ministério do Interior, Segunda Diretoria (a contraparte da inteligência da KGB na Tchecoslováquia) e a contrainteligência militar.

Na coleta de dados sobre indivíduos corrompidos pelo tráfico de drogas, usando drogas ou o dinheiro do tráfico, os soviéticos identificaram um grande número de pessoas que poderiam ser subornados, que eram suscetíveis à influência, e, o mais importante, como Sejna colocou, que "não estavam preocupados com as consequências de suas ações". A informação resultante dos dossiês proveram uma excelente base para o recrutamento de "agentes de influência" e espiões. Esta informação também foi usada para expor e ferir as reputações dos indivíduos ou organizações consideradas hostis aos interesses soviéticos.

O uso de dados sobre corrupção para chantagem e para recrutar agentes de influência é uma tática marxista-leninista prolongada que é usada em escala global. A inteligência tchecoslovaca dividia estes dossiês sobre corrupção em duas categorias: pessoas que já estavam em

posições de poder e pessoas de níveis mais baixos que provavelmente avançariam para posições de poder. Em 1967, a inteligência tchecoslovaca tinha cerca de 2500 dossiês sobre pessoas na primeira categoria.

Os seus arquivos não duplicavam os dossiês mantidos por outros que estavam ativos na América Latina – os cubanos, alemães orientais, húngaros, búlgaros e soviéticos – por causa da cooperação entre os serviços de inteligência. Assim, no final da década de 1960, os soviéticos já possuíam dados de corrupção sobre mais de 10 mil pessoas influentes em toda a América Latina.

Como uma indicação de que estes números não são exagerados, em 1971 um francês de nome Batkoun foi pego transportando heroína para o Canadá. Ele foi deportado para a França e condenado por exportar heroína. Durante o julgamento, Batkoun foi identificado como um membro do Partido Comunista Francês e um agente da subseção da KGB soviética "Groupement Cinq". Durante o seu julgamento, a Valeurs Actuelles relatou que quando foi preso ele estava em posse de uma lista de 2000 viciados em heroína no Canadá, muitos deles proeminentes servidores civis, artistas, animadores de rádio e televisão e professores universitários6.

Corrupção, é claro, não está confinada na América Latina, mas inclui a América do Norte e países europeus como a França, Suécia, Áustria, Suíça, Itália, Grã-Bretanha e Alemanha, das quais os dois últimos foram identificados pelo chefe do Departamento Internacional do PCUS, Boris Ponomarev, como os mais corruptos. Sabendo que as instituições financeiras que ajudam a lavar este dinheiro ilícito fazem parte desta rede de corrupção, o potencial para os soviéticos de praticarem chantagem e influenciarem em diversas operações é entarrecedor. Aliás, como será visto mais tarde, parte da estratégia soviética era envolver pessoas que estavam em posições de influência com drogas, especialmente pessoas em bancos, instituições financeiras, políticos, militares e gerentes médios na indústria, precisamente por causa do potencial subsequente de chantagem e operações de influência7.

Para exercer o controle estratégico sobre as operações, o conhecimento sobre como funcionavam diversas operações de drogas "independentes", as suas redes de tráfico e quem são os seus contatos, também é utilizado na busca do segundo objetivo mencionado no sexto parágrafo do presente capítulo. De um modo geral, os soviéticos não queriam ou precisavam de controle tático, diário. Enquanto as drogas e narcóticos estiverem fluindo na direção certa, entrando nas sociedades burguesas, os objetivos soviéticos estão sendo cumpridos. O que é importante para os soviéticos é prevenir que tais atividades interfiram em outras operações do Bloco Soviético e certamente para prevenir que tais operações façam com que o holoforte da publicidade seja iluminado na direção "errada".

A informação recolhida através deste processo foi impressionante. Em 1963, o general Sejna, o ministro da Defesa e o chefe da inteligência militar visitaram o centro de treinamento do tráfico de drogas da Zs de Bratislava. Seu anfitrião e guia foi o coronel Karel Borsky, o oficial político da inteligência militar que estava no comando dos centros de treinamento. Na época, Sejna ficou impressionado com o nível do detalhamento sobre o tráfico de drogas ao redor do mundo, especialmente em toda a América Latina, que tinha sido montado no centro de treinamento de Bratislava. Por exemplo, foram adquiridos dados extensivos sobre várias empresas no México, cujo

principal negócio era o contrabando de drogas – incluindo fotos dos caminhões e os nomes dos motoristas usados para transportar drogas para os Estados Unidos.

Armados com o conhecimento de como as operações de drogas funcionavam, os soviéticos vigiam uma operação e só exercem controle se necessário. O potencial controle estratégico é evidente em um testemunho dado em 1983 por Juan Crump, um advogado colombiano e traficante de drogas. Em resposta às perguntas do senador Dennis DeConcini (Democratas – Arizona) sobre a importância dos contatos com oficiais colombianos, Crump respondeu que o contato (suborno) era essencial para existir e sobreviver8. Através do conhecimento soviético destes oficiais, e inteligência sobre as suas atividades ilegais, os soviéticos levam vantagem em exercer controle sobre as operações de drogas "independentes" quando necessário.

Outro mecanismo empregado para lidar com organizações ou indivíduos que não cooperavam era armar a sua prisão por autoridades policiais. Havia rumores de que foi este mecanismo que permitiu às autoridades dos EUA a trazer a julgamento o barão das drogas colombiano Carlos Lehder Rivas. As possíveis razões de sua traição não são difíceis de imaginar. Por exemplo, ou os soviéticos ou os membros do Cartel de Medellín poderiam ter concluído que Lehder se tornou muito vocal, muito político9. Lehder estava dando entrevistas em rádios e chamando a cocaína de "bomba atômica da América Latina"10. Cocaína era uma arma revolucionária a ser usada contra os imperialistas, explicou. O problema com o que ele estava dizendo era a atenção desnecessária focada nas operações de drogas, especificamente sobre o Cartel de Medellín no qual ele era membro, e estava muito perto da verdade sobre a operação soviética, então cada parte poderia ter concluído que Lehder tinha que ser silenciado11. A beleza de simplesmente o entregar para as autoridades policiais americanas era que isto melhorava a imagem pública de tais autoridades, mesmo que tudo o que estivessem fazendo era agir como agentes disciplinares para a organização do tráfico de drogas.

Outro exemplo desta prática é fornecida por Ramón Milian Rodriguez, um CPA* de Miami que gerenciava uma porção significativa do dinheiro de drogas ganho pelo cartel colombiano de Medellín [vide o capítulo 9]. Durante o processo de retirada de 5,3 milhões de dólares em dinheiro dos Estados Unidos em 1983, ele foi preso e posteriormente acusado de extorsão12. Rodriguez foi contratado pelo cartel para montar esconderijos de coleta, contagem e empacotamento do dinheiro. Ele então organizava a remessa do dinheiro, num processo complexo de lavagem, para vários bancos. Todos os bancos no Panamá foram usados por Rodriguez no processo. Eventualmente, ele explicou, a maior parte do dinheiro retornava para ele, que então investia em imóveis, ações, títulos e certificados de depósito para o Cartel.

*CPA - *Chartered Professional Accountant* tem a função conhecida no Brasil como Auditor Interno.

Quando Rodriguez montou a primeira operação, Manuel Antonio Noriega era um coronel do exército no comando do serviço de inteligência do Panamá. Rodriguez testemunhou perante um Subcomitê do Senado dos Estados Unidos em 1988 dizendo que acreditava que o General Noriega havia "usado com muita habilidade as agências policiais americanas para me extrair cirurgicamente da operação, deixando a operação intacta para ele e seus confidentes continuarem trabalhando"13. A denúncia que levou à prisão de Rodriguez foi um telegrama anônimo, presumivelmente enviado por Noriega, do Panamá para

a Força-Tarefa do Sul da Flórida sobre interdição de drogas, alertando-os sobre os planos de Rodriguez14.

Mas existem outras possibilidades que valem a pena considerar. Rodriguez afirma ao longo de seu testemunho que ele era fortemente anticomunista. Entre 1980 e 1981, a inteligência cubana, a DGI, tentou recrutá-lo para sua operação, mas ele os recusou. Mais ou menos na mesma época, começou uma guerra entre o Cartel de Medellín e os revolucionários do M-19 patrocinados pelos cubanos. Rodriguez afirma que ele aconselhou o Cartel sobre como lutar a guerra usando táticas terroristas, e depois desaconselhando a cooperação com o M-19 depois que a disputa foi resolvida. Rodriguez explica logo mais como advertiu o Cartel sobre as medidas que ele viu sendo tomadas pela inteligência cubana para penetrar e obter o controle do Cartel. Finalmente, Rodriguez explicou como ele foi especialmente cuidadoso em seus tratos com Noriega para garantir que "Noriega fosse poderoso o suficiente para nos servir, mas nunca o deixasse ser poderoso o suficientemente para nos controlar". Enquanto o telex a Miami que provocou a prisão de Rodriguez pode ter vindo de Noriega, sob estas circunstâncias também seria lógico suspeitar que um agente de inteligência cubano ou soviético poderia estar por trás disto.

Através do uso de informações obtidas pela infiltração em várias organizações de drogas, os soviéticos não precisam de controle direto (tático) de todas as operações da América Latina. De fato, é melhor que eles mantenham sua distância e que mesmo internos devam permanecer desinformados da vantagem (controle) que os soviéticos podem exercer quando necessário. Este princípio operacional pode ser visto refletido em uma resolução secreta adotada na Conferência Tricontinental realizada em Cuba em 1966, que declarou como o sexto princípio operacional:

“Apoiar resolutamente a campanha dos toxicodependentes, defendendo-a em nome do respeito pelos direitos individuais. Manter completamente separados os quadros do Partido Comunista dos canais de narcóticos e seu tráfico, para que esta fonte de renda não pudesse estar ligada à ação revolucionária do Partido Comunista, embora devamos combinar o medo da guerra atômica com o pacifismo e com a desmoralização da juventude por meio de agentes alucinógenos”15. (grifo nosso)

Após a decisão de ter agentes de inteligência cubanos infiltrados em todas as operações latino-americanas, o Conselho de Defesa Soviético deu novas instruções, novamente através do Conselho de Defesa tchecoslovaco, desta vez para que Cuba estabeleça suas próprias operações de produção e tráfico em vários países latino-americanos. Isto forneceu um backup de primeira linha para as operações nativas. Cuba moveu-se rapidamente para estabelecer atividades de narcóticos no México e na Colômbia. A rede de drogas cubana montada na Colômbia era mantida por colombianos mas dirigida por Cuba. A inteligência tchecoslovaca ajudou a estabelecer a operação e os soviéticos estavam envolvidos tanto no planejamento quanto em sua aprovação. Assim que os novos arranjos estiveram em andamento no México e na Colômbia, os cubanos, com a ajuda dos tchecoslovacos, expandiram-se para o Panamá e a Argentina e, com a assistência da Alemanha Oriental, para o Uruguai e a Jamaica.

Cuba e Tchecoslováquia também desenvolveram operações conjuntas no Chile. Danislav Lhotsky, um agente da inteligência tchecoslovaca, estava no Chile oficialmente sob um disfarce econômico. Suas instruções eram desenvolver em conjunto com os cubanos a rede de

produção e distribuição primeiro no Chile e então expandir a rede para a Argentina e o Brasil. Quando Lhotsky retornou para a Tchecoslováquia em 1967, ele foi premiado com a Ordem da Estrela Vermelha por seu trabalho bem sucedido de construção da rede de drogas no Chile.

Uma das primeiras contribuições de Cuba para a operação de drogas no Chile – identificada em um relatório de inteligência da Diretoria de Combate às Drogas (DEA - Drug Enforcement Administration) – foi o recrutamento do senador marxista Salvador Allende, que mais tarde se tornaria presidente. Allende também estava presente na Conferência Tricontinental. Ele propôs a criação da OLAS - a Organização Latino-Americana de Solidariedade (Latin American Solidarity Organisation) – como uma "frente unida em defesa da revolução armada" e foi eleito o seu primeiro líder. Durante a presidência de Allende o tráfico de drogas floresceu. Em 1973, as autoridades americanas apreenderam 309 milhões de dólares em cocaína produzida em laboratórios chilenos16.

Na Argentina, a operação de drogas da Argentina foi estabelecida por um dos agentes mais bem sucedidos da Tchecoslováquia. Oldrick Limbursky, que estava atuando na Argentina como um representante de uma companhia de exportação tchecoslovaca. Ele construiu a rede de drogas na Argentina e então a expandiu para o Brasil.

Em suma, os cubanos foram altamente eficazes em estabelecer operações em toda a América Latina. Tanto Fidel quanto Raúl Castro estavam entusiasmados e pressionaram muito a expansão das atividades com drogas, muito mais rapidamente do que os soviéticos julgavam ser prudente. A primeira visita de Fidel Castro à Tchecoslováquia foi particularmente notável a este respeito. Sua visita coincidiu com uma visita estendida a Moscou logo em seguia à Crise dos Mísseis cubana. Ele ficou, no mínimo, irritado, e gastou cerca de dez dias reclamando aos líderes soviéticos sobre sua falta geral de consulta a ele. Então ele foi para a Tchecoslováquia.

As conversas com Fidel eram mais difíceis, explica Sejna. Fidel achava que poderia destruir o capitalismo da noite para o dia. Ele queria explorar o crime para a revolução e usar o conhecimento das pessoas já corrompidas pelas drogas, conhecimento este que estava fluindo da operação de infiltração cubana, para ajudar a acelerar a venda de drogas. As drogas nos ajudarão, Castro enfatizava segundo Sejna, em nossa defesa, a obter dinheiro e a liquidar o capitalismo.

Fidel era absolutamente inflexível. Este episódio, na verdade, foi uma das razões pelas quais os soviéticos consideravam ele um anarquista mais do que um comunista. Os oficiais tchecoslovacos argumentaram muito e por muito tempo para convencer Fidel que eles precisavam se preparar para os próximos vinte anos, não só para amanhã. Não era possível, eles insistiram, mudar a geração antiga. Nós podemos os corromper e os explorar pelo crime para obter informação e influenciar decisões. Mas o foco para uma mudança significativa tem que ser na geração mais jovem. Estas são as pessoas que precisamos trabalhar para mudar os militares, para retardar o desenvolvimento científico e para influências as lideranças governamentais. Este é o porquê de a juventude americana ser escolhida como alvo primário na ofensiva de drogas.

Para comunicar a estratégica soviética de drogas mais claramente e de uma vez por todas a Fidel, os oficiais tchecoslovacos organizaram instruções detalhadas sobre a estratégia de Khrushchov de "coexistência pacífica", que foi desenhada, como Khrushchov tinha

explicado aos oficiais de alto escalão tchecoslovacos em 1954, não para favorecer os americanos, mas os levar para o túmulo mais rapidamente. Toda a operação foi planejada para que Fidel entendesse como o uso das drogas estava integrado à estratégia geral e, portanto, não era possível isolar as drogas e tratar o tráfico de drogas como uma operação independente, pois o tráfico de drogas tinha sido projetado como uma parte integrante da estratégia coordenada e era essencial que Fidel entendesse a importância desta estratégia de destruição do capitalismo sistemática e de longo alcance.

Além da produção e do tráfico, Cuba também esteve envolvida na pesquisa e no desenvolvimento de novas drogas. No outono de 1963, um representante de Raúl Castro foi à Tchecoslováquia pedir assistência para obter equipamentos especiais para a produção de drogas na Colômbia e para manufaturar drogas sintéticas como uma parte de um programa experimental em Cuba. O equipamento só foi pego por Raúl Castro em abril de 1964, quando ele fez uma escala em Praga depois de uma visita a Moscou. Posteriormente, o chefe tchecoslovaco da Diretoria de Saúde da Logística, o coronel-general Miroslav Hemalla, acompanhado por dois subordinados e dois técnicos, voou para Cuba para assinar um acordo de cooperação médica (um disfarce para a pesquisa de drogas), para ensinar aos cubanos como operar o equipamento e para instruir Castro a começar uma produção local de drogas na República Dominicana. Esta foi parte da decisão soviética de produzir drogas localmente sempre que possível, ao invés de remeter elas da União Soviética ou da Europa Oriental. Os cubanos deveriam ser usados como operadores, para manter os soviéticos "limpos".

Imediatamente após estas várias medidas para penetrar organizações de drogas já existentes e então montar as operações cubanas por toda a América Latina, os soviéticos encomendaram a formação de mais um conjunto de redes de produção e distribuição de backup em toda a região - esta agora organizada diretamente por serviços de inteligência selecionados da Europa Oriental. O primeiro alvo da Tchecoslováquia foi a Colômbia. Para dar partida à nova operação, os soviéticos recomendaram que os tchecoslovacos deveriam recrutar um dos  indivíduos-chave da rede de drogas de Cuba na Colômbia, um oficial militar colombiano aposentado que atendia pelo nome de Kovaks. O codinome ultrassecreto para a operação tchecoslovaca na Colômbia, "Pirâmide", foi selecionada para levar as pessoas a associar a nova iniciativa ao Oriente Médio. O oficial tchecoslovaco encarregado desta operação era o primeiro suplente do Ministério do Interior. Pouco depois, ele se tornou o ministro do Interior. Por incrível que pareça, alguns no ocidente nem sequer apreciam que, no notável sistema comunista, o ministro do Interior não é a pessoa encarregada de recursos naturais ou de parques, que é a imagem que normalmente os ocidentais associam ao título. Em vez disto, o ministro do Interior está encarregado da "segurança interior"; isto é, a inteligência civil e a polícia secreta.

Kovaks viajou à Tchecoslováquia em abril de 1964 com um plano para a nova operação a ser aprovada pela inteligência tchecoslovaca. Para disfarçar a sua viagem, ele primeiro foi ao México, onde lhe foi fornecido um passaporte na embaixada tchecoslovaca. Do México ele voou para Viana, onde lhe foi fornecido um passaporte para ser usado na terceira estapa de sua viagem.

O plano final que trouxe com ele para as novas atividades na Colômbia foi primeiro tomado para a União Soviética para aprovação. Então o plano, modificado para incorporar as sugestões soviéticas de

última hora, foi apresentado ao Conselho de Defesa tchecoslovaco. O plano colocou quatro diretrizes e

O plano estabeleceu diretrizes e estimativas de planejamento, sendo as mais importantes:

1. Com ajuda em obter o equipamento necessário, a produção de cocaína começaria dentro de seis meses.
2. A rede de distribuição estaria em funcionamento em menos de seis meses.
3. A rede de distribuição inicial seria para os Estados Unidos e Canadá. Depois, a distribuição seria estendida para a Europa.
4. A distribuição seria mantida fora do mercado local.

Na apresentação do plano conjunto do Ministério da Defesa e do Ministério do Interior, o Ministro da Defesa explicou que doze pessoas já tinham sido recrutadas para a operação e que oito delas já haviam sido limpas de duas formas: primeiro, pelo Partido Comunista da Colômbia, e segundo, por um agente de inteligência tchecoslovaco de longa data que era então um alto funcionário dentro do Ministério da Segurança Interna da Colômbia. O plano foi aprovado unanimemente aprovado pelo Conselho de Defesa tchecoslovaco.

Pela operação de drogas cubana mais efetiva estar sendo desenvolvida no México, os soviéticos agora dirigiram os tchecoslovacos para a infiltrar e ganhar o controle desta operação. O codinome tchecoslovaco ultrassecreto para esta operação, "Reno", foi selecionado para levar as pessoas a associa-la à Europa. O agente tchecoslovaco responsável por esta iniciativa, Major Jidrich Strnad, tinha operado no México sob o disfarce de uma companhia de exportação. O seu oficial de controle na Zs era o Coronel Borsky.

Os cubanos tinham sido especialmente efetivos em recrutar mexicanos para estabelecer redes de produção e distribuição de drogas e em usar informações da corrupção associada para chantagear oficiais mexicanos. Os soviéticos estavam especialmente impressionados e uma das principais razões para dirigir a inteligência tchecoslovaca a infiltrar a operação cubana era descobrir os segredos do seu sucesso no México.

Reconhecendo a localização estratégica do México, os soviéticos dirigiram ainda o estabelecimento de uma segunda operação tchecoslovaca no México que foi projetada para complementar a iniciativa "Reno". O codinome desta segunda operação era "Lua Cheia".

Esta campanha de drogas tinha dois propósitos. O primeiro era desenvolver uma rede extensiva para contrabandear drogas para os Estados Unidos. O segundo era treinar agentes de inteligência que deveriam então ser inseridos nos Estados Unidos e Canadá, com instruções para penetrar redes de distribuição de drogas. Através de seus contatos em redes de suprimentos no México, eles tinham acesso à rede de abastecimento e gradualmente tomavam o controle do negócio de drogas nos Estados Unidos e Canadá. Esta foi uma operação de drogas "empurra-puxa". O nome "Lua Cheia" se referia ao tempo quando os agentes do Bloco Soviético estariam no controle da maioria dos maiores grupos nos Estados Unidos e Canadá. O México, deve-se notar, tinha também sido um país importante na ofensiva de drogas chinesa.

Como tanto os soviéticos (inicialmente através dos cubanos) quanto os chineses estavam mirando o México, não é surpresa nenhuma que o México é uma das rotas primárias do tráfico de drogas para os Estados Unidos da heroína, cocaína e maconha. Por razões idênticas, o Canadá é outra rota primária do tráfico de drogas para os Estados Unidos.

A inteligência tchecoslovaca estava também envolvida na operação cubana no Panamá, sob o codinome "Pablo". Uma operação cubana foi montada, também, em El Salvador. Em uma reunião sobre o financiamento do Partido Comunista de El Salvador, Sejna relembra que os soviéticos dirigiram os cubanos para que fornecessem o financiamento para o Partido dos seus ganhos com a operação de drogas de El Salvador17.

Uma operação soviética separada destinada ao "benefício" daqueles que procuram regularmente as areias quentes e os mares das ilhas do Caribe foi direcionada diretamente para aproveitar o crescente comércio turístico do Caribe. O Segundo Secretario do Partido Comunista Francês (um agente de longa data da KGB), junto com o Primeiro Secretário do Partido Comunista de Guadalupe, concebeu a ideia de distribuir drogas aos turistas caribenhos. Seus objetivos eram arrancar dinheiro do comércio de turistas e obter informação por chantagem contra americanos de férias e outros membros da burguesia.

Eles ajudaram a estabelecer a operação e forneceram recomendações sobre quem recrutar para a operar. A operação foi então transferida a dois oficieis de inteligência tchecoslovacos, um da inteligência militar e um do Ministério do Interior. Ambos os oficiais tinham nascido na França e falavam francês fluentemente. Guadalupe foi o centro da operação, que serviu a Martinica e outras ilhas. O dinheiro adquirido desta iniciativa no final dos anos 60 se provaram adequados para financiar todas as operações comunistas de inteligência em Guadalupe, Martinica, Suriname, Haiti e a maior parte da França.

No começo da década de 1960, os soviéticos estavam construindo organizações rapidamente através da América do Norte, Central, do Sul e do Caribe. Outros Satélites soviéticos diretamente envolvidos como substitutos soviéticos, além da Tchecoslováquia e Cuba, eram a Hungria, Alemanha Oriental, Bulgária e Polônia. Compreensivelmente, a maior parte do conhecimento de Sejna era sobre as medidas tchecoslovacas da estratégia de drogas. Os outros Satélites da Europa Oriental identificados acima não são tratados em pormenores nesta análise, mas todos estavam intimamente envolvidos na ofensiva de drogas soviética. A Romênia e a Albânia não faziam parte da ofensiva formal dirigida pelos soviéticos porque os soviéticos não confiavam em sua segurança. A Albânia pediu para participar, enfatizando a sua forte rede de inteligência nos Balcãs e no Oriente Médio. Mas, em vez de levar a Albânia para a operação, os soviéticos decidiram fornecer dinheiro à Albânia para que comprassem o equipamento necessário, para que a Albânia pudesse proceder como um promotor de drogas "independente".

Países os quais Sejna tinha conhecimento direto de organizações que tinham sido estabelecidas em meados da década de 1960 incluíam Canadá, México, Panamá, Argentina, Chile, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Uruguai, Paraguai, Brasil, Peru, Guadalupe, El Salvador, República Dominicana República, Jamaica e, naturalmente, os Estados Unidos. A esta lista devem ser acrescentados os países onde as operações de crime organizado, que eram cruciais para a rede de tráfico de drogas, estavam sendo desenvolvidas. Um exemplo desse país é a Venezuela, que os soviéticos decidiram em 1960-61 usar como centro

de organização da máfia, operações e lavagem de dinheiro no hemisfério ocidental.

As drogas inicialmente escolhidas para distribuição foram ópio, heroína, morfina, maconha e sintéticos, tais como LSD. Enquanto a cocaína não era proeminente naquela época, em 1961 os soviéticos, ao analisar demanda da droga, haviam concluído que a cocaína era, para tomar emprestado uma de suas frases favoritas, a "onda do futuro"8. Esta revelação chegou a Sejna durante uma reunião em Moscou em 1964 que tinha sido convocada para discutir e coordenar o planejamento da fraude. Na Tchecoslováquia estavam presentes o chefe da Seção Militar do Departamento de Órgãos Diretivos, o vice-chefe da Diretoria Política Principal, o vice-chefe da Zs (inteligência militar) e chefe da inteligência estratégica, e Jan Sejna. Os soviéticos presentes eram o vice-chefe da Diretoria Política Principal, o vice-chefe da GRU [Inteligência Militar Soviética] e chefe de inteligência estratégica, e o general Boris Shevchenko, chefe do Departamento de Propaganda Especial, que dirigia a reunião.

Foi nessa reunião que Shevchenko introduziu o termo “Epidemia Rosa” (Pink Epidemic). Ao discutir o futuro, ele enfatizou o potencial da cocaína. Ela era altamente preferível à heroína, explicou, porque era muito mais fácil de produzir e porque acreditavam que mais pessoas poderiam ser alcançadas com cocaína do que com heroína. Os soviéticos ficaram tão impressionados com o potencial da cocaína, na verdade, que falaram em termos de se tornar uma epidemia, uma "epidemia branca". Para "servir e estender" a epidemia, Shevchenko explicou que uma base separada de produção e distribuição deveria ser construída, começando imediatamente.

Esta nova operação de cocaína deveria ser chamada pelo codinome acima mencionado, Epidemia Rosa (Pink Epidemic). No início, os países líderes no estabelecimento da base de produção e distribuição de cocaína foram a União Soviética, Checoslováquia e Cuba. A Tchecoslováquia iniciou imediatamente um programa especial de tecnologia para desenvolver as técnicas de produção necessárias. Esta operação foi executada pela inteligência militar e pela Diretoria da Saúde, sob o controle da contrainteligência militar.

A necessária experimentação da produção foi conduzida em um centro ultrassecreto de pesquisa científica em Milovice. A operação foi facilitada pelos cubanos, que aprenderam as técnicas cruas que foram usadas na América do Sul e passaram as informações para a inteligência tchecoslovaca. Os cientistas tchecoslovacos tomaram os procedimentos e desenvolveram técnicas de produção em massa mais profissionais.

Assim, entre 1960 e 1965, os serviços de inteligência do Bloco Soviético, dirigidos por Moscou, estabeleceram operações de produção, distribuição e lavagem de dinheiro de drogas em toda a América do Sul, Central e do Norte. Somente o pessoal local, que passou por rigorosas investigações de segurança sobre antecedentes, foi utilizado para executar as operações, que foram gerenciadas discretamente pelo Bloco Soviético ou agentes de inteligência cubanos que, como regra geral, foram especialmente treinados na União Soviética. Futuros narcotraficantes de todo o mundo foram ensinados a traficar narcóticos em centros de treinamento da Europa Oriental e Soviética. Centros de treinamento adicionais foram posteriormente estabelecidos na Coréia do Norte, Vietnã do Norte e em Cuba. Esses criminosos graduados tornaram-se agentes controlados do narcotráfico soviético. O tráfico inicial foi em heroína, maconha e sintéticos. No entanto, com efeito a partir

de 1964, uma rede especial foi construída especificamente para servir e estender a futura epidemia de cocaína.

Referências ao capítulo 3:

1. Para um relato mais detalhado, veja We Will Bury You, op. cit., Páginas 45-50.

2. As biografias de Fidel Castro descrevem os problemas que ele teve obtendo equipamento militar em 1959 da União Soviética, Iuguslávia e Estados Unidos. Algumas armas e munição foram obtidas da Bélgica em meados de 1960. As primeiras armas tchecoslovacas chegaram no final de 1960. Fidel: Um retrato crítico (Fidel: A Critical Portrait), Tad Szulc (Nova Iorque: Dodd, Mead & Company, 1986), páginas 188-189.

3. "Centro revolucionário" é a designação formal de uma região selecionada e então preparada para promover a situação revolucionária em toda a zona em que o centro está localizado e apoiar operações militares soviéticas em caso de guerra. Os critérios básicos para o estabelecimento de centros revolucionários são a necessidade de tais centros terem influência política em toda a zona, fornecer forças revolucionárias para o desdobramento em outros países da zona, fornecer material de sabotagem para uso em toda a zona, ser um centro para a formação de equipes e ser diretamente útil para operações militares soviéticas no caso de guerra global e para forças substitutivas ou forças vizinhas em guerras revolucionárias.

4. No verão de 1963, um relatório de inteligência checoslovaco afirmou que os agentes de inteligência cubanos tinham penetrado com sucesso 69% dos países latino-americanos. Na maioria dos casos, a penetração tinha sido através do México. Além disso, com a ajuda de comunidades espanholas, eles haviam colocado sete agentes nos Estados Unidos.

5. Em 1984, Clyde D. Taylor, Secretário Assistente Provisório do Departamento de Assuntos Internacionais de Narcóticos do Departamento de Estado, disse ao Congresso que os relatos sobre o envolvimento do governo cubano no tráfico de narcóticos tinham chegado ao governo dos Estados Unidos em 1963. Congresso dos EUA, Senado, Drogas e Terrorismo, 1984, Audiência Perante o Subcomitê de Alcoolismo e Abuso de Drogas da Comissão do Trabalho e Recursos Humanos (Hearing Before the Subcommittee on Alcoholism and Drug Abuse of the Committee on Labour and Human Resources), 2 de agosto de 1984 (Washington D.C.: Editora Governamental dos EUA, 1984), página 41. Rachel Ehrenfeld escreveu que um relatório secreto da Diretoria de Combate às Drogas [DEA] vazado para o Miami Herald em 20 de novembro de 1983, identificou 1961 como o início do envolvimento de Cuba no narcotráfico: Narco-Terrorismo e a Conexão Cubana (Narco-Terrorism and the Cuban Connection), Strategic Review , Verão de 1988, página 57. Arthur M. Schlesinger Jr. relata em "Robert Kennedy e os Seus Tempos" (Robert Kennedy and His Times) (Boston: Houghton Mifflin Company, 1978), na página 504, que um documento do Escritório Federal de Narcóticos (Federal Narcotics Bureau) de julho de 1961 relatou rumores na comunidade de exilados cubanos da Flórida de que Santos Trafficante Jr., um dos chefões do crime organizado com vínculos em Cuba, que estava envolvido na operação de assassinato da CIA, era o canal de Castro para drogas nos Estados Unidos. Outra notícia afirmou que o agente da DEA Avelino Fernandez abriu a conexão de drogas cubana com Noriega em 1978 e que Fidel Castro foi especificamente identificado como tendo sido envolvido com o tráfico de drogas desde 1964 – "Imagem Mostra Castro, Noriega e del Cid em Reunião Secreta" (Picture Shows Castro, Noriega, del Cid at Secret Meeting), Michael Hedges, Washington Post, 18 de janeiro de 1990, página A5.

6. Guerra Psicoquímica: A Ofensiva de Drogas Chinesa Contra o Ocidente (Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West), A. H. Stanton Candlin (New Rochelle, Nova Iorque: Arlington House, 1973), páginas 182-183.

7. Infiltrar os bancos e as instituições financeiras, embora importantes quando Kruschev estava no poder, se tornaram ainda mais importantes quando Brezhnev se tornou Secretário Geral em 1964.

8. O Envolvimento do Governo Cubano na Facilitação do Tráfico de Drogas Internacional (The Cuban Government's Involvement in Facilitating International drug-traffic), Audiência Conjunta Perante o Subcomitê de Segurança e Terrorismo do Comitê do Judiciário, e o Subcomitê de Assuntos do Hemisfério Ocidental da Comissão de Relações Exteriores e da Convenção do Senado de Combate às Drogas (Joint Hearing Before the Subcommittee on Security and Terrorism of the Committee on the Judiciary and the Subcommittee on Western Hemisphere Affairs of the Foreign Relations Committee and the Senate Drug Enforcement Caucus), Senado dos Estados Unidos, Miami, Flórida, 30 de abril de 1983 (Washington D.C.: Editora Governamental, 1983), páginas 10, 26-27.

9. Vide "Porque os EUA Não Podem Parar A Cocaína Sulamericana" (Why the US Cannot Stop South American Cocaine), Rensselaer W. Lee III, Orbis, inverno de 1988, página 11.

10. "Entrevista Com Carlos Lehder Rivas, Renomado Traficante De Drogas Colombiano" (Interview with Carlos Lehder Rivas, Reputed Colombian drug-trafficker), em "Hidra da Carnificina" (Hydra of Carnage), de Uri Ra'anan et al. (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1986), páginas 433-435.

11. Como um exemplo deste tipo de preocupação, o ex-Cônsul-Geral do Panamá, Jose I. Blandon Castillo, Testemunhou que "tínhamos informações de que o Cártel de Medellín estava ... muito preocupado com Noriega porque Noriega estava sendo visível demais. Ele estava impedindo-os do que eles chamam de negócios, e eles estavam tentando encontrar uma maneira de eliminá-lo". Congresso dos EUA, Senado, Drogas, Polícia e Política Externa: Panamá, Audiência Perante o Subcomitê sobre Terrorismo, Narcóticos e Operações Internacionais do Comitê de Relações Exteriores (Hearings Before the Subcommittee on Terrorism, Narcotics and International Operations of the Committee on Foreign Relations), 10 de fevereiro de 1988, Transcrição Estenográfica, páginas 52-53.

12. Congresso dos EUA, Senado, Drogas, Polícia e Política Externa: Panamá, Audiência Perante o Subcomitê sobre Terrorismo, Narcóticos e Operações Internacionais do Comitê de Relações Exteriores (Hearings Before the Subcommittee on Terrorism, Narcotics and International Operations of the Committee on Foreign Relations), 11 de fevereiro de 1988, Transcrição Estenográfica 1.

13. Ibid., página 86.

14. Não faz sentido lógico que Noriega entregue Rodriguez para ganhar controle, porque entregar Rodriguez não cumpriria esse objetivo. Se Noriega estregou Rodriguez, portanto, pareceria lógico buscar outro motivo. Uma possibilidade é que a Noriega estava simplesmente ajudando as operações de controle de drogas dos EUA na Operação Peixes, que investigava lavagens de dinheiro no Panamá, ou que parecia estar ajudando mas que, na verdade, estaria fazendo um favor para terceiros. Como em muitas situações, uma combinação de várias considerações pode muito bem ter sido envolvida.

15. Guerra Psicoquímica: A Ofensiva de Drogas Chinesa Contra o Ocidente (Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West), A. H. Stanton Candlin, op. cit., páginas 48-49, citando traduções fornecidas pelo professor Herminio Portell-Vila, ex-instrutor de história de Fidel Castro na Universidade de Havana.

16. Os dados sobre o Chile no início dos anos 60 estão contidos no estudo de Robert Workman sobre tráfico de narcóticos para a Universidade da Defesa Nacional (National Defense University). Ele escreve que um relatório de inteligência da DEA datado de 31 de março de 1982 descreve uma reunião de 1961 de altos funcionários cubanos, "incluindo o líder revolucionário e presidente do Banco Nacional de Cuba, Che Guevara, o capitão Moisés Crespo da polícia secreta cubana e Dr. Salvador Allende, senador e futuro presidente marxista do Chile, para discutir o estabelecimento de uma rede de tráfico de cocaína". O relatório foi descrito em uma reportagem do jornal Miami Herald, e Workman

escreve que os agentes de inteligência declararam que o artigo era preciso. O Tráfico Internacional De Drogas: Uma Ameaça À Segurança Nacional (International Drug-traf-ficking: A Threat to National Security), Robert B. Workman, Washington, D.C.: Universidade da Defesa Nacional (National Defence University), Diretório de Publicações de Investigação (Research Publication Directorate), junho de 1984, não publicado.

Além disso, como relatou James R. Whelan: "Na Conferência Tri-Continental de Havana, o então senador Salvador Allende propôs a criação da OLAS - Organização Latino-Americana de Solidariedade - como uma" frente unida ... defendendo a revolução armada ". Allende foi então eleito para chefiar OLAS. Uma vez na Presidência chilena, presidiu uma dramática expansão da atividade de drogas ilícitas nesse país. Segundo uma fonte, durante o último ano da presidência de Allende (1973), as autoridades americanas apreenderam 309 milhões de dólares em cocaína de laboratórios chilenos. O comércio de drogas foi dito para render US $ 30.000 por mês em retribuições aos partidos políticos da Unidade Popular na coalizão de Allende. Um dos primeiros atos do novo governo militar liderado pelo general Augusto Pinochet foi reprimir o tráfico de drogas, trabalhando em estreita colaboração com as agências dos EUA para fazer isso". De Volta Das Cinzas: Vida, Morte e Transfiguração da Democracia no Chile (Out of the Ashes: Life, Death and Transfiguration of Democracy in Chile), James R. Whelan, 1833-1988 (Washington, D.C.: Regnery-Gateway, 1989), páginas 227-228,592.

17. Robert Workman citou uma entrevista com um cidadão americano que foi seqüestrado e mantido como refém por cerca de três meses pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), um grupo guerrilheiro marxista. A vítima relatou o seguinte: As FARC, o M-19, e o Ejercito Popular de Liberation (EPL) estão todos realmente consolidados, eles são realmente uma família controlada por Cuba .... eu estava em seu acampamento quando um cubano estava em um quadro-negro instruindo alguns guerrilheiros. Um dos guerrilheiros lhe perguntou: "O que acontece com todo esse dinheiro? Você controla o tráfico de drogas, você está recebendo milhões de dólares, e eu não vejo nenhum dinheiro em nosso acampamento. Apenas nos dão as necessidades básicas. Você ganha comida, roupas e balas para seu rifle e você não recebe mais nada". A resposta do conselheiro cubano foi que metade do dinheiro estava sendo enviado a El Salvador. Que estamos libertando El Salvador. "Quando El Salvador for liberado, eles vão se virar e - usando as economias de El Salvador, Nicarágua e Cuba - canalizar fundos para a Colômbia e nos ajudar, para que possamos derrubar o governo aqui". O Tráfico Internacional De Drogas: Uma Ameaça À Segurança Nacional (International Drug-traf-ficking: A Threat to National Security), Robert B. Workman, Washington, D.C.: Universidade da Defesa Nacional (National Defence University), Diretório de Publicações de Investigação (Research Publication Directorate), junho de 1984, não publicado, op. cit., páginas 13-14.

18. Muitas pessoas ficam surpresas com o fato de que os soviéticos reconheceram o potencial da cocaína já em 1961, especialmente porque os problemas causados pela cocaína não se tornaram bem conhecidos nos Estados Unidos até o final da década de 1970 e início da de 1980. Isso pode ser ilustrado lembrando a atitude do conselheiro de drogas do presidente Carter, Peter Bourne, que via a cocaína como agradável e benigna e não conseguia entender por que a DEA estava fazendo tanto barulho pelo aumento do tráfico de cocaína. O psiquiatra e historiador de drogas David Musto, da Universidade de Yale, nos lembrou, no entanto, quão facilmente nos esquecemos. No início deste século, ele explica, a cocaína era legal e seu uso começou a crescer. Os preços caíram, e "o cheiro, a deglutição e a injeção de cocaína se generalizaram". Em 1910, a cocaína havia sido transformada de "uma droga milagrosa para a droga mais perigosa da América". Em sua mensagem anual ao Congresso naquele ano, o presidente William Howard Taft disse: "A cocaína é mais atraente em seus efeitos do que qualquer outra droga formadora de hábitos usada nos Estados Unidos". "Epidemias de Cocaína do Passado e do Presente" (Past and Present Cocaine Epidemics), Constance Holden, Ciência (Science), 15 de dezembro de 1989, página 1377, citando David F. Musto, A Doença Americana: Origens do Controle de Narcóticos (The American Disease: Origins of Narcotic

Control), Nova Iorque: Editora Universitária de Oxford (Oxford University Press), 1987.

# -Capítulo 4-

# KHRUSHCHOV INSTRUI OS SATÉLITES

Em 1962, Khrushchev estendeu formalmente a operação soviética de narcóticos aos Satélites da Europa Oriental. Os líderes estratégicos (Primeiros Secretários, Primeiros Ministros, Ministros da Defesa, Chefes de Estado-Maior e assistentes especiais) dos satélites foram convocados para assistir a uma reunião secreta em Moscou para discutir os desenvolvimentos negativos nas economias socialistas. Roménia, Albânia e Jugoslávia não estavam presentes. Sejna foi um dos oficiais presentes. Os altos funcionários soviéticos que participaram da reunião incluíam Nikita Khrushchov, Leonid Brejhnev, Mikhail Suslov e Andrei Kirilenko. Foi nessa reunião que Khrushchev apresentou formalmente a estratégia soviética. Mao Tse-tung e os chineses eram espertos, começou, referindo-se ao narcotráfico. Eles também eram mais imaginativos e operativos. "Por que devemos deixar os chineses ter toda liberdade neste mercado mundial", ele perguntou, e então ele respondeu a sua própria pergunta. Os chineses eram bons, mas os serviços de inteligência do Bloco Soviético "tinham uma organização muito superior e deveriam se mover o mais rápido possível para usar drogas e narcóticos, tanto para aleijar a sociedade capitalista como para financiar mais atividades revolucionárias".

Khrushchov então discutiu os muitos benefícios a serem derivados deste negócio. Seria uma boa fonte de renda e seria uma fonte de câmbio muito necessária para financiar operações de inteligência. Isso prejudicaria a saúde e o moral dos militares americanos. Porque pessoas drogadas seriam duvidosas em crises ou em emergências, o negócio da droga "enfraqueceria o fator humano numa situação da defesa".

Khrushchev também levou em consideração o tamanho do impacto na educação. As escolas americanas eram alvos primários, porque era onde os futuros líderes da burguesia seriam encontrados. Outro alvo prioritário de Khrushchev identificado foi a ética, orgulho e lealdade ao trabalho americana, todos os quais seriam minados através de drogas. Finalmente, drogas e narcóticos levariam a uma diminuição da influência das religiões e, segundo ele, sob certas condições, poderiam ser usadas para criar caos.

"Quando discutimos essa estratégia", concluiu Khrushchev, "havia alguns que estavam preocupados que esta operação pudesse ser imoral. Mas devemos declarar categoricamente", enfatizou," que qualquer coisa que acelere a destruição do capitalismo é moral "[= Lenin - Ed.].

Apenas algumas perguntas foram levantadas por aqueles que participaram da reunião. Janos Kadar, o Primeiro Secretário da Hungria, expressou a preocupação de que a operação de drogas não deve interferir com os progressos alcançados na coexistência pacífica. Ele estava se referindo à assistência econômica e técnica que começava a fluir do Ocidente. Assim, ele sugeriu que os países do Terceiro Mundo

que não fossem considerados suspeitos pelos Estados Unidos deveriam ser usados para executar as operações.

Esta foi, de fato, uma das técnicas empregadas para manter uma distância segura entre os países do Bloco Soviético e o funcionamento real das operações de narcóticos. Em toda a América Latina, por exemplo, enquanto os agentes de inteligência do Bloco Soviético exercem total direção e controle, ao pessoal nativo é confiada inteiramente a execução das reais operações. Esta técnica também pode ser observada nas operações dentro do Bloco Soviético que foram concebidas para servir a Europa Ocidental. Por exemplo, a Agência de Combate às Drogas [DEA] dos EUA preparou um relatório sumário sobre o papel da Bulgária no tráfico internacional de narcóticos em 1984 para as audiências do Congresso1. Uma variedade de fontes, todas consistentes, foram referenciadas no relatório, que cobriu o período 1970-84.

Uma das organizações destacadas no relatório da DEA foi a KINTEX, uma empresa búlgara importadora e exportadora fundada em 1968. A KINTEX era gerenciada pela polícia secreta búlgara e agia "sob ordens secretas de Moscou"2. A KINTEX foi criada, de acordo com fontes da DEA, principalmente para fornecer um mecanismo para o uso de estrangeiros dentro da Bulgária para fabricar e transportar narcóticos para a Europa Ocidental e munições para o Oriente Próximo. Os operários estrangeiros eram cidadãos turcos, sírios e jordanianos. As reuniões de coordenação incluíram traficantes da Grécia, Itália, Iraque e Irã. Embora a Bulgária tenha sido identificada no início da década de 70 num estudo secreto da CIA como sendo um "novo centro para gerir narcóticos e o tráfico de armas"3, todos os dados do relatório da DEA sobre pessoas realmente manipulando drogas se referem a estrangeiros operando na Bulgária. A resposta do governo búlgaro às queixas dos Estados Unidos foi negar qualquer envolvimento: a presença de estrangeiros no seu território não constituía crime e cidadãos búlgaros não estavam sendo denunciados dentro ou fora do território búlgaro4.

Outro líder que falou na reunião de Moscou foi Walter Ulbricht, Primeiro Secretário da República Democrática Alemã. Ele usou a ocasião para pressionar por uma maior participação alemã. Naquela época, os alemães não tinham uma licença para conduzir inteligência estratégica e, portanto, Ulbricht ressaltou, a Alemanha precisaria de ajuda para explorar seus recursos na África, no Oriente Médio e na América Latina. A inteligência estratégica, que inclui sabotagem, terrorismo, fraude e espionagem, foi a origem da ofensiva de narcóticos e nela habita. Em 1964, a Alemanha Oriental foi autorizada a iniciar operações de inteligência estratégica.

Mais tarde, depois de alguns drinques, Khrushchev cutucou Sejna com o cotovelo e, com um brilho nos olhos, revelou o nome secreto da operação soviética de tráfico de drogas, “Druzhba Narodov” - que, numa tradução livre, significa “Amizade das Nações”. O nome inteligentemente disfarçado com o seu enganoso jogo de palavras era Khrushchov puro.

Esta reunião em Moscou foi um evento único. A estratégia soviética de narcóticos foi considerada extremamente sensível e lhe foi atribuída a mais alta classificação de segurança. As pessoas sem necessidade absoluta de saber não seriam informadas sobre a operação. Em seguida à reunião, que foi o início oficial da operação, com poucas exceções, toda a coordenação e cooperação foram tratadas numa base bilateral.

Os líderes dos Satélites retornaram aos seus respectivos países e procederam a desenvolver seus planos individuais em meio ao segredo mais absoluto. Sejna descreveu a maneira como os planos tchecoslovacos foram desenvolvidos, informados ao Conselho de Defesa, aprovados e então implementados. Esta descrição fornece especialmente uma compreensão interessante sobre a maneira pela qual planos operacionais muito sensíveis foram desenvolvidos, controlados e mantidos em segredo. A tarefa de desenvolver o plano foi atribuída a cinco pessoas, uma do Departamento de Órgãos Diretivos, outra da inteligência civil, da inteligência militar, do Departamento do Exterior e outra da Diretoria Militar de Saúde. Sejna estava no comando como secretário do Conselho de Defesa. As cinco pessoas, além de um cozinheiro da secretaria de Sejna, foram isoladas em uma vila em Rooseveltova N º 1, que aliás foi onde Castro ficou quando ele veio visitar Praga. Seu trabalho foi monitorado pelo conselheiro soviético do chefe da Zs, e por Jiri Rudolf e Vaclav Havranek, que eram os oficiais do Departamento de Orgãos Diretivos encarregados da inteligência e contra-inteligência militar. Apenas cinco outros funcionários tchecoslovacos tiveram acesso à vila, o ministro do Interior, o ministro da Defesa, o Chefe do Estado-Maior, o chefe da Segunda Diretoria (inteligência civil) e Sejna. Depois que este grupo montou o plano geral, as únicas pessoas que tiveram acesso a ele foram os sete membros do Conselho de Defesa.

Quando o plano de narcóticos foi concluído, ele foi considerado mais sensível até mesmo do que os planos anuais de inteligência. Nove cópias foram feitas, colocadas em envelopes selados e levados para o Conselho de Defesa, onde foram abertos para o exame dos membros antes de seu voto para aprovar o plano. O Ministro da Defesa e o Ministro do Interior apresentaram conjuntamente o plano ao Conselho de Defesa. O plano abordava pesquisa, desenvolvimento, influência de drogas em seres humanos, testes, produção, distribuição, manipulação de dinheiro, como os lucros seriam usados e os indivíduos que teriam responsabilidades pessoais específicas. Durante a apresentação, o ministro do Interior, Rudolph Barak, explicou que "não só esta ação serve para destruir a sociedade ocidental, mas, além disso, o ocidente vai pagar muito dinheiro por isso". Antonin Novotny, Primeiro-Secretário e presidente do Conselho de Defesa, perguntou o quanto, e Barak respondeu: "O suficiente para financiar todo o serviço de inteligência tchecoslovaco".

Assim que a discussão foi concluída, nem mesmo esperando até o final da reunião, como era normalmente o caso, Sejna coletou todas as cópias e as selou novamente em seus envelopes. Todas, menos três cópias, foram destruídas. Estas três cópias foram para a inteligência militar (Zs), a Segunda Diretoria do ministro do Interior, e os arquivos do Conselho de Defesa, que estavam no secretariado do Sejna. Não foram emitidas instruções escritas para implementar o plano. O chefe de cada departamento ou agência que tinha uma tarefa específica vinha a um dos três escritórios onde cópias do plano foram mantidas para ler uma parte de acordo com a sua "necessidade de saber". Por exemplo, para o desenvolvimento científico e produção, os chefes da Logística e Diretoria Médica vieram de forma independente ao escritório de Sejna para ler a sua parte pertinente do plano. O trabalho de Sejna era assegurar que cada oficial entendesse sua responsabilidade. O oficial era então solicitado para que assinasse uma declaração dizendo que ele entendeu a orientação, e só depois disto o oficial partia.

Esse processo foi aplicado até mesmo ao Ministro de Defesa. Todas as ordens eram verbais. Os relatórios sobre o progresso deveriam

voltar para Sejna em seis meses. Então o próprio Sejna reunia e apresentava esses relatórios ao Conselho de Defesa.

Um ano mais tarde, em 1963, Khrushchov, desgostoso com a velocidade com que a operação estava progredindo, orientou o major-general Nikolai Savinkin, vice-chefe do Departamento de Órgãos Diretivos do Comitê Central do PCUS (ele se tornaria chefe em 1964 após a morte do General Mironov em um acidente de avião), visitar pessoalmente cada Satélite e Cuba e preparar um plano detalhado para acelerar e coordenar a operação de narcóticos. O Departamento de Órgãos Diretivos é um dos dois ou três departamentos mais importantes do Comitê Central5. Ele controla o Ministério da Defesa, o Ministério do Interior (KGB) e o Ministério da Justiça. Este é o departamento que dirigiu a operação "Druzhba Narodov"6. Outras organizações que participaram estão descritas no próximo capítulo.

O plano de Savinkin foi aprovado pelo Conselho de Defesa soviético e diretivas foram enviadas aos vários Satélites. Estas diretivas, que passaram por Sejna como secretário do Conselho de Defesa da Checoslováquia e chefe de gabinete do Ministério da Defesa, abrangeram uma vasta gama de ações: pesquisa, produção, organização de transportes, organização da cooperação entre Satélites em diferentes regiões do mundo, a necessidade de cooperação para ajudar Cuba a infiltrar-se em todas as operações latino-americanas e que forma essa cooperação tomaria, nomes de pessoas específicas em diferentes países que ajudariam na distribuição; e propaganda e desinformação associadas. Também foram recebidas instruções sobre quais instituições financeiras específicas seriam utilizadas na lavagem e transferência de dinheiro. No caso da Checoslováquia, foram identificados pelo menos quinze bancos diferentes em nove países (incluindo Singapura, Viena, Argentina e Holanda). O banco soviético em Londres tornou-se cada vez mais envolvido na transferência dos lucros das drogas*7.

*Nota do editor: No final dos anos 60, funcionários do banco russo em Londres, o Banco Popular de Moscou (MNB - Moscow Narodny Bank), observaram que os oficiais russos da instituição eram conspícuamente liberais com contas de entretenimento e despesas, muitas vezes convidando membros humildes para se juntarem a eles para longos "almoços líquidos". Por muitos anos, Viktor Geraschenko foi um oficial sênior ou o chefe do banco. Sob Gorbachev, Geraschenko foi transferido para dirigir a instituição bancária central e foi visto conseqüentemente em reuniões anuais sucessivas do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial após a Rússia ter acedido às instituições de Bretton Woods. Ele foi "restaurado" para a posição de chefe do Banco Central da Rússia sob o presidente Yeltsin em meio à turbulência que esmagou os mercados financeiros russos em agosto de 1998.

As instruções de propaganda e desinformação eram especialmente interessantes. Propaganda, desinformação e fraude são medidas excepcionalmente importantes de todas as operações soviéticas. Cada decisão que é tomada é cuidadosamente preparada, incluindo o monitoramento ou supervisão, disposições de sigilo (ou seja, a quem deve ser dito o que) e o "plano político" para facilitar a implementação.

O plano político é um eufemismo para a fraude que está para ser empregada. Desinformação e propaganda são desenvolvidas para apoiar o plano básico de fraude. Na operação de drogas e narcóticos, a investida básica da propaganda e da desinformação era fazer com que a culpa fosse colocada na "sociedade". Além disso, e em apoio a essa

investida básica, dados de corrupção seriam liberados para desacreditar indivíduos e organizações consideradas hostis aos interesses soviéticos8. Houve duas campanhas de propaganda diferentes - uma travada contra a juventude e uma contra a população em geral. Elas envolveram o Departamento de Propaganda Especial, o Departamento de Propaganda e o Departamento Internacional (do Exterior), com um centro de coordenação especial criado no Departamento de Órgãos Diretivos.

A estratégia básica para a propaganda e a fraude tinha sido estabelecida pela primeira vez de 1961 para 1962 pelo general soviético Kalashnik, substituto do chefe da Diretoria Política Principal, o cão-de-guarda ideológico do estabelecimento militar soviético. Kalashnik era o ideólogo-chefe na Diretoria Política Principal. Sejna recorda suas simples instruções: "Nossa propaganda deve ser dirigida ao nosso inimigo, não a nossos amigos". A palavra "amigos" significava drogas e narcóticos. Propaganda e fraude deveriam ser usados para desviar a atenção das drogas e narcóticos, especialmente no que diz respeito às classes médias e altas, e fazer com que essas mesmas pessoas concentrassem sua atenção nos problemas da guerra nuclear, da guerra do Vietnã e do antiamericanismo.

Estas instruções de propaganda foram estendidas em 1964 em uma carta assinada por Leonid Brejnev, que foi discutida em uma reunião do Conselho de Defesa da Tchecoslováquia. A carta orientava que os dados sobre a operação chinesa de tráfico de drogas e narcóticos deveriam ir a público, para anunciar o papel da China como fonte de tráfico ilícito e, assim, retirar a atenção da operação soviética. (Um dos primeiros artigos escritos para este propósito apareceu no Pravda em 13 de setembro de 1964. Ele foi escrito por V. Ovchinnikov e foi intitulado "Os Traficantes de Drogas" (The Drug Dealers): vide a página 146, e a nota 43, página 152).

Em setembro de 1963 as lideranças máximas (Primeiros Secretários, Primeiros Ministros, ministros da Defesa e do Interior e a sua equipe profissional, num total de até 15 de cada país, exceto pela Romênia, Albânia e Iuguslávia, que não estavam presentes) se reuniram em Moscou para a conferência anual sobre o plano e as táticas a serem seguidas no ano seguinte. As iniciativas diplomáticas, de inteligência e do partido – o processo integrado – para o próximo ano, foram revistas pela liderança soviética.

O principal orador foi Mikhail Suslov, ideólogo-chefe do Partido Comunista e um dos principais oficiais no desenvolvimento de planos estratégicos. Ao discutir drogas, Suslov começou por assinalar que a decisão tomada anteriormente sobre tráfico de drogas e narcóticos era o caminho certo. Como os soviéticos haviam avaliado a América Latina nos anos 50, eles haviam reconhecido que os países latino-americanos dependiam da burguesia, especialmente dos Estados Unidos. Os soviéticos decidiram que isso tinha de mudar: os países latino-americanos deviam ser dependentes da União Soviética. Os principais instrumentos a serem utilizados eram as drogas e outras formas de corrupção, que os soviéticos haviam concluído que estavam espalhadas por toda a América.

Os soviéticos se referiam ao movimento revolucionário na América Latina como a Segunda Libertação. A Primeira Libertação foi a libertação de Espanha e de Portugal. A segunda seria a desejada libertação dos Estados Unidos e da burguesia9. A Terceira Libertação seria a transição para o comunismo.

Suslov explicou que era necessário desarmar os amigos anti-comunistas e americanos antes que a Segunda Libertação pudesse acontecer. Os soviéticos acreditavam que a burguesia corrompida já havia aceitado a ideia de revolução, que de fato era uma fraude deliberadamente induzida pelos soviéticos. A abordagem adotada para encorajar a aceitação da noção de revolução foi argumentar que os países latino-americanos estavam destinados a passar por etapas revolucionárias, nas quais as mudanças que seriam realizadas seriam benéficas. Nesses estágios iniciais, não haveria, segundo a orientação soviética, nenhuma menção ao socialismo ou mesmo ao uso de frases socialistas - para evitar afastar as pessoas do conceito de revolução.

Os soviéticos afirmaram que cinco fatores seriam mais importantes para acelerar o processo revolucionário em toda a América Latina:

1. O equilíbrio militar EUA-URSS. A União Soviética precisava ser forte o suficiente para impedir que os Estados Unidos interferissem antes que a revolução pudesse ser iniciada.

2. Inadimplência do colonialismo. Através da propaganda da exploração e da impropriedade das políticas coloniais e, naturalmente, do protecionismo que acompanhava o colonialismo, os laços dos Estados Unidos com a América Latina seriam enfraquecidos e, por fim, cortados.

3. Organização da ideologia e do suprimento material das forças de libertação. Era necessária uma melhor organização e uma ofensiva ideológica unida entre as forças de libertação. O movimento havia ficado desarticulado sob Stalin. A unidade ideológica era necessária e a oferta de assistência material - dinheiro, armas, treinamento, organização - precisava ser melhorada em toda a América Latina.

4. A derrota dos Estados Unidos no Vietnã. Isso era importante para dividir os Estados Unidos em casa e para dificultar para os Estados Unidos um futuro envolvimento em guerras estrangeiras. Além disso, era importante para as forças nacionalistas perceberem que os Estados Unidos não podiam ser contados para ajudar os países-aliados* contra o processo revolucionário.

5. A desmoralização dos Estados Unidos e dos países-vizinhos nas duas direções, norte e sul. As drogas são o principal instrumento a ser usado para acarretar esta desmoralização – com "desmoralização por drogas" sendo referida, como observado, como a "epidemia rosa"10. Os soviéticos acreditavam que quando a "epidemia rosa" cobrisse os continentes Norte e Sulamericanos, a situação estaria altamente satisfatória para a revolução.

Suslov revisou a situação na América Latina, usando dados recolhidos pela inteligência soviética, pelos partidos comunistas locais e pelos agentes de inteligência do Pacto de Varsóvia e de Cuba que haviam penetrado nas operações de drogas latino-americanas. Fazendo uma referência especial ao Paraguai, Jamaica, El Salvador, Guatemala, Honduras e México, Suslov afirmou que setenta por cento dos burocratas latino-americanos estavam ligados às (isto é, corrompidos pelas) operações de drogas. No México, disse ele, oitenta por cento dos burocratas estavam ligados às drogas ou envolvidos com outras formas de corrupção. Na América Latina, sessenta e cinco por cento dos padres católicos usavam drogas, disse ele. Os padres católicos têm sido um alvo primário da estratégia soviética na América Latina11.

Quatro anos depois, em uma reunião de 1967, Boris Ponomarev explicou aos oficiais tchecoslovacos que, de acordo com estimativas soviéticas, oitenta por cento dos sacerdotes latino-americanos eram antiamericanos e pouco mais de sessenta por cento estavam inclinados para a esquerda12. Esta estatística em particular foi fortemente ponderada por jovens sacerdotes, que os soviéticos acreditavam que exerceriam uma influência importante na América Latina nos próximos vinte anos. Boris Ponomarev adiantou três razões para trabalhar com esses jovens sacerdotes: ajudar a revolução a avançar, usar a igreja para ajudar a distribuir drogas e usar sacerdotes para obter informações adicionais sobre redes de tráfico de drogas.

Mas, voltando a 1963: depois de revisar as estatísticas de inteligência sobre o narcotrático, Suslov discutiu sobre dois grupos especiais contra os quais as drogas deveriam ser usadas. O primeiro era a liderança burguesa. Em segundo lugar, havia um grupo chamado de "proletariado trapo" - os desempregados que muitas vezes recorreram ao crime ou à prostituição para sobreviver; um termo um tanto equivalente para descrever esse grupo poderia ser o "proletariado oprimido" 13. Como Mikhail Suslov explicou, este grupo estava particularmente vulnerável à tentação das drogas. Isso foi tudo para o bem, porque era um a vantagem do movimento de guerra revolucionária destruir este grupo, já que ele era inútil e era um fardo. Seus membros não querim trabalhar. Eles eram os principais consumidores de drogas e seriam destruídos. A tática revolucionária fundamental era preparar uma elite revolucionária e esses proletários oprimidos não faziam parte dessa elite.

Para promover o narcotráfico, Mikhail Suslov também enfatizou quatro pontos:

1. Usar Cuba para ajudar a estabelecer operações de drogas.

2. Certifique-se de obter autorizações de segurança sobre todo o pessoal primeiro, antes de envolvê-los no tráfico de drogas e em operações de manipulação.

3. Nos partidos comunistas, informar apenas os Primeiros Secretários sobre as atividades de drogas. Os partidos comunistas deviam ser mantidos à distância das operações de tráfico de drogas, por duas razões principais. Primeiro, acredita-se que os partidos comunistas foram infiltrados por agentes estrangeiros. Consequentemente, o conhecimento das operações de drogas deveria ser mantido afastado das partidos e todo o pessoal deveria estar cuidadosamente limpo antes de seu envolvimento em atividades de drogas. Em segundo lugar, as operações de drogas geraram dinheiro e isso, por sua vez, significava uma possível independência fiscal. As operações de drogas deveriam ser mantidas fora das mãos dos partidos comunistas como uma forma de assegurar a sua contínua dependência em relação a Moscou. O dinheiro das drogas usado para financiar partidos comunistas seria primeiro canalisado para Moscou e então para os vários partidos de acordo com as suas necessidades.

4. Era importante induzir a inteligência, contrainteligência e forças militares nativas latino-americanas a se tornarem mais envolvidas nas operações de drogas. Estas organizações representavam fontes importantes de sentimentos pró-americanos e a corrupção facilitada pelas drogas deveria ser usada para neutralizar tais atitudes pró-americanas.

O estilo de Khrushchov era sentar e interromper o palestrante para fazer observações adicionais caso achasse conveniente. Primeiro, ele interrompeu Suslov para enfatizar a necessidade de cautela. "O camarada Suslov", ele disse, "é particularmente cuidadoso. Eu tentei forçá-lo a acelerar o processo das drogas - para fazer a burguesia pagar pela revolução - mas eu concordo com ele. Não podemos assumir um risco maior do que estamos assumindo agora ". Em outra observação, Khrushchov interrompeu e explicou: "Algumas pessoas equiparam drogas e álcool, mas o álcool não é como as drogas. Damos vodka aos soldados soviéticos e estamos indo de sucesso em sucesso ".

Suslov apontou também que era necessário começar a criar reservas para as forças revolucionárias latino-americanas, para que suas necessidades fossem satisfeitas quando estivessem prontas para sair do subterrâneo. Assim, todos os países do Pacto de Varsóvia começariam a contribuir para uma conta de reservas na América Latina.

O discurso de Suslov não deixou nada à imaginação. A operação “Druzhba Narodov” teria um alcance global. A burguesia em todos os países era alvo. As drogas e os narcóticos seriam armas primárias para uso na ofensiva revolucionária mundial.

Conforme a estratégia soviética "Druzhba Narodov" tomava forma em 1962-64, provavelmente a melhor e mais sucinta descrição da filosofia de marcação de alvos foi fornecida à liderança tchecoslovaca em 1964 durante uma visita à Bulgária. Todor Jivkov, o Primeiro Secretário do Partido Comunista da Bulgária, explicou à delegação tchecoslocava que os Estados Unidos eram o principal alvo da ofensiva do Bloco Soviético porque era o pior inimigo ("o principal inimigo "), porque era simples mover drogas para os Estados Unidos, e porque havia lá uma fonte ilimitada de moeda forte.

Referências ao capítulo 4:

1. Agência de Combate às Drogas dos EUA, O Envolvimento Da República Popular Da Bulgária No Tráfico Internacional De Narcóticos (“The Involvement of the People's Republic of Bulgaria in International Narcotics Trafficking”), no Congresso dos EUA, Senado, Drogas e Terrorismo, 1984, Audiência Perante o Subcomitê de Alcoolismo e Abuso de Drogas da Comissão do Trabalho e Recursos Humanos (Hearing Before the Subcommittee on Alcoholism and Drug Abuse of the Committee on Labour and Human Resources), 2 de agosto de 1984 (Washington D.C.: Editora Governamental dos EUA, 1984)

2. Ibid., página 66.

3. Ibid., página 58.

4. Ibid., página 61.

5. A importância deste departamento é também enfatizada em Chekisty: Uma história da KGB (“Chekisty: A History of the KGB”), John J. Dziak (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1988), páginas 148,151-152.

6. O chefe do Departamento de Órgãos Diretivos, aliás, também era o oficial soviético encarregado da operação soviética de controle de armas durante a década de 1960.

7. Dr. Zdzislaw M. Rurarz foi membro da inteligência militar polaca (Zll) por 25 anos, conselheiro econômico dos Ministérios de Comércio Exterior e Relações Exteriores e do Primeiro Secretário e Embaixador no Japão antes de desertar para os Estados Unidos em 1981. Ele explicou ao autor que antes de partir, acreditava que o número de bancos soviéticos, instituições financeiras e joint ventures em todo o mundo que estavam disponíveis para ajudar no processo de tratamento de dinheiro era de cerca de 300. Posteriormente, ele descobriu de uma fonte francesa que o número tinha subido para 400.

8. Embora não haja nenhuma conexão conhecida, um exemplo de um evento que poderia ter sido desencadeado pelos soviéticos foi o escândalo de drogas envolvendo o antigo Departamento de Narcóticos (Bureau of Narcotics), no qual agentes federais dos EUA foram encontrados vendendo heroína e protegendo traficantes. Este escândalo foi revelado pelo procurador-geral Ramsey Clark em 1968. Isso resultou em quase todos os agentes no departamento de Nova York sendo demitidos, forçados a renunciar ou transferidos. Agência Do Medo: Opiáceos E Poder Político Na América ("Agency Of Fear: Opiates And Political Power In America"), Edward Jay Epstein (Nova Iorque: G. P. Putnam's Sons, 1977), página 105. Vide também Congresso dos EUA, Senado, Tráfico Internacional de Narcóticos ("International Traffic in Narcotics"), Audiência Perante o comitê de relações exteriores ("Hearing Before the Committee on Foreign Relations"), 1 de julho de 1971 (Washington D.C.: Editora Governamental dos EUA, 1971), página 29.

9. Sejna ouviu pela primeira vez este ponto de vista sobre as fases de libertação, em 1962, de Andrei Kirilenko, o vice de Khrushchev, numa reunião da direção do Pacto de Varsóvia. Kirilenko explicou que a estratégia soviética era manter os Estados Unidos fora do processo revolucionário mundial, construindo um incêndio sob a janela americana.

10. "Epidemia Rosa" era o codinome para a operação de "servir e expandir" a epidemia de cocaína que os soviéticos acreditavam ser a onda do futuro. Vide capítulo 3.

11. Miguel Bolanos Hunter era um ex-oficial de contra-espionagem na seção de contra-espionagem do aparato nicaragüense de segurança do Estado. Em uma entrevista para o Projeto de História Oral (Oral History Project), Programa de Estudos de Segurança Internacional (International Security Studies Program), Escola Fletcher de Direito e Diplomacia (Fletcher School of Law and Diplomacy), Bolanos revisou as origens, estrutura e missões do aparato de segurança do Estado. Com relação à Igreja, ele disse: "Para os sandinistas, a Igreja [tradicional católica] é o inimigo número um. Sem dúvidas". [Testemunho de Miguel Bolanos Hunter, em Hidra da Carnificina (Hydra of Carnage), Uri Ra'anan et al. (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1986), página 309].

Como Jan Sejna explicou que as religiões são vistas como uma força especialmente perigosa dentro dos países socialistas e em todos os países que estão sendo preparados para a revolução, dado o conflito entre a moralidade marxista e religiosa. [O ataque à religião está no núcleo da revolução: Gorbachev proclamou em 15 de dezembro de 1987, afinal, que "não deve haver interrupção na guerra contra a religião, porque enquanto a religião existe, o comunismo não pode prevalecer. Devemos intensificar a obliteração de todas as religiões onde quer que elas sejam praticadas ou ensinadas "- Ed.]. Dentro dos países socialistas, o objetivo a longo prazo - 50 anos - era eliminar a importância e a influência das religiões. Fora dos países socialistas, a propaganda, a fraude, a diplomacia e os serviços de inteligência deveriam ser usados para destruir, influenciar ou usar as várias religiões. Dentro dos países do Terceiro Mundo, as religiões eram vistas como "amigas temporárias" porque apoiavam o espírito revolucionário.

Em geral, as principais orientações da atividade soviética dirigida contra as religiões foram as seguintes:

- Encorajar os principais centros religiosos a apoiarem a política soviética de coexistência pacífica;
- Obrigar os principais grupos religiosos a negar seu apoio ao capitalismo e a promover a idéia de que os países ricos devem ajudar os países pobres;
- Apoiar as mudanças políticas, sociais e econômicas desejadas que levarão os comunistas ao poder nos vários países-alvo.
- Através da propaganda e da fraude, para mostrar que o socialismo é aliado com grupos religiosos na "luta" para uma vida melhor em geral.
- Usar grupos religiosos para explorar e promover o desarmamento - isto é, explorar a idéia de que é contra a vontade de Deus matar pessoas. [Pois os revolucionários estão satisfeitos invocando a Deus, é claro, quando convém aos seus propósitos fazê-lo - Ed.].

• Construir uma percepção psicológica em massa da guerra nuclear como significando o fim do mundo.

• Infiltrar os centros religiosos com a seguinte ordem de prioridade:

(1) O Vaticano;

(2) Mulçumanos;

(3) Judeus;

(4) Budistas;

(5) As seitas reacionárias. Em relação a "seitas reacionárias", a inteligência checoslovaca tinha três agentes clericais dentro do Vaticano no final dos anos 1960. Eles estavam localizados, afirmou Sejna, dentro das seções responsáveis pela política externa, finanças e ideologia. Os muçulmanos eram particularmente importantes devido ao seu papel no Oriente Médio e na África. Uma conseqüência da Guerra Árabe-Israelense foi que permitiu que os serviços de inteligência do Bloco Soviético se infiltrasse em todos os principais centros muçulmanos.

A comunidade judaica era vista como um alvo especialmente importante para ajudar a União Soviética a ganhar influência econômica sobre o Ocidente e como uma fonte especialmente importante para informações de inteligência e como um contrapeso liberal contra as forças de direita. A religião mais difícil para os soviéticos era manipular o budismo porque as características físicas divergentes tornavam a ordem religiosa difícil de se infiltrar. As seitas reacionárias (conservadoras), que também eram anticomunistas, eram consideradas como tendo uma influência política considerável. Essas seitas também desejavam alcançar o controle e o poder, que o plano comunista explorava. Em 1967, os comunistas haviam obtido informações privilegiadas, ou influenciadas por sua estimativa, em mais de 40% das várias seitas e outras religiões.

De acordo com o Manual Comunista de Instruções Sobre Guerra Psicopolítica ("Communist Manual of Instruction of Psychological Warfare"), "Como parece em nações estrangeiras que a igreja é a influência mais enobrecedora, cada ramo e atividade de cada igreja deve, de uma forma ou de outra, ser desacreditado. A religião deve tornar-se fora de moda ao demonstrar amplamente, por meio da doutrinação psicopolítica, que a alma é inexistente e que o homem é um animal ". Reimpresso em Lavagem Cerebral: Uma Síntese do Didático Comunista sobre Psicopolítica (Brain-Washing: A Synthesis of the Communist Textbook on Psychopolitics), MeIbourne, Vitória, Austrália: New Times Ltd., 1956, página 35. (Vide também a Introdução à Segunda Edição desta presente obra – Ed.)

12. Estes números são suportados por pesquisas ocidentais. Por exemplo, no início da década de 1970, 78% de todos os padres católicos no Chile se identificavam politicamente na esquerda. De Volta Das Cinzas ("Out of the Ashes"), James R. Whelan, op. cit., página 712.

13. Sejna ouviu pela primeira vez o termo "proletariado trapo" ("lumpen proletariat") no início dos anos 50. Naquela época, era o rótulo ligado à parte do proletariado que não se levantava para se opor à burguesia; Isto é, aqueles que não eram facilmente recrutados para o movimento comunista.

Em 1963, o termo adquiriu um novo significado. Agora era usado para descrever os desempregados e as pessoas que não queriam trabalhar ou contribuir. Os soviéticos acreditavam que essas pessoas muitas vezes se voltavam para o crime para se sustentarem e, na verdade, na sua opinião, estar desempregado era quase sinônimo de ser um criminoso. Os estudos comunistas também concluíram que esse grupo de pessoas, além do crime, muitas vezes se voltou para as drogas - tanto para a venda de drogas quanto para o seu uso. Como resultado desse vínculo com o crime, a droga e outras atividades imorais, os analistas soviéticos e do Leste Europeu concluíram que o proletariado trapo poderia ser lucrativamente usado para acelerar a desestabilização dos Estados Unidos.

Esta conclusão foi ainda reforçada porque as grandes cidades eram consideradas os principais centros revolucionários dos Estados Unidos, e a vida nessas cidades estava cada vez mais dominada pelo proletariado trapo.

Além disso, acredita-se que os recrutas do serviço militar foram recrutados extensivamente a partir do chamado proletariado trapo, que era assim um alvo de alta prioridade para a corrupção devido ao seu potencial efeito adverso sobre os militares. Este não foi um exercício de recrutamento. Os membros do proletariado trapo ainda não eram considerados adequados para o movimento revolucionário. Mas eles eram um alvo principal por causa dos danos que poderiam causar à sociedade capitalista por meio da desestabilização e desmoralização e, portanto, eram um recurso a ser usado para ajudar no processo revolucionário - antes de serem destruídos após a revolução.

Dentro do proletariado trapo, as minorias foram identificadas como especialmente importantes porque elas constituíam mais de 70% delas, de acordo com os estudos soviéticos relevantes. Assim, a raça tornou-se uma dimensão integral da classe alvo, sendo os negros e os hispânicos as duas minorias mais importantes. Os soviéticos acreditavam que havia divisões crescentes entre os brancos e as minorias não-brancas, e que o governo dos EUA não poderia resolver o problema. Enquanto Moscou analisava a situação, o capitalismo estava morrendo, e à medida que a situação econômica e social se deteriorava, mais e mais membros do proletariado trapo seriam gerados. O efeito dessa conclusão foi ressaltar ainda mais a importância do proletariado trapo.

Em 1967, o conceito de proletariado trapo era dominado pela imagem dos pobres do centro da cidade, especialmente das minorias. A maior parte do Terceiro Mundo também era considerada um proletariado trapo. Mesmo assim, enquanto em 1963 esse grupo era visto como o principal consumidor de drogas, ainda assim, o principal alvo para quem os medicamentos seriam comercializados não era esse grupo, mas sim a elite. Em 1967, isso também havia mudado, no que diz respeito às discussões sobre a estratégia soviética de narcóticos dirigida contra os Estados Unidos, e o proletariado trapo, que neste momento e nesse contexto significava que os pobres das cidades e principalmente os negros e os hispânicos tornariam-se o principal alvo para o tráfico de drogas e o principal grupo a ser recrutado para fazer o marketing. Além disso, em 1967, a estratégia soviética incluía a promoção da guerra racial no Ocidente, e essa estratégia se refletia na propaganda soviética, na desinformação e até em políticas de contratação industrial.

# -CAPÍTULO 5-
# ORGANIZANDO PARA A "DRUZHBA NARODOV"

No ocidente, quando as pessoas falam em operações de inteligência, o que normalmente elas tem em mente são operações secretas que esgotam-se em um serviço de inteligência de uma nação, como a CIA, KGB e GRU. Este conceito presta um grande desserviço às operações de inteligência comunistas, que envolvem muitas agências, não só a KGB ou a GRU, e que geralmente não são dirigidas pelos serviços de inteligência, mas sim pelo Conselho de Defesa, Departamento de Órgãos Diretivos, ou outra organização adequada do Partido. Isto é, operações de inteligência são as operações do Partido Comunista destinados a servir os interesses do Estado, que somente o Partido pode estabelecer. O serviço de inteligência é estritamente um instrumento de estratégia do partido[1], novamente em contraste com os Estados Unidos, que não tem uma estratégia de contrapartida. A operação conhecida como "Druzhba Narodov" – o inteligente plano "Amizade das Nações" de Khrushchov- é especialmente interessante por causa da visão que ela proporciona sobre a natureza das operações de inteligência soviéticas.

Mesmo no início, de meados ao fim da década de 1950, a operação de drogas e narcóticos envolveu mais do que funcionários da inteligência. O pessoal de ciências médicas foi fortemente envolvido nas análises, pesquisas e testes. A principal força motivadora foi Nikita Khrushchov, o Primeiro (mais tarde, Geral) Secretário do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). O planejamento inicial foi conduzido pela equipe da junta especial civil/militar tcheca/soviética mencionada anteriormente. A incorporação da estratégia do tráfico de drogas no planejamento de segurança nacional foi tratada por uma comissão especial sob a direção de Leonid Brejnev. Este comitê, que se reuniu entre o outono de 1956 e a primavera de 1957, foi responsável por uma melhoria abrangente na estratégia soviética para trazê-la para a era nuclear. O vice de Brejnev era Mikhail Suslov, o ideólogo-chefe soviético. Os líderes do subcomitê foram Marshal V. D. Sokolovskiy (militar), Dmitri Ustinov (indústria militar), Boris Ponomarev (relações exteriores) e General Nikolai Mironov (inteligência).

Duas revisões da estratégia soviética com relação a drogas e narcóticos surgiram durante o curso deste estudo. A primeira envolveu um reconhecimento oficial de que drogas poderiam ser armas importantes para serem usadas no enfraquecimento de forças militares opositoras[2]. Em segundo lugar, percebeu-se que as drogas poderiam ser usadas para influenciar as lideranças burguesas no Terceiro Mundo e, em particular, entre os partidos socialdemocratas, muito embora nenhum partido devesse ser excluído.

A responsabilidade pela análise e segmentação de mercado foi atribuída ao Departamento Internacional do PCUS. O Departamento Internacional também estava envolvido na coleta de informação sobre corrupção de líderes estrangeiros e seu uso tanto em operações de chantagem, quanto de intimidação e de exposição. Este departamento estava também fortemente envolvido no planejamento da propaganda e provavelmente teria tomado a decisão crítica de liberar informações do tráfico de drogas chinês para sua operação de propaganda.

A Diretoria Política Principal do Exército e da Marinha, departamento que mantém vigilância ideológica sobre os militares, também esteve envolvido na operação de tráfico de drogas desde o início. Já em 1956, a liderança da Checoslováquia foi aconselhada pelo General Soviético Kalashnik, o ideólogo na Diretoria Política Principal, acerca de uma nova visão sobre as drogas e outros produtos químicos capazes de afetarem a mente e o comportamento de milhões de pessoas. Esta era uma das cinco novas armas que poderiam "destruir o inimigo antes que ele possa nos destruir". As outras armas incluíam a ofensiva ideológica, que significava propaganda e fraude; uma boa política externa projetada para dividir o Ocidente; o isolamento dos Estados Unidos; e caos econômico e social. Era essencial, explicou o general Kalashnik, que os militares se apressassem a entender que existiam armas de grande eficácia, além das armas convencionais e nucleares.

Uma explicação semelhante foi fornecida por Khrushchov no início do verão de 1963 em Moscou. Durante uma discussão informal, Khrushchov tinha acabado de criticar o Marechal Rodion Ya. Malinovski por estar com pressa demais para mover os seus tanques para o Oeste. Então Khrushchov explicou que os soviéticos estavam operando em dois níveis estratégicos, simultaneamente, para engajar o ocidente na guerra. O primeiro escalão era a fraude, a desinformação e a propaganda. O segundo escalão era a destruição do capitalismo pelo seu próprio dinheiro através das drogas. Uma vez que estes dois escalões tenham sido bem-sucedidos, Khrushchov enfatizou, então você pode usar o terceiro escalão estratégico, camarada Malinovski - nossos tanques.

À medida em que a ofensiva de drogas do bloco soviético cresceu e amadureceu, a organização tornou-se mais complexa - mas com o controle e sigilo permanecendo extremamente apertados. Esta é outra característica das operações soviéticas: só porque uma operação expande, não quer dizer que o controle sobre a informação afrouxa. O Conselho de Defesa em si é um bom exemplo disto. O Conselho de Defesa permanece pequeno precisamente a fim de manter o controle apertado e boa segurança. No assunto das drogas, enquanto muitas pessoas estavam envolvidas, poucas realmente sabiam do verdadeiro propósito da operação, ou até mesmo do maciço envolvimento soviético.

As principais organizações tchecoslovacas que participaram no negócio das drogas estão identificadas na figura 1 da próxima página. A estrutura organizacional aplicada na Tchecoslováquia se compara à estrutura organizacional na União Soviética. Certos nomes organizacionais são diferentes: por exemplo, a contraparte tchecoslovaca do Departamento Internacional soviético é o Departamento do Exterior; o Primeiro-Secretário era o Secretário Geral na União Soviética; e a Segunda Diretoria tchecoslovaca no âmbito do Ministério do Interior era a contraparte da KGB soviética. Existem diferentes centros de pesquisa na União Soviética, e organizações soviéticas são maiores e mais variadas; mas a essência das duas estruturas organizacionais são as mesmas.

As principais diferenças são que as organizações soviéticas tomam decisões estratégicas de alcance global, e são maiores, e que as organizações na União Soviética é quem são responsáveis pelos Partidos Comunistas estrangeiros e que estes não tem contraparte na Tchecoslováquia. Esta distinção particular pode ser considerada especialmente importante.

Por exemplo, insumos importantes para o desenvolvimento da estratégia de tráfico de drogas na América Latina foram fornecidos pelos Partidos Comunistas locais, que se reuniriam todo ano em Moscou e apresentariam suas avaliações sobre o andamento de suas operações de drogas, fazendo recomendações para novas técnicas, mercados e táticas.

Como em todas as operações soviéticas importantes, o Secretário Geral não apenas era informado, mas interpretava o papel principal. Em relação ao planejamento e direção, o real poder no sistema soviético residia nos departamentos do Comitê Central. Um dos dois ou três departamentos mais importantes era o Departamento de Órgãos Diretivos, que era o centro para planejamento e controle das operações de drogas tanto na União Soviética quanto na Tchecoslováquia. Este provavelmente era o caso também nos demais países-satélites.

| |
|---|
| Primeiro Secretário<br>Conselho de Defesa tchecoslovaco<br>Comissão Mista |

| GOVERNO | PARTIDO<br>(Comitê Central) |
|---|---|
| Ministério do Interior | Departamento de Órgãos Diretivos |
| Segunda Diretoria<br>Redes de Agentes da Inteligência Estratégica<br>Contrainteligência | Diretoria Política Principal |
| Diretoria Financeira | Departamento do Exterior |
| Ministério da Defesa | Departamento de Saúde |
| Diretoria de Inteligência [Zs]<br>Redes de Agentes da Inteligência Estratégica<br>Financiamento Especial de Propaganda | Departamento de Agitação e Propaganda<br>Departamento de Finanças |
| Logística da Diretoria de Saúde | |
| Departamento de Suporte Técnico a Países Estrangeiros | Departamento de Ciências |
| Diretoria Financeira Principal | Escola Superior do Partido |
| Ministério das Finanças<br>Seção Militar | |
| Academia de Ciências | |
| Ministério do Comércio Exterior<br>Diretoria Técnica Principal | |
| Ministério do Exterior | |
| Plano Estatual da Diretoria de Comissões Militares | |

Figura 1: Organizações tchecoslovacas envolvidas em operações internacionais da ofensiva de drogas durante o comunismo evidente.

O Departamento de Órgãos Diretivos exercia controle e fiscalização sobre os serviços de inteligência, os militares e a justiça (socialista). Assim, era natural que o Departamento de Órgãos Diretivos fosse o departamento líder do Comitê Central em relação a operações com drogas. Não foi mera coincidência que quando Khrushchov queria que a ofensiva das drogas fosse intensificada em 1963, ele solicitou o Major-General Nikolai Savinkin, o vice-líder do Departamento de Órgãos Diretivos, para visitar todos os países participantes e emitir instruções detalhadas. Analistas ocidentais poderiam muito bem ter avisado para prestar atenção adicional no papel do Partido e dos poderosos departamentos do Comitê Central, especialmente no Departamento de Órgãos Diretivos. A este respeito, é importante considerar que Savinkin se tornou o líder do Departamento de Órgãos Diretivos em 1964, o dirigindo até à sua aposentadoria em 1987, 23 anos depois (e não parou até 1988, quando a imprensa soviética anunciou que ele tinha renunciado ao cargo de líder do departamento).

Dentro do Departamento de Órgãos Diretivos havia funcionários cujas responsabilidades eram, com efeito, vigiar as organizações militares e de inteligência. Além disto, agentes políticos estavam alocados dentro das organizações militares e de inteligência que, aliás, eram membros de seções apropriadas do Departamento de Órgãos Diretivos e que mantinham os chefes de suas respectivas seções informados sobre o que estava acontecendo nas suas áreas de responsabilidade dentro dos serviços militares e de inteligência. Por exemplo, Sejna era o oficial político de mais alto escalão do Ministério da Defesa da Tchecoslováquia e, como tal, ele também era um membro da seção militar do Departamento de Órgãos Diretivos. Adicionalmente, no caso de operações especialmente coordenadas (como tráfico de drogas), departamentos importantes muitas vezes tinham funções de coordenação e de controle especiais, não só no que diz respeito às suas responsabilidades normais - por exemplo, sobre as organizações militares e de inteligência no caso do Departamento de Órgãos Diretivos – mas também com outras organizações participantes.

Outra organização relevante na manutenção do controle e da segurança interna foi a contra-inteligência. Nos quartéis-generais (tchecoslovacos) de inteligência militar (Zs), havia uma seção de contra-inteligência militar, que era na realidade uma seção do Ministério do Interior (como a KGB na União Soviética) e que também teve um agente responsável pelo controle no Departamento de Órgãos Diretivos.

Além disso, dentro da contra-inteligência de ambos, civis e militares, houveram departamentos especiais que vigiavam as operações contra-inteligência  e reportavam a respeito delas para o cabeça do Departamento de Órgãos Diretivos. Os soviéticos não confiam em ninguém e suas estruturas organizacionais sempre refletiram este princípio. Todos são controlados de três formas. Esta é a razão porque, quando vários oficiais de Cuba, Nicarágua, Bulgária, ou de qualquer outro Estado comunista, eram descobertos estando envolvidos no tráfico de drogas, sempre foi altamente improvável que eles eram "apenas alguns oficiais corruptos". O Partido certamente estava bem ciente do que eles estavam fazendo, e, na verdade, não só aprovou a operação, mas, provavelmente, dirigiu a sua execução.

Um indicativo da fiscalização e disciplina do Partido em operações com drogas foi o fato de que em 1959 o chefe das “Zs” tchecoslovacas, General Racek, foi demitido após uma inspeção realizada pelo oficial do Departamento de Órgãos Diretivos que era responsável pelas Zs e pela contra-inteligência militar. Em seu relatório, ele criticou o General Racek por não colocar as melhores pessoas no negócio das drogas. Racek falhou em reconhecer o quão importante seria o negócio das drogas para as operações de inteligência.

Tanto civis quanto militares da inteligência tinham responsabilidades com narcóticos. Entretanto, porque a produção era controlada pelos entre os militares e porque os militares eram responsáveis por destruir a habilidade de uma população inimiga de dar suporte aos custos de uma guerra, a responsabilidade primária pelo tráfico de drogas residia dentro da ordem militar. A inteligência civil (a Segunda Diretoria na Tchecoslováquia, o componente de inteligência3 dentro da KGB na União Soviética) assistia sempre que seus recursos fossem mais adequados para a tarefa e onde a inteligência militar, Zs, na Tchecoslováquia, não tinha a oportunidade para traficar drogas.

A maioria dos agentes das operações com narcóticos foram mantidos dentro das seções de inteligência estratégica das organizações de inteligência civil e militar. Recrutamento, treinamento e administração de agentes foram assumidos pelo ramal de redes de agentes, mas as operações de narcóticos eram executadas pelo ramal de inteligência estratégica. Este ramal foi responsável por estabelecer as quotas de produção a respeito das drogas produzidas na Tchecoslováquia e por coordenar e dirigir no exterior a produção de drogas (local); pela coordenação de transportes; por gerenciar agentes de operações; e pelo planejamento das operações estrangeiras em geral.

Contra-inteligência e contra-inteligência militar, ambos cuja matéria é segurança, estavam também envolvidos. Sua missão era particularmente complicada nas operações no exterior e requeriam a assistência dos Partidos Comunistas estrangeiros e os agentes de inteligência estratégica operando dentro do país de interesse. Registros financeiros, orçamentos, escrituração foram mantidos pelas seções especiais de finanças dentro de ambos os serviços de inteligência.

No caso de Cuba, tanto as Zs quanto a Segunda Diretoria (e o GRU Soviético e a inteligência da KGB) ajudaram a montar a relevante operação de drogas. Era um empreendimento conjunto no início. Como explicado anteriormente, quando Raúl Castro estava na Tchecoslováquia no verão de 1960, ele assinou acordos de assistência tanto com o Ministro do Interior quanto com o Ministro de Defesa. Quando os planos para a expansão das operações de drogas ou relatórios sobre o progresso anterior eram apresentados para o Conselho de Defesa Tchecoslovaco, as apresentações eram feitas conjuntamente pelos Ministérios da Defesa e do Interior.

Entre os Ministérios da Defesa e do Interior havia um comitê conjunto que coordenava operações de inteligência. Este comitê decidia quem iria conduzir agentes recrutados, quem iria conduzir uma operação em particular (civil ou militar), quem poderia servir melhor em diferentes regiões, e assim por diante. Na Tchecoslováquia, o co-presidente do comitê era o Primeiro Vice-Ministro do Interior e o Chefe do Estado-Maior. Outros membros eram os chefes das Zs e o chefe da Segunda Diretoria no Ministério do Interior (chefe de inteligência

da KGB na União Soviética), e os seus adjuntos encarregados da inteligência estratégica. No planejamento de uma operação, esta comissão na União Soviética decidia primeiramente quais Satélites poderiam fazer o trabalho de forma mais eficaz e, dentro de cada Satélite, qual serviço de inteligência, civil ou militar, tinha a melhor oportunidade para a executar.

No final dos anos 1950, uma porção de organizações particularmente importantes foram formadas, às quais foram dadas responsabilidades críticas: os Departamentos de Propaganda Especial nos Estados-Maiores das Diretorias de Inteligência. Estes departamentos respondiam conjuntamente à Diretoria de Inteligência e à Diretoria Política Principal. Eles desempenharam um papel importante na coleta de dados sobre indivíduos em países estrangeiros e em controlar tais indivíduos em tempos de guerra. A estratégia de narcóticos, especialmente o elemento associado ao apanhado de informações sobre corrupção associada, estava intimamente ligada com a missão dos Departamentos de Propaganda Especial. Estes Departamentos também tinham papéis importantes na fraude e no planejamento da fraude, e foram muitas vezes as agências emissoras de tais instruções.

A propaganda era dirigida pelo Departamento de Propaganda do Comitê Central e pelos Departamentos de Propaganda Especial. Uma pessoa especial (uma seção especial na União Soviética) no Departamento de Órgãos Diretivos provia dados da inteligência derivada dos serviços de inteligência e do Departamento de Propaganda Especial, e emitia orientações (ordens) para a ofensiva da propaganda. No caso de operações fraudulentas, mais uma vez muitas organizações estavam envolvidas – as mais importantes delas eram a Diretoria Política Principal, o Departamento de Propaganda Especial, o Departamento Estrangeiro (Internacional), as seções de inteligência estratégica tanto da inteligência militar quanto da civil, e o Secretariado Eleito4, que era responsável pela supervisão da maioria das operações fraudulentas.

Ambos os cientistas, leste-europeus e soviéticos, participaram massivamente na P&D* militar e de inteligência, incluindo o desenvolvimento, produção, e análise das consequências do uso das drogas e narcóticos. Na Tchecoslováquia, as principais atividades de pesquisa no suporte ao tráfico de drogas foram assumidas pela Academia de Ciências e pelos centros de pesquisa militar. Na Academia, as atividades primárias eram conduzidas na Universidade Médica Charles (Charles Medical University) e no Colégio Médico em Bratislava (Medical College at Bratislava). Nos militares, o foco primário ou orientação eram providos pela Diretoria de Saúde Militar, com o trabalho realizado no Hospital Militar Central – o Centro de Educação Médica Militar onde os médicos eram treinados – e o Centro Médico da Força Aérea.

*N.T. (Nota do tradutor): P&D é a sigla para “Pesquisa & Desenvolvimento”. Em inglês, R&D (Research & Development).

As atividades da Academia de Ciências eram regidas por planos anuais, quinquenais e de longo prazo (quinze anos em diante) que consistiam em duas partes, uma parte regular e um elemento ultrassecreto. Os participantes envolvidos em juntar a parte ultrassecreta fora da Academia de Ciências eram o Departamento de Órgãos Diretivos do Comitê Central, o Departamento de Saúde do Comitê Central, a Diretoria Militar na Comissão do Plano de Estado, a Diretoria de Ciências no Ministério da Defesa, a seção de inteligência

estratégica no Ministério do Interior, o Estado-Maior (Zs), e a seção militar do Departamento Financeiro do Comitê Central.

Planos e objetivos para pesquisa e desenvolvimento de drogas e narcóticos melhorados (isto é, drogas que seriam mais rapidamente viciantes, mais fáceis de manufaturar, e que ofereceriam efeitos mentais debilitantes de longo prazo "melhorados")5 estavam contidos no segmento ultrassecreto dos planos, juntamente com planos de desenvolvimento de agentes de guerra química e biológica, químicos especiais para assassinatos, e drogas para controle mental (modificação do comportamento). Como indicado anteriormente, drogas e narcóticos eram considerados armas químicas.

A análise dos efeitos do tráfico de drogas e narcóticos – isto é, análise de mercado – era uma atividade do Bloco Soviético especialmente importante. Os centros de análises mais importantes eram a Academia Política Militar da Diretoria Política Principal, a Escola Superior do Partido e a Academia de Ciências. Na Academia Política Militar, o foco estava sob a perspectiva militar, é claro. A Escola Superior do Partido admitiu PHDs em uma ampla variedade de assuntos, incluindo tanto ciências físicas quanto sociais. Normalmente sessenta por cento da escolaridade consistia de Marxismo-Leninismo e quarenta por cento focados no campo de especialização do estudante; por exemplo, biologia. Esses institutos eram locais convenientes para programas analíticos porque eles eram financiados separadamente, tinham pronto acesso a livrarias e também tinham acesso a instalações de pesquisa. A pesquisa principal era conduzida pela faculdade.

Havia também equipes de pesquisa conjuntas, cujos membros vinham de todos os países do Bloco Soviético. Elas eram normalmente dirigidas pelo participante soviético e em muitos casos o time inteiro estava localizado em uma das universidades ou hospitais em Moscou. Com o passar dos anos a tendência era a integração das pesquisas do Bloco Soviético com ênfase extra nas equipes de pesquisa que residiam em Moscou, provavelmente refletindo os interesses do então chefe da KGB Iúri Andropov em manter controle apertado sobre atividades especiais. Como será descrito, atividades de pesquisa sobre drogas durante os anos 1960 eram efetivas em produzir drogas com a intenção de limitar o desenvolvimento intelectual. Todos os países do Pacto de Varsóvia estavam envolvidos nesta pesquisa. Cuba também estava envolvida e indiretamente ligada à pesquisa do Pacto de Varsóvia através da Tchecoslováquia de 1967 em diante.

Serviços de inteligência do bloco soviético também tinham agentes especiais espalhados ao redor do mundo, mas concentrados na Europa e no Hemisfério Ocidental, que, por si sós, não estavam envolvidos no tráfico de drogas mas que observaram seus efeitos. General Sejna lembra uma sessão de treinamento especial para tais indivíduos que se realizou no centro de treinamento de tráfico de drogas da Zs em Bratislava. O foco das atividades da sessão era analisar as oportunidades de mercado, recomendar medidas que possam induzir em erro as autoridades locais e nacionais sobre a distribuição de drogas, e para identificar as vulnerabilidades nas organizações policiais e, em particular, as oportunidades de corromper ou comprometer a polícia. Os indivíduos que participaram desta sessão de treinamento especial trabalhavam ou para a inteligência militar ou para a civil. Nem todos eram comunistas. Mas todos eles eram, como General Sejna observou, muito inteligentes. Um indivíduo era um professor canadense de universidade.

Esses estudos especiais foram uma medida especialmente importante das operações soviéticas. As atividades estudantis não eram estudos pontuais, ad hoc, embora tais atividades possam ser conduzidas de tempos em tempos. A ênfase principal foi colocada na contínua atividade envolvendo cientistas, médicos, propagandistas e especialistas da inteligência de muitos países do Bloco Soviético. Eles examinavam o desenvolvimento contínuo das "tendências" em todo o mundo, como eles diriam, e identificavam novas técnicas e oportunidades de marketing. Como parte das orientações soviéticas para os Satélites, pontos-de-contato específicos foram estabelecidos para garantir que a inteligência dos Satélites e as operações de propaganda fossem mantidas informadas das conclusões advindas da análise de marketing. Isto era necessário para garantir que as melhores ideias possíveis sobre as vulnerabilidades globais e as melhores técnicas de tráfico de drogas fossem empregadas na "Druzhba Narodov".

Sob a organização de coordenação econômica, a COMECON, havia uma seção de saúde e, sob esta, uma subseção de saúde militar. Os membros desta subseção eram todos chefes militares das Diretorias de Saúde nos países do Pacto de Varsóvia e, para os soviéticos, o chefe da Diretoria de Saúde Principal. Este grupo ajudava a coordenar a pesquisa e a produção de drogas e narcóticos ao longo do Pacto de Varsóvia. A COMECON, como as outras organizações soviéticas, não era uma simples organização de cooperação econômica. Ela também servia como um disfarce para toda a estrutura de comando militar projetada para assumir as forças do Pacto de Varsóvia, se o Pacto de Varsóvia fosse "dissolvido". Esse arranjo foi projetado para autorizar a recomendação soviética de que a OTAN e o Pacto de Varsóvia fossem dissolvidos em nome da paz, sem que este ato tivesse um impacto considerável nas capacidades militares do Bloco Soviético.

O centro para o planejamento de produção e distribuição de drogas e narcóticos era a Diretoria de Saúde Principal da Logística na União Soviética. Na Tchecoslováquia, o centro era localizado dentro da Diretoria de Saúde sob a Logística.

A distribuição e transporte eram gerenciados pela Diretoria Técnica Principal no Ministério do Comércio Exterior. Este diretoria era uma das mais importantes organizações das operações terroristas e de narcóticos. Ela foi responsável por transportar e armazenar armas, explosivos e narcóticos. A diretoria era maciçamente formada por funcionários da Zs. As organizações que ela controlava incluíam organismos de comércio envolvidos no transporte – por exemplo, COBOL, CHEMEPOL e AEROFLOT Logically, KINTEX, ou seu notável sucessor na Bulgária, GLOBUS, quase certamente vieram sob esta Diretoria.

À Diretoria Técnica Principal foi dada autoridade pelo Conselho de Defesa para contratar organizações estrangeiras para assistência onde convênios eram requeridos, tais como no treinamento de terroristas e outros envolvidos em sabotagem e em atividades bélicas revolucionárias. Esta Diretoria era, com efeito, uma organização disjuntora para operações de inteligência estratégica. Ela fazia os contratos e arrecadava os fundos. A Diretoria era cuidada principalmente por funcionários da Zs. A organização de contrapartida no Estado-Maior era o Departamento de Suporte Técnico Para Países Estrangeiros, que coordenava a provisão de armas, explosivos, suprimento terrorista, etc. para embarque com a Diretoria Técnica Principal.

Dentro dos Satélites havia também estações de inteligência soviéticas, muitas vezes localizadas nas fronteiras: na Tchecoslováquia, por

exemplo, em Karlovy Vary, Liberec, Doupov, Cerchov e Bratislava. Estas estações agiam além do controle ou conhecimento do país anfitrião. Quando chamados para assistir, o anfitrião cooperaria. As estações engajariam nas operações de inteligência estratégica, como tráfico de drogas, sem o conhecimento do país anfitrião.

A movimentação ilegal de mercadorias pelas fronteiras foi mantida em tempos de paz para que agentes de sabotagem pudessem ser movidos em um método similar durante uma situação de crise, sem atrair atenção indevida. Nesta conexão, é útil relembrar que todas estas operações – tráfico de narcóticos, ajuda militar a terroristas, e sabotagem – eram controladas pelas organizações de inteligência estratégica dentro da inteligência civil e militar.

O Bloco Soviético negociou um sistema de RIT (Rotas de Internacionais de Transportes) com os europeus ocidentais, para simplificar taxas alfandegárias e facilitar o comércio. Sob este regime, no país de expedição, o agente aduaneiro sela a carga e assina os documentos da alfândega. Então o caminhão pode ser dirigido pelas fronteiras europeias. Inspetores aduaneiros não estão autorizados a examinar os conteúdos a menos que existam indicações concretas de que o selo ou os documentos da carga tenham sido adulterados. Este sistema começou a funcionar no final da década de 1940 e se expandiu dramaticamente após 1949, com o maior aumento sendo da distribuição soviética e do leste europeu. Na década de 1970, a distribuição do transporte RIT do Bloco Soviético tinha crescido trinta por cento. No meio da década de 1980, ela cresceu para mais de cinquenta por cento. Este sistema é usado para transporte de narcóticos e suprimentos terroristas.

O sistema RIT também prevenia que funcionários ocidentais checassem as remessas quando elas eram transferidas por outros meios de transporte – como os navios, a alternativa preferida. A Tchecoslováquia e outros Satélites alugaram parte do porto de Hamburgo. Este segmento do porto era tratado como se fosse território tchecoslovaco (ou como territórios dos outros Estados em questão). As operações e instalações eram controladas pela Diretoria Técnica Principal do Ministério do Comércio Exterior. Os tchecoslovacos pagaram aluguel aos alemães e os navios tchecoslovacos usaram as docas e os terminais de transporte para expedição, incluindo a expedição de materiais para operações de inteligência estratégica, como drogas e armas para terrorismo e sabotagem, sem qualquer controle ou interferência alemã, ou taxas alfandegárias. As carretas eram carregadas na Tchecoslováquia e seladas. Eles, em seguida, cruzavam a Alemanha até o porto. Durante a sua jornada, as carretas descarregavam mensagens e pacotes, e passavam pelas instalações militares. Apesar do fato de que eles eram normalmente seguidos pela inteligência germânica, as autoridades germânicas não podiam fazer nada por causa das disposições providas por um acordo germânico-tchecoslovaco. Os Satélites fizeram pleno uso do porto de Hamburgo, ao invés de outras instalações disponíveis como as da Polônia, porque o ocidente vigiava os portos poloneses, não os germânicos.

Em 1984, uma evidência deste sistema em operação surgiu em uma reportagem dada pelo Comitê Parlamentar Especial dos EUA sobre Abuso e Controle de Narcóticos (US House Select Committee on Narcotics Abuse and Control), que declarou: "Grande parte da metaqualona... tem sido contrabandeada da Colômbia onde ela é transformada em tabletes do pó da metaqualona originada na República Popular da China e Hungria e sorrateiramente enviada para a Colombia pelo Porto Livre de Hambugo".6 (grifo nosso)

O uso do sistema RIT para transporte de armas e drogas também foi esclarecido pelo desertor e ex-chefe da inteligência romena, Tenente-General Ion Mihai Pacepa. Ele explicou que a maioria dos motoristas dos caminhões RIT romenos eram agentes do serviço estrangeiro de inteligência, o Departamento de Informação Externa romeno (Departamentul de Informatii Externe), ou DIE, e que suas operações eram baseadas em um modelo montado pela Bulgária, que também usou o disfarce do RIT para o transporte de drogas e armas no ocidente. O DIE, que era comandado por Pacepa, fez pleno uso dos caminhões RIT:

"...para trazer secretamente materiais de tecnologia de ponta e equipamento militar para a Romênia, como para contrabandear armas não registradas e drogas para o ocidente. A maioria das movimentações foram realizadas sob a proteção dos acordos internacionais RIT e dos selos de alfândega estrangeiros. Ao longo dos anos todo tipo de selo e folha de formulário usado pelas autoridades aduaneiras tinham sido duplicados pelo DIE e mantido em suas mãos para usar na reposição de qualquer selo alfandegário original destruído ao longo do caminho por motivos operacionais7."

Uma descrição do processo foi também provida pelo Tenente-General G.C. Berkhof, do Exército Real Holandês. Ele foi Chefe do Estado-Maior das Forças Aliadas da Europa Central (FACENT) da OTAN durante outubro de 1986. O Tenente-General Berkhof declarou que existem muitas evidências do envolvimento do Bulgária e da Alemanha Oriental no tráfico de drogas, e algumas evidências do envolvimento da Tchecoslováquia. Ele confirmou que o sistema RIT foi maciçamente explorado pelos serviços de inteligência da KGB e do Bloco Oriental e que especialistas holandeses acreditavam que mais de cinco por cento do tráfego do RIT estava relacionado a atividades de inteligência. Ele também disse que resultados similares surgiram na Itália e em outros países da Europa Ocidental.

Portanto, parecia que os governos da Europa Ocidental provavelmente sabiam o que estava acontecendo e ainda assim sancionaram "oficialmente" o transporte de drogas ilícitas, narcóticos e suprimentos terroristas através dos seus territórios. O sistema RIT e seu uso para o transporte de produtos ilegais, e uma conscientização geral do que esta acontecendo, foi explicado mais tarde ao Congresso Americano pelo General Lewis Walt em 1972, durante as audiências sobre o tráfico de drogas global8. Em 1984, a Agência de Combate às Drogas dos EUA [DEA], reconheceu em audiências congressistas que eles tinham conhecimento acerca do uso de caminhões RIT iranianos, turcos e búlgaros para o contrabando de drogas e outros ilícitos desde 1972. Eles apontaram que 50 000 caminhões por ano transitaram a Bulgária e a Iugoslávia, tanto quanto para o Oriente Médio e Europa. Destes veículos, o DEA adicionou, aproximadamente metade eram caminhões RIT. O DEA também afirmou que funcionários alfandegários búlgaros tinham sido implicados na assistência de traficantes de drogas9.

O tráfico de drogas e narcóticos foi, como é o caso de toda operação da inteligência, incorporado ao processo de planejamento inteiro. Um plano de longo prazo estabeleceu prioridades e cooperação para o desenvolvimento de projetos científicos em paralelo com a produção de narcóticos e drogas. Os países-alvo e sua ordem de prioridade foram identificados. O plano de longo prazo descreveu como a rede de distribuição em diferentes países seria desenvolvida, e quando e como explorar suas vulnerabilidades. O plano em curto prazo era mais específico e tático. Ele especificava com quais grupos cooperar; quem eram os agentes; e que horários seriam a produção e a expedição.

Os fundos eram controlados através de seis organizações de alto nível. O Ministério do Interior e a Diretoria de Inteligência do Estado-Maior tinham suas próprias Diretorias Financeiras. Adicionalmente, havia uma Diretoria de Finanças Principal especial no Ministério da Defesa. Dentro desta diretoria havia um ramal especial que controlava o elemento secreto do orçamento, que incluía o orçamento dos narcóticos e outras operações de inteligência estratégica. Esta parte do orçamento era mantida em segredo de todos os outros dentro da Diretoria de Finanças Principal e até do Politburo e do Comitê Central.

Apenas o Conselho de Defesa e as seções militares especiais da Comissão do Plano Estatal e o Departamento Financeiro tinham acesso à parte secreta do orçamento. No Ministério de Finanças e na Comissão do Plano Estatal havia seções militares especiais, que continham subseções de inteligência que controlavam os componentes de inteligência do orçamento, que eram então coordenados diretamente e unicamente com o Conselho de Defesa. Para completar o círculo, dentro da Diretoria Financeira das inteligências civil e militar existiam seções especiais que controlavam a parte secreta do orçamento. Estas organizações especiais eram os únicos lugares onde as figuras completas do orçamento da inteligência poderiam ser encontradas.

Referências para o capítulo 5:

1. Um exemplo é uma definição de desinformação estratégica (fraude) pega de um manual de treinamento da KGB: "A desinformação estratégica assiste na execução de tarefas do Estado, e é direcionado a desnortear o inimigo a respeito de questões básicas da política de Estado...", citado no Congresso dos EUA, Parlamento, Ação Soviética Disfarçada (A Ofensiva Falsificação), Audiências Perante o Subcomitê sobre a Fiscalização sobre o Comitê Seleto Permanente sobre Inteligência. (Washington, D.C.: Imprensa Governamental dos EUA, 1980), página 63. Em inglês: US Congress, House, Soviet Covert Action (The Forgery Offensive), Hearings Before the Subcommittee on Oversight on the Permanent Select Committee on Intelligence (Washington, D.C.: US Government Printing Office, 1980), page 63.

2. O principal objetivo inicial da estratégia de narcóticos soviética era enfraquecer as forças militares dos capitalistas atacando a população de onde os militares recrutam suas forças. Uma elaboração interessante deste objetivo foi provida pelo Major Juan Rodríguez Menier, Chefe de Segurança na Embaixada Cubana em Budapeste, Hungria, que desertou em Janeiro de 1987. Em uma entrevista publicada no Miami's EI Nuevo Herald, 5-6 de Junho de 1988, que foi traduzido para inglês e reimpresso pela Fundação Nacional Americana-Cubana (Cuban American National Foundation), Rodríguez explicou os objetivos do tráfico de drogas de Cuba da seguinte maneira: "Drogas são o melhor jeito de destruir os Estados Unidos. O Governo [cubano] está convencido que minar o desejo da juventude americana de resistir  pode faze-lo destruir o inimigo sem disparar uma única bala. O fundamento de qualquer exército é a juventude e ele é quem está apto a destruir moralmente a juventude, destruindo seu exército. Esta doutrina é idêntica ao ensino leninista soviético em geral, e ao programa para a desmoralização social e militar descrito em detalhes satânicos por Lavrentiy Beria, como citado no Manual Comunista de Instruções de Guerra Psicopolítica (Communist Manual of Instructions of Psychological Warfare), vide Lavagem Cerebral: Uma Síntese do Didático sobre Psicopolítica (Brain-Washing: A Synthesis of the Communist Textbook on Psychopolitics), publicado por Goff, 1956: vide a Introdução à Segunda Edição desta presente obra, páginas IX-XI; Nota 10, página 23; e Nota 11, página 44.

3. "Componente da Inteligência" ou "Inteligência da KGB" é usado para se referir ao elemento da KGB que lida com inteligência, em contraste com a contrainteligência ou outras funções de não-inteligência.

4. Para uma descrição interna das organizações comunistas, vide Jan Sejna e Joseph D. Douglass, Jr., Tomada de Decisão em Países Comunistas. Uma Visão

Interina. Em ingles: Decision-Making in Communist Countries. An Inside View. Cambridge, Massachusetts: Pergamon-Brassey's, 1985.

5. Crack é uma forma de cocaína que subitamente apareceu nos Estados Unidos e se espalhou rapidamente pelo país. É barato, fácil de usar, vicia muito rapidamente, e tem sérios efeitos médicos colaterais. Ele é um exemplo das novas drogas que os programas de pesquisa do Bloco Soviético foram projetados para desenvolver. "Gelo", uma metanfetamina cristalina, é um exemplo ainda mais sórdido – é ainda mais barato, de manufatura mais fácil, dopa por mais tempo, e tem efeitos colaterais ainda mais sérios.

6. Congresso dos EUA, Parlamento, Comitê Especial sobre o Abuso e Controle de Narcóticos, Relatório Sumário de Missões de Estudo Internacionais 1984 (Washington, D.C.: Imprensa Governamental dos EUA, 1984), página 2. Em inglês: US Congress, House, Select Committee on Narcotics Abuse and Control, International Study Missions Summary Report 1984 (Washington, D.C.: US Government Printing Office, 1984).

7. Ion Mihai Pacepa, Horizontes Vermelhos (Red Horizons) (Washington, D.C.: Regnery Gateway, 1987), páginas 87-88.

8. Congresso dos EUA, Senado, Tráfico De Drogas Mundial E Seu Impacto Na Segurança Dos EUA, Audiências Perante o Subcomitê para Investigar a Diretoria do Ato de Segurança Interna e outras Leis de Segurança Interna do Comitê no Judiciário (Washington, D.C.: Imprensa Governamental, 1972), Parte 4, página 134. Em inglês: US Congress, Senate, World drug-traffic and Its impact on US Security, Hearings Before the Subcommittee to Investigate the Administration of the Internal Security Act and other Internal Security Laws of the Committee on the Judiciary (Washington, D.C.: Government Printing Office, 1972).

9. Drogas e Terrorismo (Drugs and Terrorism), 1984, op. cit., páginas 62-63, 69-70.

-CAPÍTULO 6-

# GUERRA POLÍTICA & DROGAS NO VIETNÃ

A China e a União Soviética competiram pelo narcotráfico dos combatentes dos EUA durante a Guerra do Vietnã[1]. A ação chinesa deste tráfico representou uma extensão do que eles descobriram em meados de 1950, não só na Guerra da Coréia, mas também na Primeira Guerra da Indochina.

Durante a Primeira Guerra da Indochina, que culminou na derrota francesa em Dien Bien Phu, os chineses trabalharam com os comunistas vietnamitas para promover o uso de drogas por tropas francesas. A tática foi ainda mais bem sucedida na Indochina do que tinha sido na Coréia. Em janeiro de 1954, o Tenente-General francês Cogny explicou para um oficial das operações do Exército Americano, Molloy Vaughan, que as drogas oriundas da China estavam tendo um efeito sério no moral das unidades de combate francesas e que o uso crescente de drogas entre os soldados franceses também estava erodindo o retorno da guerra à França. Um dos centros-chefes de distribuição era da cidade chinesa de jogos de azar Cholon, um subúrbio de Saigon, onde as tropas foram para descanso e lazer. Prostitutas eram especialmente efetivas em empurrar drogas em combatentes franceses.

Esta foi a primeira vez que os franceses incorreram em uso de drogas, explicou o Tenente-Coronel à Vaughan, e os efeitos do tráfico estavam se provando ser extremamente sérios. As drogas não tinham só prejudicado o moral e a eficiência em combate, como, além disto, muitos soldados estavam muito envergonhados para voltar para a França e, ao invés disto, escolheram ser exonerados na Indochina – onde permaneceram, o que causou um efeito ainda mais prejudicial sobre o moral[2].

De acordo com a inteligência soviética, em 1957, na terceira reunião do Comitê Central do Partido Comunista Chinês, os chineses decidiram expandir sua ofensiva de narcóticos. Esta expansão foi projetada como parte do "Grande Salto Adiante". O principal assunto discutido no encontro foi a economia. A decisão de expandir a produção de drogas foi adotada como uma solução para os problemas econômicos da China[3]. No documento desta decisão, um parágrafo revia a experiência chinesa na Indochina e explicava que o tráfico de drogas foi benéfico pois ele minou o moral das tropas francesas, tinha lhes introduzido fraquezas de combate, e tinha fornecido aos chineses um lucro significativo.

A decisão foi agora tomada para expandir as fazendas de papoulas para ópio em 100 por cento e, similarmente, para dobrar atividades de pesquisa e produção. Para aliviar ainda mais os problemas econômicos, instruções foram expedidas para haver investimento imigrante em negócios na China e suporte aos interesses e políticas da China – incluindo o marketing de drogas e narcóticos. Os alvos-primários deveriam ser o México, os Estados Unidos e o Canadá.

Adicionalmente aos objetivos econômicos estabelecidos, havia outra motivação de particular importância da perspectiva dos EUA: a

preparação para a crescente presença militar dos EUA no Vietnã. Como Zhou Enlai explicou em 1958 em uma enérgica conversa que ele teve em uma reunião em Wuhan para discutir o aumento da produção de ópio:

"O Centro tinha decidido por promover o cultivo de papoula em larga escala... cada um de vocês deve despertar para o fato de que a guerra no Vietnã está mais para uma escalada e o imperialismo dos EUA estava determinado a lutar contra nosso acampamento revolucionário aumentando a força militar no Vietnã... do ponto de vista revolucionário, a papoula é uma força incrível para ajudar a causa da nossa revolução e deveria ser usada; do ponto de vista da classe, a papoula pode também vir a ser uma arma poderosa para vencer a revolução proletária... ao exportar grandes quantidades de morfina e heroína, nós estamos aptos a enfraquecer a força de combate dos EUA e a vencer sem nem mesmo lutar..."[4].

As observações de Zhou sobre o que aparentemente iria acontecer no Vietnã não foi sem justificativa. Seguidos do Armistício Coreano, carregamentos de equipamento militar dos EUA dirigidos à Coreia foram redirecionados para o Vietnã para dar suporte à operação francesa. Simultaneamente, a presença militar dos EUA no Vietnã do Sul começou a expandir. Em 1957, o aumento constante do efetivo militar dos EUA no Vietnã do Sul foi nítido ao pessoal dos quartéis generais do Comando do Pacífico dos EUA que era responsável por planos de guerra. De fato, 1957 foi o ano em que os primeiros planos de guerra para as forças dos EUA no Vietnã foram desenvolvidos. Dado ao uso altamente bem sucedido de drogas contra tropas francesas no Vietnã, e o sucesso dos chineses em promover o uso de drogas por forças dos EUA na Coréia, os comentários de Zhou não devem ser nenhuma surpresa.

As observações de Zhou na reunião de 1958 eram notavelmente consistentes com relatos sobre suas discussões com o presidente Gamal Abdel Nasser durante uma visita ao Egito sete anos depois, em 1965. Em um banquete dado em sua homenagem, Zhou é referido como tendo dito:

"Nós achamos que o envolvimento dos EUA na Guerra do Vietnã nos provê uma boa chance lutarmos contra o imperialismo dos EUA. Portanto, quanto mais tropas eles enviam ao Vietnã, mais nós ficamos satisfeitos.... Atualmente os combatentes dos EUA estão experimentando comer ópio e nós estamos os ajudando a este respeito. Nós já estamos cultivando o ópio de melhor qualidade para eles... Nós vamos usar o ópio para despedaçar o moral das tropas dos EUA no Vietnã e os efeitos sobre os Estados Unidos estão realmente além de qualquer previsão"[6].

Os soviéticos e tchecos foram muito bem informados sobre o tráfico chinês, tanto por meio de agentes de inteligência soviéticos na China e na Coreia do Norte, quanto por meio de operações de coleta de inteligência no Vietnã, Laos, Birmânia e no Afeganistão, onde os agentes da Tchecoslováquia foram ajudados pelos norte-vietnamitas, laocianos, birmaneses, cambojanos e afegãos. O desenvolvimento das capacidades de inteligência soviéticas na China especificamente orientadas para o comércio de drogas foi o produto de uma operação de recrutamento em longo prazo. Mesmo antes de Mao Tsé-tung chegar ao poder em 1949, os soviéticos tinham ficado preocupados com a lealdade de Mao e adotaram medidas para recrutar espiões entre os comunistas chineses. Durante a Guerra da Coreia, estes esforços foram expandidos, especificamente para coletar dados sobre as operações do tráfico de drogas chinês.

Como discutido anteriormente, os soviéticos se tornaram extremamente interessados na estratégia de drogas chinesa e sua

efetividade durante a Guerra da Coreia. Com efeitos a partir de 1951 e continuando até 1962, um foco significativo da atividade de espionagem soviética foi o de recrutar espiões para os informar sobre o negócio de drogas chinês - pesquisa, produção, técnicas de fabricação, distribuição e finanças. Sejna soube pela primeira vez desta operação de espionagem durante uma reunião do Conselho de Defesa, enquanto planejavam uma visita futura de uma delegação do Partido Comunista do Japão.

Na preparação para as discussões com a delegação visitante, uma junta do Ministério da Defesa e do Interior relatou que as relações políticas entre os Partidos Comunistas do Japão, China e da União Soviética estavam preparadas para o Conselho de Defesa Tchecoslovaco. O negócio de drogas foi um dos itens cobertos neste relatório.

O relatório descrevia medidas soviéticas (na qual a inteligência tchecoslovaca participou) para recrutar espiões chineses. Os alvos desta operação de recrutamento foram cientistas, estudantes, engenheiros e técnicos chineses que os soviéticos acreditavam poder entrar em algum aspecto do negócio de drogas. O recrutamento se deu na China e na União Soviética e Leste Europeu, onde vários chineses foram temporariamente estacionados. O quadro de agentes de inteligência assim recrutados provia aos soviéticos dados extensivos sobre as operações de drogas da China, não obstante às práticas de segurança chinesas associadas ao narcotráfico.

Enquanto a China tentou esconder suas atividades dos soviéticos, até o final da década de 1950 a inteligência soviética tinha identificado quase 100 fábricas chinesas de fabricação de heroína e drogas para uso contra a burguesia. Eles também sabiam sobre novos laboratórios em Xangai, Katong e Tibete, onde drogas sintéticas foram preparadas e testadas. Os chineses também controlavam fábricas em diferentes países que participaram da estratégia de drogas chinesa. O programa de recrutamento soviético tinha produzido uma fonte particularmente valiosa em uma destas empresas localizada em Saigon. Através desta fonte, informação foi obtida sobre o tráfico de drogas chinês no Vietnã. A empresa também proveu narcóticos para vários países do Oriente Médio e da África. Esta foi, de fato, a fonte original de muita inteligência soviética sobre corrupção relacionada a drogas na África e no Oriente Médio.

Através de seus agentes, os soviéticos também foram alertados sobre a decisão da China em 1957 para expandir sua ofensiva de drogas. Em 1958, os soviéticos estavam ficando preocupados com a expansão do tráfico chinês por causa dos seus possíveis efeitos adversos sobre os planos soviéticos. Consequentemente, no fim de 1958 para o início de 1959, o Ministro da Defesa Chinês, Marechal Peng Dehuai, que foi também um membro do Politburo, foi convidado a uma excursão pela União Soviética e pelo Leste Europeu. Durante a sua visita, deficiências na indústria chinesa e nas fazendas coletivas foram apontadas a ele para fazê-lo apreciar o potencial valor da ajuda soviética, e, claro, da “boa fé” e do interesse soviético.

Então, no meio de sua visita, o assunto das drogas e narcóticos apareceu. Os soviéticos sugeriram que os dois países e Partidos deveriam coordenar suas políticas externas. Em particular, os soviéticos sugeriram dividir-se o mercado de drogas, com os chineses ficando com a Ásia e África, e os soviéticos tomando as Américas e a Europa. Quando o Ministro de Defesa retornou à China, ele mandou uma carta pessoal a Mao, criticando algumas políticas de Mao e recomendando algumas melhorias, baseadas na sua visita à União

Soviética e ao Leste Europeu. A carta foi classificada como ultrassecreta porque ela discutia políticas externas de cooperação, políticas militares e drogas. Não apenas sua sugestão caiu em ouvidos surdos, como Mao Tsé-Tung liquidou o Ministro de Defesa, não por o criticar, mas além, por ter tocado no assunto com os soviéticos de que a China estava no negócio das drogas[7].

Enquanto os chineses foram os primeiros a reconhecer o potencial para o uso de drogas no Vietnã, os soviéticos não estavam muito atrás. Em 1963, os soviéticos tinham arranjado para a inteligência da Tchecoslováquia ajudar os norte-vietnamitas na criação de um centro de treinamento para traficantes de drogas. Então, em 1964, quando a escola estava em operação, os soviéticos prevaleceram sobre os tchecoslovacos para negociar um acordo com o Vietnã do Norte para produzir entorpecentes e drogas nesse país e para enviar o material através do Viet Cong e através de Tailândia para as forças dos EUA no Sudeste Asiático. Os norte-vietnamitas estavam satisfeitos com os acordos concluídos em 1965 porque, entre outras considerações, Sejna lembra, isto os punham em concorrência com os chineses. O contrato no qual o acordo dos narcóticos estava ocultado tratava da produção de borracha natural. Ele foi assinado pelo Premier Pham Van Dong e Primeiro-Ministro Jozef Lenart. Os detalhes foram elaborados pelos chefes dos norte-vietnamitas e da inteligência militar da Tchecoslováquia.

Através das suas fontes de inteligência na China, que estavam relatando de volta às Zs tchecoslovacas através de um agente estacionado em sua embaixada em Pequim, os tchecoslovacos souberam que os chineses tinham também expandido sua operação de tráfico de narcóticos em 1964. Especificamente, um acordo tinha sido assinado entre o Partido Comunista do Japão e da China no qual os japoneses assistiriam à China no fornecimento de drogas aos soldados dos EUA no Japão e Okinawa. Sob os termos do contrato, a contra-inteligência chinesa efetuaria checagens de segurança no histórico de todos os japoneses que foram separados para serem recrutados para esta operação. Em retorno por sua assistência, o Partido Comunista do Japão deveria receber vinte e cinco por cento dos lucros.

Em 1965, os soviéticos expandiram suas operações de tráfico de narcóticos do Vietnã para garantir que as drogas estivessem disponíveis em localizações próximas às que os combatentes e oficiais dos EUA visitariam durante as férias para "descansar e se recuperar". Uma perna desta operação de tráfico na qual a inteligência tchecoslovaca assistiu estava localizada na Austrália. Os tchecoslovacos foram chamados para ajudar, porque eles foram capazes de operar na Austrália mais flexivelmente do que os soviéticos e não foram vigiados tão de perto quanto os soviéticos.

Os tchecoslovacos tinham também estabelecido relações melhores com os australianos, particularmente com o Partido Trabalhista, e teve diversas operações comerciais na Austrália que ajudaram a prover disfarce. Por fim, os tchecoslovacos tinham recursos adicionais, isto é, soldados australianos que a inteligência tchecoslovaca havia recrutado. O suprimento de drogas para esta operação veio do Vietnã do Norte – que era outra razão para a ajuda tchecoslovaca, na medida em que eles já estavam envolvidos com a operação de produção de drogas norte-vietnamita.

1965 foi também o ano em que o Chefe do Estado-Maior tchecoslovaco e o Chefe da Diretoria Política Principal souberam que a operação tchecoslovaca tinha sido criticada em um relatório do

Conselho de Defesa soviético. Os queixa soviética foi direcionada contra o serviço de inteligência tchecoslovaca, e o acusou de dar mais atenção aos lucros do que no real objetivo do negócio das drogas, que era a liquidação do capitalismo. Os dois oficiais tchecoslovacos estavam em Moscou presentes em uma reunião quando foram informados sobre esta preocupação do Conselho de Defesa soviético e lhes foi dito para mudar suas prioridades. A prioridade máxima era promover o uso de drogas, não fazer dinheiro. O assunto específico abordado foi o uso de drogas contra os militares dos EUA no Sudeste da Ásia.

Os alvos primários dentro dos militares dos EUA no Vietnã, os oficiais soviéticos enfatizaram, eram oficiais da equipe do comando militar dos EUA, pessoal relacionado com comunicações, pessoal responsável pela produção de análises de situação, e funcionários da inteligência. General Vaclav Prchlik subsequentemente relatou a Sejna que o General soviético Yepishev, que liderava a Diretoria Política Principal, tinha dito a ele que se os militares dos EUA estavam inclinados a tomar drogas, elas deveriam, se necessário, ser dadas de graça a eles. O dinheiro era muito menos importante que influenciar os militares com drogas.

Funcionários de inteligência ocidentais bem como analistas políticos tinham identificado 1966 como o ano onde o tráfico de narcóticos no Vietnã sofreu um crescimento de mercado[8]. Este também seria o ano que a operação soviética-tchecoslovaca-norte-vietnamita se tornou totalmente operacional. Em 1967, os narcóticos tinham se tornado um sério problema entre os militares dos EUA no Vietnã. Um estudo da inteligência soviética da KGB relatou que 90 por cento dos combatentes dos EUA estavam usando algum tipo de droga, mais comumente a maconha. Mesmo assim, as autoridades militares dos EUA se recusaram a reconhecer a seriedade do problema enquanto ele se tornava tão aberto e flagrante que não podia mais ser negado.

O desafio das drogas foi trazido para fora do armário em 1970, imediatamente após o secreto bombardeio a santuários vietcongues no Camboja em abril-maio daquele ano. A China respondeu com um aviso severo que Henry Kissinger analisou pessoalmente. Ele então advertiu o presidente da seguinte maneira: "Os chineses emitiram uma declaração, na verdade dizendo que não iriam fazer nada"[9].

Mas, a partir de junho de 1970, heroína da mais pura qualidade repentinamente apareceu à venda abaixo do preço em atacado na porta de todas as instalações dos EUA no Sudeste da Ásia. Como General Lewis explicou:

"Em junho de 1970, imediatamente após nossa incursão cambojana, o Vietnã do Sul foi inundado com heroína de pureza notável, 94 a 97 por cento – que vendia a preços ridiculamente baixos de, primeiramente, 1 dólar, e então 2 dólares o frasco. Se criminosos motivados pelo lucro estivessem no comando da operação, o preço não faria sentido nenhum – porque nenhum praça que procurasse ficar chapado em heroína teria piscado em pagar 5 ou até 10 dólares. A mesma porção de heroína em Nova Iorque teria custado 250 dólares".

"A única explicação que faça sentido é que a epidemia tinha inspiração política em vez econômica– quem quer que estivesse por trás da epidemia queria pescar quantos praças fossem possíveis, o mais rápido possível, e o mais arduamente possível"[10].

General Walt também deixou claro que a operação de tráfico parecia ser altamente coordenada e centralizada e que algum grupo

devia ter estabelecido virtualmente contato simultâneo com dezenas de empresários de etnia chinesa e outros elementos criminosos por todo Vietnã do Sul. Ele também examinou relatórios dos interrogatórios dos desertores vietcongues que afirmaram ter conhecimento da produção de ópio em larga escala no Vietnã do Norte e, num dos casos, do envolvimento vietcongue na epidemia de heroína. Outro desertor descreveu a distribuição de drogas vietnamita como um meio direto de minar o moral e a eficiência das forças dos EUA. Os oficiais vietnamitas com quem Walt discutiu o problema estavam todos convencidos que a epidemia de heroína era de origem política ao invés de criminosa".

O resultado foi um crescimento gigantesco do abuso de drogas dos militares dos EUA. Enquanto previamente tinha havido duas mortes por mês devido à overdose por drogas, repentinamente as estatísticas subiram para sessenta por mês. Em 1970-1971, a Força Aérea dos EUA perdeu mais gente para as drogas do que em combate. O impacto no moral, na prontidão, e no suporte à guerra na pátria foi devastante[12]. Durante as investigações da nova epidemia, o tráfico chinês, a produção norte-vietnamita e o tráfico vietcongue foram identificados pela inteligência dos EUA[13].

E, baseado na economia de livre mercado, chega-se a duas conclusões: a primeira, que o aumento foi o resultado de operações combinadas, embora não necessariamente coordenadas; a segunda, que o tráfico foi inquestionavelmente um sinal de guerra política e não ganânciosamente motivada pelo lucro.

O aumento do consumo pelos militares dos EUA foi guiado pela oferta, não pela demanda.

Mas, não obstante a evidência esmagadora acerca do papel da China, a Casa Branca, como será explicado no capítulo 9, emitiu instruções em 1972 aos oficiais do governo dos EUA lhes dizendo que os rumores sobre o tráfico de drogas chinês não tinham sustentação e deveriam ser desconsiderados.

Referências ao capítulo 6:

1. O tráfico chinês durante a Guerra do Vietnã é relatado em A Bomba de Pequim (*The Peking Bomb*), Gerd Hamburger, op. cit. Páginas 117-118 e Guerra Psicoquímica: A Ofensiva de Drogas Comunista Chinesa Contra o Ocidente (*Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West*), A. H. Stanton Candlin, op. cit., páginas 240-266. O papel da China foi também confirmado pela inteligência dos EUA e missões periciais. Sejna corroborou estes relatos. Seu conhecimento foi baseado em relatos detalhados da inteligência soviética e tchecoslovaca.

2. Entrevista com Molloy-Vaughan, maio de 1989. General Sejna relata ainda que o sucesso do uso de narcóticos pelos chineses e vietnamitas comunistas na Guerra da Indochina também foi estudado pelo Partido Comunista Francês, com base nos relatórios dos comunistas no exército francês no Vietnã. Este estudo francês foi revisto na Tchecoslováquia durante um estudo da Tchecoslováquia comprometido a intensificar o tráfico de drogas em meados da década de 1960. O estudo francês também jogou a culpa do uso de drogas em "oficiais aburguesados", alguns dos quais estavam envolvidos no tráfico.

3. Relatado por Mikhail Suslov em fevereiro de 1964, reunião em Moscou das lideranças de alto-escalão do Leste Europeu a qual Sejna compareceu. Os efeitos da decisão são também foram refletidos em Guerra Psicoquímica: A Ofensiva de Drogas Comunista Chinesa Contra o Ocidente (Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West), A. H. Stanton Candlin, op. cit., página 114.

4. T'ang Ming-chieh, Especialista, Escritório de Investigação, Ministério da Justiça, República da China, A Produção Maoísta De Narcóticos E Sua Intriga Para Envenenar O Mundo, Questões e Estudos (The Maoist Production of Narcotics and Their Intrigue to Poison the World, Issues and Studies), junho de 1973, página 35.

5. Também, em 1959, uma delegação das forças armadas do Vietnã do Norte, liderada pelo Chefe do Estado-Maior, visitou a União Soviética e outros países do Pacto de Varsóvia. Sejna foi o anfitrião para a delegação visitante na Tchecoslováquia. O principal propósito da visita era obter equipamento militar para o exército norte-vietnamita. Naquele tempo, os norte-vietnamitas esperavam que os Estados Unidos aumentassem o compromisso com o Vietnã do Sul e quiseram se preparar para a guerra que se aproximava. Como parte da preparação, eles estavam planejando reorganizar seu país inteiro para guerra em geral.

6. A Produção Maoista de Narcóticos e Sua Intriga para Envenenar o Mundo (*The Maoist Production of Narcotics and Their Intrigue to Poison the World*), op. cit., página 36, citando um artigo na revista francesa História Para Todos (*Historie Pour Tous*), janeiro de 1973. O episódio é também descrito em uma leitura mais ampla no livro de referência Nasser: Os Documentos Do Cairo(*Nasser: The Cairo Documents*), Mohammed Hassanein Heikal, Nova Iorque: *Doubleday*, 1971, páginas 278-279. Ver também A Bomba de Pequim (*The Peking Bomb*), Gerd Hamburger, op. cit. páginas 143-148 e Guerra Psicoquímica: A Ofensiva de Drogas dos Comunistas Chineses Contra o Ocidente (*Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West*), A. H. Stanton Candlin, op. cit., páginas 21-24.

7. Sejna foi responsável pelo roteiro do ministro chinês na Tchecoslováquia e por ajudar na tentativa soviética de recrutar o ministro. Em preparação a esta visita, Novotný foi instruído por oficiais do Departamento Internacional Soviético. Outros oficiais tchecoslovacos foram instruídos por seu consultor soviético. Em fevereiro de 1964, Suslov apresentou um discurso histórico sobre a China em uma reunião do Comitê Central Soviético. Esta foi a ocasião formal na qual os soviéticos afirmaram que eles tinham concluído que a China não estava andando na linha e que a ruptura entre a China e os soviéticos era irreversível. Suslov discutiu muitos aspectos da política externa chinesa, incluindo a operação de drogas chinesa. Foi durante esta discussão que Suslov explicou as razões por trás da liquidação do ministro da defesa chinês. A informação tinha sido obtida pela inteligência soviética. O elemento secreto deste discurso continha detalhes sobre operações soviéticas contra a China. Em 1965, a China foi adicionada à lista dos “principais inimigos” dos soviéticos. Nota do editor: A análise de Anatoliy Golitsyn revela que, não obstante a estes fatos, a divisão sino-soviética foi de fato um passatempo dialético, baseado na teoria clássica de estratégia fraudulenta leninista.

8. Vide, por exemplo, China Maoísta e Heroína, Questões e Estudos (*Maoist China and Heroin, Issues and Studies*), Stefan T. Possony, novembro de 1971. O aumento é sem dúvida o produto da competição combinada das operações chinesas e tchecas-nortevietnamitas.

9. Anos na Casa Branca (*White House Years*), Henry Kissinger, Boston: *Little Brown and Company*, 1979, página 509.

10. Congresso dos EUA, Senado, Tráfico de Drogas Mundial e Seu Impacto na Segurança dos EUA, Audiência Perante o Subcomitê para Investigar a Administração do Ato de Segurança Interna e Outras Leis de Segurança Interna do Comitê sobre o Judiciário, 14 de agosto de 1972, parte 1, Sudeste da Ásia, e 14 de setembro de 1972, parte 4, O Contexto Global; Relato do General Walt (Washington D.C.: Editora Governamental, 1972), parte 4, páginas 157-158. Em inglês: *US Congress, Senate, World drug-traffic and its impact on US. Security, Hearings Before the Subcommittee to Investigate the Administration of the Internal Security Act and other Internal Security Laws of the Committee on the Judiciary, August 14,1972, Part 1, Southeast Asia, and September 14,1972, Part 4, The Global Context; Report of General Walt (Washington, D.C.: Government Printing Office, 1972)*.

11. Ibid., páginas 54-58.

12. Em 1971, o deputado estadual republicano por Connecticut, Robert Hampton Steele (Representative Robert Steele [R-CT]), relatou que a alta incidência do vício em heroína tinha induzido o governo Nixon a aumentar sua taxa de remoções de tropas. Relatos de Drogas Ligados à Retirada do Vietnã (*Drugs Reported Tied to Vietnam Pullout*), *New York Times*, 7 de junho de 1971, página A6.

13. Tráfico de Drogas Mundial (*World drug-traffic*), op. cit., parte 1, páginas 54-58, e parte 4, página 160.

-CAPÍTULO 7-

# MOSCOU INTENSIFICA A GUERRA DE DROGAS NO FIM DOS ANOS 1960

A Guerra do Vietnã proveu uma oportunidade ideal para a extensão da operação "Druzhba Narodov". A alienação da juventude que estava se proliferando nos Estados Unidos e a preocupação do governo dos EUA e dos cidadãos com a Guerra do Vietnã apresentou a distração e o disfarce que ativou a expansão da ofensiva soviética sem chamar atenção indevida. A primeira perna da expansão começou em janeiro de 1967. Esta aconteceu quando um novo estudo soviético sobre o impacto da nova "elite técnica" em países industrializados estava completo. Uma cópia foi dada ao Conselho de Defesa tchecoslovaco, contendo instruções para aplicação dos achados na operação de drogas. O estudo apontou a importância crescente da elite técnica – os gerentes técnicos de nível médio sobre os quais o crescimento das indústrias de alta tecnologia dependem tão criticamente. Estes gerentes tinham se tornado um dos grupos mais importantes na "sociedade burguesa"; na visão soviética, eles estavam em pé de igualdade com as finanças e grandes empresas. Portanto, o grupo tinha se tornado o alvo mais importante para infiltração e sabotagem.

O estudo soviético apontou que esta nova elite trabalhava sob grande pressão, e que, conforme a pressão aumentava, novas oportunidades de usar drogas e narcóticos surgiam. Drogas eram consideradas como especialmente importantes no sentido de destruir ou sabotar este grupo, e, ao mesmo tempo, como mecanismo de chantagem ou de suborno para usar contra tais pessoas em conexo com a direção do Bloco Soviético para obter (roubar) tecnologia avançada.

O uso de drogas e narcóticos em conexo com a espionagem tecnológica e roubo tinha sido uma prática de longa data, que remonta a antes da indicação de Sejna para o seu alto posto. O uso de drogas em tais operações foi significantemente aumentado pela primeira vez logo após uma reunião em Moscou convocada por Khrushchov no outono de 1959. A liderança superior dos Satélites do Leste Europeu (com exceção da Romênia) estava presente. O assunto da reunião foi a tecnologia do Pacto; a questão-chave, era como usar a relação Oriente-Ocidente em desenvolvimento para aprimorar a tecnologia do Pacto de Varsóvia[1] o mais rápido possível.

Sejna estava presente na reunião. O primeiro assunto abordado foi o roubo de tecnologia. Khrushchev declarou que o jeito mais rápido e mais barato de melhorar a tecnologia do Pacto de Varsóvia era tomar (isto é, roubar) tanta tecnologia dos "imperialistas" quanto possível. Seu valor seria dobrado se você simplesmente o tomasse, disse ele, e acrescentou: porque pagar ao capitalista se nós podemos simplesmente tomar e usar? Como parte da discussão, o uso de drogas e narcóticos como um mecanismo para fazer dinheiro e chantagem em roubo de tecnologia foi revisto. Esta foi a primeira utilidade que as drogas e narcóticos tiveram no passado. Os alvos eram executivos, gerentes técnicos e vendedores.

O crime organizado também foi usado para facilitar o roubo de tecnologia. De 1963 para 1964, os Ministérios de Defesa e do Interior tchecoslovacos apresentaram um relatório ao Conselho de Defesa sobre o uso do crime organizado na transferência de tecnologia. O foco foi tentativas de roubar tecnologia a laser e computacional. O relatório tinha quarenta páginas e incluía gráficos que listavam companhias-alvo em diferentes países, diferentes grupos de crime organizado, e o potencial para ação em diferentes regiões. A tarefa do Conselho de Defesa era decidir quais casos as inteligências civis ou militares deveriam assumir e identificar situações onde a coordenação com outros serviços de inteligência era apropriada.

Neste tempo, todos os serviços de inteligência do Bloco Soviético estavam ativos no crime organizado em diferentes regiões do mundo. Os tchecoslovacos e os alemães orientais eram particularmente efetivos na Suíça, México e Índia; os alemães orientais na África do Sul; os tchecoslovacos na Áustria e Egito; os búlgaros no Oriente Médio, Grécia, Turquia, Itália e Chipre; os húngaros na Espanha, Portugal, Bélgica e nos Estados Unidos; a União Soviética no Reino Unido e França; os soviéticos, tchecoslovacos e alemães orientais na Alemanha Ocidental. A Tchecoslováquia tinha cerca de três grupos de crime organizado na Suíça, sete na Áustria, dois no México, onze ou doze na Índia, um na Argentina e um na Suécia. No caso da Áustria, o líder de um dos grupos tchecoslovacos era o chefe da polícia em uma dos distritos de Viena. Ao todo, a Tchecoslováquia comandava ou tinha infiltrado cerca de cinquenta grupos de crime organizado pelo mundo. Sejna acreditava que esse feito era comparável ao da Bulgária, Hungria e Polônia, mais do que ao da Alemanha Oriental, mas menos que o feito da União Soviética. A máfia italiana tinha sido penetrada por todos os serviços de inteligência do Bloco Soviético, embora os búlgaros e soviéticos tenham sido de longe os mais bem sucedidos.

A existência de uma estratégia soviética de infiltração do crime organizado, lançada em 1955, é especialmente preocupante quando se sabe até que ponto os presidentes dos EUA, os oficiais de inteligência e outros líderes políticos de alto escalão têm pedido favores aos membros do crime organizado, é revocado. Considere, por exemplo, as tentativas da CIA de assassinar Fidel Castro no começo dos anos 1960. Em um exercício, indivíduos de não menos que quatro grupos de crime organizado, concentrados em Las Vegas, Chicago, Miami e Havana, foram envolvidos. Um dos cabeças tinha sido libertado da cadeia pelo próprio Castro e então liberado para deixar Cuba e se instalar em Miami. Um departamento de narcóticos reportou descrevendo este indivíduo como uma possível conexão para o tráfico de narcóticos cubano dentro dos Estados Unidos. Mesmo se desconsiderarmos a penetração secreta da inteligência bloco soviético em grupos de crime organizado, não se requer muita imaginação para reconhecer o "porque" , como o historiador Arthur M. Schlesinger Jr descreveu a situação, "Castro sobreviveu tão confortavelmente às ministrações da CIA"[2].

A tendência de se voltar ao crime organizado para tarefas especiais não é uma atividade única da liderança estratégica dos EUA. É uma atividade bastante comum em muitos países. Parece improvável que qualquer um dos funcionários públicos em questão tinham sido, ou são, conscientes dos riscos ocultos da realização destas ações que poderiam surgir por causa da presença velada de agentes de inteligência do Bloco Soviético. O enorme valor potencial desta operação soviética de aparência bastante simples é um forte indício do conhecimento de outras culturas de Moscou e do gênio dos soviéticos no desenvolvimento de operações estratégicas eficazes.

Um estudo da inteligência revisto por Sejna descreveu a maneira em que o crime organizado era categorizado no planejamento soviético. Havia três principais categorias, os codinomes delas eram borboleta azul, roxa, e amarela. Na primeira categoria estavam os grupos relativamente pequenos envolvidos em crimes locais – por exemplo, pequena distribuição de narcóticos, bancos e financeiras. Na segunda categoria estavam os grupos criminosos relacionados às drogas e a transferência de tecnologia. A terceira categoria continha as operações mais tradicionais, tais como a máfia, que era penetrada por informação de inteligência de natureza militar, política ou econômica.

Cada categoria principal era depois dividida em três subgrupos chamados de alfa, beta e gama. O primeiro grupo consistia em redes de crime organizado que tinham sido criadas e eram totalmente controladas pelos serviços de inteligência do Pacto de Varsóvia. Organizações no segundo grupo foram criadas por outros mas tinham sido penetradas pelos agentes de inteligência do Pacto de Varsóvia e poderiam ser exploradas. No terceiro grupo estavam organizações famosas que os serviços de inteligência do Pacto de Varsóvia tinham sido incapazes de penetrar.

Em uma reunião do Conselho de Defesa Tchecoslovaco, o vice de Khrushchov, Andrei Kirilenko, disse para os oficiais superiores tchecoslovacos sobre a preocupação de Khrushchov sobre o programa. Ele explicou que Khrushchov tinha perguntado porque as categorias que "nós não podemos controlar completamente" eram as maiores. "Porque nós não invertemos as estatísticas?" ele perguntou. Kirilenko então inquiriu se os serviços de inteligência do Pacto de Varsóvia estavam com medo de criminosos profissionais. "Quando você lida com criminosos", ele firmemente declarou, "você deve ser mais duro do que eles são".

As medidas tomadas em 1967 para atingir a elite técnica recentemente identificada para sabotagem, espionagem e roubo de tecnologia foi a segunda intensificação mais importante de operações de roubo de tecnologia, de maneira geral usando drogas e narcóticos, a qual Sejna foi participante e testemunha direta.

Todo ano o Conselho de Defesa revisava as tecnologias roubadas no ano anterior. Ele então se reunia e aprovava o plano descrevendo o que iria ser roubado durante o ano subsequente. Revisando a tecnologia roubada no fim de 1967, Antonín Novotný, o Primeiro Secretário do Partido Comunista da Tchecoslováquia, mencionou ao Secretario Geral Soviético, Leonid Brejnev, que drogas eram uma grande ajuda no roubo de tecnologia. O General Oldrich Burda, o chefe das Zs, acrescentou que de vinte a vinte e cinco por cento da tecnologia roubada em 1967, cujo valor total estava estimado pelas Zs em 300 milhões de dólares, tinham sido adquiridas através do uso de drogas.

No inverno de 1967, a liderança estratégica tchecoslovaca recebeu orientação adicional da União Soviética. Em abril, Sejna, Jiri Hendrich e o Tenente-General Václav Prchlík, viajaram para Moscou onde se reuniram com o General soviético Alexei A. Yepishev, chefe da Diretoria Política Principal, e com General Shevchenko, chefe do Departamento de Propaganda Especial. Nesta reunião, Shevchenko discutiu sobre a importância continua de infiltrar os bancos e as instituições financeiras. Coletar dados para propósitos militares era um objetivo. Ele também sublinhou a importância do uso de drogas para corromper pessoas nestas instituições e indicou que tal infiltração também facilitaria o uso dos bancos como gerenciadores do dinheiro das

operações estrangeiras, incluindo lavagem do dinheiro do tráfico de drogas.

As instituições financeiras eram tão importantes, Shevchenko enfatizou, que deveria haver atenção extra do aparato de propaganda do Satélite para manter estas instituições longe dos holofotes[3]. Indivíduos nestas instituições assistindo às operações do Bloco Soviético representavam um investimento a longo prazo que serviriam aos interesses soviéticos por muitos anos e, portanto, a corrupção nestas instituições não seria publicada. Os soviéticos não querem muita luz em torno das operações bancárias.

Previamente, em 1963, durante uma reunião do Conselho de Defesa tchecoslovaco, quando lavagem de dinheiro estava sendo discutida, o Chefe do Estado-Maior tinha declarado que os soviéticos tinha decidido que os funcionários do Departamento de Finanças soviético não deveriam ser informados sobre as fontes precisas dos fundos que eles gerenciavam porque havia um risco muito grande de as comprometer. Estavam em risco, o assessor soviético tinha explicado, pessoas em setenta e cinco por cento dos bancos da América Latina e quarenta e cinco por cento dos bancos nos Estados Unidos e Canadá. Quando o montante de dinheiro envolvido foi considerado, cerca de 300 bilhões de dólares por ano nos Estados Unidos no fim dos anos 1980, 500 bilhões de dólares ou mais por ano no mundo todo, estas porcentagens certamente não pareciam altas.

Além disto, na primavera de 1967, General Savinkin, chefe do Departamento de Órgãos Diretivos soviético, convocou uma reunião em Moscou da liderança maior dos países traficantes de drogas do Pacto de Varsóvia, mais Cuba. Savinkin presidiu as reuniões, que continuaram por vários dias. Muitos militares soviéticos e generais de inteligência estavam presentes em momentos diferentes. Além de Sejna, Josef Kudrna, o Ministro do Interior tcheco, e o General Bohumír Lomský, o Ministro de Defesa, estavam presentes. Quatro cubanos compareceram à reunião: Raúl Castro, o Ministro do Interior cubano, o vice-chefe de inteligência militar encarregado dos narcóticos, e um outro. Os outros países representados eram a Alemanha Oriental, Hungria, Bulgária e Polônia.

Um dos tópicos mais importantes abordados nesta particular reunião foi a importância de atacar a OTAN e as forças militares dos EUA mais agressivamente com drogas. Estudos detalhados de todas as forças da OTAN foram apresentados e suas vulnerabilidades foram discutidas. Nos seus comentários, General Savinkin identificou três objetivos primários: corromper oficiais, recrutar agentes e prejudicar o funcionamento das tropas.

A ofensiva contra as tropas norte-americanas baseadas no exterior recebeu atenção especial. Savinkin explicou que áreas onde as tropas dos EUA estavam baseadas – Alemanha, Turquia, Grécia, Panamá e assim por diante – se tornariam, usando um termo militar, zonas de destruição estratégica. Esta tarefa era tão importante que o Major-General soviético Vasil Fedorenko foi encarregado de coordenar o ataque. Cada país tinha um coordenador similar designado, que agia como um elo de ligação primária com Fedorenko. E, como será descrito em breve, a necessidade corromper as forças dos EUA na OTAN recebeu ênfase adicional no outono de 1967 (em 1970, o padrão de comando das forças dos EUA na OTAN tinha, de fato, já caído para níveis perigosamente baixos e estava prestes a desencadear medidas disciplinares abrangentes).

Nesta operação, o Panamá recebeu uma ênfase especial por causa do Canal do Panamá e por causa da presença de inúmeras bases militares dos EUA no Panamá. O coronel Frantisek Penc, da inteligência militar tchecoslovaca, estava encarregado da operação tchecoslovaca no Panamá. Ele era também a ligação à Fedorenko para o tráfico de drogas contra bases dos EUA em outras regiões do mundo.

Numa das sessões especiais focadas na América Latina, General Shevchenko, chefe do Departamento de Propaganda Especial [vide capítulo 5] explicou que os soviéticos acreditavam que mais de setenta por cento dos militares de alto escalão (Tenente-Coronel acima) eram antiamericanos. Uma lista destes oficiais tinha sido elaborada com a assistência do Partido Comunista do Panamá. Todos eles tinham operado com o Partido Comunista e alguns tinham contribuído financeiramente com o Partido. Os oficiais não seriam alvos a serem destruídos, enfatizou o General Shevchenko, mas a serem protegidos porque alguns deles eram "nossa reserva de ouro". Muitos deles, se não a maioria, estavam envolvidos com drogas. Um dos oficiais militares panamenhos na lista era Omar Torrijos Herrera, que assumiu o controle do Panamá em 1969. Raúl Castro falou que Cuba acreditava que os sentimentos antiamericanos eram ainda mais fortes entre oficiais de baixo escalão, e que os cubanos gostariam de dar mais atenção ao recrutamento de oficiais de baixo escalão. Os soviéticos concordaram com esta proposta.

Em 1972, o Panamá tinha desenvolvido um problema com drogas tão severo que medidas especiais foram discutidas na Agência de Narcóticos e Drogas Perigosas dos EUA [Bureau of Narcotics and Dangerous Drugs, BNDD, que mais tarde seria absorvido pelo DEA]. Num ataque à Noriega em 1986, o New York Times publicou uma conta detalhada destas aflições. John E. Ingersoll, que tinha sido o diretor da Agência Nacional de Drogas Perigosas, confirmou que a BNDD tinha inteligência massiva sobre Noriega traficando drogas – acrescentando que a BNDD tinha sido frustrada nas tentativas de persuadir o General Torrijos a agir contra Noriega. De acordo com um relatório do Comitê de Inteligência do Senado de 1978, cinco medidas tinham sido discutidas para lidar com o "funcionário da Guarda Nacional", que era a descrição do Comitê sobre Noriega: ligar Noriega a uma conspiração contra Torrijos, vazar informação do tráfico de drogas de Noriega à imprensa, ligar as negociações no Canal do Panamá ao afastamento de Noriega, secretamente encorajar grupos poderosos do Panamá a levantar a questão, e "imobilização total e completa", que obviamente era um eufemismo para assassinato4.

A Colômbia foi outro país que a reunião de Moscou realizada na primavera de 1967 discutiu em detalhes. Em relação à Colômbia, Raúl recomendou que Cuba desenvolvesse mais que um grupo para controlar o tráfico de drogas (na época, havia duas operações no controle soviético: a operação cubana e a operação tchecoslovaca). Savinkin salientou que o número de grupos deveriam ser mantido mínimo. Quanto mais grupos houverem, mais pessoas terão conhecimento, e maior será o risco de exposição. Ele estava se referindo à exposição da operação soviética*. Castro concordou, mas disse que o risco também era grande com apenas um grupo por causa das políticas internas envolvidas. Savinkin aprovou a recomendação de Castro e enfatizou que ela era responsabilidade cubana e que confiaria no seu julgamento nesta matéria – mas que Havana deveria ser cuidadosa para não ir longe demais.

*Nota do editor: Esta admissão reveladora do óbvio – que a exposição deve ser evitada a todo custo – aponta a forma para

observadores ocidentais sérios e para todos os que forem determinados, mesmo neste estágio avançado, de confrontar a ofensiva de drogas contra a civilização. O único risco que os seus autores temem é, precisamente, a exposição. Por isto a presente obra foi formada pelo autor: para expor este ato de guerra de longo prazo contra a humanidade. Note também que Savinkin estava preocupado sobre o programa de drogas soviético ser exposto, mas não tanto com os dos Satélites, dispensáveis em última análise, que existiam em parte para prover a Moscou uma margem de negação.

Raúl também levantou a questão do quanto deveria ser dito e apresentado ao Partido Comunista da Colômbia da longa lista de pessoas corrompidas pelo comércio de drogas na Colômbia que tinha sido montada por agentes da inteligência cubana que tinham infiltrado a rede nativa de tráfico de drogas colombiana. Os soviéticos estavam preocupados a respeito de alguns nomes na lista os quais eles acreditavam estar entre vários "agentes duplos" que as organizações nativas de tráfico de drogas tinham corrompido e estavam sendo usados contra a operação de drogas soviética. Savinkin disse que todas estas pessoas eram criminosas. Eles não confiavam em ninguém além deles mesmos, ele explicou. Nós estamos na mesma posição e também não podemos confiar em nenhum deles.

Na sua análise sobre o México, Savinkin disse que não haviam correções a serem feitas a respeito da corrupção dos agentes políticos mexicanos. Para todos os propósitos práticos, eles tinham todos se corrompido. A próxima prioridade era trabalhar na elite empresarial mexicana.

Havia também discussões sobre as redes na Europa Ocidental. Os principais canais de distribuição no mercado europeu eram a Suíça, Áustria (Viena) e Suécia (Estocolmo). Todos os serviços de inteligência do Bloco Soviético operaram nestas regiões, que serviam como centros de distribuição de drogas e para disfarçar a transferência de tecnologia roubada para o Bloco Soviético (o Panamá também se tornou um centro para estas duas atividades). As ligações de inteligência em outros países favoreciam certos serviços de inteligência nacionais; por exemplo, os alemães eram particularmente ativos no mercado de drogas através dos Países Baixos.

Outro tópico discutido foi o aumento do uso de drogas para corromper as classes elitistas em países de Terceiro Mundo. Oficiais búlgaros disseram que a Turquia e o Irã não haviam colocado nenhum problema. Eles tinham destruído a si próprios. Savinkin criticou este comentário e disse aos búlgaros para ouvir com mais cuidado – ele estava se referindo às classes elitistas. Eles deveriam aumentar a qualidade das drogas e forçar o seu uso nas classes mais elevadas.

Em 1967, o chefe da Diretoria de Saúde informou ao Conselho de Defesa tchecoslovaco sobre sete ou oito novas drogas que tinham sido desenvolvidas no curso do seu programa de pesquisa e desenvolvimento de drogas. A atividade de pesquisa tinha começado há cinco anos, em uma instalação construída vizinha ao Hospital Militar Central em Praga especificamente para o desenvolvimento de agentes de guerra química e biológica, drogas de controle mental, armas de assassinato, e narcóticos mais efetivos.

As drogas analisadas em 1967 eram um produto deste programa. Elas tinham sido desenvolvidas por cientistas e médicos do Hospital

Militar Central e o Centro Científico da Força Aérea e testadas em prisioneiros. As novas drogas eram consideradas mais efetivas porque seus efeitos imediatos eram mais duradouros, e, como bônus, causavam um dano de longo prazo na capacidade humana de pensar logicamente. Sejna estava particularmente impressionado com uma das drogas mais efetivas que deixavam o usuário otimista e o colocava num estado mental do tipo "não estou nem aí, sem problemas". Quando testada em prisioneiros, os prisioneiros se tornavam indiferentes às penalidades e tendo que passar sua vida inteira na cadeia. Os efeitos de longo prazo, testados depois de dois ou três anos, eram atitudes mentais residuais de passividade e resignação. Os sujeitos testados nem ao menos tentavam tomar decisões inteligentes. Evidentemente, as drogas atacaram o centro de motivação.

Nas instruções, os doutores tchecoslovacos recomendaram três drogas que acreditavam serem as drogas do futuro. O assessor soviético, que também compareceu à reunião, falou que as drogas não deveriam ser então comercializadas porque elas poderiam levantar questionamentos. No tempo, os soviéticos acreditavam que a culpa pela epidemia de drogas, como desejado, tinha sido colocada com sucesso no crime organizado. Se nós colocarmos novas drogas no mercado, os soviéticos arrazoaram, as pessoas no ocidente vão ficar desconfiadas. Nós precisamos ser muito cuidadosos para esperar o tempo certo; por exemplo, quando houver outros coprodutores potenciais que podem ser culpados como sendo a fonte das novas drogas.

Outra nova medida especialmente interessante surgiu em setembro de 1967 em conexão com uma visita de Raul Castro à Tchecoslováquia. Este evento era o desenvolvimento e aprovação ânuos do plano anual subsequente. Inúmeros oficiais cubanos de alto escalão estavam acompanhando Castro: o chefe da Inteligência Militar, o chefe da Diretoria Médica Militar, o vice-chefe do Departamento de Órgãos Diretivos, o vice-chefe do Estado-Maior da seção de Armamentos e Tecnologia e o vice-chefe da Diretoria Política Principal. Como de costume, Sejna era o oficial tchecoslovaco que recepcionou a comitiva. O principal assunto da reunião era a operação de drogas e narcóticos. Uma expansão considerável da atividade de tráfico de drogas e narcóticos cubana e do Bloco Soviético foi combinada. Também nesta reunião foi assinado um protocolo que autorizava cientistas cubanos (dezessete ou dezoito deles) a dar assistência à junta de times de pesquisa do Bloco Soviético que trabalhavam com drogas e narcóticos. Doravante os cientistas cubanos estariam trabalhando com os cientistas tchecoslovacos, mas não com os outros times do bloco soviético. Este era um meio indireto de trazer os cubanos para o programa do Bloco Soviético.

Uma das principais áreas nas quais os cientistas cubanos estavam conduzindo pesquisas e uma das quais eles estariam trabalhando em cooperação com outros cientistas do Pacto de Varsóvia era numa análise da influência das drogas na "estagnação intelectual" da sociedade. A ideia era que as drogas inibiriam o desenvolvimento da mente (intelecto) e por sua vez ajudariam a produzir a estagnação da sociedade burguesa. As questões de interesse envolviam que drogas ou combinações de drogas eram mais efetivas em incapacitar a mente e quantas drogas, por quantos anos, eram necessárias para aleijar a sociedade. Isto é, o tráfico de drogas era necessário para alcançar o efeito desejado?

Esta foi uma parte de uma operação soviética muito importante; e todos os países do Bloco Soviético tinham programas em progresso para desenvolver as melhores drogas e análises de

acompanhamento. A Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, Bulgária, Hungria e da própria União Soviética estavam fortemente envolvidas. O aleijo da sociedade burguesa era a "ordem principal".

A eficácia desta estratégia só poderia ser apreciada no ocidente depois deste evento, uma vez que os efeitos debilitantes de longo prazo de quase todas as drogas sobre o cérebro, mesmo (de fato, especialmente) incluindo as da maconha, desde então se tornaram mais conhecidos e ganharam publicidade e reconhecimento. Um fator de especial relevância que agora é reconhecido é o efeito neurológico em crianças nascidas de usuárias de maconha ou cocaína, incluindo o prejuízo de longo prazo no comportamento e em debilidades de aprendizagem5.

Castro estava particularmente enérgico na apresentação de sua posição aos oficiais tchecoslovacos e soviéticos. Ele argumentou que era importante impulsionar este aspecto das operações do tráfico de drogas ainda mais, e avançar na investida de estagnação alvejando estudantes mais jovens, estudantes do ensino médio e crianças6. Os soviéticos estavam pensando que cerca de quarenta a cinquenta anos seriam necessários para trazer os resultados esperados. Castro acreditava que eles poderiam ser realizados em trinta e cinco anos7. Os soviéticos eram mais conservadores por causa das mudanças sociais que eles acreditavam ser alcançadas em paralelo, e porque eles tinham coordenado mudanças com outros eventos no seu plano de longo alcance para destruir o ocidente.

Os soviéticos ainda estavam preocupados porque empurrar drogas em estudantes de nível médio e em crianças poderia ser muito radical e poderia causar uma contrarreação indesejada. No seu plano, os alvos burgueses preferidos dos soviéticos eram a elite técnica, intelectuais, soldados e universitários.

Em seguida à reunião entre oficiais cubanos e tchecoslovacos em Praga descrita anteriormente, uma delegação tchecoslovaca foi a Havana para planejar os detalhes da participação dos cientistas cubanos em estudos conjuntos, explorar a possibilidade de os incluir com mais que dezessete cientistas, e determinar se seria possível para Castro recrutar mais cientistas "progressistas" pela América Latina para ajudar (inconscientemente) na análise do impacto das drogas na sociedade. A delegação era liderada pelo General Oldrich Burda, chefe da Zs. Estavam o acompanhando o vice-chefe da Diretoria de Saúde, o chefe de pesquisa do Hospital Militar Principal (sua especialidade era neurologia) e o vice-chefe do Departamento de Ciências.

Castro também acreditava que mais ênfase deveria ser colocada na corrupção e no recrutamento das forças armadas na América Latina. Isso era necessário para impulsionar o movimento revolucionário, argumentou ele; os políticos já estavam completamente corrompidos. Em 1988, fontes em toda a América Latina estavam relatando o forte envolvimento de oficiais militares e policiais no narcotráfico. Isso era verdade, particularmente na Colômbia, em seus vizinhos; e no Panamá, Honduras e México[8].

Além disso, em 1967, a campanha cubana para penetrar as operações de drogas "independentes" na América Latina estava quase concluída. A inteligência cubana estimou agora que noventa por cento das organizações-alvo já haviam sido penetradas e Castro argumentou que havia chegado o momento de destruir os grupos de drogas latino-americanos que ainda resistiam à penetração e eram "não-cooperativos".

Sejna informou ainda que, no outono de 1967, os soviéticos convocaram uma reunião dos chefes de inteligência do Pacto de Varsóvia em Moscou para discutir a expansão da ofensiva de drogas e narcóticos para aproveitar a Guerra do Vietnã e o desafeto da juventude americana. Esta reunião foi especialmente notável, porque pode ter sido a mesma reunião sobre a qual um oficial de inteligência búlgaro relatou após sua deserção para o Ocidente em 1970. Houve dados consideráveis da Bulgária, que, em essência, confirmam o testemunho de Sejna. Esta fonte particular foi Stefan Sverdlev, um coronel do Comitê Búlgaro de Segurança do Estado (polícia secreta), o *Komitet Darzhavna Sigurnost* (KDS). Sverdlev estava diretamente envolvido no tráfico de drogas búlgaro. Ele descreveu o papel da KINTEX, uma firma "privada" formada como uma subsidiária secreta da inteligência búlgara para controlar partes da operação de drogas. Ele afirmou que, em 1967, os chefes dos serviços de segurança do Pacto de Varsóvia se reuniram em Moscou para "explorar e acelerar a 'corrupção' inerente à sociedade ocidental".

Foi realizada uma reunião subsequente dos agentes búlgaros da Segurança do Estado em Sófia, Bulgária, para elaborar um plano trienal para a implementação da estratégia. Este plano levou a uma diretiva de Segurança do Estado, publicada em julho de 1970, cujo tema era "a desestabilização da sociedade ocidental através, entre outras ferramentas, do comércio de narcóticos"[9]. Quando ele desertou, Sverdlev trouxe consigo a diretiva KDS M-120/00-0050, que tratava do movimento de narcóticos do Oriente Médio através da Bulgária para a Europa Ocidental e para a América do Norte[10]. Além disso, em dezembro de 1969, a Alemanha Ocidental capturou 200 quilos de base de morfina em Frankfurt. Através da análise química, os alemães ocidentais puderam concluir que a base tinha sido produzida em Sofia, Bulgária[11].

No início dos anos 1970, a disciplina havia erodido no Exército dos EUA na Europa na medida em que sérias questões de comando haviam surgido. Até o serviço de correio, que era usado para distribuir drogas, estava corrompido[12]. Seguiu-se uma grande repressão. Muitos soldados foram desonrosamente exonerados ou remanejados. Durante a repressão, a trilha de tráfico que foi descoberta os levou de volta dos militares americanos para a Europa Oriental, com Berlim Oriental, a República Democrática Alemã, a Hungria e a Bulgária proeminentemente identificados[13].

Robin Bruce Lockhart, filho do conhecido agente diplomático britânico (em círculos de inteligência), R. H. Bruce Lockhart, também relatou sobre o movimento de drogas em toda a Europa para as forças armadas dos EUA. "A heroína mais fina e poderosa", escreve ele, "vem da Alemanha Oriental e é comercializada na Alemanha Ocidental, onde a polícia da Alemanha Ocidental estima que as forças armadas norte-americanas representam nada menos do que sessenta e cinco por cento do seu consumo e tudo a um preço de um trigésimo daquele obtido nas ruas de Nova York "[14].

O que era especialmente notável, novamente, era o preço baixo. O objetivo é a guerra política, não o simples atrativo de altos lucros, e os alvos, neste caso, são membros das forças armadas dos EUA. Como um outro exemplo das táticas empregadas, o ópio foi secretamente adicionado à maconha – o que foi amplamente elogiado como não-viciante e bastante inofensivo na época - para gerar vício de forma disfarçada, sem o conhecimento do usuário. Táticas semelhantes também foram empregadas contra militares dos EUA no Sudeste Asiático durante a Guerra do Vietnã. A heroína de alta qualidade (branca) foi vendida aos

militares dos Estados Unidos como cocaína, que, na época, muitas pessoas acreditavam ser uma droga inofensiva, não-viciante.

É particularmente importante que esses tipos de táticas sejam mantidas em mente ao avaliar o que aconteceu durante a década de 1980 nos Estados Unidos. O tráfico não é um caso simples de demanda estimulando a oferta. Mais frequentemente é a situação inversa, com os fornecedores trabalhando duro para criar demanda. Isso ajuda a explicar os fracassos dos programas de interdição dos anos 80. Não obstante as tentativas de reprimir o tráfico e a apreensão a cada ano de quantidades cada vez mais elevadas de cocaína, a pureza da cocaína no mercado tem aumentado constantemente e o preço diminuiu - o que é exatamente o oposto do que as autoridades americanas esperavam.

A explicação casusal é o aumento da oferta e da concorrência. O observador mais informado pode questionar esta explicação e considerar outras possibilidades; por exemplo, guerra política e medidas calculadas para derrotar a então chamada guerra às drogas*.

*Nota do tradutor: Por "derrotar a então chamada guerra às drogas" entenda "legalizar". Veja o quão arduamente os políticos ocidentais estão tentando legalizar as drogas, enquanto no oriente o combate às drogas não só permanece ativo como cada vez mais apertado - com pena de morte a traficantes na China e no Vietnã, por exemplo.

O último evento significante de 1967 que o General Sejna lembrou foi a conclusão de um estudo importante, cujo relatório foi intitulado Minorias e Imigrantes nos Estados Unidos (Minorities and Immigrants in the United States). O estudo foi preparado para o Conselho de Defesa da Thecoslováquia. O estudo foi desencadeado por uma palestra dada pelo embaixador soviético, Stepan Cervoneiko, ao Conselho de Defesa da Tchecoslováquia. Sua mensagem era simples. "As minorias vão nos ajudar a mudar o branco para o vermelho". "Branco" referia-se a cocaína e "vermelho" se refere à Revolução Vermelha. O relatório formalizou o papel de drogar as minorias no processo revolucionário. As duas principais minorias-alvo eram os negros e os hispânicos.

A importância das minorias tinha sido reconhecida há muito tempo na estratégia soviética, mas o foco anterior tinha sido sobre as minorias da Europa Oriental e sobre o seu uso na espionagem. Depois que Brejnev se tornou o Secretário Geral, as políticas sob Khrushchov foram analisadas e novas prioridades foram estabelecidas. Durante esta análise, Khrushchov foi criticado por não colocar mais foco no uso de minorias não-européias, particularmente os negros.

A necessidade de fazer um maior uso dos negros no tráfico de drogas surgiu como um dos principais tópicos de discussão durante uma visita de Raúl Castro à União Soviética e à Tchecoslováquia em 1965. Em preparação para essa visita, os soviéticos informaram os oficiais tchecoslovacos a respeito da necessidade de criticar Castro por seu viés anti-negro e convencê-lo da importância de trazer mais negros para o negócio de distribuição e venda de drogas. Em Moscou, Castro se encontrou com o General Savinkin (chefe do Departamento de Órgãos Diretivos: ver acima), que assumiu a frente soviética na educação de Raúl Castro.

Castro parou na Tchecoslováquia depois de deixar Moscou, e a "educação" continuou. Raúl insistiu em queixar-se de que o problema com os negros era que eles eram mais negros do que comunistas. Em resposta, o general soviético que aconselhou a inteligência militar tchecoslovaca disse a Castro que negócios eram negócios, e que nem

todos os espiões eram comunistas. De fato, ele apontou, a maioria dos espiões não eram comunistas.

Durante as conversas privadas com o general Sejna, Castro criticou Savinkin e os soviéticos em geral. Obviamente, não podemos existir sem os soviéticos, disse Raúl a Sejna, mas eles são estúpidos e precisam nos ouvir. Os soviéticos não entendem a psicologia do Caribe. Raúl estava se referindo aos empurrões de Savinkin para que Cuba usasse os negros cubanos e caribenhos no processo de distribuição de drogas. Essa era uma estratégia ruim, argumentou Raul. Os cubanos negros não deveriam ser usados por várias razões.

Primeiro, ele teria que se infiltrar através do México, e ele acreditava que isso iria transtornar os mexicanos. Em segundo lugar, os negros cubanos seriam facilmente identificados como cubanos por causa de seu sotaque. Em terceiro lugar, era uma boa idéia usar apenas os negros do Caribe no ramo da droga, porque os Estados Unidos não vigiavam os jamaicanos, haitianos, dominicanos e outros cidadãos caribenhos da forma como vigiavam os cubanos. Em quarto lugar, muitos negros nos Estados Unidos eram de outras partes do Caribe e os negros dessas outras partes do Caribe teriam facilidade em se adaptar e vender drogas.

E, em quinto lugar, Castro estava preocupado com a confiabilidade dos negros cubanos. Aqui, Raúl estava implicitamente reconhecendo o preconceito anti-negro de muitas das políticas de Fidel Castro, que ele acreditava que militaria contra seu uso em uma operação tão sensível. Raúl não era adverso à criação de um programa de treinamento, que incluísse o reassentamento de negros cubanos em outras ilhas do Caribe por vários anos, até que dominassem os dialetos locais. Mas para o futuro imediato, ele se opôs firmemente ao uso de negros cubanos no programa de drogas.

No final, Castro concordou em usar negros cubanos em operações de inteligência que não fossem tão sensíveis como o narcotráfico e para começar a treinar e usar negros do Caribe no narcotráfico. "Se você quer mais negros, terá mais negros", Sejna lembra que Castro finalmente concordou, "há uma oferta inesgotável no Caribe. Mas os negros caribenhos, não os negros cubanos15.

Esta estratégia atingiu a sua maturidade com o relatório de 1967 sobre a utilização das minorias. Os objetivos específicos visando as minorias, tal como recordou o General Sejna, foram os seguintes:

• Para acelerar o processo revolucionário,
• Criar instabilidades políticas,
• Forçar os Estados Unidos a prestar mais atenção às questões domésticas e menos aos problemas internacionais e:
• Criar eco-racismo.

O conceito de eco-racismo foi um produto de vários anos de pesquisa e estudo. A idéia soviética era que, nos Estados Unidos, o dinheiro é o que é mais importante. Isso era especialmente verdade entre os negros, que os soviéticos acreditavam serem mais motivados por fatores materiais (econômicos) do que por ideais políticos.

Ou seja, eles pensavam em termos econômicos e não em termos políticos. Além disso, sua raiva era dirigida mais para questões econômicas do que para percebidas inadequações políticas. Como relatou uma delegação tchecoslovaca depois de visitar os Estados Unidos em setembro de 1967,

as minorias, na sua maioria negros, não entendiam que a liberdade para eles significava socialismo (comunismo).
Quando falamos com eles sobre o comunismo, fomos recebidos com hostilidade e raiva, explicou a delegação. Mas, quando discutimos economia, a raiva dos representantes das minorias imediatamente se concentrou nas desigualdades do sistema capitalista. Consequentemente, os delegados recomendaram que o trabalho de propaganda deveria concentrar-se nas desigualdades econômicas - e não no comunismo e seus "benefícios".

O relatório de 1967, concluído em dezembro, abordou a importância de usar as minorias para "acelerar o processo revolucionário". Com relação aos negros, várias táticas foram identificadas. O racismo deveria ser promovido porque era um fator desestabilizador. Os operadores deveriam ser direcionados aos jovens, já que se acreditava que os negros mais velhos estavam intimidados demais com o establishment branco. Os narcóticos e a propaganda deveriam ser empregados para "revolucionar" os negros. O desemprego negro deveria ser promovido. A ênfase deveria ser colocada no conceito de "tomar" ou fazer os brancos "darem", em oposição ao conceito de pessoas negras trabalhando para sobreviver.

Este relatório também enfatizou a necessidade de juntar minorias hispânicas e negras. Acreditava-se que os hispânicos já estavam bem drogados e, ao aproxima-los com os negros estadunidenses, o uso de drogas nas comunidades negras seria acelerado. O alvo principal das drogas seria o proletário trapo - ou seja, os desempregados que estavam concentrados nos guetos do centro da cidade. Ao empurrar as drogas para este grupo, o crime e a erosão geral dos valores morais ocidentais seriam estimulados porque o uso de drogas destruía o julgamento e levava as pessoas ao crime, à homossexualidade e a outras atividades convencionalmente consideradas imorais.

A corrente ou seqüência de distribuição de drogas nos Estados Unidos foi analisada no relatório. O problema com a corrente foi que a maioria dos chefes máximos eram brancos, enquanto a maioria dos que compunham a base da pirâmide de vendas eram negros. Portanto, foram necessárias duas alterações. Primeiro, era necessário promover mais pessoas negras do nível das ruas para o nível de organização e gestão. Em segundo lugar, era necessário trazer hispânicos para a organização. Isso foi considerado aconselhável para evitar transtornar os hispânicos e também para evitar o problema indesejável de negros sendo a única minoria no controle.

O relatório recomendava fazer essas mudanças à medida que as operações se expandiam, promovendo e treinando os negros e trazendo hispânicos à medida que novos mercados se abriam. A combinação de negros e hispânicos seria então mais eficaz para empurrar drogas para o proletariado trapo, que os soviéticos acreditavam ser dominado por negros e hispânicos. Juntos, negros e hispânicos formariam uma frente de defesa "*spojena obcanska ohrana fronta*" (em tcheco: frente de defesa de civis unidos).

A tese do relatório era que as drogas empurradas nas minorias criariam a "destruição política incurável". A estimativa apresentada no relatório era de que, até o ano 2000, pessoas com uma falta de moral criada principalmente por meio de drogas, pessoas que estivessem dispostas a tomar todas as medidas necessárias para apoiar a

revolução, teriam se expandido para envolver cerca de 42% da população.

Em seu relatório de 1989 sobre a epidemia de crack, a Agência de Combate às Drogas dos Estados Unidos [DEA] concluiu que: "Grandes redes de tráfico interestaduais controladas por jamaicanos, haitianos e gangues de rua negras dominam o fabrico e distribuição de crack" [16]. A distribuição de crack, que cresceu tão rapidamente em 1986, parece ser muito mais uma operação organizada do que um simples fenômeno "natural"[17].

O crack rapidamente se tornou reconhecido como a droga mais perigosa a atingir a América. Como William Bennett, diretor do Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas, explicou em "Face the Nation" (em inglês: Face da Nação) da CBS em 13 de agosto de 1989, o crime de drogas está em alta, o tráfico de drogas está em alta, as mortes por drogas estão em alta, as emergências de drogas nos hospitais dos EUA estão em alta. A razão para tudo isto é o crack.

Dois apêndices ao relatório da *DEA* sobre crack[18] continham dados fornecidos por agentes de campo em cidades individuais. Ao longo destes breves resumos das cidades, os grupos que dominavam a manufatura e a distribuição foram mostrados como haitianos, jamaicanos, dominicanos e negros americanos. O tráfico era mais proeminente dentro das áreas de baixa renda do centro da cidade, particularmente nas vizinhanças negras e hispânicas[19]. Embora pouco tenha sido dito sobre os atacadistas, dois grupos foram identificados: cubanos e colombianos.

Toda a discussão sobre a natureza da distribuição e das vendas sugeriu uma operação bem organizada e administrada - uma operação destinada a usar os negros contra os negros. A realidade em 1989 combinou totalmente a estratégia soviética, as operações e a lógica subjacente estabelecida há mais de vinte anos.

Poderia isso realmente ter sido apenas mera coincidência?

Referências ao capítulo 7:

1. A reunião de outono de 1959 foi precedida por uma reunião do KGB de maio de 1959, que resultou na decisão de aumentar o número de agentes do KGB contra a tecnologia ocidental por um fator de dez, de acordo com a memória de um ex-oficial de contra-inteligência da CIA.

2. Robert Kennedy e Seus Tempos (Robert Kennedy and His Times), Arthur M. Schlesinger, Jr, op. cit., página 504.

3. Sob Brejnev, os bancos e instituições financeiras tornaram-se os terceiros objetivos prioritários para infiltração da inteligência.

4. "Ajudantes dos EUA para o oficial responsável por 72 assassinatos pesados que agora lidera o Panamá" (US Aides in 72 Weighed Killing Officer Who Now Leads Panama), Seymour M. Hersch, New York Times, 13 de junho de 1986, página 1.

5. Vide, por exemplo, “Grávidas Usuárias de Cocaína Reduzem o Risco por Parar” (Pregnant Cocaine Users Reduce Risk by Stopping), Michael Abramowitz, Washington Post, 24 de março de 1989, página A10.

6. "Há um consenso de que a séria crise das drogas atual nas escolas secundárias - principalmente a maconha, o LSD, a mescalina e alguns outros, como anfetaminas e barbitúricos - começou em 1967". Guerra Psicoquímica: A Ofensiva de Drogas Chinesa Contra o Ocidente (Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West), A. H. Stanton Candlin (New Rochelle, Nova Iorque: Arlington House, 1973), página 63. Também é interessante notar que, em 1967, as notas do Teste de Aptidão Escolar (Scholastic Aptitude Test) utilizados como exames de vestibular começou um declínio que atingiu uma baixa de 890 em 1980, abaixo do intervalo normal anterior de 965-975. Dada a intensidade do argumento de Castro e sua tendência de agir sem esperar a aprovação soviética, é lógico supor que Cuba já havia iniciado o processo de empurrar drogas para as escolas secundárias americanas no momento da reunião em Moscou.

7. Num discurso sobre o terrorismo internacional realizado no congresso da União Democrática Cristã Europeia, realizado em Madrid em junho de 1986, Llaminio Piccoli, presidente do Conselho Nacional Italiano da Democracia Cristã, estendeu-se bastante sobre a conspiração entre terroristas e o comércio internacional de narcóticos. Ele também citou Raúl Castro, como tendo afirmado que, em torno do final da década de 1960, as drogas seriam uma arma decisiva para romper o tecido das democracias ocidentais. Ele também mencionou o comércio de narcóticos organizado por Cuba e alguns países da América Central, sob a influência dominante de Cuba e da URSS.

8. Vide também, "Cartel de Drogas da Colômbia Falou Para Mirar os Militares" ('Colombia's Drug Cartel Said to Aim at Military'), Merrill Collett, Washington Post, 11 de abril de 1988, página A17.

9. Drogas e Terrorismo, 1984, op. cit, página 58.

10. Drogas por Armas: A Conexão Búlgara", Nathan M. Adams, Reader's Digest, novembro de 1983.

11. Drogas e Terrorismo, 1984, op. cit. página 59.

12. Os tempos não mudaram. Em 1988, as investigações do tráfico de drogas por soldados norte-americanos baseados no Panamá descobriram o uso do sistema de correio militar para enviar cocaína. "Drogas Supostamente Enviadas em Aviões de Correspondências do Exército" (Drugs Allegedly Shipped in Army Planes Mail), Michael Isikoff, Washington Post, 2 de junho de 1988, página A3.

13. Detalhes adicionais estão disponíveis em "América, a Vulnerável: A Ameaça de Guerra Química / Biológica" (America the Vulnerable: The Threat of Chemical/Biological Warfare), Joseph D. Douglass, Jr. e Neil C. Livingstone, (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, DC Heath and Company, 1987), páginas 113-144.

14. Reilly: O Primeiro Homem (Reilly: The First Man), Robin Bruce Lockhart (Nova Iorque: Penguin Books, 1987), página 99.

15. Em 1980, um jamaicano, o sr. Earlston Spencer, participou de uma audiência realizada pelo Comitê Nacional Para Restaurar a Segurança Interna (National Committee To Restore Internal Security). Ele explicou como, em 1974, o ano após Michael Manley se tornar primeiro-ministro da Jamaica, os jovens foram abertamente recrutados para ir para Cuba para treinamento, que incluiu treinamento em guerrilha. O Departamento de Justiça dos EUA acreditava que as primeiras gangues ou pelotões jamaicanos tinham aparecido nos Estados Unidos em torno de 1974. Estes pelotões jamaicanos transformaram-se subsequentemente em alguns dos principais distribuidores de cocaína-crack em meados dos anos 80.

16. Departamento de Justiça dos EUA, Agência de Combate às Drogas [DEA], Análise da Cocaína-Crack de 1989 (Washington D.C: US Department of Justice, 1989), página 13.

17. Observações na Estratégia Nacional de Controle de Drogas (National Drug Control Strategy) de 1989 são bem interessantes a este respeito. "O crack é uma inovação no varejo de cocaína que tira uma mistoriosa vantagem das mudanças nos padrões de consumo de drogas da nação”. A Casa Branca (The White House), Estratégia Nacional de Controle de Drogas (National Drug Control Strategy), (Washington, D.C.:Imprensa Governamental dos EUA, setembro de 1989), página 4.

18. Visão Geral sobre Cocaína-Crack de 1989 (Crack Cocaine Overview 1989), op. cit.

19. Considere, por exemplo, os seguintes extratos retirados dos resumos da cidade e do estado nos Apêndices A e B da Visão Geral sobre Cocaína-Crack de 1989 (Crack Cocaine Overview 1989), op. cit.:

x Amarillo: Casas de crack são gerenciadas por negros americanos que vendem a maioria do seu produto para compradores negros.
x Atlanta: Cocaína-crack literalmente tomou o mercado de drogas de baixa renda em todo o Estado da Geórgia.
x Baltimore: Haitianos e negros são os principais traficantes.
x Boston: O crack rapidamente se espalhou pelas grandes cidades de Connecticut, Massachusetts, Rhode Island e New Hampshire, confinada às áreas negras do centro das cidades. A inteligência subsequente revelou que gangues negras de fora do estado estavam disputando o controle. A disponibilidade de crack (...) é controlada principalmente por grupos dominicanos e porto-riquenhos.
x Bridgeport: Os negros ainda são as principais fontes de crack. Os traficantes hispânicos de cocaína de alto nível importam cocaína e convertem-na em crack.
x Cape Cod: Em 1988, violadores negros vieram à tona como principais fornecedores de cocaína para a área de Cape-Média (Mid-Cape).
x Dallas: A distribuição de crack é controlada por um cartel de 500-700 membros controlado por jamaicanos. O tráfico de cocaína-crack é principalmente centrado em torno da população de baixa renda, urbana, negra e hispânica.
x Denver: Casas de crack são gerenciadas por jamaicanos com a ajuda de mulheres negras recrutadas localmente.
x Fort Myers: Os cozinheiros e os distribuidores de crack são em sua maioria negros e os compradores cruzam todas as barreiras étnicas.
x Hartford: Os traficantes negros e hispânicos controlaram a distribuição de crack na área de Hartford quando ela emergiu pela primeira vez.
x Houston: O problema do crack está essencialmente situado em bairros predominantemente negros.
x Kansas City: Relata um envolvimento substancial de traficantes jamaicanos.
x Los Angeles: A manufatura e distribuição de cocaína-crack são controladas principalmente por gangues de rua negras (os Sangues [Bloods] ou os Coxos [Crips]) que têm redes de distribuição em todo o noroeste e sudoeste dos Estados Unidos.
x Lubbock: Casas de crack são tipicamente quartos de motel ou casas vazias gerenciadas por negros americanos que são fornecidos por atacadistas cubanos.
x Miami: Os estrangeiros ilegais haitianos e jamaicanos são, em grande parte, responsáveis por essa fase [importação e fabricação] da operação. Os infratores negros locais são responsáveis pela distribuição local, com alguma ajuda branca.
x New Orleans: Uma gangue negra de rua (Coxos ou “Crips”) de Los Angeles emergiu como a principal fonte de crack.
x New York: Os traficantes de crack primários são dominicanos e negros. Dominicanos são mais ativos em Manhattan e no Bronx. Os traficantes negros controlam grandes áreas do tráfico de crack nas seções de classe média e do centro da cidade de Brooklyn, Queens e partes do Bronx. Grupos de crack jamaicanos e haitianos não são tão grandes quanto os grupos dominicanos e negros, mas eles estão envolvidos em significativa atividade.
x Newark: Gangues negras e jamaicanas são os principais grupos envolvidos na venda e distribuição das ruas. Caucasianos e hispânicos (predominantemente dominicanos) são ativos, mas em menor grau.
x Orlando: O problema está localizado em bairros negros pobres e haitianos estão diretamente envolvidos em muitas das áreas.
x Philadelphia: Casas de cocaína-crack, sob controle da organização jamaicana do tráfico, estão começando a emergir.

x Phoenix: Cocaína-crack está disponível nas áreas de habitação pública e é traficada inteiramente por negros. O crack é fornecido pelas gangues Coxos ("Crips") e Sangues ("Bloods") de Los Angeles.
x Providence: Dominicanos e pessoas de fora do estado controlam a distribuição de crack. A maioria dos réus são dominicanos ou negros americanos.
x San Diego: O crack continua sendo um problema sério nos enclaves minoritários.
x San Francisco: O crack é um problema esmagador em bairros negros urbanos de classe baixa.
x Seattle: Disponibilidade generalizada de cocaína-crack entre todos os grupos étnicos.
x Tallahassee: A maioria da clientela de cocaína-crack é da comunidade negra. Os fornecedores são principalmente traficantes negros na área de Miami, muitos dos quais são jamaicanos ou estão intimamente ligados aos traficantes jamaicanos.
x Tulsa: Cocaína-crack está prontamente disponível dentro da comunidade negra.
x Tyler: Casas de crack são geridas por negros americanos. O tráfico é concentrado principalmente nas comunidades negras.
x Washington D.C.: A utilização de "mulas" juvenis, principalmente adolescentes negros, é uma tendência notável. Um número crescente de distribuidores jamaicanos entrou no tráfico de cocaína.
x Wilmington: A distribuição de crack haitiana cresceu de um confinado mercado limitado a negros americanos para a venda a céu aberto em pelo menos dez pequenas comunidades. A maioria dos distribuidores está conectada à comunidade haitiana localizada na área de Fort Pierce, Flórida.

## -CAPÍTULO 8-

# CUBA E A ASCENSÃO DO NARCOTERRORISMO

Em 15 de novembro de 1982, o público americano foi tratado com uma rara exibição de sinceridade. Essa foi a data em que quatro importantes autoridades cubanas, incluindo dois influentes membros do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba, foram indiciados por um grande júri federal em Miami acusados de conspirar para trazer drogas ilegalmente para os Estados Unidos.

As acusações dos cubanos de alto escalão abriram as comportas. Seguiu-se um fluxo de acusações adicionais, sendo as mais importantes as de Jorge Ochoa e Carlos Lender Rivas, reputados chefões das drogas na Colômbia; Norman B. Saunders, Ministro-Chefe das Ilhas Turcas e Caicos; Frederick Nigel Bowe, um ministro de alto escalão das Bahamas; Everette Bannister, presidente da Bahamas World Airlines e um próximo associado do primeiro-ministro, Lynden O. Pindling; Coronel Jean-Claude Paul, o homem forte do Haiti; Frederico Vaughan, alto funcionário do serviço de inteligência da Nicarágua; O ditador militar do Panamá, General Manuel Antonio Noriega; Manuel Ibarra Herrera, ex-chefe da Polícia Judiciária Federal do México; E Miguel Aldana-Ibarra, ex-chefe da filial mexicana da Interpol.

Como resultado das evidências apresentadas nas acusações, surgiu gradualmente um quadro de muitas operações de drogas interconectadas - um quadro que, embora reconhecidamente incompleto, tem uma semelhança impressionante com a descrição geral do que a estratégia soviética, descrita por Sejna, estava destinada a produzir. A imagem continha quatro características principais.

Primeiro, há estreitos vínculos entre o tráfico de drogas e atividades terroristas-revolucionárias; daí o termo narcoterrorismo. Isso levou à ruptura da lei e da ordem que, quando associada à corrupção relacionada às drogas, está provocando a desestabilização de um número crescente de países importantes, principalmente a Colômbia, a Venezuela, o Peru e o México. Em muitos casos, os terroristas ou guerrilheiros controlam ou gerenciam a produção e distribuição de drogas. Esse fenômeno básico não se limita à América Latina. Ele também está presente em vários graus no Oriente Médio, Sudeste Asiático e África.

Em segundo lugar, enquanto o vasto número de pessoas envolvidas no tráfico de drogas não parece possuir qualquer filosofia política particular, há um envolvimento desproporcional de oficiais do Partido Comunista, oficiais do governo de países comunistas, agentes dos serviços de inteligência comunistas e organizações marxistas revolucionárias e terroristas.

Em terceiro lugar, dentro das Américas, Cuba se destaca. Cuba está claramente envolvida em inúmeras operações de tráfico de drogas e ocupa muitas funções, desde o recrutamento até as instalações de transbordo, postos de comando, fornecimento de equipamentos, produção e manufatura, transporte, vendas e marketing, e finanças1.

E, finalmente, enquanto o dinheiro está sempre presente como uma motivação óbvia, no que diz respeito aos altos oficiais envolvidos com o tráfico, a esfera política, especificamente a guerra política contra os Estados Unidos, é ainda mais importante do que o dinheiro.

Como centro revolucionário soviético2 no Caribe, Cuba é o centro operacional do narcotráfico e da formação de terroristas revolucionários. (A Nicarágua estava se tornando um segundo centro revolucionário e também era ativa no tráfico de drogas e em abrigar e treinar revolucionários). Cuba é um refúgio seguro para os narcotraficantes latino-americanos que viajam para os Estados Unidos*. Para isso, os narcotraficantes pagam uma taxa. Em sua viagem de retorno à América do Sul para pegar mais drogas, eles transportam munições e suprimentos de Cuba para os terroristas revolucionários; por exemplo, às forças M-19 na Colômbia3.

*Nota do tradutor: Enquanto Cuba é um refúgio para narcotraficantes, o Brasil é um refúgio para terroristas, como foi notório no caso do membro das Brigadas Vermelhas, o italiano Luciano Pessina. A Constituição Brasileira blindou o terrorista da extradição para a Itália por seus crimes serem classificados como "crimes políticos" (Art. 5°, LII) - exceção legal cuidadosamente arquitetada para este tipo de escape.

A maneira como o narcotráfico e as organizações revolucionárias ou terroristas operam em conjunto pode ser vista nos relatórios sobre as operações colombianas4 e cubanas. Grupos terroristas ou revolucionários protegem os narcotraficantes. Os traficantes de drogas ajudam a financiar os terroristas e revolucionários, fornecem-lhes informações (inteligência) e assistência em transporte. Na Colômbia, os revolucionários marxistas do M-19 têm laços estreitos com Cuba e com vários narcotraficantes, dos quais o mais conhecido ao longo dos anos tem sido a organização conhecida como o cartel de Medellín.

O cartel tem laços estreitos com Cuba, Nicarágua e outros países. O principal vínculo entre o cartel de Medellín e o M-19, como explicou José I. Blandon Castillo, ex-cônsul geral do Panamá, é o embaixador de Cuba, Fernando Ravelo Renedo. Ravelo trabalha para Manuel Pineiro Losada, chefe do Departamento América do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba5 e ex-chefe da DGI (Diretoria Geral de Inteligência, em espanhol, Dirección General de Inteligencia, contraparte da KGB em Cuba). O Departamento América (Departamento de America) tem responsabilidade especial pelas operações de subversão e sabotagem no hemisfério ocidental, incluindo desinformação, terrorismo e drogas6. [Nota do Editor: Esta foi a posição predominante, é claro, em 1990].

Na Colômbia e em outros países, como o Peru, os terroristas fornecem aos produtores de drogas proteção contra a polícia local e contra as forças militares. Os produtores de drogas são alertados sobre

possíveis incursões em suas instalações. Eles passam os dados para os terroristas, que então emboscam e matam as forças que conduzem as incursões. Isso é bom para os terroristas e para os produtores, que em troca fornecem fundos, território e os suprimentos que os terroristas precisam. Como outro exemplo, quando os funcionários do governo decidem reprimir os narcotraficantes, os terroristas ajudam os traficantes aterrorizando e matando servidores, como fizeram no caso do assassinato em massa dos Ministros da Justiça colombianos que estavam tomando medidas para extraditar certos barões das drogas colombianos7.

Os terroristas fornecem músculos adicionais quando subornar é inadequado. Mas, geralmente, subornar funciona muito bem. A corrupção através do suborno está desenfreada nas Bahamas, México, Colômbia, Bolívia, Peru, Costa Rica, Haiti, Panamá, Caimão e Brasil. Ao usarem terroristas para praticar atos violentos, os narcotraficantes conseguem manter sua imagem de empresários - empresários com ampla influência, mas ainda empresários. Os narcotraficantes são, portanto, do ponto de vista de um oficial do governo, boas pessoas para se relacionar, pessoas que podem pagar pelos serviços.

Eles trazem dinheiro para o país e geram empregos. E daí, se eles também fornecem um produto que danifica "capitalistas"? São os terroristas os maus. Embora esta lógica seja descaradamente falaciosa, é surpreendente quantas pessoas a aceitam e a promovem, incluindo muitos altos oficiais nos Estados Unidos.

As origens precisas do narcoterrorismo são incertas. No entanto, há uma variedade de fatos que apontam para sua emergência gradual, talvez mais como resultado da evolução e circunstância do que o planejamento direto. Em primeiro lugar, como relatado por Sejna, a atual estratégia soviética envolvendo o tráfico de narcóticos, terrorismo e crime organizado teve suas origens em cerca de 1955, quando Khrushchov começou a modernizar a subversão soviética e colocar o movimento comunista mundial de volta nos trilhos após a morte de Stalin.

As três atividades - tráfico de drogas, terrorismo e crime organizado - ocupam funções complementares; e as atividades do Bloco Soviético em todas as três áreas foram gerenciadas pelas seções de inteligência estratégica dos serviços de inteligência da KGB e da GRU. Essas seções de inteligência estratégica realizam apenas tarefas especiais de importância estratégica, sendo as mais importantes, como mencionado anteriormente, espionagem estratégica, drogas e narcóticos, terrorismo, fraude e sabotagem.

A combinação de narcóticos e terrorismo também foi identificada nas décadas de 1950 e 1960 pelo Dr. Ray Cline, ex-vice-diretor de inteligência, Agência Central de Inteligência (Central Intelligence Agency – CIA), que explicou:

"Tenho observado com horror as ligações crescentes em muitas áreas entre os três grupos: os grupos políticos revolucionários, que são, em sua maioria, marxistas-leninistas, ansiosos por criar um estado subordinado à União Soviética ou a um de seus estados substitutos , como Cuba; os narcotraficantes, que precisam da proteção que esses

grupos revolucionários podem dar-lhes e estão dispostos a pagar por ela, e, de fato, estão dispostos a financiar as revoluções políticas com o produto do tráfico de drogas; e depois os traficantes de armas, as pessoas envolvidas na passagem ilegal de armas para grupos revolucionários e traficantes de narcóticos"[8].

No caso da Bulgária, a conexão entre o tráfico de drogas e o terrorismo foi claramente evidente no início dos anos 70. Na verdade, a KINTEX é descrita por várias fontes como tendo tarefas duplas, o movimento de drogas para a Europa Ocidental e o movimento de armas e munições para o Oriente Médio9. Estas não são atividades totalmente independentes, na medida em que as drogas são frequentemente aceitas como pagamento pelas armas e munições.

Este método de operação tem sido conectado a muitas organizações terroristas. Por exemplo, Jacques Kiere, diretor do centro nacional de inteligência da Agência de Combate às Drogas [Drug Enforcement Administration – DEA] em El Paso, Texas, deu um testemunho inédito em 19 de novembro de 1975, ao Comitê de Serviços Armados da Câmara sobre tais permutas. Ele afirmou que "cinco dos conhecidos grupos marxistas mexicanos são conhecidos por trocar heroína mexicana e outras drogas por armas dos EUA"10. Dados semelhantes existem sobre grupos revolucionários na Venezuela, República Dominicana, Brasil, Colômbia, Peru, Birmânia, Panamá e Bolívia.

Mas, apesar de suas primeiras origens, os Estados Unidos não começaram a despertar para o que estava acontecendo com o narcoterrorismo até 15 de novembro de 1982, quando quatro oficiais seniores cubanos foram indiciados, juntamente com dez outros, por um grande júri federal em Miami, Flórida, sob acusações de "conspiração para importar maconha e metaqualona da Colômbia para os Estados Unidos por meio de Cuba". Os cubanos acusados foram Rene Rodriguez-Cruz, um oficial de inteligência e membro do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba; Aldo Santamaria-Cuadrado, vice-almirante da marinha de Cuba e também membro do Comitê Central; Fernando Ravelo Renedo, embaixador de Cuba na Colômbia, posteriormente Embaixador na Nicarágua; e Gonzalo Bassols-Suarez, ex-ministro-conselheiro da embaixada de Cuba em Bogotá e membro do Partido Comunista de Cuba. A publicidade que se seguiu trouxe o narcoterrorismo ao céu aberto pela primeira vez.

As testemunhas que forneceram a principal evidência no julgamento seguinte (fevereiro de 1983) foram Juan Crump, um advogado colombiano e narcotraficante que negociou com altos oficiais cubanos para Jaime Guillot-Lara, um dos principais narcotraficantes colombianos; David Perez, um narcotraficante cubano-americano que encontrou os barcos e entregou os produtos dentro dos Estados Unidos; e Mario Estevez Gonzalez, agente de inteligência cubano que se infiltrou nos Estados Unidos durante o êxodo de Mariel, que recebeu narcóticos de Cuba, os vendeu nos Estados Unidos e depois devolveu os rendimentos à inteligência cubana.

O colombiano Juan (Johnny) Crump foi convidado a usar sua influência para obter a ajuda de Cuba para o traficante Jaime Guillot-Lara. Durante as negociações que se seguiram com o embaixador de Cuba, Fernando Ravelo Renedo e com o seu vice, Gonzalo Bassols-Suarez,

Guillot-Lara queria confirmação de que "se uma carga de drogas fosse perdida, ele não teria que pagar a taxa a Cuba. Então eles dizem, Ravelo e Bassols, que eles não se preocupam [sic], que eles podem esperar, e eles não se importam com o dinheiro - OK? - que - porque seu objetivo era ferir os Estados Unidos cheio de drogas [sic]".

Esta filosofia de tráfico também foi relatada por Mario Estévez, que disse que era ordenado "para carregar os Estados Unidos com drogas"12. A filosofia é especialmente interessante quando considerada ao lado da conhecida estratégia soviética, cujo objetivo era provocar a estagnação intelectual dos Estados Unidos, por meio do mecanismo de conseguir um fluxo máximo de drogas no país, conforme discutido no Capítulo 7.

Estévez testemunhou ainda que ele foi dirigido por seu superior na DGI para entrar em contato com narcotraficantes em Bimini e nos Estados Unidos. Durante sua carreira no narcotráfico, ele importou mais de 270 quilos de cocaína de Cuba, disse ele. Ele vendeu essa cocaína para indivíduos em Miami, Chicago, Ohio, Nova Jersey, Nova York e outras cidades. Ele levou o dinheiro que lhe pagaram a Cuba, onde o entregou ao governo cubano. Foi durante uma dessas viagens que René Rodríguez Cruz, alto oficial da DGI e membro do Comitê Central do Partido Comunista Cubano, pôs o braço sobre o ombro de Estévez e disse o quão bom era que Cuba agora "tinha uma drogaria nos Estados Unidos"13. Aliás, Rodriguez Cruz era um dos oficiais cubanos que ajudaram a organizar o êxodo de Mariel usado para infiltrar agentes de inteligência cubanos nos Estados Unidos*.

*Nota do tradutor: toda semelhança com as infiltrações confessas de terroristas na crise dos refugiados sírios, na segunda década do novo milênio, não parece ser mera coincidência; vide "A agenda secreta nas crises de imigração", 06/07/2014, Ion Mihai Pacepa, Mídia Sem Máscara (http://www.midiasemmascara.org/artigos/desinformacao/15313-2014-07-05-18-41-00.html).

De acordo com depoimentos prestados ao grande júri dos EUA em Miami, é o governo de Cuba que está traficando drogas e narcóticos para os Estados Unidos. Cuba também está apoiando operações terroristas em toda a América Latina. Tanto Fidel quanto Raúl Castro estão diretamente envolvidos, com Raúl sendo o participante mais ativo. A operação é secreta e é dirigida pela inteligência cubana, com outras agências participando "conforme a necessidade"[14].

Além disso, como foi explicado no depoimento do Congresso em 26 de fevereiro de 1982, por Gerardo Peraza, ex-oficial da inteligência cubana, durante os anos 1960 houve uma ampla cooperação entre a DGI cubana e a KGB soviética. Posteriormente, a partir de 1970, o serviço de inteligência cubano foi colocado diretamente sob a direção do Coronel Viktor Simenov da KGB. O sr. Peraza declarou que, após 1970, a DGI deixara de ser parte da KGB; antes, se tornara uma entidade subordinada da KGB soviética15. Sejna explicou que o planejamento da inteligência cubana foi integrado ao planejamento do Bloco Soviético no plano de inteligência de 1968, que ele analisou no outono de 1967. De acordo com um relatório da Agência de Inteligência de Defesa (DIA)

sobre terrorismo internacional, a DGI está "essencialmente sob o controle da KGB desde 1969"16.

O major Florentino Aspillaga Lombard foi um oficial de carreira na DGI cubana até sua deserção (em última instância, para os Estados Unidos) via Viena, em 6 de junho de 1987, da Tchecoslováquia onde estava apostado. Ele confirmou que um poderoso sindicato de drogas usava Cuba desde 1978 como ponto de transbordo de narcóticos ilegais para os Estados Unidos17. A proteção era fornecida por José Abrahantes, representante de Castro, que era ministro do Interior. Nenhuma das atividades relacionadas a drogas poderiam ter sido realizadas sem a aprovação pessoal de Fidel Castro, explicou ele18.

Em 1988, o papel de Cuba no narcotráfico foi confirmado pelo major Antonio Rodriguez Menier, oficial da inteligência cubana e chefe de segurança da embaixada de Cuba em Budapeste, que desertou em janeiro de 1987 [vide referência n°2 do capítulo 5].

Ele explicou que o governo cubano participava direta e indiretamente do narcotráfico e que as tropas especiais19 do ministério do Interior eram usadas para coordenar as operações. Rodríguez citou o chefe da DGI, o general alemão Barreiro, dizendo que "as drogas são a melhor maneira de destruir os Estados Unidos". Seu alvo principal era a juventude americana. Ao debilitar a vontade da juventude americana de resistir, os Estados Unidos poderiam ser destruídos "sem disparar uma única bala. A fundação de qualquer exército é a juventude e aquele que é capaz de destruir moralmente a juventude, destrói o exército20.

Em 1989, Rodriguez repetiu suas acusações e confirmou o que Aspillaga tinha dito; ou seja, que as operações de drogas não poderiam ter sido realizadas sem a aprovação pessoal de Raúl e Fidel Castro. Ele acrescentou que "Fidel não está fazendo isso apenas por dinheiro. Sua filosofia é usar qualquer coisa para destruir os Estados Unidos. Por exemplo, drogas são consideradas a melhor maneira de destruir a sociedade americana sem tropas ou armas, porque os jovens que são os futuros líderes, se são viciados em drogas, são muito fracos"21. O que é especialmente notável sobre tais declarações, é claro, é que elas refletem precisamente a estratégia soviética de drogas.

Em março de 1989, dois traficantes colombianos confessaram ser culpados de contrabando de cocaína para a Flórida através de Cuba. As evidências gravadas em vídeo incluíam conversas sobre como os militares cubanos e oficiais civis ajudaram os traficantes. Reinaldo Ruiz e seu filho Ruben são mostrados dizendo a um informante da DEA como Cuba garante o sucesso das cargas de cocaína que percorrem a ilha e como o dinheiro pago pelo serviço vai para Fidel Castro. O promotor federal dos Estados Unidos, Dexter Lehtinen, declarou: "Acreditamos que as provas apresentadas no tribunal detalham a cumplicidade em nome dos altos oficiais cubanos"22.

Além da Colômbia, Cuba também esteve estreitamente ligada ao Panamá e à Nicarágua no narcotráfico e no tráfico de armas. No caso do Panamá, o general Noriega foi indiciado em 4 de fevereiro de 1988. A acusação nomeou outros 15 e ligou diretamente Noriega ao cartel de Medellín da Colômbia. Após a acusação, o governo dos EUA tentou pressionar Noriega

a sair do cargo. De repente, surgiu uma inundação de informações sobre as atividades questionáveis de Noriega. O tráfico de drogas foi a primeira; e esse foi o caso desde 1970. O tráfico de armas foi a segunda; e não apenas às forças dissidentes não-comunistas, mas aos terroristas e aos revolucionários comunistas. Esses dados também se estenderam retroativamente até o início da década de 1970.

Mas a atividade mais preocupante parece ter sido as crescentes ligações de Noriega com Cuba e as operações cubanas no Panamá. Noriega permitiu que a inteligência cubana instalasse várias centenas de falsas corporações no Panamá para contornar o embargo comercial norte-americano contra Cuba23. O Panamá tornou-se um canal para roubo do Bloco Soviético de alta tecnologia dos EUA. Ainda mais grave foi a crescente presença militar cubana, que envolveu o envio de armas por Cuba - rifles automáticos, RPGs (rocket-propelled grenades), granadas de mão e munições - para o Panamá, e muitas vezes através do Panamá para forças revolucionárias em outros países latino-americanos; treinamento de guerrilha e de forças especiais dado aos militares de Noriega (chamados de "Batalhões Dignidade"); unidades de comandos cubanos, que relataram estar realizando ataques limitados contra as instalações militares dos EUA no Panamá (por exemplo, a Base da Força Aérea Howard foi alvo de um ataque em 12 de abril de 1988); e conselheiros militares cubanos e oficiais de suporte à inteligência, cujo número os oficiais americanos estimaram estar entre 30 e 50, apesar de um desertor colocar este número em 3.000[24].

Quando os Estados Unidos finalmente intervieram no Panamá em 20 de dezembro de 1989, parecia que mais ímpeto foi dado em por fim à crescente presença militar de Cuba (e, portanto, da União Soviética) do que à assistência que Noriega estava fornecendo aos narcotraficantes e lavadores de dinheiro. O narcotráfico proveu as razões para remover Noriega; mas o potencial crescente dos mecanismos de controle cubanos e soviéticos no Panamá foi ainda mais sério25.

A importância do Panamá é óbvia. O Panamá ocupa uma posição geoestratégica de importância excepcional, o que talvez explique por que o Panamá foi um dos primeiros alvos da expansão do tráfico de drogas entre a União Soviética, a Tchecoslováquia e Cuba para a América Latina.

Também surgiram evidências sobre o tráfico de drogas e narcóticos pelo governo da Nicarágua e sobre sua estreita relação com Cuba. Estas provas foram fornecidas, entre outras fontes, por Antonio Farach, ex-ministro conselheiro das embaixadas da Nicarágua na Venezuela e Honduras; por James Herring, um americano que ajudou o governo da Nicarágua no estabelecimento da produção e transporte de cocaína; por Ubi Dekker, um traficante europeu de haxixe que negociou com oficiais nicaragüenses para estabelecer rotas comerciais para o narcotráfico nicaragüense na Europa; e por Álvaro José Baldizon Avilés, oficial do serviço de inteligência nicaragüense.

A primeira notícia que Antonio Farach teve sobre o narcotráfico nicaragüense se materializou em 1981, quando soube que Raúl Castro

havia visitado a Nicarágua em setembro daquele ano e se encontrara com Humberto Ortega. A visita sinalizou o início de uma relação de negócios "novos e especiais". Farach deduziu de outras informações que Cuba havia oferecido garantir de maneira razoável e segura a entrada do governo nicaragüense no tráfico de drogas. Quando perguntado se Castro ofereceu ou ordenou a entrada dos nicaragüenses no narcotráfico, Farach não pôde declarar como. Mas ele disse que "a relação entre os dois países nunca foi de respeito. Os cubanos sempre falavam como se fossem os chefes. Eles foram sempre muito arrogantes e muito exigentes. Eles não sugerem na Nicarágua. Eles ordenam na Nicarágua"26.

Baldizon, ex-oficial nicaragüense de contraespionagem, confirmou o papel arrogante dos conselheiros cubanos nos serviços militares e de inteligência nicaragüenses. A presença de conselheiros e instrutores cubanos era "penetrante", explicou. Sua missão era fornecer conselhos substantivos, implementar sistemas e métodos de segurança empregados em Cuba, apoiar a liderança nicaragüense no planejamento e execução de operações de combate, supervisionar o desenvolvimento ideológico, assegurar uma estreita coordenação entre os serviços de segurança nicaragüenses e cubanos, e preparar planos de guerra. A influência cubana na tomada de decisão no Ministério é praticamente completa e os conselhos e observações cubanos são tratados como se fossem ordens. Os cubanos que operam fora da missão cubana também desempenharam um papel de contrainteligência na Nicarágua. Outros conselheiros e técnicos identificados por Baldizon eram da Alemanha Oriental, da Coréia do Norte, da Bulgária e da URSS27.

Observações semelhantes foram fornecidas em 1988 pelo Major Aspillaga, que descreveu os sandinistas marxistas como estando sob o "controle completo" de Castro. Em particular, ele descreveu interceptações de comunicação de 1980 em que Castro ordenou ao ministro da Defesa da Nicarágua, Humberto Ortega, que arranjasse para que seu irmão, Daniel Ortega, assumisse o cargo de líder político da Nicarágua, para que Humberto pudesse manter o controle das forças armadas. Os principais conselheiros do governo da Nicarágua, incluindo o chefe da inteligência, eram oficiais de inteligência cubanos, Aspillaga explicou28. Ele também disse que os cubanos estavam treinando agentes sandinistas nicaragüenses e realizando trabalhos de contra-inteligência. Além disso, um oficial de inteligência importante no ministério do Interior da Nicarágua é um cubano que se casou com uma mulher nicaragüense, mas que ainda trabalha para a inteligência cubana29. Além disso, narcotraficantes colombianos se encontraram com Raul Castro regularmente em Cuba, disse Aspillaga. Raúl é o braço direito de Fidel para todas as operações clandestinas e Fidel encarou as drogas como "uma arma muito importante contra os Estados Unidos, porque as drogas desmoralizam as pessoas e debilitam a sociedade"30.

A natureza dos conselheiros cubanos na Nicarágua, como descrito por Farach, Baldizon e Aspillaga, parecia ser muito semelhante à natureza dos conselheiros tchecoslovacos em Cuba no início dos anos 1960, que lançaram a tomada soviética, com os cubanos na Nicarágua

desempenhando o papel que os tchecoslovacos tinham desempenhado em Cuba. Alinhado a isso, deve-se suspeitar que metade dos conselheiros "cubanos" e instrutores na Nicarágua poderiam muito bem ter sido soviéticos operando sob difarce cubano e que os verdadeiros cubanos presentes provavelmente foram recrutados e treinados pelos soviéticos e agora operados como agentes de inteligência soviéticos. Isso pode ajudar a explicar a arrogância observada por Farach e Baldizon.

Quando Farach perguntou a outras autoridades nicaraguenses por que seu governo revolucionário deveria se envolver no narcotráfico, foi-lhe dito: "Em primeiro lugar, as drogas não permaneceriam na Nicarágua. As drogas eram destinadas aos Estados Unidos. Nossa juventude não seria prejudicada, mas sim a juventude dos Estados Unidos, a juventude de nossos inimigos. Portanto, as drogas eram usadas como uma arma política, porque dessa forma estávamos dando um golpe no nosso principal inimigo"31. A segunda razão que lhe foi dada foi "além de uma arma política contra os Estados Unidos, o narcotráfico produzia um benefício econômico muito bom que precisávamos para nossa revolução. Mais uma vez, em poucas palavras, queríamos alimentar nosso povo com o sofrimento e a morte da juventude dos Estados Unidos”32.

A participação da Nicarágua no tráfico de drogas e narcóticos nos Estados Unidos teve origem no encontro de Raúl Castro com Humberto Ortega. A própria operação de narcóticos foi colocada sob o serviço de inteligência nicaragüense, com Tomás Borge, ministro do Interior e chefe do serviço de inteligência, encarregado da operação, e seu vice, Frederico Vaughan, chefe de gabinete.

Frederico Vaughan foi indiciado em 1986 no Tribunal Distrital dos Estados Unidos, Distrito Sul da Flórida, juntamente com Carlos Lehder, a família Ochoa, Pablo Escobar Gaviria e outros, em vinte e quatro acusações de produção e contrabando de cocaína nos Estados Unidos, conspiração, obstrução da justiça, e crimes relacionados. James Herring, um americano que foi recrutado por Robert Vesco para várias tarefas nefastas, descreveu como ele foi apresentado aos oficiais do governo nicaragüense e cubano, e seu trabalho em "drogas e contrabando de alta tecnologia". Ele fez um total de quatro viagens a Cuba e quatro viagens à Nicarágua. Ele sempre foi "acompanhado e muito bem tratado por dignitários de ambos os governos". Na opinião de Herring, a operação foi iniciada pelo governo33.

Ubi Dekker é um codinome para um europeu que era um proeminente fugitivo da Interpol e narcotraficante internacional; sua verdadeira identidade está escondida por razões de segurança. Quando lhe perguntaram se o tráfico não era apenas o trabalho de alguns oficiais corruptos, Dekker respondeu: "Completamente duvidoso. É impossível ... É o governo [cubano] inteiro”. O governo cubano forneceu segurança, instalações, mão-de-obra, em suma, tudo; e havia uma ligação direta entre Cuba e a Nicarágua34.

O interrogatório de Baldizon por oficiais dos EUA foi particularmente revelador. Desde 1982 até sua deserção em 1° de julho de 1985, Baldizon foi o principal investigador de abusos internos no Ministério do Interior da Nicarágua. Em 1984, o escritório de Baldizon

recebeu relatórios ligando o ministro do Interior Tomas Borge ao tráfico de cocaína. Baldizon foi instruído a investigar isso como um compromisso de um segredo de Estado. Ele achava que isso era um erro, porque não podia acreditar que seu governo estivesse envolvido no tráfico de narcóticos. Assim, foi ao chefe do seu gabinete, o capitão Charlotte Baltodano Egner, e perguntou-lhe se o assunto não deveria ser investigado como uma calúnia contra o ministro. Baltodano ficou surpreso e disse que o escritório não deveria ter recebido o relatório.

O fato de Borge ter envolvido o governo no tráfico de narcóticos era altamente sigiloso, ela explicou, e conhecido no ministério apenas por Borge, seu assistente [Frederico Vaughan], os chefes de polícia e segurança do Estado, e por ela. Fora do ministério, só era conhecido pelos membros da Direção Nacional do FSLN (Frente Sandinista de Libertação Nacional). Baldizon também forneceu detalhes adicionais sobre Borge e tráfico de cocaína e o uso do dinheiro "para montar operações clandestinas pelo Departamento de Inteligência e Segurança do Estado fora da Nicarágua"35. Baldizon morreu em 1988, na Califórnia36.

Em 1987, outro oficial do alto escalão do governo da Nicarágua desertou para os Estados Unidos: major Roger Miranda Bengoechea. Miranda também confirmou o envolvimento da Nicarágua no narcotráfico. Ele relatou como, um dia, o ministro da Defesa, Humberto Ortega, disse-lhe que o tráfico era operação de Borge, e acrescentou: "É uma maneira de travar guerra contra os Estados Unidos. Ele também dá um lucro”37.

Os relatórios sobre tráfico de narcóticos em outros países da América Latina (e do Caribe), incluindo o México, Panamá, Colômbia, Peru, Bolívia, Bahamas, Haiti, Jamaica, Honduras, Brasil, Venezuela e Argentina, são semelhantes, diferindo principalmente no grau e em quão avançada a operação de tráfico se tornou. As principais semelhanças são: a corrupção relacionada às drogas, a participação de altos oficiais do governo, o crescente envolvimento do exército ou da polícia e as ligações com Cuba ou com a Nicarágua. O envolvimento comunista tende a estar presente, mas não é tão evidente como é o caso em Cuba e na Nicarágua.

As principais diferenças entre as condições relatadas nos países não-comunistas listados acima e em Cuba e na Nicarágua são que, no caso de Cuba e Nicarágua, as atividades relacionadas às drogas são realizadas diretamente como iniciativas do governo comunista - de modo que não haja problemas entre o governo e os narcotraficantes, e não surgem instabilidades graves por causa do tráfico de drogas.

O potencial de desestabilização inerente à corrupção que acompanha a produção de drogas, o tráfico e a lavagem de dinheiro pode ser ainda mais perigoso e condenatório do que os problemas sociais causados pelas drogas, porque fornece as bases para a revolução e a tomada de poder. É aqui que o narcoterrorismo tem seu impacto primário, com as operações de narcóticos sabotando a lei, a ordem, a economia e a coesão social. Quando a situação se deteriorou o

suficiente, os terroristas revolucionários podem proceder à derrubada do governo.

Este processo de desestabilização foi descrito em 1985 por Jon Thomas, Vice-Secretário de Assuntos Internacionais de Narcóticos, Departamento de Estado dos EUA, como segue: Os traficantes de fato podem ter matado seu ganso de ouro. Eles têm poluído seus próprios países com suas drogas. Agora somam aos incentivos por controles ... [estão] debilitando as economias, envenenando as instituições públicas, corrompendo a lei e a ordem, trazendo a violência e as ameaças dos narcoterroristas e grupos insurgentes que ganham com o tráfico de drogas, e a desestabilização dos governos38. Em certo sentido, Thomas está absolutamente certo. No entanto, existe uma outra visão – a saber, que estes "incentivos" que contribuem para a desestabilização não são resultados indesejados, mas sim objetivos desejados. Eles não estão matando o ganso de ouro; eles estão construindo uma base revolucionária para seu próprio ganso de ouro.

Nem é aqui que a história termina, porque há uma visão ainda mais importante. Em seu testemunho, Thomas estava abordando a situação na América Latina. Mas o que está acontecendo não se limita à América Latina. Está acontecendo em todo o mundo, incluindo os Estados Unidos. O colapso da lei e da ordem é especialmente evidente nos estados dos EUA mais estreitamente associados ao tráfico de drogas e à lavagem de dinheiro; por exemplo, Flórida, Arizona, Novo México e Califórnia. Um bom exemplo da erosão das capacidades da polícia, por um tempo, foi evidente em Washington, D.C., onde a polícia admitiu francamente que estavam ultrapassados em poder de fogo. Em 24 de março de 1989, o chefe de polícia do Departamento de Polícia, Maurice T. Turner, Jr., disse que a polícia pouco poderia fazer sobre a escalada da taxa de homicídios, além de esperar até que os traficantes locais talhassem a cidade em mercados39. Isso ecoa os sentimentos da polícia em mais de uma dúzia de grandes cidades. Em uma reportagem especial publicada em 1989 sobre a crescente anarquia dentro da América urbana, a US. News & World Report concluiu que “condições de combate semelhantes” existem em Nova York, Boston, Filadélfia, Baltimore, Washington, Miami, Cleveland, Nova Orleans, East St. Louis, Detroit, Chicago, Atlanta, Houston, Dallas, Oakland e Los Angeles40.

Os desafios e fragilidades humanas que dão origem a esses problemas não se limitam à América Latina. Eles existem em todos os lugares, os Estados Unidos não são, naturalmente, nenhuma exceção, o que é outra razão pela qual o narcotráfico é muito mais sério do que as autorizadas percepções públicas e oficiais do governo sobre o problema.

Referências ao capítulo 8:

1. A participação de Cuba em todas essas atividades foi explicada por numerosos desertores e ex-narcotraficantes. Uma coletânea de reportagens de notícias após a acusação de novembro de 1982 foi publicada como “Castro e a Conexão com Narcóticos” (Castro and the Narcotics Connection) (Washington, DC: A Fundação Nacional Cubano Americana [The Cuban American National Foundation], Inc., 1983) e “Narcotráfico de Castro” (Castro's Narcotics Trade) (Washington, DC: A Fundação Nacional Cubano Americana [The Cuban American National

Foundation], Inc., 1983). Vide também "Hidra da Carnificina" (Hydra of Carnage), Ra'anan, páginas 431-476.

2. Um "centro revolucionário" é uma base para treinamento e exportação de atividade revolucionária. Vide referência 3, capítulo 3, para mais informações sobre "centros revolucionários".

3. Vide Congresso dos EUA, Senado, O Envolvimento do Governo Cubano na Facilitação do Tráfico Internacional de Drogas (The Cuban Government's Involvement in Facilitating International drug-traffic), Audiência Conjunta Perante o Subcomitê de Segurança e Terrorismo do Comitê Judiciário e do Subcomitê de Assuntos do Hemisfério Ocidental do Comitê de Relações Exteriores e da Assembléia de Combate às Drogas do Senado (Joint Hearing Before the Subcommittee on Security and Terrorism of the Committee on the Judiciary and the Subcommittee on Western Hemisphere Affairs of the Foreign Relations Committee and the Senate Drug Enforcement Caucus), Miami, Flórida, 30 de abril de 1983 (Washington, DC: Editora Governamental dos EUA (US Government Printing Office), 1983). Detalhes sobre a conexão soviética por ex-agentes de inteligência cubanos podem ser encontrados no Congresso dos EUA, Senado, O Papel de Cuba na Subversão e Terrorismo Internacionais (The Role of Cuba in International Terrorism and Subversion), Audiências Perante o Subcomitê de Segurança e Terrorismo do Comitê Judiciário (Hearings Before the Subcommittee on Security and Terrorism of the Committee on the Judiciary), 26 de fevereiro; 4, 11 e 12 de março, 1982 (Washington, DC: Editora Governamental dos EUA (US Government Printing Office), 1982).

4. Para uma apresentação do crescimento dos cartéis de cocaína colombianos e suas ligações com terroristas, vide Reis da Cocaína (Kings of Cocaine), Gugliotta and Leen, op. cit.

5. Senado dos EUA, Audiências perante o Subcomitê sobre Terrorismo, Narcóticos e Operações Internacionais do Comitê de Relações Exteriores (Hearings Before the Subcommittee on Terrorism, Narcotics and International Operations of the Committee on Foreign Relations), 9 de fevereiro de 1988, transcrição estenográfica não publicada, sessão matutina, páginas 68 e 71; sessão vespertina, página 41.

6. Vide Congresso dos EUA, Senado, Terrorismo: O Papel de Moscou e Seus Terceirizados (Terrorism: The Role of Moscow and Its Subcontractors), Audiência perante o Subcomitê de Segurança e Terrorismo do Comitê Judiciário (Hearing Before the Subcommittee on Security and Terrorism of the Committee on the Judiciary), 26 de junho de 1981 (Washington, DC: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office], 1982), página 10. Para uma excelente análise da evolução do Departamento América, vide "Departamento América de Castro" (Castro's Americas Department), Rex A. Hudson (Washington, DC: A Fundação Nacional Cubano Americana (The Cuban American National Foundation), Inc., 1988).

Curiosamente, Pineiro foi um dos dois homens que Castro enviou em uma missão secreta ao presidente marxista-leninista do Chile, Salvador Allende, apenas seis semanas antes da derrota de Allende em 1973. Pineiro e o vice-primeiro-ministro cubano, Carlos Rafael Rodriguez - que também liderou o Partido Comunista de Cuba - levaram uma nota manuscrita de Castro pedindo a Allende para lutar até a morte se a revolução se materializar. Pineiro sucedeu como o chefe de polícia secreto Luis Fernandes Ona, enviado por Castro para ajudar no reforço do regime de Allende em seus primeiros dias, e que posteriormente se casou com uma das filhas de Allende. De Volta das Cinzas, Whelan, op. cit. página 407.

7. Vide, por exemplo, "Suprema Corte Colombiana Revira o Pacto de Extradição com os EUA" (Colombian Supreme Court Overturns Extradition Pact With US), Bradley Graham, Washington Post, 27 de junho de 1987, página A16.

8. Senado dos EUA, Terrorismo Internacional, Insurgência e Narcotráfico: Tendências Presentes na Atividade Terrorista (International Terrorism, Insurgency, and drug-trafficking: Present Trends in Terrorist Activity), Audiências Conjuntas perante a Comissão das Relações Exteriores e o Comitê Judiciário (Joint Hearings Before the Committee on Foreign Relations and the Committee on the Judiciary), 13, 14 e 15 de maio (Washington, D.C.: Imprensa Governamental dos EUA [US Government Printing Office], 1986), página 31.

9. Drogas e Terrorismo (Drugs and Terrorism), 1984, op. cit.

10. Narcotráfico Internacional (International Drug-trafficking), Workman, op. cit., páginas 2 e 28.

11. Congresso dos EUA, Senado, O Envolvimento do Governo Cubano na Facilitação do Tráfico Internacional de Drogas (The Cuban Government's Involvement in Facilitating International drug-traffic), Audiência Conjunta Perante o Subcomitê de Segurança e Terrorismo do Comitê Judiciário e do Subcomitê de Assuntos do Hemisfério Ocidental do Comitê de Relações Exteriores e da Assembléia de Combate às Drogas do Senado (Joint Hearing Before the Subcommittee on Security and Terrorism of the Committee on the Judiciary and the Subcommittee on Western Hemisphere Affairs of the Foreign Relations Committee and the Senate Drug Enforcement Caucus), Miami, Flórida, 30 de abril de 1983 (Washington, DC: Editora Governamental dos EUA (US Government Printing Office), 1983), página 23.

12. Ibid., página 45.

13. Ibid.

14. O testemunho das testemunhas está contido em O Envolvimento do Governo Cubano na Facilitação do Tráfico Internacional de Drogas (The Cuban Government's Involvement in Facilitating International drug-traffic), op. cit.

15. Congresso dos EUA, Senado, O Papel de Cuba no Terrorismo e Subversão Internacionais, Audiências perante o Subcomitê sobre Segurança e Terrorismo do Comitê Judiciário, 26 de fevereiro; 4, 11 e 12 de março de 1982 (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office], 1982), páginas 6-26.

16. Agência da Inteligência de Defesa dos EUA (US Defence Intelligence Agency - DIA), A Rede Terrorista Internacional (The International Terrorist Network), Relatório 6 010 5026 83, 6 de maio de 1983, citado em Tráfico de Drogas Internacional (International Drug-trafficking), Workman, op. cit., página C-1.

17. A expansão da operação de drogas em Cuba, por volta de 1978, seguida pelo Êxodo de Mariel, uma operação de inteligência cubana, em 1980, pode ter sido facilitada pela destruição maciça da segurança interna dos EUA, que começou no início dos anos 1960 e atingiu cerca de 95 por cento do seu pico em 1978. Não havia dúvidas sobre o que estava acontecendo, e incluía uma diminuição maciça das investigações de segurança interna do FBI. Em 1974, o FBI tinha mais de 55.000 casos abertos sobre subversivos e extremistas. Como resultado da Lei de Privacidade (Privacy Act) e do auto-policiamento durante as investigações dos Comitês da Igreja e de Pike (Church committee e Pike committee, respectivamente), e o impacto inicial das diretrizes de Levi (Levi guidelines), o número de casos de segurança interna caiu para aproximadamente 20.000 no verão de 1976. Um ano depois, o número despencou para 102. Em 1982, o número de casos ativos do FBI era de apenas 14; quatro organizações e 10

indivíduos. Em 1978, os Estados Unidos eram um alvo maduro e vulnerável para as operações de inteligência estrangeiras, das quais o Êxodo de Mariel poderia muito bem ter sido projetado a explorar. Vide "Terroristas Descobrem que os EUA Oferecem Alvos Convidativos" (Terrorists Find That US Offers Inviting Targets), Joseph D. Douglass, Jr. e Neil C. Livingstone, Detroit News, 29 de abril de 1984, página 23A. 1976 também parece ser o ano em que as primeiras gangues jamaicanas (posses*) que figuram tão proeminente na distribuição e vendas de crack, entraram no país.DEA, Panorama sobre a Cocaína-Crack 1989 (Crack Cocaine Overview 1989) (Washington, D.C.: Departamento de Justiça dos EUA [US Department of Justice], 1989), página 7.

*N. do Trad.: Coalizão de gangues jamaicanas dos anos 70.

18. "Castro Gerencia um Resort para Narcotraficantes" (Castro Runs a Resort for Narcotics Dealers), Bill Gertz, Washington Times, 23 de março de 1988, A1.

19. Como explicado por Sejna, as tropas especiais, ou spetsnaz (no vernáculo soviético), são forças de inteligência e sabotagem especialmente treinadas, cujas missões apoiam operações de inteligência estratégica. Seu trabalho é executado para as diretorias de inteligência estratégica, na inteligência civil e militar, que também é responsável pelo tráfico de drogas. O dever das unidades spetsnaz é debilitar a estabilidade política, economica, militar e moral do inimigo.

20. "Uma Conversa com um Agente de Inteligência Cubano" (A Conversation with a Cuban Intelligence Agent), El Nuevo Herald, Miami, 5-6 de junho de 1988, traduzido para o inglês pela Fundação Nacional Cubano Americana (Cuban American National Foundation).

21. "Castro Quer Destruir os EUA com Drogas, Acusa Desertor" (Castro Wants to Destroy US with Drugs, Defector Charges), Bill Gertz, Washington Times, 28 de agosto de 1989, página A3. Vide também "Ex-Oficial Cubano Diz que Castro Lucrava com o Tráfico de Drogas" (Ex-Cuban Officer Says Castro Profited from drug-trafficking), Don Podesta, Washington Post, 26 de agosto de 1989, página A17.

22. "Dinheiro de Drogas Termina em 'Gaveta de Fidel'" (Drug Money Ends Up in 'Drawer of Fidel'), Michael Hedges, Washington Times, 10 de marçde 1989, página A5.

23. Vide, por exemplo, "Cuba Usou Noriega para Obter Produtos de Alta Tecnologia dos EUA, Diz Desertor" (Cuba Used Noriega to Obtain High-Tech US Goods, Defector Says), Joe Pichirallo, Washington Post, 27 de abril de 1988, página A24.

24. Vide, por exemplo, "Brigada Marxista Infiltra o Panamá para Defender Noriega" (Marxist Brigade Infiltrates Panama to Defend Noriega), Lou Marano, Washington Times, 5 de abril de 1988, página A1; "Sombra de Cuba Cresce no Panamá" (Shadow of Cuba Grows in Panama), Peter Almond e Bill Gertz, Washington Times, 29 de abril de 1988, página A1; "Cuba Aperta o Controle sobre o Panamá" (Cuba Tightens Grip on Panama), Peter Samuel, Washington Inquirer, 24 de junho de 1988, página 1; "A Mão Traiçoeira de Castro no Panamá" (Castro's Insidious Hand in Panama), Georgie Anne Geyer, Washington Times, 27 de dezembro de 1989, página F1; e "Quem é Manuel Antonio Noriega?" (Who Is Manuel Antonio Noriega?), Roger W. Fontaine, em "Panamá: Uma Avaliação" (Panama: An Assessment), Victor H. Krulak, editor (Washington, D.C.: Instituto Estratégico dos Estados Unidos [United States Strategic Institute], 1990).

25. Em uma ação como essa, geralmente há uma série de fatores motivadores. Certamente, as operações de drogas de Noriega e suas crescentes ligações a

Cuba são dois muito persuasivos e óbvios. Mas, existem outros não tão evidentes, que podem ser igualmente, se não mais, importantes. Por exemplo, havia quase certamente um antagonismo crescente a respeito de Noriega dentro do establishment legislativo dos EUA. Este establishment é geralmente anti-militar, e é fortemente contrário a ditadores militares. O forte viés contrário ao líder militar na América Latina, que saiu ao ar livre em 1969, é relatado por Richard A. Ware, o então-Subsecretário Principal de Defesa (Assuntos de Segurança Internacional): "Em 1969, os indivíduos no Estado estavam unidos, entrando nos Assuntos de Segurança Internacional (ISA - International Security Affairs) em uma missão quase messiânica de reforma social em países latino-americanos. Essencialmente, isso significava remover os militares de posições de autoridade, com a ascendência resultante das forças de esquerda. Os contatos com os militares foram minimizados e a Defesa foi substancialmente afastada de qualquer papel na formulação de políticas americanas. Era como se não houvesse interesses de segurança nacional ao sul da fronteira ". "O Escritório de Assuntos de Segurança Internacional do Pentágono 1969-1973" (The Pentagon's Office of International Security Affairs 1969-1973) ou "Dois Cidadãos Vão a Washington" (Two Citizens Go to Washington) (Washington, D.C.: Instituto Empresarial Americano de Pesquisa de Políticas Públicas [American Enterprise Institute for Public Policy Research], 1986).

Juan B. Sosa foi Embaixador do Panamá nos Estados Unidos de outubro de 1987 até o encerramento da Embaixada após as eleições de maio de 1989. Ele escreve que "as dificuldades de Noriega surgiram em 1986, mesmo enquanto ele continuava a apertar as rédeas de seu controle sobre os setores militar e político da sociedade panamenha. Sua imagem no exterior foi prejudicada por uma série de artigos no New York Times ligando-o ao tráfico de narcóticos. "A Crise Política e Econômica do Panamá" (The Political and Economic Crisis of Panama), "Panamá: Uma Avaliação" (Panama: An Assessment) (Washington, D.C.: Instituto Estratégico dos Estados Unidos [United States Strategic Institute], 1990), página 18.

Os artigos sobre os quais Sosa provavelmente se referia eram: "O 'Hércules' do Panamá Disse para Traficar Drogas, Armas e Dinheiro Ilícito" (Panama Strongman Said to Trade in Drugs, Arms and Illicit Money), Seymour M. Hersch, New York Times, 12 de junho de 1986; "Ajudantes dos EUA para o oficial responsável por 72 assassinatos pesados que agora lidera o Panamá" (US Aides in 72 Weighed Killing Officer Who Now Leads Panama), Seymour M. Hersch, New York Times, 13 de junho de 1986; e "General do Panamá Disse ao Exército para Fraudar Eleição" (Panama General Said to Have Told Army to Rig Vote), Seymour M. Hersch, New York Times, 22 de junho de 1986. O primeiro artigo apareceu na semana em que Noriega estava visitando os Estados Unidos. Os artigos não se concentravam apenas no narcotráfico e na lavagem de dinheiro. Igual peso foi dado a uma ampla variedade de atividades, incluindo fornecer armas para a guerrilha sul-americana, principalmente a M-19 colombiana, assassinar um oponente político, fornecer informações de inteligência a Cuba, permitir e lucrar com as operações cubanas de roubo de tecnologia através do Panamá, comprando documentos secretos da Agência de Segurança Nacional [NSA] de um sargento do Exército dos EUA e transferindo-os para Cuba e mudando os resultados das eleições de 1984. Um parenteses interessante: quando as forças dos EUA assumiram o escritório e a casa de Noriega após a invasão em 20 de dezembro de 1989, eles encontraram uma variedade de parafernálias de feitiçaria e de vodu. Entre a coleção estava um tamale, dentro do qual estavam dois pedaços de papel com os nomes "Seymour Hersch" e "John Poindex-ter" escrito sobre eles.

Nos cinco anos anteriores ao ataque a Noriega no New York Times, Noriega derrubou vários candidatos civis e apertou seu controle sobre o Panamá. Como parte desta operação, ele também parece estar afirmando seu controle (e participação nos lucros) do processo de lavagem de dinheiro que envolveu todos

os bancos do Panamá. Isto pode ter antagonizado ainda mais o establishment legislativo dos EUA. Além disso, William R. Gianelli, ex-presidente da Comissão do Canal do Panamá, escreveu que as sanções econômicas impostas em abril de 1988, prorrogadas por mais um ano em abril de 1989, para expulsar Noriega, foram infrutíferas; e que, como resultado, as empresas americanas estavam tendo que restringir ou fechar suas atividades, de modo que a comunidade bancária internacional também foi seriamente afetada. "O Canal do Panamá e a Zona do Canal: Status e Perspectivas" (The Panama Canal and the Canal Zone: Status and Prospects), Panamá: Uma Avaliação (Panama: An Assessment), op. cit., página 10. Adicionando insulto à injúria, em janeiro de 1989, Noriega abriu seu próprio banco, o Banco Institucional J1. Esses eventos também podem ter contribuído significativamente para a decisão de invadir o Panamá, implementada em dezembro de 1989.

26. Senado dos EUA, Drogas e Terrorismo, 1984, Audiência perante o Subcomitê sobre Alcoolismo e Abuso de Drogas do Comitê sobre Trabalho e Recursos Humanos, 2 de agosto de 1984 (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office], 1984), página 83.

27. Informações Fornecidas por Alvaro Baldizon Aviles (Information Supplied by Alvaro Baldizon Aviles), esboço não editado e inédito produzido durante interrogatórios com deputados do governo dos EUA, S/LPD 6326751, páginas 16-17. Testemunho de Miguel Bolanos, oficial de contraespionagem do aparato de segurança do Estado Sandinista, também concorda sobre o importante papel dos assessores do bloco soviético na inteligência nicaragüense. Na seção de contrainteligência de Bolanos havia dois conselheiros soviéticos e um conselheiro cubano. Bolanos relatou que na Segurança do Estado havia 70 conselheiros soviéticos, 400 cubanos, 40-50 alemães orientais e 20-25 búlgaros. "Dentro da Nicarágua Comunista: As Transcrições de Miguel Bolanos" (Inside Communist Nicaragua: The Miguel Bolanos Transcripts) (Washington, D.C.: Heritage Foundation, 30 de setembro de 1983), páginas 8-9.

28. "Castro Gerencia um Resort para Narcotraficantes" (Castro Runs a Resort for Narcotics Dealers), Gertz, op.cit., página A6.

29. "Cuba Usou Noriega para Obter Produtos de Alta Tecnologia dos EUA, Diz Desertor" (Cuba Used Noriega to Obtain High-Tech US Goods, Defector Says), Joe Pichirallo, Washington Post, 27 de abril de 1988, página A24.

30. "O Mundo do Narcoterrorismo" (The World of Narco-terrorism), David Brock, O Espectador Americano (The American Spectator), junho 1989, página 27.

31. Drogas e Terrorismo (Drugs and Terrorism), 1984, op.cit., página 79.

32. Ibid., página 80.

33. Congresso dos EUA, Senado, "O Papel da Nicarágua no Tráfico de Drogas" (Role of Nicaragua in drug-trafficking), Audiência perante o Subcomitê sobre Crianças, Família, Drogas e Alcoolismo do Comitê sobre Trabalho e Recursos Humanos (Hearing Before the Subcommittee on Children, Family, Drugs and Alcoholism of the Committee on Labour and Human Resources), 19 de abril de 1985 (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office], 1985), páginas 27, 32 e 34.

34. "O Papel da Nicarágua no Tráfico de Drogas" (Role of Nicaragua in drug-trafficking), op. cit., página 41.

35. Informações Fornecidas por Alvaro Baldizon Aviles (Information Supplied by Alvaro Baldizon Aviles), op. cit., página 11.

36. O relatório do médico legista afirma que a morte foi causada por um aneurisma no cérebro (AVC - acidente vascular cerebral). Relatos não oficiais dizem que isso aconteceu várias horas depois que Baldizon jantou em seu restaurante nicaragüense favorito. Há, é claro, a possibilidade de assassinato. Uma das classes de armas de assassinato preferidas pelos soviéticos são venenos que resultam em mortes por causas aparentemente naturais horas a dias após os venenos serem administrados. Os tipos de "causas" empregadas incluem ataques cardíacos, derrames, cânceres de ação rápida e doenças difíceis de tratar.

37. "O Plano Secreto da Nicarágua" (Nicaragua's Secret Plan), Trevor Armbrister, Reader's Digest, abril de 1988, página 76.

38. Congresso dos EUA, Senado, Relatório Internacional de Controle de Narcóticos (International Narcotics Control Report), Audiência perante o Subcomitê sobre Crianças, Família, Drogas e Alcoolismo do Comitê sobre Trabalho e Recursos Humanos (Hearing Before the Subcommittee on Children, Family, Drugs and Alcoholism of the Committee on Labour and Human Resources), 13 de março de 1985 (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office], 1985), página 8.

39. "Turner Diz que Polícia Não Pode Parar Matanças" (Turner Says Police Can't Halt Killings), Eric Pianin, Washington Post, 25 de março de 1989, página A1. Vide também "Berry Diz que Assassinatos São Imparáveis", Sari Horwitz, Washington Post, 20 de outubro de 1989, D1.

40. "Zonas Mortas" (Dead Zones), Thomas Moore et al., US News & World Report, 10 de abril de 1989, página 22.

-CAPÍTULO 9-

# NÃO OUÇA O MAL, NÃO FALE O MAL, NÃO VEJA O MAL

Ao longo da década de 1950, Harry Anslinger, o Comissário de Narcóticos dos EUA, trabalhou arduamente para fazer com que as pessoas percebessem que a China comunista era a principal força responsável pelo tráfico de narcóticos1. "A máfia", explicou, em resposta a enganosas notícias da imprensa, "não era o maior traficante de drogas. Esta era uma falsa impressão. O maior traficante de drogas era, de longe, Pequim". Anslinger forneceu dados detalhados às Nações Unidas e ao Congresso dos EUA. Ele identificou as agências governamentais chinesas que estavam envolvidas, bem como inúmeras rotas de tráfico da China através da Coréia do Norte e do Sudeste Asiático para o Japão, Filipinas, Havaí, Alasca, México e Estados Unidos. Ele liderou operações para atacar redes de distribuição conhecidas. Mas, enquanto ele era incapaz de parar o fluxo, pelo menos ele identificou a fonte da ofensiva: a China comunista.

Então, no início dos anos 60, algo aconteceu. Em um estudo sobre o tráfico de narcóticos na China, Stefan T. Possony observou: "No começo dos anos 60, o assunto [ofensiva da China comunista contra os Estados Unidos], que originalmente atraíra grande atenção, tornou-se um "não assunto, parafraseando Orwell"2.

Em uma análise detalhada do problema, A. H. Stanton Candlin observou o mesmo fenômeno, que ele explicou nos seguintes termos:

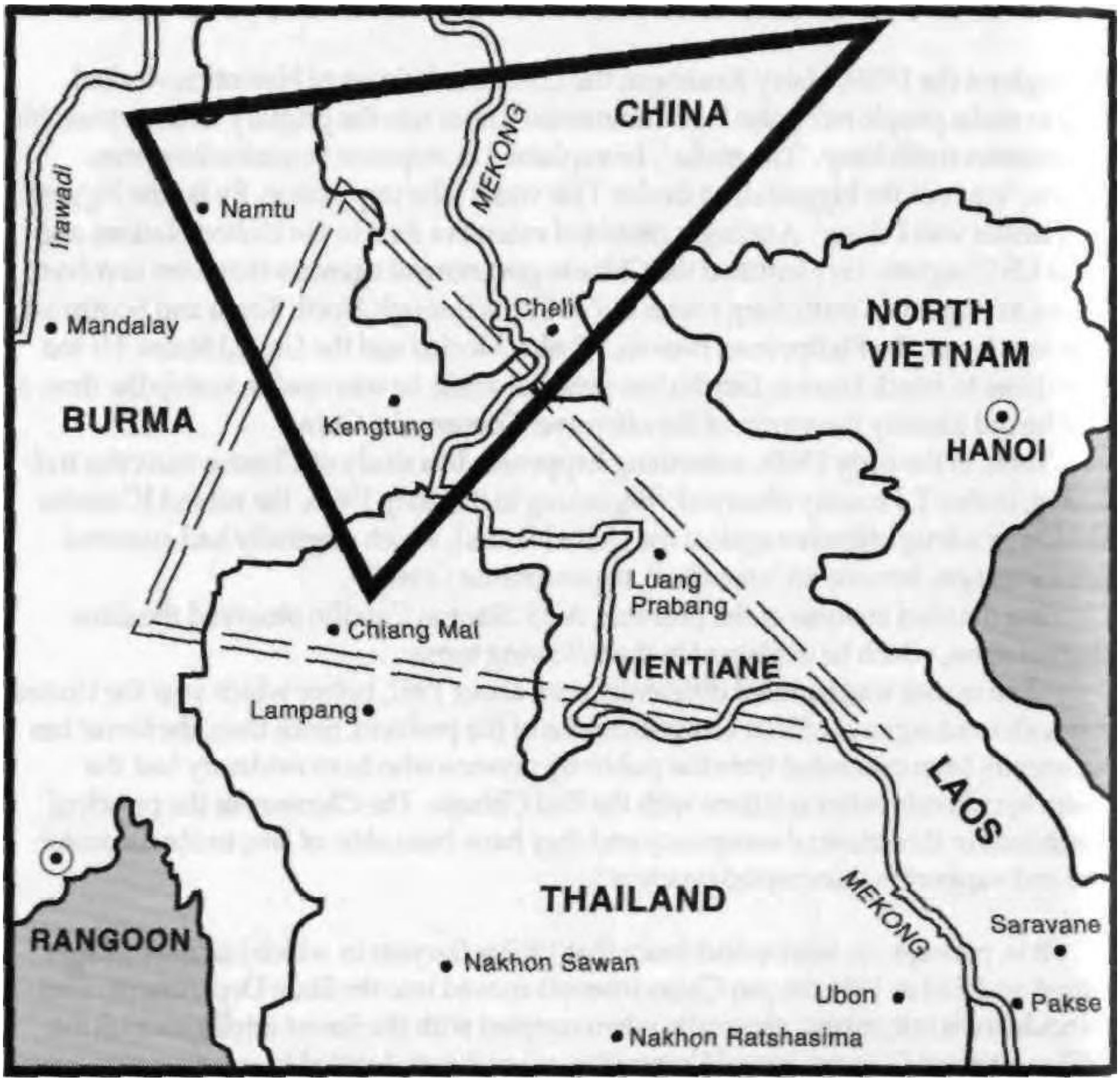
O assunto foi tratado de forma diferente até cerca de 1962, antes do ano em que os Estados Unidos mostraram sinais de compreensão oficial do problema. Desde então, a ameaça aparentemente foi ocultada ao público por pessoas que evidentemente tinham o desejo de cultivar melhores relações com os chineses vermelhos. Os chineses são os principais malfeitores dessa conspiração criminosa e, ultimamente, têm sido capazes de obter proteção e apoio em quartéis inesperados3.

Talvez não seja mera coincidência que 1962 seja o ano em que Harry Anslinger se aposentou e que em 1961 os interesses pró-China entraram no Departamento de Estado4. Esta coincidência é interessante, especialmente quando combinada com a inteligência soviética sobre a reunião de 1957 do Comitê Central da China, quando foi decidido o incentivo do investimento estrangeiro na China.

Em 1969, o presidente Nixon declarou guerra às drogas. Uma das primeiras medidas tomadas foi identificar as fontes do problema. Em uma instância, os analistas da Agência Central de Inteligência (CIA -

Central Intelligence Agency) começaram a olhar para o narcotráfico emanando do Sudeste Asiático. Com base em uma enorme quantidade de detalhes de um amplo espectro de fontes, o primeiro mapa foi desenhado do "Triângulo Dourado" - então considerado como a principal fonte de drogas e narcóticos[5].

O triângulo incluiu partes da Tailândia, Birmânia, Laos e, especialmente, da província de Yunnan, China, como mostrado pelo triângulo de linha sólida na figura abaixo. A ponta nordeste do triângulo estava situada acima na província de Yunnan, perto de Kunming. A província de Yunnan era, de fato, a fonte dominante, tanto por conta própria como por meio de seu controle e assistência às operações no norte da Birmânia e na Tailândia. Como o especialista em Extremo Oriente da CIA que construiu o mapa descreveu a posição, o triângulo era realmente um V dourado cujo ápice estava na região onde Tailândia, Birmânia e Laos se uniam. A maior parte da área, o funil do V, estava na província de Yunnan.




O Triângulo Dourado. Triângulo negrito: análise original da CIA. Triângulo tracejado: versão "politicamente correta" modificada da Casa Branca, praticamente ignorando a China comunista.

Esta avaliação era idêntica às informações fornecidas pela Sejna, com base em estudos de inteligência tchecoslovacos e soviéticos. Ele também informou que em 1960 a China assinou um "Tratado de Amizade e Cooperação" com a Birmânia, que deu à China a oportunidade de operar abertamente na Birmânia. De acordo com estimativas da KGB, cinquenta por cento dos representantes chineses na Birmânia estavam envolvidos (oficialmente) no negócio de drogas no início dos anos 1960.

Em 1970, o mapa do Triângulo Dourado da CIA foi passado para o Departamento de Narcóticos e Drogas Perigosas (BNDD - Bureau of Narcotics and Dangerous Drugs), precursor da Diretoria de Combate às Drogas (DEA –Drug Enforcement Administration) [vide: capítulo 5]. Meses depois, uma nova versão do mapa emergiu da Casa Branca. A ponta do triângulo foi movida de 25 graus de latitude-norte na China até 20 graus de latitude-norte, no Laos. A nova designação é mostrada pelo triângulo tracejado na figura acima. Com alguns golpes de caneta, a China Comunista havia sido efetivamente excluída do Triângulo Dourado.

Naquela época, a principal organização norte-americana preocupada com o tráfico ilegal de narcóticos era o ad hoc comitê sobre narcóticos, presidido por Henry Kissinger. Como Edward Jay Epstein observou, Kissinger evidenciou pouco interesse no problema da heroína e raramente comparecia a reuniões de comitê. Geralmente, o general Alexander Haig presidia as reuniões na ausência de Kissinger. Kissinger, o [Subsecretário de Estado Elliot] Richardson e Haig gastaram a maior parte de suas energias amortecendo o entusiasmo dos fanáticos da Casa Branca em lançar uma nova cruzada de heroína que poderia ameaçar novamente as relações diplomáticas com importantes aliados6. Certamente, a iniciativa em relação à China foi uma das iniciativas diplomáticas de alta prioridade naquela época. Epstein também observou que depois que o Departamento de Defesa começou a usar aviões de reconhecimento para ajudar a identificar campos de papoula na Birmânia e no Laos, Kissinger parou os sobrevoos da Birmânia especificamente para evitar ameaçar a trégua com a China7.

Em setembro de 1971, foi formado o Comitê do Gabinete de Controle de Narcóticos Internacional (Cabinet Committee on International Narcotics Control), liderado pelo Secretário de Estado, William P. Rogers. O comitê raramente se reuniu e foi silenciosamente eliminado em 1972. Enquanto existia, ele era dirigido por Nelson Gross, um republicano de Saddle River, Nova Jersey, que havia sido derrotado em sua busca por um assento no Senado em 1970 e que o presidente Nixon tinha então nomeado como conselheiro sênior e coordenador para assuntos internacionais de narcóticos no Departamento de Estado. Em agosto de 1972, pouco antes da morte do comitê, o Secretário Rogers divulgou um estudo que havia sido preparado sob seus auspícios, o Mapa Mundial do Ópio – 1972 (World Opium Survey-1972).

Os principais produtores de ópio ilícito identificados neste relatório foram a Índia, Afeganistão, Turquia, Paquistão, Birmânia, Tailândia, Laos, México, Europa Oriental, Norte de África e América Latina. As geografias da rede do Sudeste Asiático, tal como apresentadas no estudo, são reproduzidas na próxima figura. Como pode ser visto, tanto

a China quanto o Vietnã do Norte são efetivamente excluídos dessa representação da rede do ópio8.

Além disso, o texto, que aborda especificamente a República Popular da China, foi bastante revelador. O texto explicava que, em fevereiro de 1950, a China introduziu controles rigorosos sobre a produção de papoula de ópio e o uso de opiáceos; que as medidas foram rigorosamente aplicadas e que o problema do uso do ópio havia sido efetivamente eliminado. Alguma produção ilícita em pequena escala pode permanecer, o texto admitiu e, juntamente a isto, "talvez, pequenas quantidades de comércio transfronteiriço da mercadoria"9.

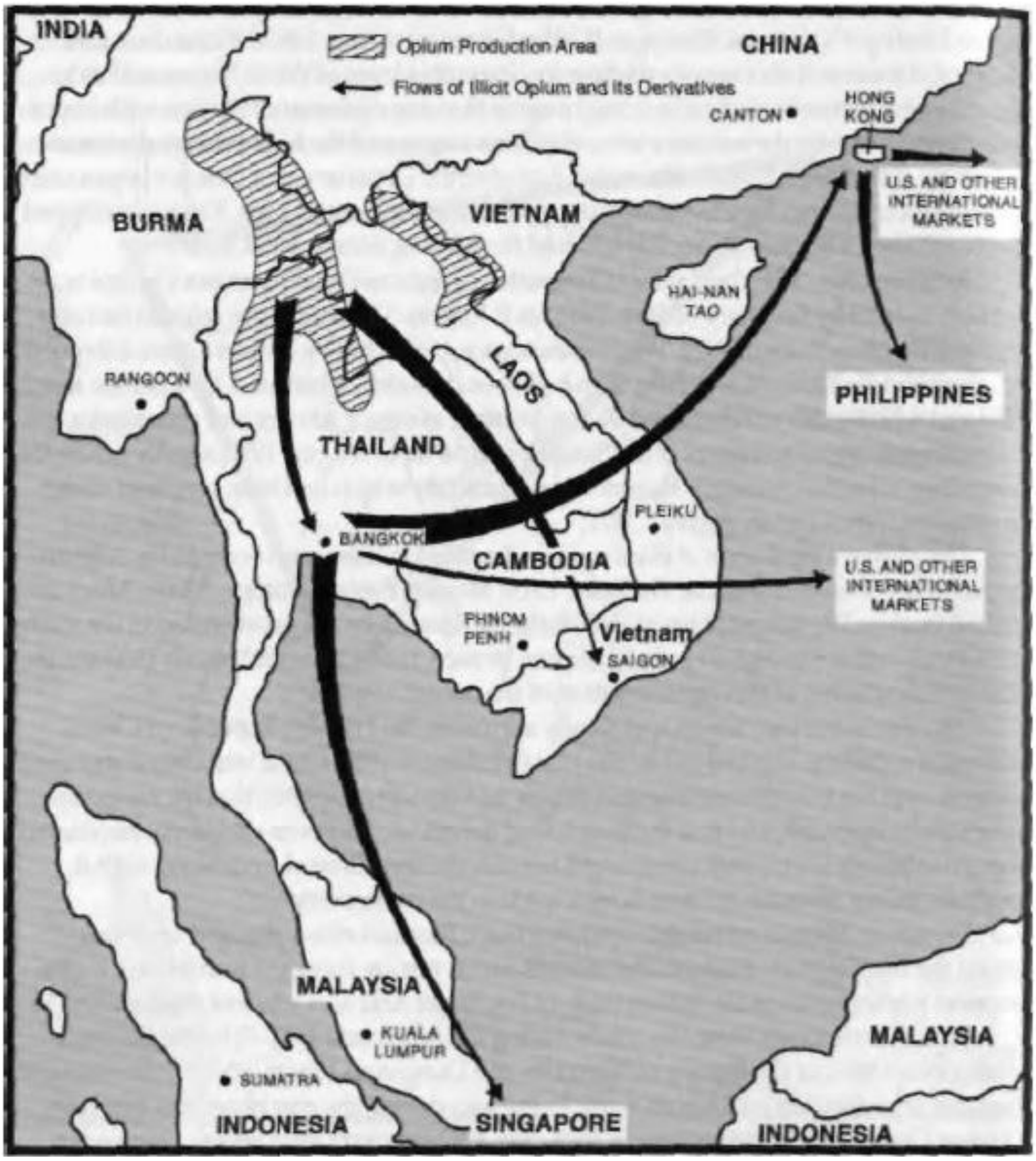
No entanto, "não há nenhuma evidência confiável de que a China tenha se envolvido ou sancionado a exportação ilícita de ópio e seus derivados, nem há indícios de participação do governo no comércio de ópio do Sudeste Asiático e mercados adjacentes"10.

Declarações semelhantes foram feitas também durante o período de 1971-73 pelo Gabinete de Inteligência Estratégica da Agência de Narcóticos e Drogas Perigosas dos EUA [Bureau of Narcotics and Dangerous Drugs, BNDD]; por exemplo: "nenhuma investigação sobre o tráfico de heroína na área nos últimos dois anos indica o envolvimento do Partido Comunista Chinês. Em todo caso, os traficantes eram pessoas envolvidas em atividades criminosas pelo habitual motivo de lucro”11.

Embora declarações como essas possam ser explicadas como resultado de ingenuidade ou incompetência12, parece bastante claro que houve também uma intenção contínua de encobrir o tráfico de drogas dos comunistas chineses. Uma das palavras favoritas usadas para evitar a existência de informações de inteligência é "evidência". O que realmente constitui uma "evidência"?

Um relatório em forma de rascunho constitui uma "investigação"? Um ex-analista da CIA que foi nomeado para o Gabinete de Inteligência Estratégica do BNDD (que se tornou o DEA em julho de 1973) estava escrevendo um relatório sobre o serviço de inteligência da China comunista e especificamente sobre o seu envolvimento no tráfico de narcóticos, na época em que a negação acima foi escrita.

O relatório pegou a trilha chinesa de narcóticos nos dias de Anslinger e trouxe a história para a data do relatório. Este identificava nomes, datas, lugares, organizações e assim por diante. O extensivo e deliberado envolvimento da China comunista era óbvio. O relatório foi suprimido por oficiais da DEA em 1973 ainda na fase do esboço.




A rede ilícita do ópio sul-asiático9.

O encobrimento do tráfico de drogas e narcóticos da China comunista parece ter começado no início dos anos 60. Ele teve um alcance muito maior durante o governo Nixon, e parece continuar hoje.

Nunca nos relatórios do Departamento de Estado, Alfândega, ou da DEA é a China incluída no Triângulo Dourado. Talvez a única menção da China comunista nas audiências do Congresso sobre o tráfico de drogas durante a década de 1990 tenha ocorrido no depoimento do dr. Ray Cline, ex-vice-diretor de inteligência da CIA. Discutindo a combinação de revolucionários (principalmente marxistas-leninistas), traficantes de drogas e traficantes de armas, Cline explicou:

"Eu me familiarizei com isso [a combinação] no Sudeste Asiático porque, nos anos 50 e 60, observamos que a maioria das drogas, a maioria do ópio, vinha desse triângulo que é a parte sul da China comunista, Birmânia, onde o Partido Comunista da Birmânia controla a

maior parte da área de cultivo de drogas e algumas partes do Laos e da Tailândia"13.

Um paralelo das afirmações do dr. Cline é o testemunho dado em 1972, pelo General Lewis Walt, que também reconheceu o importante papel da China nas globais operações de drogas:

"Eu usei a expressão 'Triângulo Dourado' porque tem sido usada há muitos anos, mas não posso deixar de me perguntar, sr. presidente, se não seria mais exato falar do "Quadrilátero Dourado", tendo em vista o fato de que a província contígua de Yunnan na China é o local de uma agricultura de ópio muito substancial .... Yunnan poderia concebivelmente ser responsável pela produção em excesso da produção combinada da Birmânia, Tailândia e Laos"14.

Embora a China tenha sido, e provavelmente permaneça sendo, o mais importante produtor e organizador do Triângulo Dourado, a China raramente é listada como país produtor em qualquer dos relatórios emitidos pelo Departamento de Estado, pela Diretoria de Combate às Drogas (DEA – Drug Enforcement Administration) ou pela Alfândega dos EUA15. Além disso, a China não é o único país que geralmente é omitido nos relatórios sobre países produtores de drogas e narcóticos: a maioria dos países comunistas também é convenientemente excluída16.

Outra curiosidade em relação à China envolve a comissão presidencial norte-americana, instruída a examinar o tráfico para o Vietnã, que surgiu no verão de 1970, e fez com que o vício em narcóticos crescesse como uma praga entre os militares dos EUA. Como indicado anteriormente, a principal fonte identificada pela comissão foi a China. Mas o relatório da comissão foi restrito e suprimido17. Como membro da comissão, o general Lewis Walt confidenciou mais tarde a um amigo próximo que manter segredo sobre o papel de China foi a ordem mais condenável que ele já recebeu.

Esta parece não ter sido a única ordem deste tipo. Em 26 de maio de 1972, Jack Anderson reportou um documento da Casa Branca que estava rondando os Departamentos de Estado, de Defesa e do Tesouro e a Agência de Informação dos EUA. O documento confidencial referia-se a histórias sobre o papel da China comunista no comércio mundial de drogas como "completo absurdo" e ordenou aos oficiais do governo dos EUA para deixar de fazer declarações depreciativas sobre a República Popular da China. Não havia, segundo o documento, nenhuma evidência de que Pequim estava trazendo ópio e heroína para o Vietnã18.

Durante a década de 1970, o problema das drogas e narcóticos continuou a crescer, não obstante a prioridade que o presidente Nixon tinha colocado em abordá-la. Em retrospectiva, enquanto o presidente pode ter sido sincero em suas declarações sobre a necessidade de travar guerra contra o tráfico de drogas e narcóticos, Epstein, em sua análise das atividades anti-narcóticos dos EUA durante o governo Nixon, suspeitava muito das motivações da burocracia e dos altos oficiais19. Após uma extensa pesquisa, ele concluiu que a questão das drogas era tipicamente usada para construir impérios, obter manchetes políticas nos meios de comunicação e fornecer o raciocínio para o desenvolvimento de uma força policial nacional, dirigida pela Casa

Branca, para ser usada em tarefas políticas. Epstein não descobriu nenhum interesse real em compreender ou combater o problema das drogas e dos narcóticos durante a guerra do governo Nixon contra as drogas. Além disso, ele acrescentou, oficiais de alto nível envolvidos com a guerra contra as drogas tinham um histórico de usar o problema das drogas para ganho político pessoal20.

Enquanto isso, as dificuldades que o governo dos EUA enfrenta ao lidar com países cujos governos estão envolvidos com o tráfico de drogas parecem ser quase independentes de quem está no poder. Considere, por exemplo, o estranho caso da Bulgária. O desertor da inteligência búlgara (KDS), o coronel Stefan Sverdlev, esteve diretamente envolvido no narcotráfico e, quando ele desertou em 1970, trouxe consigo documentação oficial da Segurança de Estado búlgara sobre as atividades de tráfico de drogas de Sofia.

Outras fontes de inteligência dos EUA também identificaram o papel da Bulgária no narcotráfico e explicaram como a empresa KINTEX foi formada como uma fachada para a Segurança de Estado búlgara auxiliar o tráfico de narcóticos e o fluxo de armas e munições ilícitas em toda a Europa e Oriente Médio. Numerosas fontes também identificaram o plano búlgaro para importar grandes quantidades de ópio para a conversão em heroína para o tráfico. Houve também um estudo da CIA identificando a Bulgária como um novo centro para dirigir narcóticos e tráfico de armas entre a Europa e o Oriente Próximo21. No entanto, em junho de 1971, os funcionários da Alfândega dos EUA e da Agência de Narcóticos e Drogas Perigosas dos EUA [Bureau of Narcotics and Dangerous Drugs, BNDD] foram a Sofia e propuseram que os Estados Unidos treinassem os funcionários aduaneiros búlgaros (que pertencem à Segurança de Estado) a respeito de como combater o tráfico de drogas nas fronteiras búlgaras.

Até mesmo os búlgaros deviam ter ficado surpresos22, o que pode ter contado para o acolhimento de uma conferência de diretores aduaneiros das nações do bloco soviético em outubro de 1971. Um acordo entre os EUA e a Bulgária foi alcançado em novembro de 1971 e, em 1973, a Alfândega dos Estados Unidos iniciou seminários de treinamento em Varna, Bulgária. Eles ensinaram técnicas aduaneiras dos EUA aos búlgaros e identificaram para os funcionários búlgaros23 aqueles indivíduos que moravam na Bulgária e que autoridades dos EUA acreditavam estarem envolvidos no tráfico de drogas.

Só em 1981 os funcionários norte-americanos decidiram não obter a plena cooperação do governo da Bulgária para combater o problema do tráfico de drogas, interrompendo temporariamente os seminários de treinamento e a troca unilateral de informações de inteligência. De 1970 até 1984, data de um relatório da DEA ao Congresso sobre a falta de cooperação da Bulgária, a DEA identificou numerosos relatos de fontes sobre o envolvimento oficial da Bulgária. Os relatórios identificaram a KINTEX e outras empresas (TEXIM e CORECOM) como operações da Segurança de Estado que controlavam a produção e o tráfico de drogas. Funcionários do Partido Comunista da Bulgária estiveram envolvidos na organização de reuniões de coordenação em Sófia para traficantes. A alfâdega búlgara (da Segurança de Estado)

também estava envolvida na operação. Isto sem levar em conta dados adicionais da CIA sobre o programa búlgaro de drogas.

No entanto, apesar deste fluxo contínuo e consistente de informações ao longo de catorze anos, o melhor que a DEA poderia concluir em 1984 foi que o governo da Bulgária "parece ter estabelecido uma política de incentivar e facilitar o tráfico de narcóticos sob o véu corporativo da KINTEX"24 [grifo nosso]. Além disso, apesar das declarações de fontes diretas e da documentação da Segurança de Estado búlgaro, segundo a qual a desestabilização política é o objetivo do tráfico de narcóticos, tudo o que a DEA poderia fazer era admitir que "o uso de drogas como arma política pode ser inferido" com a garantia de que os motivos mais imediatos eram obter moeda forte e apoiar grupos dissidentes no Oriente Médio25. Até hoje, o governo dos EUA continua a tentar convencer os búlgaros a cooperar com os Estados Unidos na redução do tráfico de drogas e, em 1986, afirmou que havia perspectivas crescentes para a cooperação búlgara26.

Numa aparente tentativa de "fazer do seu jeito", o Relatório da Estratégia Internacional de Controle de Narcóticos do Departamento de Estado ao Congresso (março de 1989) negou que os traficantes operassem abertamente na Bulgária e declarou que não havia "indicação de que a produção lícita ou ilícita de opiáceos está a acontecer na Bulgária, nem existem provas de que as drogas ilícitas são refinadas" e que a lavagem de dinheiro não era um fator27.

Mas durante a última semana de março de 1989, a verdadeira história tornou-se evidente - quando os relatórios da DEA, os telegramas da embaixada e a correspondência da DEA-CIA28 mostrando que o relatório do Departamento de Estado era uma combinação de falsas declarações e mentiras, vazaram para seletos repórteres, que escreveram artigos detalhados para o New York Tribune, Newsday e Washington Times29. Os relatórios forneceram detalhes oficiais sobre uma ação conjunta da DEA-Suíça contra os lavadores de dinheiro turcos operando em Sófia, Bulgária. Eles identificavam claramente a produção contínua de produtos opiáceos na Bulgária e que a ajuda oficial búlgara à lavagem de dinheiro era prestada pela GLOBUS, descrita como uma sucessora da KINTEX.

Quatro dias depois de os relatórios terem chegado à imprensa, o Departamento de Estado confirmou que funcionários de uma empresa comercial búlgara estiveram ligados a uma operação internacional de lavagem de dinheiro com narcóticos, mas acrescentou que "não há evidência da cumplicidade de altos oficiais do governo búlgaro"30 - que era outra declaração falsa. Além disso, o Departamento de Estado deturpou a situação ao afirmar que a Bulgária havia reprimido a KINTEX e que o envolvimento búlgaro nos narcóticos e na lavagem de dinheiro era um fenômeno que só surgira no "início dos anos 1980". Isto, com certeza, não era verdade.

A história búlgara também foi relatada na Forbes, que identificou os bancos suíços, o Credit Suisse e o Union Bank of Switzerland, como os principais facilitadores suíços nesta operação de lavagem de dinheiro. Na Bulgária, não só a GLOBUS estava envolvida, como também a alfândega búlgara, a Balkan Air - a transportadora nacional búlgara - e as

autoridades búlgaras preocupadas com a segurança e o câmbio financeiro.

Como um dos negociantes de dinheiro em Zurique que tem transportado ouro para Sofia há mais de quinze anos explica: "Nenhuma mala de ouro ou de dólares pode circular pela Bulgária sem o envolvimento direto do governo búlgaro"31. Como os cubanos, os búlgaros ficam com uma parte de tudo o que se move através de seu país. É curioso, de fato, que todos, exceto o Departamento de Estado dos EUA, pareçam saber tudo isso.

Ao mesmo tempo, parecia que o chefe da Alfândega dos Estados Unidos, William von Raab, poderia pôr fim a esse absurdo. Em 1986, ele se recusou a participar de reuniões internacionais de controle de narcóticos com a Bulgária e teria ficado "furioso" quando informado de que o Departamento de Estado havia convidado a Bulgária para uma reunião em Madri. “Tenho ouvido falar da tendência de alguns no Departamento de serem macios com os comunistas, mas isso é demais", escreveu a Ann Wrobleski, então Secretária Assistente do Gabinete de Assuntos Internacionais de Narcóticos [Bureau of International Narcotics Matters] do Departamento.

"O Departamento de Estado desenvolveu uma forma institucional de doença de Alzheimer ou simplesmente retirou-se de seus sentidos?", ele perguntou32. Infelizmente, von Raab parece não ter mais sido bem sucedido em controlar as ações de seu próprio departamento, que ajudou a treinar os húngaros e chineses durante seu mandato.

Tampouco este foi o fim da história. Em março de 1988, o Departamento de Estado indicou que medidas de cooperação com a União Soviética estavam se desenvolvendo33. Dois meses mais tarde, imediatamente antes da cúpula de maio em Moscou, o noticiário noturno informou que os Estados Unidos planejavam compartilhar inteligência sobre tráfico de narcóticos com a União Soviética e providenciar para que a Alfâdega dos EUA treinassem agentes alfandegários (inteligência) soviéticos e leste-europeus com técnicas dos EUA para impedir o tráfico ilegal de drogas e narcóticos.

Em julho, o diretor da DEA, John C. Lawn, anunciou que a União Soviética havia proposto a ele e à Vice-Secretária de Estado de Assuntos Internacionais de Narcóticos, Ann B. Wrobleski [ver página anterior] que os soviéticos e a DEA deveriam trocar informações sobre o contrabando internacional de narcóticos e suspeitos de narcotrafico, bem como trocar amostras de narcóticos apreendidos, que eram utilizados para identificar fontes (ou, alternativamente, poderiam ser utilizados para impedir34 essa identificação)35.

Na edição de 1989 da Estratégia Nacional de Controle de Drogas (National Drug Control Strategy), o presidente Bush tornou oficial: "Devemos estar preparados para compartilhar o nosso conhecimento e a nossa preocupação com a União Soviética e as nações da Europa Oriental e estar dispostos a nos envolver em atividades cooperativas de luta contra as drogas"36. Neste documento estratégico, não havia nenhum reconhecimento do papel dos países da União Soviética e da Europa

Oriental no narcotráfico e na criação da própria doença que a estratégia foi concebida para curar.

No final de 1989, a DEA fez uma proposta formal aos soviéticos para que a DEA realizasse "investigações avançadas sobre narcóticos" para cerca de 30 profissionais anti-narcóticos da alfâdega soviética, do Ministério do Interior e da KGB. Como um funcionário da DEA, Paul Higdon, explicou: "Nós estamos encarando eles como policiais - esses caras são policiais com uma missão semelhante à nossa". Para não ficar atrás, a Alfândega dos EUA está propondo um acordo formal de compartilhamento de informações, semelhante ao que temos com a maioria de nossos aliados ocidentais37.

Outro exemplo de negação oficial dos EUA ou amnésia coletiva sobre o flagelo da droga é o do Panamá.

Quando o general Manuel Antonio Noriega foi indiciado pelo procurador dos EUA em Miami em 1988, rapidamente se tornou conhecido o fato de que as autoridades panamenhas tinham uma rica tradição de tráfico de drogas e de fornecimento de armas a revolucionários. Os problemas no Panamá surgiram no início da década de 1960 com protestos contra a presença dos EUA, principalmente os ataques à Zona do Canal, ocorridos entre 9 e 14 de janeiro de 1964. Em 1968, a Guarda Nacional panamenha depôs o recém-eleito presidente Arnulfo Arias Madrid. Vários meses depois, o general Omar Torrijos Herrera assumiu o comando. Torrijos foi creditado para abrir o Panamá à penetração econômica extrangeira por meio de uma nova lei bancária com cláusulas favoráveis ao sigilo bancário, que foram noticiadas como bem-vindas por bancos americanos e por outros bancos extrangeiros38, e que pode ter sido o quid pro quo para os Tratados do Canal do Panamá.

Pelo menos alguns oficiais dos EUA estavam cientes do envolvimento militar panamenho nos negócios de drogas e armas no início dos anos 70. Os dados retroagem pelo menos até 1972 ou 197039, ou possivelmente mais cedo, na medida em que o Major Noriega teria fornecido à CIA "inteligência" pelo menos desde o final de 196740.

O aspecto das armas foi confirmado por José de Jesus Martinez, um ex-professor que se tornou guarda-costas de Torrijos: Ele relatou que Torrijos decidiu, em torno de 1975, "converter o nosso país em uma base logística para a revolução regional". Assim, a partir de 1968, o Panamá tem sido um participante ativo no tráfico de drogas, oferecendo armas a revolucionários em toda a América Latina, fornecendo um refúgio seguro para o tráfico de drogas e servindo como anfitrião de numerosas operações de inteligência estrangeiras como, por exemplo, roubo de tecnologia e espionagem. Parece não ser por acaso que Torrijos foi listado como um dos agentes da “reserva de ouro” soviética (Capítulo 7).

No entanto, os Estados Unidos parecem ter ignorado o que estava acontecendo, por várias "razões estratégicas", até 1988. Não só o tráfico de drogas de Noriega foi ignorado, mas ao mesmo tempo os diretores da DEA (Peter Bensinger, Francis Mullen Jr. e Jack Lawn) e outros oficiais do governo dos EUA (por exemplo, o Procurador-Geral William French Smith) enviaram cartas de elogio a Noriega -

parabenizando-o por seu trabalho para reduzir o fluxo de drogas41! Todas as agências do governo dos Estados Unidos foram culpadas de ignorar o que estava acontecendo, embora o Departamento de Estado e a Casa Branca fossem os mais ativos42.

Uma tentativa de acusar o irmão de Omar, Moisés (vulgo "Monchi") Torrijos em 1972 por tráfico de heroína foi bloqueada e a acusação permaneceu selada até que os Tratados do Canal do Panamá fossem assinados em 1978. Oficiais do Departamento de Estado, incluindo o embaixador dos Estados Unidos, William J. Jorden, tentaram passar relatos da acusação como rumores falsos, espalhados para sujar o nome de Torrijos. O ponto de vista de Torrijos foi registrado pelo Embaixador Jack Hood Vaughn: "O que mais me incomoda", disse Torrijos a Vaughn, "é que Monchi está apenas enviando cinco quilos por semana. Por que fazer grande coisa disso"43?

Um fator amplamente divulgado por trás desse estranho comportamento foi, de fato, as negociações sobre o Canal do Panamá. Mas isso não parece explicar por que as queixas aos líderes militares panamenhos sobre o tráfico de drogas e de armas continuaram sendo conduzidas apenas como uma farsa ou por que uma tentativa de acusar Noriega em 1980, três anos antes de Noriega se tornar comandante militar, foi novamente interrompida pelo Departamento de Estado por causa de "temores do governo de irritar o Panamá"44. O que realmente motivou os Estados Unidos a ir finalmente atrás de Noriega em 1989?

O papel dos bancos e de outras instituições financeiras dos Estados Unidos nos bastidores, bem como de aliados e inimigos dos Estados Unidos, é outro aspecto do tráfico internacional de narcóticos que viveu em uma redoma. Acredita-se que esses centros de poder estejam entre as duas principais forças por trás da trégua, sendo a outra a estratégia soviética45.

As estimativas do dinheiro que os cidadãos norte-americanos pagaram por drogas ilegais no início dos anos 80 variaram de US$80 a US$ 110 bilhões por ano, com outros US$60 bilhões gastos com os custos de saúde associados. Desde que esses cálculos foram feitos, as estimativas dobraram; o custo anual total [de 1989] nos Estados Unidos pode ter rivalizado com o orçamento anual de US$300 bilhões do Departamento de Defesa46. O custo global do narcotráfico pode ultrapassar os US$500 bilhões por ano. Algumas estimativas chegam a US$1 trilhão por ano. [O leitor é, contudo, direcionado ao capítulo 12, concluído em dezembro de 1998, no qual essas estimativas se revelam agora bruscamente aumentadas - Ed.].

Houve algumas tentativas modestas de rastrear esse dinheiro, principalmente a imposição da exigência de bancos dos EUA para relatar levantamentos de dinheiro e depósitos acima de US$ 10.000. Somente na segunda metade da década de 80, inúmeros bancos e instituições financeiras nos Estados Unidos foram acusados de operações financeiras ilegais - por exemplo, lavagem de dinheiro com drogas - e ainda mais permanecem sob investigação. Um banco foi acusado de 17.000 violações da lei federal de transações em dinheiro47. No entanto, foram avaliadas poucas acusações reais ou multas graves; sem muita publicidade focada no narcotráfico ou nos investimentos de dinheiro

lavado. No entanto, o que está acontecendo tem que ser óbvio. Nenhum negócio de US$500 bilhões por ano pode existir sem a assistência ativa e bem informada de muitos bancos e instituições financeiras48 [vide também capítulo 12].

Ramon Milian Rodriguez [vide capítulo 3], um Contador Público Certificado (Certified Public Accountant - CPA) que lidava com lavagem de dinheiro e investimentos para o Cartel de Medellín, foi preso em maio de 1983, enquanto tentava deixar os Estados Unidos com US$5,3 milhões em dinheiro. Em fevereiro de 1988, ele descreveu suas atividades aos senadores John Kerry (Democrata, Massachusetts [D-MA]) e Alfonse D'Amato (Republicano, Nova Iorque [R-NY]). Ele explicou como, com a ajuda das Forças de Defesa Nacional do Panamá (Panama's National Defence Forces), encaminhou enormes quantias de dinheiro através de todos os bancos do Panamá e como ele foi cortejado pelos bancos dos EUA para lidarem com os investimentos do Cartel. "Em todos os casos", ele testemunhou, "os bancos sabiam com quem estavam lidando ... Eles estavam lidando com Milian Rodriguez, que representava o dinheiro da América do Sul, e seus bancos correspondentes no Panamá sabiam de onde vinha o dinheiro porque nós exigiamos certas coisas deles ... Nós estávamos violando as leis de uma forma muito grande e você sempre tem que ter negação plausível”.

"E os bancos de Nova York não são tolos"49. Os bancos implicados por Rodriguez são como ler um "quem é quem"* (who's who) nas finanças dos EUA: Citibank, Citicorp, Bank of America e First National Bank of Boston50. Os bancos identificados em 1983 em um ABC News “Em Foco” (ABC News ‘Close up’) sobre drogas e lavagem de dinheiro, incluíam Citibank, Marine Midland, Chase Manhattan, Irving Trust, a casa de câmbio de Deak-Perera [extinto após um escândalo e assassinato relacionados a drogas] e "a maioria dos 250 bancos e agências em Miami"51.

*N.T.: “Who’s who” é um site de biografias resumidas em formato de currículo.

Concentrando-se na Flórida, James Ring Adams escreveu que a corrupção no setor bancário é agora endêmica. "O tráfico de narcóticos floresce não só por causa da demanda, mas por causa da aceitação tácita por elementos da estrutura política... a lavagem de dinheiro tornou-se uma característica intrínseca da economia do estado"52. Adams descreve como os bancos foram organizados especificamente para lavagem de dinheiro. Evidentemente, as autoridades bancárias da Flórida não poderiam se importar menos.

Quando um banco ilícito sai do negócio, outro aparece imediatamente, Adams lamenta: "Os narcotraficantes florescem e são assassinados, mas o jogo da moral nunca parece estender-se à infra-estrutura financeira e política"53. As conclusões de Adams foram repetidas pelo procurador dos EUA pelo Sul da Flórida, Dexter Lehtinen: "Conheço nomes de bancos que são corruptos, funcionários públicos corruptos, regulamentos de zoneamento mudados por traficantes de drogas, [mas] não podemos prosseguir com essas investigações [por falta de mão-de-obra]”. Organizações sofisticadas de drogas, que prosperam corrompendo

funcionários e usando bancos contaminados para esconder seu dinheiro, estão florescendo, acrescentou ele54.

As observações do senador D'Amato sobre as dificuldades encontradas na obtenção de um projeto de lei estrito de lavagem de dinheiro durante as audiências de Rodriguez apresentaram o problema de uma perspectiva legislativa: "E deixe-me dizer-lhe que enfrentamos uma tremenda, tremenda oposição, e apenas exploramos superficialmente algumas das violações". Sua frustração é compreensível55. Em 1984 e 1985, o Boston Globe publicou uma série de estudos sobre o problema de lavagem de dinheiro, que transformaram em um relatório separado intitulado "Lavagem de dinheiro" (Money-laundering).

O Boston Globe olhou para os bancos, centros de lavagem de dinheiro, várias técnicas de lavagem de dinheiro, a aceitação de dinheiro "sem mais perguntas" feitas por concessionárias de automóveis, empresas imobiliárias, advogados e o fracasso do governo dos Estados Unidos em aplicar medidas duras. O jornal também identificou algumas das oposições à melhoria das leis e sua aplicação: especificamente, o lobby bancário e a União Americana de Liberdades Civis (American Civil Liberties Union [ACLU])56. As corretoras também estão envolvidas. Duas empresas, cujos funcionários foram identificados em audiências no Senado como tendo auxiliado operações de lavagem de dinheiro, foram Merrill Lynch e E. F. Hutton57.

O depoimento de Rodriguez também levantou questões de natureza relacionada mas um pouco diferente. Como ele explicou, Rodriguez lidou com a lavagem de dinheiro e os investimentos do Cartel de Medellín nos Estados Unidos. Seus registros financeiros eram mantidos em seu computador pessoal. Aparentemente os agentes que prenderam Rodriguez moveram seu computador como se fosse apenas outro pedaço de mobília, e danificaram o disco rígido. A informação foi perdida, mesmo "eles tentando o melhor para reuní-la"58. É realmente lamentável que os agentes de prisão foram tão descuidados - se é o que realmente foram. Os registros financeiros teriam sido inestimáveis em mostrar como o dinheiro do cartel de drogas fluiu e em guiar as autoridades dos EUA para talvez muitos bilhões de dólares de investimentos em dinheiro de drogas que poderiam ter sido apreendidos.

Eles poderiam ter fornecido dados sobre instituições e indivíduos que estavam ajudando na lavagem de dinheiro e investimentos de dinheiro de drogas. Poderiam também ter fornecido a primeira contabilidade detalhada do tamanho monetário da operação do Cartel de Medellín. Com base no depoimento de Rodriguez, a participação desse cartel no mercado de cocaína parecia muito menor do que estava sendo sugerido por relatórios oficiais do governo dos EUA. Se isso é verdade, uma possível conclusão é que havia vários outros cartéis colombianos que eram consideravelmente maiores do que o Cartel de Medellín, e que estavam operando nas sombras enquanto o Cártel de Medellín recebia a publicidade e a culpa59.

É difícil acreditar que os agentes de prisão norte-americanos foram tão descuidados. É ainda mais difícil acreditar que a informação não poderia ter sido reconstruída. De acordo com informações rotineiramente fornecidas a indivíduos na área de segurança nacional

por especialistas de inteligência em agências como a Agência Nacional de Segurança (National Security Agency - NSA), mesmo as informações em um disco que foi apagado podem ser reconstruídas, razão pela qual computadores com discos rígidos que são usados para processar informações sigilosas sempre devem ser bloqueados quando não estiverem em uso.

A história sobre os registros de computador de Rodriguez logicamente se originou com servidores dos EUA. Inacreditável como parece, poderia ser verdade; mas, é? E, se não, qual é a razão para a história de fachada? As pessoas que parecem se beneficiar mais se os registros realmente foram destruídos são os narcotraficantes e os lavadores de dinheiro, bem como as empresas imobiliárias e financeiras que investem o dinheiro lavado.

Houve três operações altamente divulgadas contra a lavagem de dinheiro nos últimos anos [até 1990]. A Operação Peixes (Operation Pisces), dirigida contra a lavagem de dinheiro no Panamá, em 1988, contra o Bank of Credit and Commerce International (BCCI), com sede em Luxemburgo, e a operação Calota Polar [Operation Polar Cap]. Jose Blandon [vide a nota 11 do capítulo 3 e o capítulo 8] testemunhou que ele não considerava a Operação Peixes uma grande vitória porque capturou apenas US$18 milhões60.

Se houve uma vitória, foi em relação à legislação de quebra de sigilo, não no que diz respeito ao volume de dinheiro apreendido, como Blandon assinalou. Da mesma forma, no caso BCCI, apenas 14 a 32 milhões de dólares estavam envolvidos (que era o alcance mencionado)61. Se havia alguma vitória, era apenas que o caso poderia ter representado um começo. Para colocar essas apreensões em perspectiva, perceba que os valores são apenas "trocados de bolso" para os traficantes de drogas62. Lembre-se que os valores totais lavados anualmente são provavelmente medidos em centenas de bilhões de dólares. O potencial esconderijo disponível para arresto como dinheiro de drogas está provavelmente nos trilhões de dólares. A Operação Calota Polar resultou na apreensão de contas bancárias em Atlanta, Miami, Nova York e São Francisco, e numa ação judicial para recuperar US$433,5 milhões em lucros de drogas. Embora muito maior do que as operações anteriores, esta ainda era pequena batata quando comparada ao volume total e ao valor monetário do tráfico.

Um dos principais problemas no combate à lavagem de dinheiro, tal como explicado por Michele Sindona*, um profissional que conhece o interior do negócio de lavagem de dinheiro, é que as autoridades que escrevem as leis simplesmente não entendem nem o sistema bancário internacional nem a lavagem de dinheiro63. Nem, pode-se acrescentar, com base no depoimento de Rodriguez, que parece haver algum esforço velado para aprender. Como o senador D'Amato explicou, as autoridades dos EUA não tentaram utilizar os conhecimentos de Rodriguez. "Se não fosse tão trágico", observou, "seria cômico"64. Sindona* acrescentou uma perspectiva especialmente importante. Lavar dinheiro, explicou, permite que os criminosos usem o dinheiro sujo abertamente, e então a lei não tem como interferir:

"O verdadeiro mal da lavagem de dinheiro é o seu poder de permitir que o dinheiro sujo - o instrumento do crime - penetre na corrente principal das economias sem ser perturbado, consuma importantes setores dessas economias e as transforme em feudo de uma oligarquia criminosa internacional fora do alcance da lei - uma oligarquia que deve ser derrubada por homens que não entendem de dinheiro"65.

A medida em que o Departamento de Justiça dos Estados Unidos está preparado para ir atrás dos bancos por seu papel na assistência ao tráfico de drogas continua a ser visto. Em anos anteriores, seus esforços parecem ter sido minúsculos. Alternativamente, pode ter sido pensado, por um tempo, que as medidas lançadas contra o Bank of Credit and Commerce International pode ter representado uma mudança de abordagem tardia.

Os documentos do Tribunal examinados em Tampa, Flórida, revelaram que 41 bancos tinham seus registros citados em uma investigação alargada de lavagem de dinheiro cobrindo os fabricantes da Hanover Trust Company, da Republic National Bank of New York, da Security Pacific Corporation, da Wells Fargo & Company e da Bank America Corporation, bancos alemães e israelenses, e bancos obscuros, mantidos de perto, como o Total Bank em Miami. Pelo menos metade dos 41 bancos eram bancos da Flórida ou sucursais de bancos estrangeiros com sede na Flórida66.

*Nota do Editor: O relato mais revelador das próprias "aventuras" exóticas de lavagem de dinheiro de Michele Sindona encontra-se nas primeiras páginas de The Final Conclave, do Dr. Malachi Martin (Stein e Day, Nova York, 1978). Saindo da Sicília em 1947, com brilhantes recomendações do Bispo de Messina, depois de ter operado um comércio lucrativo de um caminhão que servia às forças americanas na ilha durante a guerra, ele tinha adquirido de alguma forma, em 1959, a Banca Privata Finanziaria [BPF] e uma fundição de aço (que vendeu para a American Crucible Company); criou uma sociedade holding na Liechtenstein, a Fasco AG, através da qual obteve uma participação de controle na Finabank Genebra; fundou uma corretora de câmbio, Moneyrex; estabeleceu relações estreitas com o Instituto para Obras de Religião do Vaticano [Vatican's Institute for Religious Works - IRW; mais conhecido como “Banco do Vaticano”]; tornou-se conselheiro jurídico da SNIA-Viscosa (têxteis), presidente da Mediterranean Holidays e da Philips Carbon Black Italiana, diretor-gerente da Cheesborough Ponds, e membro do conselho da Remington Rand Italiana. Depois de Sindona ter arrecadado US $ 2,4 milhões dos círculos empresariais milaneses para que o Arcebispo Montini financiasse um lar de idosos, o Papa Paulo VI autorizou formalmente Sindona a tornar-se o principal gestor monetário do Vaticano. Depois de Sindona ter arrecadado US$2,4 milhões dos círculos empresariais milaneses para que o Arcebispo Montini financiasse um lar de idosos, o Papa Paulo VI autorizou formalmente Sindona a tornar-se o principal gestor monetário do Vaticano. Sindona começou vendendo o controle do Vaticano, no valor de US$350 milhões, na Societa Generate Immobiliare, depois transferiu US$40 milhões para o banco luxemburguês Paribas Transcontinental, enquanto a IRW tomou um grande bloco de ações no Finabank da Sindona. Depois de despojar o Vaticano de suas participações em empresas

italianas como Condotte d'Acqua (1969), Pantanella (1970) e Serono, fabricante de pílulas anticoncepcionais (1970), fundos do Vaticano foram dispersos por todo o lugar e Sindona se tornou presidente de 7 empresas italianas, vice-presidente de três bancos e acionista majoritário da Banca Union ligada ao Vaticano [BUI]. Tendo estabelecido ligações com a Hambros (25%) e o malogrado Continental Bank of Illinois (15%), Sindona encontrou-se em estreito contato com o Tesouro dos Estados Unidos, visto que o presidente do banco, David Kennedy, se tornou secretário do Tesouro norte-americano sob o presidente Nixon. Mais tarde, Kennedy tornou-se membro do Conselho de Administração da Fasco AG. Após a transferência para os Estados Unidos, Sindona comprou uma participação controladora no Franklin National Bank. A quebra de Sindona (a catástrofe de Sindona) começou a se desenvolver quando a Comissão de Valores Mobiliários (US Securities and Exchange Commission - SEC) suspendeu todas as negociações da Vetco Offshore Trading Industries, depois que um investidor de Los Angeles descobrir que adquiriu 25% das ações da Vetco em violação às regulações da SEC. Acreditava-se que 20% das ações e opções da Vetco tinham sido adquiridas em nome da IRW através dos Serviços Fiduciários de Investimento (Fiduciary Investment Services - FIS) baseados em Liechtenstein, que tinham um escritório no complexo de escritórios de Sindona em Roma. Depois que o Vaticano foi obrigado a pagar uma multa da SEC de US$320.000 por ter adquirido 454.000 ações da Vetco como parte de 714.000 ações da Vetco vendidas pela FIS, o maior bloco de ações negociado até a data na Bolsa de Valores Americana, a BPF de Sindona sofreu perdas cambiais de US$48 milhões (1973) e de US$150 milhões em 1974. Descobriu-se então que o Franklin National Bank tinha um mínimo de US$43 milhões em perdas ocultas como "lucros falsos" nos negócios cambiais com bancos suíços controlados por Sindona. Posteriormente, outros bancos controlados por Sindona começaram a entrar em colapso, o que provocou mais perdas no Vaticano. Em Outubro de 1974, as autoridades italianas se sentiram "prontas" para se moverem contra Sindona - acusando-o de falsificação de contas em 1960! Em 9 de janeiro de 1975, as autoridades suíças fecharam o Finabank de Sindona, depois de ter sofrido perdas cambiais de US$82 milhões. Malachi Martin acrescenta que "Sindona fez uma última tentativa infrutífera de levantar capital (cerca de US$300 milhões), pondo à venda novas ações de capital em uma pequena holding, a Finambro. Mas Guido Carli, governador do Bank of Italy, escavou essa idéia... fontes bancárias suíças falam de perdas [do Vaticano] na região de US$240 milhões.... relatórios persistem que estas perdas puderam ter ido bem além da marca do bilhão de dólares”.

Em sua palestra para uma conferência de combate às drogas em 27 de abril de 1989, o presidente Bush se referiu aos papéis insidiosos desempenhados por banqueiros de Hong Kong e transportadoras do Oriente Médio67. Para apreciar a ironia involuntária desta declaração, considere que pelo menos um grande banco dos EUA, o Marine Midland, é agora detido ou controlado por um banco de Hong Kong. Da mesma forma, existem bancos dos EUA que são de propriedade ou controlados por pessoas do Oriente Médio com vínculos estreitos com os lavadores de dinheiro do Oriente Médio, como o Republic National Bank of New York68.

Um aspecto intrigante, talvez condenatório, da lavagem de dinheiro foi revelado durante um especial de televisão do "American Interests", “Siga o Dinheiro” (Follow the Money), transmitido pela PBS em 12 de julho de 1989, em Washington. O tema do programa foram empréstimos ocidentais ao Bloco Soviético.

Uma parte do programa examinou como esses empréstimos ocidentais foram canalizados para apoiar a atividade terrorista69. Norman Bailey, um ex-funcionário do Conselho de Segurança Nacional (National Security Council - NSC), informou que, quando se juntou ao NSC, ele procurou pela primeira vez os arquivos a respeito dos desenvolvimentos financeiros em todo o mundo e a atividade econômica do Leste-Oeste, e não encontrou quase nada. Havia alguma informação chegando, mas era inteiramente inteligência humana. "Não se baseava em interceptações", explicou Bailey. Em seguida, ele descreveu como quase todas as transferências monetárias no mundo ocidental de qualquer importância passam por três grandes câmaras de compensação e como é relativamente simples rastrear certas transferências, se você tem o comando de poderosos mecanismos de computação. Assim, através da Agência Nacional de Segurança (National Security Agency - NSA), ele iniciou um programa de rastreio de movimentos monetários em todo o mundo como um meio de identificar certas atividades que o NSC estava tentando rastrear70.

A atividade em questão era um empréstimo de US$600 milhões que foi conduzido pelo First National Bank of Chicago para o East German Aussenhandels Bank. Bailey explicou que:

"[Um] empréstimo foi compensado em Londres. O dinheiro foi para Berlim Oriental, para o Aussenhandels Bank. Foi desembolsado de lá para várias empresas de fachada e paraísos fiscais em todo o mundo. Foi então concentrado novamente na Líbia e foi enviado da Líbia para diversas contas, que eram controladas por organizações terroristas, e que foram, em seguida, utilizadas por organizações terroristas em seus atividades .... cerca de US$60 milhões do tranche inicial sacado pelo Aussenhandels Bank acabou nos cofres de vários grupos terroristas e de guerrilha em todo o mundo".

"Destas, foram fornecidas quantidades aproximadamente iguais às Brigadas Vermelhas na Alemanha, ao IRA (Irish Republican Army) provisório na Irlanda do Norte e às forças M-19 na Colômbia, cerca de US$20 milhões cada, em outras palavras”71.

Segundo outros relatos, o narrador acrescentou que US$25 milhões do empréstimo foram direcionados diretamente para uma conta no Panamá realizada pelo governo da Nicarágua.

Esta informação levanta várias questões. Primeiro, por que não havia informações disponíveis nos arquivos quando Bailey se juntou ao NSC? A idéia de usar a NSA para rastrear a transferência de fundos ilícitos e a CIA para identificar a propriedade da conta deveria ser óbvia, se não automática. Igualmente óbvia é a necessidade de mapear o fluxo de dinheiro das drogas como uma tarefa integral no combate ao narcotráfico, assim como seria feito com qualquer outra atividade criminosa.

Seguir estas transferências de dinheiro pareceria ser o único e mais importante passo em qualquer tentativa de saber quem está por trás do narcotráfico, quem está facilitando o narcotráfico e anexando os lucros ilícitos. Mas, evidentemente, isso não tinha sido feito.

Não é como se a comunidade de inteligência nunca tivesse sido abordada sobre o problema. Em outubro de 1969, o presidente Nixon declarou guerra contra as drogas e formou uma Força-Tarefa da Casa Branca de Supressão de Heroína (White House Task Force on Heroin Suppression)72. O diretor da Inteligência Central (CIA), Richard Helms, foi membro desta Força-Tarefa, do Comitê Ad Hoc do Gabinete de Narcóticos (Ad Hoc Cabinet Committee on Narcotics) (1970) e do Comitê do Gabinete sobre Controle Internacional de Narcóticos (Cabinet Committee on International Narcotics Control) (1971)73. Helms estabeleceu o Gabinete do Coordenador de Narcóticos (Office of Narcotics Coordinator) na Vice-Direção de Planos (Deputy Directorate of Plans), que começou a montar a inteligência de narcóticos sobre o tráfico no Sudeste e Sudoeste da Ásia, Europa e América Latina. Quando um dos analistas sugeriu que examinassem os bancos e a trilha do dinheiro, este recebeu um tapinha na cabeça e a resposta: Não.

Em 1970, o chefe do BNDD, John E. Ingersoll [vide capítulo 7 e a referência 39 do presente capítulo], enviou uma solicitação à Agência Nacional de Segurança (National Security Agency - NSA) para obter assistência.

Os pedidos do BNDD foram listados da seguinte maneira:

1. O BNDD solicita toda e qualquer informação COMINT [inteligência de comunicações, ou seja, escuta eletrônica] que reflita o tráfico ilícito de narcóticos e drogas perigosas. Nosso interesse principal recai sobre as seguintes categorias:

• Organizações envolvidas em tais atividades;

• Pessoas envolvidas em tais atividades;

• Informação sobre a distribuição de narcóticos e drogas perigosas;

• Informações sobre centros de cultivo e produção;

• Acordos internacionais e esforços para controlar o tráfico de narcóticos e drogas perigosas;

• Todas as violações das leis dos EUA relativas a narcóticos e drogas perigosas74.

Curiosamente, as informações sobre a lavagem de dinheiro não foram incluídas nesta lista de pedidos.

A operação de coleta da NSA contra traficantes de drogas foi executada de abril de 1970 a julho de 1973, quando foi fechada em meio à preocupação com o risco de exposição. A CIA também participou, mas retirou-se pela preocupação de que alguma coleta de dados ocorreu em solo dos EUA e foi feita em apoio à força policial mais do que à segurança nacional. É por isso que muitos analistas da CIA foram

transferidos para o escritório de inteligência estratégica do BNDD - de acordo com a lei dos EUA75. Frank Raven era o encarregado da coleta de dados de inteligência na Agência de Segurança Nacional [National Security Agency - NSA]. Sua avaliação do problema é instrutiva:

"Antes de nos aposentar, fizemos algumas apreensões de drogas muito boas... demonstramos que poderíamos seguir as transações de drogas e traficantes de drogas. A gente podia fazer isto de forma bastante econômica - não era nem um item de alto preço... A NSA poderia realmente ter limpado o negócio de drogas, o narcotráfico e tal ... mas ficou tão ferrado na lei americana e na burocracia americana de que não valia a pena o esforço”76.

O rastreamento do dinheiro de drogas ainda é uma tarefa essencial hoje; ele está sendo feito agora? Se não, por que não? Certamente, os problemas "legais" identificados acima não se aplicam a bancos intercontinentais, ou a bancos estrangeiros, nem mesmo a bancos norte-americanos onde a segurança nacional é um problema; e a Diretiva de Decisão de Segurança Nacional [National Security Decision Directive - NSDD], "Narcóticos e Segurança Nacional" (Narcotics and National Security) do presidente, assinada em abril de 1986, identificou explicitamente as drogas como uma questão de segurança nacional. Além disso, em 1984, a NSA foi utilizada para acompanhar envios de drogas77.

Por que não o dinheiro da droga? Alternativamente, se a NSA e a CIA estavam coletando essas informações, por que não usar todas as medidas disponíveis para apreender todos esses recursos e identificar todas as pessoas e bancos envolvidos? Por que o governo norte-americano concentra tanta publicidade em pequenas apreensões multimilionárias, quando o potencial está presente para capturar trilhões de dólares, como está claramente implícito no testemunho de Norman Bailey?

Parece haver apenas uma possível resposta – a saber, que a guerra contra as drogas não é realmente uma guerra séria no governo dos EUA.

O envolvimento de bancos, instituições financeiras e empresas de investimento imobiliário na lavagem de dinheiro de drogas não é nada de novo. Tem acontecido há décadas e tem sido notório há décadas. De vez em quando há turbulências que o governo dos EUA parece estar reprimindo; mas as acusações são descartadas ou multas pequenas são aplicadas e a lavagem de dinheiro continua, relativamente sem empecilhos. O governo vem em socorro dos bancos, quando bilhões de dólares de empréstimos a países do terceiro mundo e dos comunistas se agravam, mas parece evitar que os bancos sejam responsáveis pelo seu papel principal em tornar rentável o tráfico internacional de drogas e outros crimes. William von Raab, comissário da alfândega dos EUA, observou em sua carta de demissão datada de 31 de julho de 1989: "Talvez seja hora da guerra contra as drogas tomar o seu lugar como a maior prioridade de nossa nação – e interferir com outros interesses, como o bancário e a dívida do terceiro mundo”78.

Uma declaração de Clyde D. Taylor, da Divisão Internacional de Narcóticos (Bureau of International Narcotics Matters), do Departamento de Estado dos Estados Unidos, antes das audiências

conjuntas do Senado em 1985, revelou a análise oficial dos EUA do desafio das drogas e narcóticos ilícitos e, por consequência, da política dos EUA projetada para o combate ao tráfico. No que se refere ao tráfico de narcóticos patrocinado pelo Estado, Taylor reconheceu que as autoridades tinham visto "alguns indícios" e que: "Nos poucos casos, o indício é que alguns dos países comunistas se empenharam, em certa medida, em facilitar o tráfico de narcóticos". Contudo, ele se exaltou para enfatizar que "outro fato que gostaríamos de estabelecer diante de suas comissões é que o tráfico de narcóticos na América Latina, na Ásia, no Oriente Médio e na Europa é dominado por narcotraficantes que são governados apenas pela sua ganância e cuja única ideologia - se é você pode a chamar disto - é a busca do lucro" [grifo nosso]. Ou seja, de acordo com Taylor, a política não está envolvida. Além disso, Taylor continuou: "A maior parte desses grupos não pode ser chamada de terroristas, nem mesmo de insurgentes políticos, nem temos evidências de uma conspiração comunista para usar drogas para debilitar democracias ocidentais ou nossa própria sociedade em particular"79. [grifo nosso]

O dicionário define conspiração como o ato de planejar conjuntamente para cometer um crime ou ato ilícito. Se o que está acontecendo não é uma conspiração, sob esta definição, o que é?

Nas mesmas audiências do Senado, a DEA, ao mesmo tempo em que aparentava ser igualmente indiferente à história do narcotráfico comunista, pelo menos reconheceu seu aspecto político. Como o oficial da Diretoria de Combate às Drogas (Drug Enforcement Administration – DEA), David L. Westrate, explicou:

"A tendência emergente de usar narcotraficantes para apoiar objetivos políticos representa uma grande mudança no padrão histórico do narcotráfico, no qual os traficantes estavam apenas interessados em lucros. O uso expandido do narcotráfico para fins políticos já foi realizado e poderia ter implicações de longo alcance para a fiscalização de drogas no mundo inteiro e para a política externa dos EUA"80. Bem verdade. Se o governo dos EUA reconhecesse a existência da estratégia de drogas soviética, não só a política de drogas dos Estados Unidos, mas toda a imagem da política externa soviética que subjaz à política americana contemporânea, estariam sujeitas a cair como um castelo de cartas.

Ao longo dos anos, a participação de vários estados Satélites soviéticos em operações de tráfico de drogas ganhou certa atenção pública. Os exemplos mais notáveis são a Bulgária, Cuba e, mais recentemente, a Nicarágua. Os exemplos mais notáveis são Bulgária, Cuba e, mais recentemente, Nicarágua. Mas o governo dos EUA recua para evitar qualquer declaração direta de que esses países - ou a Tchecoslováquia, a Hungria, a Alemanha Oriental, o Vietnã, a Coréia do Norte e a China - estão oficialmente envolvidos. Na verdade, a maior parte das energias oficiais estão dedicadas a sugerir que tais atividades são a conseqüência das atividades de alguns funcionários

corruptos. Se alguém reconhecer que houve relatos de envolvimento oficial do governo, isso é rapidamente seguido pela afirmação de que não há confirmação de tais relatórios.

O máximo que o Departamento de Estado dos EUA reconhecerá é que certos países - Bulgária, Cuba e Nicarágua - facilitam o tráfico de drogas de outros ou, como foi confirmado por David L. Westrate, então vice-diretor-assitente da Agência de Combate às Drogas (Drug Enforcement Administration - DEA):

"Eu diria que, em relação à Bulgária, Cuba e Nicarágua, temos informações substanciais que indicariam que os governos, no mínimo, toleram esta atividade. Como eu disse, não temos uma gravação de áudio ou uma fita de vídeo de uma reunião de autoridades governamentais decidindo e concordando a respeito”81.

Um exemplo notável da abordagem do Departamento de Estado foi a sua resposta à Lei Antidrogas de 1986. A penalidade aplicável a qualquer país que incentive a produção ou distribuição de drogas ilegais, ou cujos funcionários façam da mesma forma, ou que ameace os agentes de fiscalização de drogas dos EUA, ou falhe em cooperar, está claramente especificada na lei:

"A lei exige que o Presidente suspenda toda a assistência dos Estados Unidos e se oponha a qualquer empréstimo ou outro uso de fundos de bancos multilaterais de desenvolvimento em benefício de qualquer desses países"82.

Se um país, especialmente um país comunista, ou seus funcionários, estivessem envolvidos no narcotráfico, isso poderia ter um sério impacto nas transações financeiras e comerciais dos EUA com o país em questão. Incentivar exatamente tais transações tem sido um importante objetivo da política soviética sob Lênin, Stalin, Khrushchev, Brezhnev e, naturalmente, Gorbachov. Incentivar tal atividade também tem sido um objetivo primário da política externa dos EUA desde 1969. Esta ainda é uma investida de alta prioridade das atividades do Departamento de Estado e do Departamento de Comércio dos Estados Unidos83. Também não é previsível qualquer alteração desta política.

Quase todos os países industrializados estão igualmente envolvidos, principalmente Japão, Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental, Itália, França e Suíça, além dos Estados Unidos. Esse histórico é importante para analisar a abordagem do Departamento de Estado no cumprimento da Lei Antidrogas. É igualmente importante reconhecer que, para além das sanções, existem disposições em que essas sanções podem ser anuladas se o Presidente certificar que os países identificados demonstram sinais de cooperação. Infelizmente, o Presidente delegou esta autoridade de certificação ao Secretário de Estado.

A lista do Departamento de Estado dos países que produzem drogas ilícitas ou facilitam sua distribuição, publicada em maio de 1998, consistiu no seguinte:

Azerbaijão, Bahamas, Belize, Bolívia, Brasil, Birmânia, Colômbia, Equador, Hong Kong, Índia, Irã, Jamaica, Laos, Líbano, Malásia,

México, Marrocos, Nigéria, Paquistão, Panamá, Paraguai, Peru, Síria e Tailândia84.

O único país claramente comunista incluído na lista de 1998 do Departamento de Estado era Laos. Notáveis por sua ausência foram Cuba, Nicarágua, Checoslováquia, Hungria, Polônia, Bulgária, Alemanha Oriental, Romênia, União Soviética, Coréia do Norte, República Popular da China e Vietnã do Norte. Aqui tivemos uma familiar consequência de trégua.

Além disso, apenas dois países na lista do Departamento de Estado recusou certificação: Síria e Irã. Todos os demais países listados foram certificados pelo Departamento de Estado para não estarem sujeitos a nenhuma das restrições identificadas pelo Congresso, pois isso seria contrário a "interesses nacionais vitais", ou porque não encorajaria a cooperação, ou porque os países estavam fazendo esforços de boa-fé. O "interesse nacional vital" citado pelo Departamento de Estado em não querer censurar o Laos foi a sua ajuda na busca contínua dos EUA por prisioneiros de guerra / desaparecidos em combate (Prisoners of War/ Missing in Action - POW/MIAs)!

Embora nem mesmo mencionasse Cuba no relatório, a posição do Departamento de Estado havia sido explicada em seu relatório anual, publicado três meses antes, em março de 1988:

"É possível que pelo menos alguns deles [uso do espaço aéreo cubano e das águas por traficantes de narcóticos] ocorreram com a permissão direta ou tácita do governo cubano"85.

As tentativas de destituir o México em 1988 foram frustradas com sucesso por altos funcionários do Departamento de Estado, do Tesouro e do Congresso. Elas foram descritas no livro de Elaine Shannon, “Desesperados: Barões Latinos das Drogas, Parlamentares Americanos, e a Guerra que a América Não Consegue Vencer” (Desperados: Latin Drug Lords , U.S. Lawmen, And The War America Can't Win), juntamente com a corrupção em toda a estrutura política e policial do México, de alto a baixo86. O livro foi escrito em torno do seqüestro e assassinato de um agente da DEA, Enrique 'Kiki' Camarena, o subseqüente encobrimento por autoridades mexicanas, e as tentativas de oficiais norte-americanos do Departamento de Estado, da Casa Branca, do Tesouro e do Departamento de Justiça em apoio aos funcionários mexicanos envolvidos. Os interesses controladores eram os bancos dos EUA e o lobby das empresas87.

“Disfarce” (Deep Cover) é uma exposição detalhada da incompetência da Agência de Combate às Drogas (Drug Enforcement Administration – DEA), escrita por um ex-agente secreto da DEA e supervisor do grupo, Michael Levine. Enquanto se concentrava em um caso particular envolvendo produtores bolivianos e corrupção mexicana em uma operação conjunta DEA-Alfândega, Levine também discute o caso Camarena. "Logo em seguida ao assassinato de Kiki, o governo mexicano tinha bloqueado todos os esforços - primeiro em encontrar o corpo de Camarena, em segundo em impedir seus assassinos de fugir, e finalmente em investigar o evento".

Muitos do Departamento de Justiça, da DEA e do Departamento de Estado se adaptam [à alta administração] e aos políticos - com interesse em projetar uma imagem (não importa quão falsa) de um governo mexicano progressista e honesto que estava cooperando em nossos esforços antidrogas – queria minimizar e colocar o incidente Camarena fora das primeiras páginas o mais rapidamente possível. Os irmãos de rua de Kiki, agentes de rua da DEA, tinham lutado com dentes e unhas para manter a investigação viva "para manter o ânimo sobre o governo mexicano"88.

A história da morte de Camarena e as lutas que os agentes da DEA tiveram de enfrentar contra autoridades mexicanas corruptas foi dramatizada em uma mini-série de televisão da NBC, "Guerras das Drogas" (Drug Wars), em 7 e 9 de janeiro de 1990. Indignados funcionários do governo mexicano reclamaram depois, com declarações que soavam como se fossem tiradas diretamente do script89. Duas semanas depois, um grande júri de Los Angeles acusou dezenove mexicanos no assassinato de Camarena - incluindo o ex-chefe da Polícia Judiciária Federal Mexicana, Manuel Ibarra Herrera, e o ex-chefe da agência mexicana da Interpol, Miguel Aldana-Ibarra . Sem dúvida, o comportamento das autoridades mexicanas foi deplorável.

No entanto, de sua perspectiva, os mexicanos podem ter uma queixa válida. Que crimes cometeram as autoridades mexicanas que eram piores do que o comportamento de suas contrapartes oficiais dos EUA e interesses empresariais e bancários ao longo dos anos - a saber, aqueles a respeito do Panamá, Bulgária, China e Cuba?

Por que as autoridades norte-americanas não só ignoraram as atividades de Noriega durante quinze anos, mas, de fato, enviaram-lhe cartas pessoais de elogio? Por que acusar Noriega, Vaughan e diversos traficantes de drogas colombianos, e não acusar Raul e Fidel Castro? E por que os negócios e os interesses bancários norte-americanos eram mais importantes para as autoridades americanas do que o fluxo de drogas para os Estados Unidos, dos quais trinta por cento passaram pelo México?

Em 1989, o Departamento de Estado informou sobre as medidas tomadas pelo então recém-instalado presidente do México, Carlos Salinas de Gortari, para "freiar o narcotráfico". No entanto, relatórios proliferaram sobre a contínua corrupção mexicana e o tráfico de narcóticos. Em audiências sobre a posição do Departamento de Estado contra a descertificação do México, William von Raab, chefe da Alfândega dos EUA, foi impedido de testemunhar por altos funcionários do Tesouro dos Estados Unidos devido à visão crítica de von Raab sobre o México. Como disse um dos assistentes de von Raab: "O senhor von Raab estava particularmente ansioso para testemunhar" sobre o México: "Ele acha que a diplomacia parece ter superado a guerra contra as drogas ... Não há evidências de um esforço cooperativo do México. Em muitos aspectos, o país se tornou um refúgio seguro para os traficantes de drogas e uma enorme área de armazenamento de drogas"90.

Em 1990, outra ilustração gráfica do comportamento perverso do Departamento de Estado entrou no domínio público. Kirk Kotula foi um

gerente de programas para a Bolívia no Departamento de Assuntos Internacionais de Narcóticos do Departamento de Estado. Em janeiro de 1990, ele preparou um memorando que foi vazado para o Washington Post91. O memorando foi descrito como altamente crítico para o então novo governo boliviano sob o presidente Jaime Paz Zamora, observando que o desempenho da Bolívia "em quase todas as áreas indica uma total falta de compromisso com a guerra antidrogas". A erradicação dos campos de coca pelo governo da Bolívia não só foi inferior aos objetivos estabelecidos, como as novas plantações resultaram em um aumento de 9,2% da produção total.

O governo dos EUA utiliza casos de extradição bem sucedidos como prova de cooperação. Mas Kotula assinalou que o ministro do Interior, Luiz Arce Gomez, que posteriormente foi extraditado para os Estados Unidos por acusações relacionadas a drogas, foi "odiado universalmente" na Bolívia. Outra atividade altamente divulgada por Washington foi uma sucessão de incursões conjuntas em laboratórios de cocaína no interior da Bolívia. Um ataque particular, que custou US$100.000 aos Estados Unidos, foi mencionado no memorando de Kotula. O ataque "falhou em alcançar um mínimo de sucesso", escreveu ele, provavelmente porque os traficantes foram avisados antecipadamente por bolivianos.

Mas, quando o Relatório Anual do Departamento de Estado foi enviado ao Congresso em 1° de março de 1990, a Bolívia foi caracterizada como se estivesse cooperando plenamente com a política antidrogas dos EUA92. Tudo o que o secretário assistente Melvyn Levitsky diria quando confrontado com o memorando era que este fazia parte de um exercício da "equipe vermelha" para lhe dar análises francas, mas que o memorando era "propriedade roubada do governo" e não deveria ter ido a público93.

A respeito de Cuba, até mesmo a CIA tem sido relatada de estar ao lado do Departamento de Estado. Como Jack Anderson relatou, o vice-diretor da CIA, Richard Kerr, declarou em uma reunião de um Conselho de Ministros em fevereiro de 1987 que era difícil identificar uma ligação direta do governo cubano com as atividades de tráfico de drogas94. Se este é um reflexo preciso da inteligência dos EUA em ação, é preciso se perguntar o que eles usam para chegar a suas conclusões. Uma explicação embaraçosa foi dada pelo Major Aspillaga, o oficial de inteligência cubano que desertou para os Estados Unidos via Viena em junho de 1987 [vide capítulo 8]. Ele explicou que funcionários do governo cubano acreditados pela CIA de que estariam trabalhando secretamente para eles, estavam na verdade alimentando a CIA com informações enganosas ou inúteis preparadas pelo serviço de inteligência cubano. Várias dessas fontes tinham sequer passado pelos polígrafos da CIA.

Foi o escritório do Procurador dos EUA em Miami, que primeiro liberou provas do tribunal sobre o envolvimento de Cuba. Isso aconteceu em novembro de 1982. A evidência, entretanto, aparentemente nunca fez muita diferença para inteligência dos EUA ou para o Departamento de Estado. Felizmente, em uma acusação posterior, o escritório do Procurador dos EUA em Miami apresentou ainda mais evidências - desta vez, fitas de vídeo mostrando contrabandistas de drogas explicando aos

informantes disfarçados da DEA como eles despacharam drogas da Colômbia através de Cuba, com a ajuda de funcionários cubanos, de controladores de tráfego aéreo, da DGI e dos pilotos da Força Aérea Cubana95. Contudo, todos esses detalhes pesados tem pouco impacto no Departamento de Estado, que ainda se recusa a reconhecer qualquer participação significativa de Cuba no tráfico de drogas96.

Em 1987, como parte dos procedimentos de aconselhamento e consentimento do Senado dos Estados Unidos sobre a nomeação do embaixador Jack F. Matlock Jr. para ser embaixador na União Soviética, várias questões sobre o papel da União Soviética e da Tchecoslováquia no tráfico de narcóticos foram submetidos ao Departamento de Estado. Quanto ao envolvimento soviético, funcionários do Departamento de Estado responderam: "O Departamento de Estado não tem informações sobre o oficial envolvimento soviético no tráfico internacional de narcóticos". No que diz respeito à Tchecoslováquia, o Departamento de Estado respondeu: "O Departamento de Estado não tem qualquer informação sobre a cumplicidade oficial da Checoslováquia no tráfico internacional de narcóticos nem sobre qualquer envolvimento soviético com o governo da Checoslováquia no tráfico de narcóticos". Esta declaração foi feita depois de dois artigos detalhando o envolvimento da Tchecoslováquia e da União Soviética terem sido publicados, e depois que funcionários dos dois gabinetes do Departamento de Estado, Assuntos Internacionais de Narcóticos (International Narcotics Matters) e Inteligência e Pesquisa (Intelligence and Research), tinham sido informados sobre as informações de Sejna. Não expressaram qualquer interesse pelos dados.

Um clipe particularmente interessante foi obtido por Jean Michel Cousteau em 1981, durante uma expedição de seu célebre pai, Jacques Cousteau, até os confins da Amazônia. No fundo da selva, o jovem Cousteau encontrou uma aldeia inteira transformada em centro de produção de cocaína e em laboratórios de pesquisa. Os índios locais foram usados como cobaias experimentais e no processo muitos tinham sido transformados em "zumbis". Um segmento do diálogo de fundo no filme de Cousteau vale a pena citar em detalhes:

“O centro secreto de processamento parece também um posto de batalha avançado, com aviões e um esconderijo de armas que acreditam terem importado de Cuba para guerrilheiros”.

"Alguns acreditam que a cocaína, que era meramente uma fonte de lucros ilícitos, agora também apoia pequenos exércitos insurgentes e é enviada para o norte, para os Estados Unidos, pelos militantes da selva como uma arma silenciosa, inexorável, venenosa".

A equipe de Cousteau pergunta: "Você está preocupado com os efeitos da cocaína em outros países, como os Estados Unidos?"

"Não", diz o traficante, "porque muitos de nós consideramos isso uma forma de responder ao ataque do imperialismo na América do Sul. É uma resposta cultural. Se muita gente vai morrer aqui por causa das políticas imperialistas dos Estados Unidos, muita gente lá vai morrer de cocaína. Isso é guerra"97.

O filme original havia relatado que tinha incluído uma passagem em que se mencionava que técnicos e químicos da Alemanha Oriental e da Bulgária estavam trabalhando no laboratório, juntamente com químicos cubanos e colombianos98. Embora não haja evidência conhecida, é possível que o "crack" altamente perigoso tenha sido desenvolvido nessa ou em uma instalação de pesquisa semelhante e depois testada no Caribe antes de ser introduzida nos Estados Unidos. A Agência de Informação dos EUA (US Information Agency) recebeu uma cópia do filme original, mas se recusou a discuti-la, mesmo com outras agências, principalmente a própria Voz da América (Voice of America).

Esta assistência cooperativa de Cuba, Alemanha Oriental e Bulgária não se limita à América Latina. Dizem que estes países também tem estado ativos no Oriente Médio e ajudaram na construção de refinarias de heroína na Síria. O Vale do Beka no Líbano está sob o controle da Síria. O vale há muito tem sido notado pela produção de maconha e haxixe. Mas, a mudança para papoilas e heroína, com a ajuda de Cuba, Alemanha Oriental e Bulgária, é um empreendimento relativamente novo99.

O panorama geral foi resumido em 1988 pelo vice-procurador-chefe dos EUA em Miami, Richard Gregorie, que apresentou a acusação contra Noriega. Gregorie era um frequente crítico do papel que Washington desempenhou, ou não desempenhou, em pôr um fim ao trafico de drogas. "Se estamos lutando publicamente contra as drogas, por que o Departamento de Estado não está envolvido?" ele perguntou. "Os promotores com quem conversei consideram que o Departamento de Estado está trabalhando para governos estrangeiros"100.

A própria atitude do Departamento de Estado foi claramente expressa em seu Relatório Internacional de Estratégia de Controle de Narcóticos de setembro de 1988: "Acreditamos que nossa estratégia internacional ... está funcionando"101. Se está funcionando, somos obrigados a perguntar: para quem?

Referências ao capítulo 9:

1. Vide “O Tráfico de Narcóticos” (The Traffic in Narcotics) Anslinger and Tompkins, op. cit. e “O Ópio do Governo Popular” (The Opium of the People's Government), Harry J. Anslinger,no Congresso dos EUA, Comitê Parlamentar sobre Atividades Não-Americanas, Guerra Total Soviética: 'Missão Histórica' de Violência e Engano, Volume II (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office], 30 de setembro 1956).

2. A China Maoísta e A Heroína (Maoist China and Heroin), Stefan T. Possony (Taipé, Taiwan: Companhia Editorial China [China Publishing Company], sem data)

3. Guerra Psicoquímica: A Ofensiva da China Comunista Contra O Ocidente (Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West), Candlin, op. cit., página 26.

4. Como descrito em detalhes por William J. Gill, o novo secretário de Estado, Dean Rusk, era no mínimo muito simpático aos interesses dos comunistas chineses. Também em 1961, houve um influxo para os Departamentos de Estado e de Justiça de indivíduos a quem anteriormente eram negadas autorizações de segurança ou cujos antecedentes normalmente teriam os impedido de receber uma

autorização. “A Provação de Otto Otepka” (The Ordeal of Otto Otepka) (New Rochelle, N.Y.: Arlington House, 1969).

5. Uma parte substancial da análise da CIA foi vazada e impressa pelo New York Times. Curiosamente, o artigo impresso não inclui nenhum dos dados sobre a China, nem sobre a geografia do "Triângulo Dourado" original mostrado no mapa incluído. Vide “C.I.A. identifica 21 Refinarias de Ópio Asiáticas” (C.I.A. Identifies 21 Asian Opium Refineries), Felix Belair, Jr., New York Times, 6 de junho de 1971, página A2.

6. “Agência do Medo” (Agency of Fear), Edward Jay Epstein (New York: G. P. Putnam's Sons, 1977), página 85.

7. Ibid., páginas 149-150.

8. Conselho do Gabinete de Controle Internacional de Narcóticos (Cabinet Committee on International Narcotics Control), Mapa Mundial do Ópio – 1972 (World Opium Survey-1972), editor não identificado, divulgado em 17 de agosto de 1972 pelo Departamento de Estado.

9. Ibid., página 26.

10. Ibid., páginas A45-A46.

11. Citado em “A Situação dos Narcóticos no Sudeste Asiático, Relato de uma Missão de Estudo Especial” (The Narcotics Situation in Southeast Asia, Report of a Special Study Mission), Hon. Lester L. Wolff (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office], 1972), página 12.

12. Ao analisar o estado dos dados de inteligência, um antigo especialista em contra-inteligência da Agência de Inteligência da Defesa (Defence Intelligence Agency - DIA) afirmou que o pessoal da inteligência da narcóticos não parece possuir qualquer inteligência sistemática sobre tráfico de narcóticos. “Agência do Medo” (Agency of Fear), Epstein, op. cit., página 253. Candlin avaliou as declarações da “Situação Mudial do Ópio” (World Opium Situation) da BNDD sobre o rápido declínio da produção chinesa de ópio na década de 50 e 60 como estando sem mesmo a “base de apoio mais frágil”. Guerra Psicoquímica: A Ofensiva da China Comunista Contra O Ocidente (Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West), op. cit, página 106.

13. Congresso dos EUA, Senado, “Terrorismo Internacional, Insurgência, e Narcotráfico: Tendências Atuais na Atividade Terrorista” (International Terrorism, Insurgency, and drug-trafficking Present Trends in Terrorist Activity), Audiências Conjuntas Perante a Comissão das Relações Exteriores e a Comissão Judiciária (Joint Hearings Before the Committee on Foreign Relations and the Committee on the Judiciary), 13, 14 e 15 de maio de 1985 (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office], 1985), página 31.

14. Impacto Mundial das Drogas (World Drug Impact), Parte 1, op. cit, página 14.

15. Vide, por exemplo, Departmento de Estado dos EUA, Departamento de Assuntos Internacionais de Narcóticos (Bureau of International Narcotics Matters), Relatório Internacional da Estratégia de Controle de Narcóticos (International Narcotics Control Strategy Report) (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office], março de 1987).

16. O único país comunista a ser inequivocamente identificado como participante do tráfico de narcóticos "como uma questão política" é o Laos. Vide “Os EUA Acusam o Laos de Narcotráfico” (US Accuses Laos of drug-

trafficking), Michael Isikoff, Washington Post, 30 de agosto de 1988, página A4.

17. Interessados na trégua, funcionários do governo dos EUA suprimiram os dados e, conscientemente, não conseguiram recolher e utilizar provas consideradas contrárias à política. Por exemplo, antes da Convenção de Controle de Armas Biológicas e Toxínicas (Biological and Toxin Weapons arms control treaty) assinado em 1972, os Estados Unidos estavam cientes da enorme atividade soviética na aplicação da engenharia genética à guerra química e biológica. Como Herbert E. Meyer, ex-vice-presidente do Conselho Nacional de Inteligência (National Intelligence Council), explicou, esses dados foram "removidos a pedido específico de Henry Kissinger". A Defesa da Europa Ocidental, Atas da Conferência de Londres (The Defence of Western Europe, London Conference Proceedings)(New York: Conselho de Segurança Internacional [International Security Council], 1988), páginas 72-73. Esta ação foi muito infeliz. Se os dados tivessem sido perseguidos neste momento, o tráfico soviético de narcóticos poderia ter sido descoberto, na medida em que era um componente da estratégia de guerra química do bloco soviético. Como explicou Ray Cline, então diretor do Departamento de Inteligência e Pesquisa do Departamento de Estado (State Department's Intelligence and Research Bureau), "a crucial inteligência foi muitas vezes suprimida para assegurar que apenas Nixon e Kissinger dispunham de todo o corpo de informações ...". A Agência: Ascenção e Queda da CIA (The Agency: The Rise and Decline of the CIA), John Ranelagh (New York: Simon and Schuster, 1986), página 518.

Outro exemplo da supressão de dados ostensivamente em interesse da trégua, foi o manejo do desertor soviético da KGB, Anatoliy Golitsyn. Golitsyn tinha sido um desertor especialmente valioso, na opinião das autoridades francesas e britânicas, e do chefe da contra-inteligência da CIA, James Angleton. Golitsyn tinha fornecido informações importantes sobre as penetrações soviéticas de várias organizações de inteligência, principalmente as francesas, britânicas e americanas, e havia fornecido detalhes únicos sobre a inteligência soviética, cuja reorganização ele havia ajudado a planejar e sobre a fraude soviética. A pedido de Angleton, Golitsyn estudava a possibilidade de que a divisão sino-soviética fosse um engano deliberadamente orquestrado. Edward Jay Epstein, relatando suas extensas discussões com Angleton, afirmou que em 1969 o diretor da CIA, Richard Helms, disse a Angleton que era agora a política da Casa Branca de Nixon aceitar a divisão sino-soviética como genuína - isto é , deixe a investigação. "Fraude" (Deception), Edward Jay Epstein (New York: Simon & Schuster, 1989), página 98.

18. "Kennedy pode ajudar na Califórnia" (Kennedy May Help in California) Jack Anderson, Washington Post, 26 de maio de 1972, página D19.

19. Agência do Medo (Agency of Fear), Edward Jay Epstein (New York: G. P. Putnam's Sons, 1977).

20. Ibid.

21. Congresso dos EUA, Senado, Drogas e Terrorismo, 1984, Audiência Perante o Subcomitê de Alcoolismo e Abuso de Drogas da Comissão do Trabalho e Recursos Humanos (Hearing Before the Subcommittee on Alcoholism and Drug Abuse of the Committee on Labour and Human Resources), 2 de agosto de 1984 (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office], 1984).

22. Assumindo que eles não tiveram prévio aviso.

23. Apenas seria prudente assumir que muitos dos funcionários "búlgaros" eram efetivamente funcionários do serviço de inteligência soviético e do leste-europeu agindo sob disfarce búlgaro.

24. “Drogas e Terrorismo” (Drugs and Terrorism), 1984, op. cit., página 55.

25. Ibid., página 60.

26. Ibid., páginas 59,66.

27. Departamento de Estado dos EUA, Gabinete de Assuntos Internacionais de Narcóticos (Bureau of International Narcotics Matters), Relatório Internacional da Estratégia de Controle de Narcóticos (International Narcotics Control Strategy Report) (Washington, D.C.: Departamento de Estado dos EUA, 1989), páginas 19,159.

28. O principal relatório foi o Arquivo N° UN-89-0002 (File No. UN-89-0002), Companhia Exportadora Shakarchi (Shakarchi Trading Company), 3 de janeiro de 1989.

29. Vide “Altos Funcionários Búlgaros Ligados ao Crescente Comércio de Heroína” (Senior Bulgarian Aides Linked to a Booming Trade in Heroin), Peter Samuel, Tribuna da Cidade de Nova Iorque (New York City Tribune), 30 de março de 1989, página A1, “Barões da Droga São Vistos se Mudando Para Refúgios no Bloco Comunista” (Druglords Seen Moving Into Havens in Communist Bloc), Tribuna da Cidade de Nova Iorque (New York City Tribune), 30 de março de 1989, página A1; "Em 1986, A Conexão Búlgara Surgiu em Grande Apreensão de Dinheiro de Drogas em LA" (In 1986, Bulgarian Connection Surfaced in Big Seizure in LA of Drug Money), Tribuna da Cidade de Nova Iorque (New York City Tribune), 4 de abril de 1989, página A1; e “O Depart. de Estado Disse Pegar Leve com o Controle de Drogas para Preservar Trégua” (State Dept. Said to Slight Drug Enforcement to Preserve Detente), Tribuna da Cidade de Nova Iorque (New York City Tribune), 7 de abril de 1989, página A1; “Laboratórios de Heroína na Bulgária” (Heroin Labs in Bulgaria), Knut Royce, Newsday, 1 de abril de 1989, página 7; “Dinheiro Sujo: de Drogas a Ouro” (Dirty Money: Drugs to Gold), Bill Gertz, Newsday, 2 de abril de 1989; e “Fachada Búlgara Ligada a Drogas” (Bulgarian Front Linked to Drugs), Washington Times, 3 de abril de 1989, página A1.

30. “O Estado Confirma Ligações de Companhias Bulgaras a Drogas” (State Confirms Bulgarian Company's Drug Ties), Bill Gertz, Washington Times, 7 de abril de 1989, A6.

31. “A Conexão Búlgara” (The Bulgarian Connection), Peter Fuhrman, Forbes, 17 de abril de 1989, páginas 40-44.

32. “Contenda de Chefe da Alfândega na Conferência de Drogas Tipifica Conflito Nomeado-Burocrata” (Customs Chief's Feud on Drug Conference Typifies Appointee-Bureaucrat Conflict), Robert S. Greenberger, Wall Street Journal, 19 de maio de 1986, página 66.

33. Departamento de Estado dos EUA, Gabinete de Assuntos Internacionais de Narcóticos (Bureau of International Narcotics Matters), Relatório Internacional da Estratégia de Controle de Narcóticos (International Narcotics Control Strategy Report) (Washington, D.C.: Departamento de Estado dos EUA, 1988), páginas 14, 35.

34. A análise química pode ser usada para ajudar a determinar as origens de produção de amostras de drogas, especialmente se estiverem presentes alguns vestígios que são característicos de um processo de produção em particular. Essas informações também poderiam ser utilizadas por autoridades competentes para impedir a identificação apropriada, introduzindo deliberadamente produtos químicos indicadores durante o processo de fabricação, o que levaria a conclusões erradas após essa análise química.

35. “Soviéticos Sugerem Trocas de Fatos Sobre Tráfico de Drogas” (Soviets Suggest Trading Facts on drug-traffic), Michael Isikoff, Washington Post, 20 de julho de 1988. Além disso, o Boston Globe informou em 13 de setembro de 1988 que a Grã-Bretanha e a União Soviética concordaram em "unir-se na luta contra o contrabando de drogas, compartilhando inteligência, treinamento e operações".

36. Estratégia Nacional de Controle de Drogas (National Drug Control Strategy), op. cit., p.67.

37. “DEA Propõe Treinar a KGB para Combater Drogas” (DEA Proposes to Train KGB to Combat Drugs), Michael Isikoff. Washington Post, 15 de dezembro, página A23.

38. Olho Cego da América (America's Blind Eye), Larry Rohter, New York Times Magazine, 29 de maio de 1988, páginas 26,29.

39. 1972 é o ano dado em “Opositores Sugerem que Bush Minimiza o Conhecimento sobre as Ligações de Noriega” (Rivals Hint Bush Understates Knowledge of Noriega Ties), Jim McGee e David Hoffman, Washington Post, 08 de maio de 1988, página A16, citando o acesso aos arquivos do Departamento de Justiça. De acordo com Michael Isikoff, um funcionário da DEA declarou que o conhecimento da DEA sobre os laços de Noriega com o tráfico ilícito de drogas data de 1970. “DEA Luta Para Manter Escritório No Panamá” (DEA Fights to Keep Office in Panama), Washington Post, 4 de outubro de 1988, página A27. Como confirmou John E. Ingersoll, então diretor do Departamento de Narcóticos e Drogas Perigosas (Bureau of Narcotics and Dangerous Drugs) em 1972, havia provas suficientes de que uma das opções consideradas como uma solução para o problema de drogas no Panamá era o assassinato de Noriega. “Ajudantes dos EUA para o oficial responsável por 72 assassinatos pesados que agora lidera o Panamá” (US Aides in 72 Weighed Killing Officer Who Now Leads Panama), Seymour M. Hersch, New York Times, 13 de junho de 1986, página 1.

40. Olho Cego da América (America’s Blind Eye), Rohter, op. cit., página 26. De acordo com um relatório do Washington Times, Noriega foi recrutado em 1966 pelo oficial de caso da CIA, Nester Sanchez. “Noriega Foi um Espião para Quase Todo Mundo” (Noriega Was a Spy for Nearly Everyone), Bill Gertz, Washington Times, 8 de janeiro de 1990, página A1.

41. “Ao Gen. Noriega com Amor: Cartas dos Maiores Fiscais de Narcóticos da América” (To Gen. Noriega with Love: Letters from America's Top Drug Enforcers), Michael Hedges, Washington Times, 17 de janeiro de 1990, página A1.

42. A respeito dos desenvolvimentos que cercam a finalização dos Tratados do Canal do Panamá sob o presidente Carter, vide “Como As Ligações Da Droga No Canal Foram Escondidas: Carter Quis Seu Tratado”, Warren Brooks, Washington Times, 28 de julho de 1988, página F1. Vide também “A Fraude dos Tratados do Canal do Panamá: do Consentimento ao Desastre” (The Panama Canal Treaties Swindle: Consent to Disaster), G. Russell Evans (Carrboro, Carolina do Norte: Signal Books, 1986).

43. Este incidente e outros onde o envolvimento do Panamá no tráfico de drogas é negado são identificados por Rohter em “Olho Cego da América” (America’s Blind Eye), op. cit.

44. “Acusação de Noriega por Tráfico de Armas Adiada em ‘80’” (Noriega Arms Indictment Stalled in '80'), Jim McGee and Bob Woodward, Washington Post, 20 de março de 1988, página A22.

45. “Trégua” foi identificada pela primeira vez em um secreto despacho soviético da sede da KGB em Moscou, Novosti, em 1968, por Yuri Bezmenov, agente do Departamento Internacional da KGB. Em 1969, o novo projeto de trégua foi explicado em um encontro de funcionários da Novosti-KGB, incluindo Bezmenov, de Nikolai Agayantz, filho do especialista em desinformação da KGB, general-major Ivan Agayantz. A reunião se deu no escritório do embaixador Pegov na Embaixada da URSS na Índia. Trégua não era mera propaganda, disse Agayantz. Em vez disso, fazia parte de uma nova estratégia, baseada na teoria e prática da ofensiva ideológica formulada em vários textos, como A Arte da Guerra de Sun Tzu. Vide “Porque os Soviéticos Violam Tratados de Controle de Armas” (Why The Soviets Violate Arms Control Treaties), Joseph D. Douglass (Washington, D.C.: Pergamon-Brassey's, 1988), páginas 9-10.

46. Os custos de rua do narcotráfico na América foram estimados em US$140 a US$200 bilhões em 1990. Os custos com mão-de-obra perdida, prisões e tratamentos de saúde são estimados em US$60 a US$100 bilhões. Isso totaliza US$200 a US$300 bilhões. A este total deve somar-se o custo de crimes de rua, bem como crimes de colarinho azul e branco, que não se sabe se foram totalizados. Vide Controlando o Abuso de Drogas, Um Relatório de Status (Controlling Drug Abuse. A Status Report), Escritório de Contabilidade Geral dos EUA (US General Accounting Office) (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office], 1988)

47. “Funcionário Do Bank Of America É Indiciado Em Exame De Drogas” (Bank of America Officer Indicted in Drug Probe), Howard Kurtz, Washington Post, 19 de março de 1986, página A3.

48. Como explicou Ramon Milian Rodriguez, um CPA que cuidava da lavagem de dinheiro e investimentos para o Cartel de Medellín: “Em todos os casos, os bancos sabiam com quem estavam lidando … Eles estavam lidando com Milian Rodriguez, que representava o dinheiro da América do Sul, e seus bancos correspondentes no Panamá sabiam de onde vinha o dinheiro porque nós exigiamos certas coisas deles … Nós estávamos violando as leis de uma forma muito grande e você sempre tem que ter negação plausível. E os bancos de Nova York não são tolos”. Congresso dos EUA, Senado, Drogas, Policiamento e Política Externa: Audiências Perante o Subcomitê de Terrorismo, Narcóticos e Relações Internacionais do Comitê de Relações Exteriores (Drugs, Law Enforcement and Foreign Policy: Panama, Hearings Before the Subcommittee on Terrorism, Narcotics and International Relations of the Committee on Foreign Relations), 11 de fevereiro de 1988 (Washington, D.C.: transcrição estenográfica não publicada, 1988) páginas 66-67, 92-93.

49. Ibid.

50. Ibid., página 65. Vide também “Funcionário do Bank of America é Indiciado em Exame de Drogas” (Bank of America Officer Indicted in Drug Probe), Howard Kurtz, Washington Post, 19 de março de 1986, página A3.

51. “Cocaína” (Cocaine), ABC News “Em Foco” (ABC News 'Close-up'), 20 de agosto de 1983, Transcrição de digitalização de mídia ABC-COCAINE 082083, páginas 5,7.

52. “Perdendo a Guerra das Drogas: Drogas, Bancos e a Política da Flórida” (Losing the Drug War: Drugs, Banks, and Florida Politics), James Ring Adams, American Spectator, setembro de 1988, página 20.

53. Ibid., página 24.

54. “Falta de Promotores Forçam EUA a Ignorar Crimes de Drogas na Flórida” (Lack of Prosecutors Forces US to Blink at Florida Drug Crimes), Michael Hedges, Washington Times, 18 de novembro de 1988, página A1.

55. Drogas, Policiamento e Política Externa: Panamá (Drugs, Law Enforcement and Foreign Policy: Panama), 11 de fevereiro de 1988, op. cit. página 94.

56. "Críticos Dizem que Rastreios de Dinheiro Violam Direitos de Privacidade" (Critics Say Cash Probes Violate Rights of Privacy), Boston Globe Spotlight Team. Parte 7 em "Lavagem de dinheiro" (Moneylaundering), publicado pelo Boston Globe, sem data ou números de página fornecidos.

57. Congresso dos EUA, Senado, A Ameça à Segurança Nacional e Internacional do Tráfico de Narcóticos (National and International Security Threat of Narcotics Trafficking), Audiência Perante a Convenção Internacional de Controle de Narcóticos (Hearing Before the Caucus on International Narcotics Control), 8 de junho de 1987 (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office], 1987), página 36.

58. Audiência para Receber Testemunhos sobre Drogas, Policiamento e Politica Externa: Panamá (Hearing to Receive Testimony on Drugs, Law Enforcement and Foreign Policy: Panama), 11 de fevereiro de 1988, op. cit, página 79.

59. Outro cartel colombiano de Cali recebeu publicidade como resultado das guerras de drogas em Nova York pelo controle dos mercados de cocaína e crack. "Funcionário da DEA Protegido Depois de Ameaça de Morte" (DEA Official Guarded After Death Threat), Michael Isikoff, Washington Post, 28 de agosto de 1988, página A9.

60. Congresso dos EUA, Senado, Audiência para Receber Testemunhos sobre Drogas, Policiamento e Politica Externa: Panamá (Hearing to Receive Testimony on Drugs, Law Enforcement and Foreign Policy: Panama), 10 de fevereiro de 1988, transcrito estenográfico, páginas 65-66.

61. "EUA Ligam Banco a Cartel de Drogas" (US Links Bank to Drug Cartel), Michael Isikoff, Washington Post, 12 de outubro de 1988, página A1; e "Banqueiro Acusado Delata Ligações de Noriega" (Indicted Banker Testified to Noriega Links), Washington Post, 13 de outubro de 1988, página A3.

62. Ramon Rodriguez foi pego levando US$5,4 milhões em dinheiro para fora do país direto para o Panamá. Este era principalmente dinheiro de despesa - subornos e assim por diante. Rodriguez declarou que ganhava de US$2-4 milhões por mês e que pagou à Noriega cerca de US$10 milhões por mês. A maior parte do dinheiro real ele enviou para o Panamá em conteiners de transporte comercial. Os $14-32 milhões envolvidos na acusação do Bank of Credit and Commerce International [BCCI] era um montante trivial quando comparado ao tamanho total das operações de lavagem de dinheiro. Vide Congresso dos EUA, Senado, Audiência para Receber Testemunhos sobre Drogas, Policiamento e Politica Externa: Panamá (Hearing to Receive Testimony on Drugs, Law Enforcement and Foreign Policy: Panama), 11 de fevereiro de 1988, transcrito estenográfico, página 59.

63. Poder na Terra (Power on Earth), Nick Tosches (Nova Iorque: Arbor House, 1986), páginas 81-107.

64. Senado dos EUA, Congresso dos EUA, Senado, Audiência para Receber Testemunhos sobre Drogas, Policiamento e Politica Externa: Panamá (Hearing to Receive Testimony on Drugs, Law Enforcement and Foreign Policy: Panama), 11 de fevereiro de 1988, op. cit., página 95.

65. "Poder na Terra" (Power on Earth), op. cit., página 89.

66. "Registros de 41 Bancos são Citados em Extensão de Inquerito de Lavagem de Dinheiro" (Records from 41 Banks Are Subpoenaed in Widening money-laundering Inquiry), Charles McCoy, Wall Street Journal, 31 de outubro de 1988, página

B12. Outros bancos supostamente utilizados pelo anel de lavagem de dinheiro e identificados no artigo foram: Atico Savings Bank; Banco Central S.A.; Banco de Bogota; Banco Granadero de Colombia; Bank Real Miami S.A.; Barnett Banks; Capital Bank; Consolidated Bank N.A.; Dadeland Bank; Deutsch Sudamerikanische Bank; Eagle National Bank, Eastern National Bank; First Federal Savings of Palm Beach; First Nationwide Bank; Florida International Bank; Florida National Bank of Miami; Israel Discount Bank; Marine Midland International Bank; Miami National Bank; NCNB National Bank of Florida; Northern Trust Bank of Florida; Peoples First National Bank; Professional Savings Bank; Southeast Banking Corporation; United National Bank; Westchester Bank; Banco Atlantico; Banco Leumi Trust Co. of New York; Philadelphia International Bank; Lorain County Bank; California First Bank; Philadelphia National Bank; e Sun Bank N.A..

67. A Casa Branca (The White House), Gabinete da Secretaria de Imprensa (Office of the Press Secretary), "Discurso do Presidente à Conferência Internacional de Combate às Drogas" (Remarks by the President to International Drug Enforcement Conference), 27 de abril de 1989, página 2.

68. Vide "Altos Funcionários Búlgaros Ligados ao Crescente Comércio de Heroína" (Senior Bulgarian Aides Linked to a Booming Trade in Heroin), Peter Samuel, Tribuna da Cidade de Nova Iorque (New York City Tribune), 30 de março de 1989, página A1; "Barões da Droga São Vistos se Mudando Para Refúgios no Bloco Comunista" (Druglords Seen Moving Into Havens in Communist Bloc), Tribuna da Cidade de Nova Iorque (New York City Tribune), 30 de março de 1989, página A1; "Em 1986, A Conexão Búlgara Surgiu em Grande Apreensão de Dinheiro de Drogas em LA" (In 1986, Bulgarian Connection Surfaced in Big Seizure in LA of Drug Money), Tribuna da Cidade de Nova Iorque (New York City Tribune), 4 de abril de 1989, página A1; "Laboratórios de Heroína na Bulgária" (Heroin Labs in Bulgaria), Knut Royce, Newsday, 1 de abril de 1989, página 7; e "Dinheiro Sujo: de Drogas a Ouro" (Dirty Money: Drugs to Gold), Bill Gertz, Newsday, 2 de abril de 1989; e Relatório de Investigação da DEA sobre a Companhia Exportadora Shakarchi (DEA Investigation Report Shakarchi Trading Company), Arquivo No. UN-89-00023 (File No. UN-89-0002) de 3 de janeiro de 1989, páginas 3-5. O Republic Bank of New York, seus depósitos de $760 milhões com o San Francisco Reserve Bank em 1984 – quase tudo de bancos correspondentes em Hong Kong – e o tesoureiro do banco não querer falar ou anunciar seus negócios, são discutidos em "Onda de Dinheiro da Costa Oeste Ligada a Doláres das Drogas" (West Coast Cash Surge Linked to Drug Dollars), "Lavagem de Dinheiro" (Money-laundering), op. cit.

69. Para uma descrição geral do programa, vide "Empréstimos dos EUA à Alemanha Or. Enviados a Terroristas" (US Loans to E. Germany Sent on to Terrorists), Free Press International Report, 14 de julho de 1989.

70. Especial "Siga o Dinheiro" da American Interests (American Interests Special 'Follow the Money) (Federal News Service, 1989), página 13-1.

71. Ibid., páginas 14-2,15-1.

72. "O Palácio Enigma" (The Puzzle Palace), James Bamford (New York: Penguin Books, 1982), página 325.

73. "Agência do Medo" (Agency of Fear), Edward Jay Epstein (New York: G. P. Putnam's Sons, 1977), páginas 85,158.

74. "O Palácio Enigma" (The Puzzle Palace), Bamford, op. cit., página 327.

75. Para uma boa descrição deste início abortivo do uso da inteligência na luta da guerra contra as drogas, vide "O Palácio Enigma" (The Puzzle Palace), Bamford, op. cit, páginas 314, 325-337, 369-370, e 381.

76. “O Palácio Enigma” (The Puzzle Palace), Bamford, op. cit, página 336.

77. “Reis da Cocaína” (Kings of Cocaine), Guy Gugliotta and Jeff Leen (New York: Simon & Schuster, 1989), página 126.

78. “Chefe da Alfândega Desabafa sua Raiva em sua Renúncia” (Customs Chief Vents Anger As He Resigns), Associated Press, Atlanta Journal, 1 de agosto de 1989. Suas declarações são confirmadas em “Lavagem de Dinheiro das Drogas, Bancos e Política Externa” (Drug money-laundering, Banks and Foreign Policy), um relato sobre políticas e policiamento anti-Lavagem de dinheiro baseado em audiências de supervisão perante o Comitê de Relações Exteriores do Senado em 27 de setembro e em 4 de outubro e em audiências perante o Comitê Bancário do Senado em 1 de novembro submetido ao Comitê de Relações Exteriores pelo Subcomitê de Terrorismo e Narcóticos, sem data mas em torno de fevereiro de 1990.

79. Senado dos EUA, Terrorismo Internacional, Insurgência e Narcotráfico: Tendências Presentes na Atividade Terrorista (International Terrorism, Insurgency, and drug-trafficking: Present Trends in Terrorist Activity), Audiências Conjuntas perante a Comissão das Relações Exteriores e o Comitê Judiciário (Joint Hearings Before the Committee on Foreign Relations and the Committee on the Judiciary), 13, 14 e 15 de maio (Washington, D.C.: Imprensa Governamental dos EUA [US Government Printing Office], 1986), página 114.

80. Ibid., página 141.

81. Senado, Terrorismo Internacional, Insurgência e Narcotráfico, op. cit. página 168.

82. Departamento de Estado, Relatório ao Congresso, op. cit., página 2.

83. Vide “Devemos Afiançar Gorbachov?” (Should We Bail Out Gorbachev?), William E. Simon, Reader's Digest, setembro de 1988.

84. Departamento de Estado dos EUA, Relatório ao Congresso, Seção 2013, PL. 99-570, Relatórios e Restrições Relativos a Certos Países (Report to Congress, Section 2013, PL. 99-570, Reports and Restrictions Concerning Certain Countries), 1 de maio de 1988, página 2.

85. Relatório da Estratégia de Controle Internacional de Narcóticos (International Narcotics Control Strategy Report), março de 1988, op. cit, página 35.

86. Desesperados (Desperados), Elaine Shannon (New York: Viking, 1988), páginas 393,432-433.

87. Ibid.

88. “Disfarce” (Deep Cover), Michael Levine (New York: Delacorte Press, 1990), página 229.

89. “México Alega que as Notícias da NBC estão Distorcidas” (Mexico Says NBC Reports Distorted), Michael Isikoff, Washington Post, 11 de janeiro de 1990, E1.

90. “Helms: Von Raab Abafa Caso sobre Drogas Mexicanas” (Helms: Von Raab Shushed on Mexican Drugs), Michael Hedges, Washington Times,6 de abril de 1989, página A6.

91. “Avaliação Cega da Bolívia Ignorada” (Blunt Assessment of Bolivia Ignored), Michael Isikoff, Washington Post, 1 março de 1990, A4.

92. Departamento de Estado dos EUA, Departamento de Assuntos Internacionais de Narcóticos (Bureau of International Narcotics Matters), Relatório da Estratégia de Controle Internacional de Narcóticos (International Narcotics Control Strategy Report) (Washington, D.C.: Departamento de Estado dos EUA [US Department of State], março de 1990). Vide também "Produção Mundial de Narcóticos Decola, Diz Congresso" (World Output of Narcotics Soars, Congress Told), Michael Isikoff, Washington Post, 2 de março de 1990, página A24.

93. "Produção Mundial de Narcóticos Decola, Diz Congresso" (World Output of Narcotics Soars, Congress Told), op. cit.

94. "CIA Rompe Posições sobre Cuba, Nicarágua" (CIA Breaks Ranks on Cuba, Nicaragua), Jack Anderson and Dale Van Atta, Washington Post, 3 junho de 1987, página E19.

95. "Dinheiro de Drogas Termina em 'Gaveta de Fidel'" (Drug Money Ends Up in 'Drawer of Fidel'), Michael Hedges, Washington Times, 10 de março de 1989, página A5.

96. Vide Departamento de Estado dos EUA, Relatório ao Congresso, op. cit.; e Departamento de Estado dos EUA, Departamento de Assuntos Internacionais de Narcóticos (Bureau of International Narcotics Matters), Relatório da Estratégia de Controle Internacional de Narcóticos: Atualização de Meados do Ano (International Narcotics Control Strategy Report: Mid-Year Update) (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA [US Government Printing Office], setembro de 1988).

97. "Drogas: A Conexão Soviética" (Drogue: la Filiere Sovietique), Brian Crozier, L'Express, 25 de dezembro de 1986, página 104. Para uma tradução parcial em inglês, vide "A Guerra de Drogas Soviética Contra o Ocidente" (The Soviet Drug War Against the West), The Free Nation, fevereiro de 1987, páginas 1-2.

98. Ibid., página 104. Vide também "O Fenômeno Gorbachov" (The Gorbachev Phenomenon), Brian Crozier (London and Lexington, Georgia: The Claridge Press, 1990), páginas 147-170.

99. "Drogas, a DEA e Damasco" (Drugs, the DEA and Damascus), Rachel Ehrenfeld and Peter Samuel, Australia/Israel Review, 25 de agosto – 7 de setembro de 1987; e "Sírios Ajudam Tráfico de Heroína no Vale de Bekaa" (Syrians Aiding Heroin Traffic in Beka'a Valley), Jack Anderson, Washington Post, 1 de fevereiro de 1984, página F10.

100. "Flagelo Federal dos Chefões das Drogas" (Federal Scourge of Drug Kingpins), Michael Hedges, Insight, 6 de junho de 1988, página 24.

101. Departamento de Estado dos EUA, Relatório da Estratégia de Controle Internacional de Narcóticos: Atualização de Meados do Ano (International Narcotics Control Strategy Report: Mid-Year Update), op. cit., página 1.

# -CAPÍTULO 10-

# QUESTÕES DE INTELIGÊNCIA

Como poderia uma maciça operação de inteligência global do Bloco Soviético, como a ofensiva soviética de narcóticos, ter estado em andamento por tanto tempo sem os Estados Unidos saber o que estava acontecendo? Esta é uma questão muito importante e potencialmente explosiva. Implícita a ela está uma série de questões adicionais; por exemplo, de que mais não estamos cientes e de que outra forma podemos ter sido enganados?

Até certo ponto, a pergunta "por que não ficamos sabendo?" é respondida no capítulo anterior. Parte da resposta envolve os interesses políticos e privados que se colocaram no caminho da compreensão. Um segundo elemento da resposta diz respeito ao funcionamento interno da inteligência dos EUA. Dois aspectos são particularmente relevantes. O primeiro envolve a coleta e avaliação de inteligência; especificamente, neste caso, o manejo detalhado do interrogatório do major Jan Sejna. O segundo aspecto diz respeito à compreensão do funcionamento das operações de inteligência do Bloco Soviético e à comunicação deste entendimento. Consideremos, antes de mais nada, o interrogatório.

O general Sejna desertou para os Estados Unidos em Trieste em 25 de fevereiro de 1968. O procedimento habitual é que os interrogatórios preliminares dos desertores na Europa sejam conduzidos em uma instalação especial para interrogatório perto de Frankfurt, Alemanha1. No caso de Sejna, isso não foi feito. Em vez disso, ele foi imediatamente levado para Washington. Isso pode ter acontecido devido à posição de Sejna na hierarquia militar ou à sua importância incomum - se não fosse pelo fato de que seu subseqüente interrogatório e manejo, ele seria mais uma proposta de desertor de baixo nível de importância insignificante. No entanto, seu rápido transporte para Washington sugere que alguém em algum lugar poderia querer exercer controle estrito e imediato sobre seu interrogatório.

A notícia da deserção de Sejna para os Estados Unidos, juntamente com uma breve descrição das circunstâncias, foram publicados no Washington Post e no New York Times na semana seguinte à sua deserção. A descrição sobre Sejna nos artigos foi bastante vaga. Ele foi descrito como o chefe do Partido Comunista no Ministério da Defesa, um membro do Estado-Maior e do Presidium da Assembléia Nacional. Esses foram os únicos detalhes publicados. Apesar de reconhecer que Sejna era "um dos comunistas de mais alto escalão a desertar", o Washington Post minimizou instantaneamente sua importância ao ressaltar que Sejna tinha simplesmente uma maior posição do que qualquer dos desertores dos anos anteriores, Svetlana Stalin e o tenente-coronel Renge. As únicas pistas de sua importância eram declarações de que ele tinha

informações ultrasecretas sobre a defesa de seu país de origem e sobre as operações do Pacto de Varsóvia.

Além do acima mencionado, não havia informações ou mesmo especulações no Washington Post ou no New York Times sobre o espectro completo das posições, responsabilidades ou conhecimento de Sejna. Em vez disso, ambos os jornais focaram a atenção em um material concebido para difamar Sejna, que havia sido publicado na imprensa comunista. Não havia nenhuma indicação de qualquer tentativa de descobrir mais ou de qualquer forma desafiar as descrições de Sejna que tinham aparecido na imprensa comunista especificamente a fim de o desacreditar[2].

O general Sejna certamente não foi apresentado como um oficial de importância, ainda que moderada - apesar de ser provavelmente um dos cinco oficiais tchecoslovacos mais bem informados quanto à estratégia e aos objetivos políticos, militares e de inteligência dos soviéticos e Bloco Soviético[3]. Em vez disso, ele era descrito como um peculário, um stalinista, um desertor da escola pública, um indivíduo que tinha sido promovido através de favores e contra as recomendações de seus pares, que tinha organizado um falso golpe contra a nova liderança liberal tchecoslovaca e que tinha desertou com seu filho e uma jovem "que", como escreveu o Washington Post, "está sendo descrita oficialmente aqui [Washington] como a amante do General de apenas 22 anos”. A jovem era, na verdade, a noiva do filho; eles se casaram posteriormente nos Estados Unidos. Essas caracterizações de Sejna são todas falsas[4] e constituem um exemplo pertinente de um assassinato de caráter e desinformação comunista sendo apanhado e ecoado pelos principais jornais dos EUA.

Não se deve subestimar a importância deste tipo de relatório superficial, e a falha do governo dos EUA em corrigir o registro. Esses relatórios, na verdade, disseram às pessoas que Sejna não era uma fonte confiável nem um indivíduo de qualquer valor. Os relatórios prejudicaram materialmente suas oportunidades de usar seus antecedentes como a base para uma nova carreira; por exemplo, ensino, iniciativas oratórias, escrita e consultoria. Eles também, de fato, desencorajaram qualquer pessoa nas comunidades de inteligência ou de segurança nacional de procurá-lo ou de ouvir o que ele tinha a dizer. Como alguém poderia confiar um indivíduo com tal reputação? Também não deve passar despercebido que, quando as acusações foram feitas, Sejna não falava ou lia Inglês e não estava ciente de como sua credibilidade, e, portanto, seu futuro, estavam sendo debilitados. Ele era incapaz de se defender.

A imagem de Sejna retratada no Washington Post e no New York Times foi talvez melhor resumida pela descrição publicada na Newsweek uma semana e meia depois. “Até agora, os americanos podiam sempre recorrer a uma prova certa: se um leste-europeu desertou para o Ocidente, ele era ipso facto um bom sujeito. Na semana passada, no entanto, Washington revelou o seu mais recente desertor - apenas para descobrir que ele era o peso [ou seja, o vilão] no coldre”[5]. Para garantir que a mensagem tivesse sido adequadamente comunicada, a Newsweek publicou uma foto de Sejna com a legenda "Sejna: O peso no coldre".

Das notícias, pode-se inferir que as autoridades dos EUA confirmaram os relatos comunistas sobre a deserção de Sejna e reconheceram que Sejna estava agora nos Estados Unidos. Aparentemente não forneceram qualquer informação além daquela contida na imprensa comunista, ou qualquer elaboração ou esclarecimento. Além disso, de acordo com as notícias, como ilustrado no trecho precedente do Washington Post, funcionários dos EUA evidentemente apoiaram diretamente pelo menos uma das declarações caluniosas impressas na imprensa comunista para desacreditar Sejna; a saber, que Sejna estava fugindo com sua amante de 22 anos, que era uma mentira, como indicado acima.

Até certo ponto, o controle oficial dos EUA em relação à Sejna era compreensível. Não parece que, mesmo dentro da CIA ou do Departamento de Estado dos EUA, houvesse alguém preparado para elucidar o registro com a apreciação real de quão importante era um desertor como Sejna. Por exemplo, Sejna era um oficial político, um comissário. Comissários políticos são geralmente considerados nos Estados Unidos como bandidos ou cães de guarda que relatam sobre seus amigos e conhecidos às autoridades. Eles não são mantidos em alta observação ou são seriamente considerados, em qualquer sentido da palavra6. Consequentemente, apenas esse aspecto do histórico de Sejna é suficiente para fazer com que a maioria das pessoas desconfie de seu valor.

Além disso, havia pouco conhecimento (e, portanto, pouca atenção focada sobre) as organizações que Sejna era membro ou das posições que ele detinha nelas. Os funcionários dos EUA em toda a inteligência e as comunidades diplomáticas não estavam cientes por não terem apreciado o papel do Kolegium, que funcionou quase como um mini-Conselho de Defesa e serviu, dentro do Ministério da Defesa, para rever e criticar planos e questões antes de serem enviados ao Conselho de Defesa; ou do Grupo do Partido no Presidium, que exercia o controle do Partido sobre a Assembleia Nacional (parlamento); ou da agência que orientou a Diretoria Política Principal, que por sua vez era responsável por manter um controle ideológico sobre os militares; ou do poderoso Departamento de Órgãos Diretivos, que governava os militares, a inteligência civil e a justiça7. Estas foram apenas algumas das organizações em que Sejna tinha ocupado posições de liderança.

Os funcionários dos EUA evidentemente não sabiam o que significava ser o chefe do Partido Comunista (isto é, Primeiro Secretário) no Ministério da Defesa, qualidade na qual Sejna monitorava todas as decisões e comunicações tchecoslovacas de alto nível de e para outros países, incluindo a União Soviética, e exerceu nomenklatura (poder de nomeação de posição) sobre todos os oficiais militares de nível médio. A maioria dos especialistas em inteligência do Bloco soviético nem sabia que existia um Conselho de Defesa, muito menos qual era a sua função8 ou o que significava para Sejna ser seu secretário e responsável pela agenda do Conselho de Defesa, pela elaboração de decisões e pela disseminação de diretivas de implementação.

Assim, é perfeitamente possível que não houvesse nenhum oficial dos EUA em posição de conhecer e tomar medidas apropriadas, que tenha entendido o quão realmente importante era o desertor General Sejna. Ao

mesmo tempo, houve várias inconsistências e desvios flagrantes do procedimento normal, tais como: (1) A ausência de uma interrogatório inicial na Europa; (2) a maneira pela qual o interrogatório de Sejna pela CIA foi encerrado, que será descrito mais tarde; (3) o que parece ter sido uma decisão imediata de exercer controle estrito sobre seus interrogatórios, mantendo-os focados em assuntos militares táticos e longe de tópicos de possível significado estratégico; e, (4), ao mesmo tempo, uma decisão de desacreditar Sejna para que ninguém o buscasse ativamente ou escutasse o que ele tinha a dizer.

Embora essas decisões fossem tomadas dentro do governo dos Estados Unidos, parece mais provável que as decisões não fossem baseadas em interesses burocráticos de interesse próprio ou de política, mas sim orquestradas, pelo contrário, pela inteligência soviética ou agentes de influência. A lógica por trás dessa hipótese se tornará mais evidente durante a seguinte descrição do que aconteceu e, mais particularmente, do que não aconteceu.

O interrogatório de Sejna começou da maneira normal. Em primeiro lugar, os debates centraram-se em questões de alerta tático: a possibilidade de um ataque iminente, códigos de segurança, medidas de alerta e condições - itens de significado militar imediato. Na sequência destas questões potencialmente sensíveis ao tempo, os interrogatórios passaram a questões de natureza pessoal e profissional. Esse foi o estabelecimento da fase de boa-fé, que teve seus problemas porque as pessoas que conduziam os depoimentos da CIA não entendiam o sistema comunista9, tinham muitas percepções equivocadas e, portanto, muitas vezes não gostavam das respostas de Sejna a suas perguntas.

Depois que a boa-fé do general Sejna tinha sido estabelecida, os interrogatórios finalmente estabeleceram-se para sondar seu conhecimento da organização de operações militares da Tchecoslováquia e do Pacto de Varsóvia. Este é o lugar onde sérias questões sobre a natureza do interrogatório do General Sejna surgem. Os interrogatórios, que duraram cerca de dez meses, limitaram-se a questões relacionadas com questões de importância militar tática10. E, embora o conhecimento de Sejna nesses assuntos fosse incontestavelmente extenso, esses assuntos eram ao mesmo tempo os menos importantes de que Sejna tinha um conhecimento detalhado. Além disso, alguns desses interrogatórios eram tão triviais que deveriam ser devidamente considerados como maneiras estritas de passar o tempo e manter a imagem de estar ocupado. (Sejna foi convidado, por exemplo, a esboçar as diferentes insígnias militares tchecoslovacas, que, como ele disse a seus interrogadores, estavam disponíveis gratuitamente na biblioteca do outro lado da rua da embaixada dos EUA em Praga)11.

O general Sejna também havia entregado à CIA  a documentação secreta e ultrassecreta que havia trazido consigo, cuidadosamente selecionada por ele por sua ampla importância12. A ele nunca foi direcionada uma pergunta sobre esses documentos ou o material que eles continham. Enquanto os documentos eram traduzidos, as traduções nunca eram disponibilizadas à comunidade de inteligência13. Foi também nessa época que se tomou a decisão de desacreditar ativamente Sejna, lançar

calúnias sobre seu caráter e sobre a confiabilidade de seu testemunho, e assim amortecer qualquer interesse no que ele tinha a dizer. Como descrito por um ex-funcionário da CIA, "a palavra de que Sejna era um 'peso' foi espalhada por todos os escalões médios e superiores. Era importante reconhecer que isso era inconsistente com a distribuição dos relatórios de inteligência da CIA sobre os depoimentos de Sejna, todos os quais identificaram o material como tendo vindo de uma fonte confiável".

O fracasso em interrogar Sejna não pode ser justificado com base no fato de que os interrogadores da CIA não sabiam que Sejna possuía informações de significado estratégico primordial. Muitas vezes, depois das sessões, ele conversava com seus interrogadores e dizia-lhes que não estavam fazendo as perguntas certas. Além disso, uma das primeiras coisas que Sejna disse a seus interrogadores foi que, na sua opinião, a informação mais importante que ele trouxe consigo foi o seu conhecimento detalhado do soviético "Plano De Longo Prazo Para Os Próximos Dez A Quinze Anos E Além"; mas que não discutiria esse plano, que detalhava a estratégia e as táticas coordenadas do Bloco Soviético em todo o mundo14, até que a decisão de lhe conceder o asilo político tivesse sido tomada. Mas, depois que essa decisão foi tomada até agora, não houve nenhum esforço para interrogar Sejna sobre o conteúdo do plano soviético15 de "enterrar-nos". Este era, e continua a ser, um erro muito sério.

Em 1975, a importância do conhecimento de Sejna sobre o plano de longo alcance soviético foi tornada pública por Lord Chalfont em uma série de três artigos no The Times of London16. Mesmo assim, nenhuma tentativa de interrogar Sejna foi feita, nem posteriormente em 1983, depois que Walter Hahn, editor da Strategic Review, escreveu sobre o conhecimento de Sejna17. Ele ainda não foi interrogado [1990] sobre o plano de longo prazo; e, dada a natureza das intenções, metas e estratégias soviéticas18, que não haviam mudado substancialmente em mais de setenta anos, a maioria dos objetivos, estratégias e conceitos operacionais estabelecidos no plano de longo prazo provavelmente permanecem válidos.

No final da primavera de 1968, o general Sejna foi colocado à disposição de uma equipe de interrogatórios da Agência de Inteligência de Defesa (DIA), que consistia de dois oficiais encarregados, um major e, em algumas ocasiões, dois coronéis, nenhum dos quais parecia a Sejna ter qualquer histórico ou interesse em política, militarismo, ou inteligência estratégica, políticas ou objetivos. Seus interrogatórios também se limitaram a questões de significado militar tático; por exemplo, Tabelas de Organização e Equipamento (TOE) para pequenas unidades, tais como empresas e batalhões e localizações de unidades. Como uma indicação adicional da atitude da CIA em relação a Sejna, durante os depoimentos da Agência de Inteligência de Defesa, os oficiais da DIA sempre se dirigiram a Sejna como "general Sejna" por cortesia e respeito militares. Então, um dia, na presença de Sejna, o supervisor da CIA ordenou aos funcionários da DIA que não se referissem a Sejna como general Sejna, porque o Politburo da Tchecoslováquia havia "removido sua posição"19.

Durante o interrogatório de Sejna durante o ano de 1968, e durante muitos anos depois disso, não havia (e ainda não há) indicação de qualquer interesse sério da inteligência ou da segurança nacional dos EUA no que ele tinha a dizer20. Ele não foi levado para se encontrar com altos funcionários da CIA, como Richard Helms, que era o então diretor da CIA, ou seus substitutos, ou quaisquer funcionários importantes dentro da Diretoria de Operações, como James Angleton, cujo escritório de contrainteligência exerceu conhecimento sobre o general Sejna de 1970 até o escritório ser dissolvido em 1974. Ele, aliás, nem foi levado para ver qualquer um dos substitutos de Angleton, nem mesmo o que era diretamente responsável por Sejna de 1970 a 1975. E quando Sejna estava programado para visitar o Congresso em quatro ou cinco ocasiões diferentes, todas as vezes a sua visita era cancelada; por que e por quem não era divulgado, mas estas são questões importantes.

Talvez a inconsistência mais importante durante o interrogatório de Sejna tenha ocorrido em maio de 1968, quando o ex-embaixador dos EUA na União Soviética, Llewellyn Thompson, então um conselheiro sênior do Departamento de Estado sobre assuntos soviéticos, veio visitá-lo. Por que um funcionário de alto escalão do Departamento de Estado dos EUA gostaria de visitar Sejna, dada a maneira pela qual ele foi descrito e oficialmente interrogado, isto é, no mínimo, curioso. Ele visitou Sejna por sua própria iniciativa, ou em resposta ao pedido ou sugestão de outra pessoa? Thompson começou a conversa perguntando Sejna se ele pensava que o comunismo estava mudando21. Sejna respondeu que não. A estratégia, os objetivos, permanecem como estabelecido por Lenin. Não houve mudança nesses objetivos, e nenhuma mudança era provável, disse Sejna. Thompson respondeu bruscamente, advertindo Sejna de que ele, Sejna, estava errado. A conversa decaiu e logo terminou.

Thompson era o único oficial de alto escalão que Sejna lembrava ter vindo vê-lo. No nível médio, as coisas não eram melhores. Apenas dois indivíduos de categoria moderada visitaram Sejna, o vice-chefe e o chefe de gabinete tchecoslovaco da divisão do Bloco Soviético da CIA. Presumivelmente, os interrogatórios de Sejna teriam sido controladas por esta divisão. Mas essas duas pessoas aparentemente não vieram para questionar Sejna, eles vieram apenas para visitar informalmente. Ambos falavam tcheco, um deles tinha emigrado22 da Tchecoslováquia antes da Segunda Guerra Mundial, o outro tinha servido como diplomata militar na embaixada dos EUA em Praga. Ambos foram introduzidos a Sejna sob nomes falsos, que Sejna reconheceu imediatamente porque ambos os indivíduos estavam entre aqueles que Sejna e outros oficiais tchecoslovacos tinham sido advertidos em numerosas ocasiões durante os interrogatórios da contrainteligência da KGB que eram uma parte regular das práticas de segurança interna tchecoslovaca e soviética.

Sejna, que tinha uma memória extremamente disciplinada, recordou com facilidade suas fotos, nomes corretos e antecedentes, como anteriormente fornecido pelo KGB. Não se sabe o que esses funcionários da CIA estavam atrás ou por que eles não mostraram qualquer interesse aparente no que Sejna realmente tinha a dizer. No entanto, é quase inconcebível que alguém em tal posição não reconhecesse que Sejna não era um desertor comum e que seu principal valor não era o que ele

tinha para contribuir para nossa compreensão das questões táticas militares do Pacto de Varsóvia, mas sim conhecimento em primeira mão de questões de importância estratégica; por exemplo, questões políticas e militares soviéticas, inteligência estratégica e tomada de decisão.

De fato, isso foi reconhecido por alguém, o que parece explicar uma segunda visita do embaixador Thompson. Quando os soviéticos invadiram a Tchecoslováquia no final de agosto de 1968, Sejna pediu que ele fosse autorizado a falar e explicar ao público americano e estadistas em todo o mundo o que estava acontecendo na Tchecoslováquia, incluindo informações detalhadas sobre os preparativos soviéticos para a invasão que Sejna tinha percebido com bastante antecedência que iria ocorrer. Sejna era muito insistente, o que foi a razão da segunda visita de Thompson. Nesse caso, a visita de Thompson certamente não foi auto-iniciada. Thompson foi convocado para desencorajar Sejna de contar sua história ao público. Ele rapidamente explicou a Sejna que não era do interesse do governo dos EUA publicar e descrever o que estava acontecendo. Sejna discordou. Então Thompson comunicou uma clara ameaça. Disse a Sejna que a Tchecoslováquia havia pedido o retorno de Sejna e que o pedido de Praga poderia ser honrado se Sejna causasse problemas. Sejna disse a Thompson que isso não era possível porque, de acordo com a Carta das Nações Unidas, os Estados Unidos não poderiam devolvê-lo à Tchecoslováquia ou a qualquer outro país do Bloco Soviético. Novamente, a conversa se deteriorou rapidamente. Quando ficou claro que ele não estava prestes a mudar a mente de Sejna, Thompson aconselhou Sejna que ele não deveria dizer aos Estados Unidos o que podemos fazer e abruptamente terminou a reunião.

Neste ponto, surgem questões adicionais. Quem chamou Thompson e pediu sua ajuda, e por quê? Por que não foi no interesse dos EUA ter a invasão explicada ao público dos EUA e ao resto do mundo? O mais importante, quem estava puxando as cordas? Em deferência ao pedido de Sejna, ele foi colocado em contato com um repórter do New York Times, Richard Eder, e ofereceu a oportunidade de ir até Nova Iorque, às custas dele (Sejna) e dizer o que ele queria dizer. Ele fez isso e depois ficou chocado com a maneira como a entrevista foi escrita23. Como Sejna descreveu os artigos, Eder não usou nenhum dos fatos mais importantes por trás da invasão como, por exemplo, a preparação de sete meses de antecedência, retorceu muito do que Sejna tinha a dizer para comprometê-lo, e mentiu sobre a entrevista de uma forma que fez Sejna parecer um “primitivo”. Ele chamou Eder em Nova Iorque e reclamou amargamente. A resposta de Eder foi de que não era culpa dele. Seus editores foram responsáveis pela forma final do artigo, disse a Sejna.

Não obstante a natureza da reportagem, um leitor moderadamente informado ainda teria que se perguntar o que mais Sejna tinha a dizer sobre eventos politicamente importantes em que os soviéticos tinham participado. Os artigos de Eder não eram a única razão pela qual alguém deveria ter alcançado (ou claramente alcançou) esta conclusão. Nem parece crível que as informações de Sejna sobre o Plano de Longo Alcance tenham sido negligenciadas meramente por acidente.

No verão de 1968, um dos supervisores de Sejna da CIA aconselhou-o a escrever sua história, que poderia ser publicada e dar-lhe uma boa renda. Sejna começou a trabalhar à noite escrevendo sua história. A noiva de seu filho digitou o manuscrito, que a CIA traduzia para o inglês enquanto estava sendo produzido. O manuscrito, que alcançou mais de 300 páginas, foi concluído pouco antes do Natal daquele ano.

Ele não tratava de assuntos militares táticos. Ele expôs o histórico de Sejna, incluindo as várias posições que ocupou, sua interação constante com os líderes comunistas de mais alto nível de todos os países e, de especial importância, a natureza e a dimensionalidade da estratégia de longo alcance soviética e o processo revolucionário mundial. Novamente, é inconsistente com a natureza do processo de inteligência acreditar que este material não foi analisado dentro da divisão da CIA responsável por Sejna24. Também não parece provável que alguém com responsabilidades de inteligência sobre as operações do Bloco Soviético possa ter lido o documento e não compreendido que aqui havia uma fonte de imenso valor (ou perigo, dependendo da perspectiva), e um desertor que estava sendo totalmente mal interrogado.

Quando o primeiro rascunho de Sejna foi concluído, em meados de dezembro de 1968, ele deu uma cópia para o Readers Digest. Mais cedo, a CIA havia permitido que um editor do Readers Digest se encontrasse e entrevistasse Sejna. Durante a conversa, Sejna mencionou o livro que estava escrevendo. O editor pediu para ver uma cópia quando estivesse terminado25. Evidentemente eles gostaram do que viram, porque eles prepararam um contrato para publicar o livro e cinco artigos curtos, que Sejna assinou.

O que aconteceu a seguir é de suma importância. Como um membro sênior do pessoal de contraespionagem de James Jesus Angleton explicou, quase imediatamente após a posse do presidente Nixon em janeiro de 1969, uma diretriz foi enviada da Casa Branca para a CIA, ordenando-lhes que cessassem o interrogatório de Sejna imediatamente e, no processo de se livrar dele, não lhe dar um emprego no governo dos EUA. Ainda mais surpreendente do que este interesse da Casa Branca por um desertor tchecoslovaco que tinha sido tão insignificante que só valia a pena o interrogar sobre assuntos militares táticos, foram os limites que a CIA implementou com a diretriz da Casa Branca o mais rápido possível.

Sejna foi informado de que os interrogatórios tinham terminado e no dia seguinte ele foi removido do esconderijo. Sem providenciar uma nova identidade para Sejna, ou prestando qualquer atenção evidente à segurança pessoal de Sejna, a CIA passou a ajudar Sejna a encontrar uma casa para alugar em Maryland. Quase no seu primeiro dia na casa nova, o serviço postal dos EUA entregou um envelope endereçado ao "general Sejna" do agente imobiliário. Era a sua cópia do contrato de locação. O aluguel real, ele descobriu, era mais do que o salário que estava recebendo da CIA. Ele então descobriu que seu vizinho era um diplomata búlgaro. Finalmente, no processo de localizar uma escola para o irmão da noiva de seu filho, que tinha desertado em agosto de 1968 e depois de vários meses tinha se reunido com sua irmã, ele pediu à CIA para ver se uma escola local estava segura. Foi-lhe dito que

tinham verificado - e foi só para saber mais tarde que os filhos de dez diplomatas tchecoslovacos estavam frequentando a escola. Tudo isso pode ser dispensado como descuido, ou como uma cadeia infeliz de coincidências? Ele estava aprendendo uma lição? Ou era o objetivo deixar os soviéticos saberem onde encontrar Sejna? Foi-lhe dito que não havia trabalho para ele em Washington - não obstante o acordo inicial que tinha alcançado com a CIA, que incluía o emprego produtivo, a escolaridade do filho e a estipulação de que seu filho não deveria ser recrutado para servir no Vietnã (seu filho tinha um disco fundido nas costas), como condições para a cooperação de Sejna. A CIA não respeitou as três disposições.

Toda a maneira pela qual os depoimentos de Sejna foram primeiro cuidadosamente controlados e restritos à área militar tática, apesar das sugestões de Sejna de áreas mais importantes para investigação, e depois precipitadamente terminadas, levanta sérias questões. Parece que alguém com mecanismos de controle dentro da CIA e com acesso à Casa Branca sabia que Sejna era uma bomba-relógio explosiva que precisava ser desativada.

Claramente, o conhecimento de Sejna colocou em perigo numerosas operações, métodos, agentes e planos do Bloco Soviético. O problema foi certamente reconhecido pelos poderes controladores no instante em que sua deserção foi descoberta. Parece também que sua importância era improvável de ser descoberta pela CIA ou por funcionários da Casa Branca por causa de limitações em seus próprios conhecimentos básicos, como descrito anteriormente. O processo de interrogatório manteve Sejna fora do caminho por um ano; mas o surgimento de seu manuscrito poderia muito bem ter sublinhado a necessidade de buscar uma solução mais permanente. Seja qual for a causa, os mesmos poderes que controlaram o processo podem ter reconhecido que eram necessárias medidas adicionais. O timing (sincronia) é a essência do sucesso no trabalho de inteligência. A confusão dentro do (novo) governo de Nixon forneceu um disfarce ideal para deslocar a ameaça que Sejna representava; daí, a diretriz da Casa Branca após a inauguração.

A questão é: quem tomou essa decisão? Parece razoável concluir que mais de uma pessoa estava envolvida, assim como mais de uma pessoa teria sido necessária para controlar o processo de interrogatório tão completa e eficazmente por dez meses. A operação parece ter desfrutado da coordenação avançada da CIA-Casa Branca. Ou seja, os patins parecem ter sido bem untados. Caso contrário, o seu cumprimento pela CIA não teria sido tão célere. Poderia haver uma ligação entre a conclusão do manuscrito de Sejna e sua apresentação ao Reader's Digest, ou foi tudo planejado com meses de antecedência, só esperando o tumulto associado com a chegada do novo governo para seu cumprimento?

Como parte de seu contrato de livro com o Reader's Digest, Sejna foi trabalhar com o Digest em escrever cinco artigos. O primeiro foi posto em circulação em abril de 1969. Tratou da apreensão do navio de coleta de inteligência americano, Pueblo, pelos norte-coreanos em 23 de janeiro de 1968. No artigo 26 Sejna expôs o tempo, o lugar e as circunstâncias de quando foi informado pelo marechal Andrei Grechko,

ministro da Defesa soviético, da estratégia soviética para humilhar o programa de coleta de informações dos EUA.

Sejna descreveu toda a estratégia soviética, incluindo a lógica subjacente ao uso dos norte-coreanos e a animação soviética pelo volume de inteligência que obtiveram quando informaram a liderança tchecoslovaca poucos dias antes da partida de Sejna para o Ocidente.

O que foi particularmente lamentável sobre o fracasso da inteligência norte-americana em obter informações sobre os objetivos soviéticos e seu uso da inteligência norte-coreana é a possibilidade de que a informação, se obtida anteriormente, pudesse ter sido usada para evitar o derrubamento dos US EC-121 que ocorreu sobre o Mar do Japão em abril de 1969.

Alternativamente, também é fácil entender por que a liderança estratégica dos EUA não teria gostado do que Sejna tinha a dizer. Por exemplo, no artigo, ele descreveu a situação no dia seguinte à tomada do Pueblo, quando o coronel soviético Aleksandr Kushchev, o principal conselheiro militar soviético em Praga, explicou aos membros mais antigos da liderança Tchecoslovaca o que havia acontecido:

"Toda a operação foi discreta - incrivelmente discreta. A tripulação do Pueblo, homem por homem, se rendeu. Eles não dispararam um tiro. Francamente, nós pensamos que seria muito mais complicado. Os americanos estavam tão desnorteados que não conseguiram destruir os milhares de documentos. Levará um bom tempo para os nossos especialistas os analisar. Todos nós ouvimos sobre quão grande sistema de comunicações e comando os americanos têm, como eles usam computadores, como eles podem responder instantaneamente a um ataque".

"Bem, ontem Washington levou literalmente horas para se recompor e até mesmo para começar a reagir. Este é um exemplo preciso de como a tecnologia militar mais avançada não pode compensar a falta de vontade e de liderança"27.

O prefácio ao artigo de Jan Sejna foi particularmente interessante. Depois de apresentar o autor, o editor reconheceu que o artigo tinha sido extraído do futuro livro de Sejna e, em seguida, declarou: "Muito do que ele relata aqui não pode ser confirmado por causa dos círculos rarefeitos em que ele se mudou. Mas ele foi entrevistado extensamente pelos editores do Digest, e referências específicas que poderiam ser cruzadas foram investigadas meticulosamente. Nenhuma contradição foi encontrada".

Achados semelhantes foram relatados por Lord Chalfont em 1975, quando ele escreveu a série de três artigos para o The Times de Londres, anteriormente citados, com base em entrevistas com Sejna. Ninguém, que eu saiba, incluindo os principais especialistas em inteligência e contrainteligência dos EUA e da Grã-Bretanha que trabalharam com Sejna, encontrou qualquer razão honesta para questionar a boa-fé de Sejna. O artigo do Reader's Digest também continha um parágrafo conclusivo que o editor (possivelmente um editor diferente) acrescentou ao artigo de Sejna. Este parágrafo tem a seguinte redação:

“As afirmações do general Sejna foram disponibilizadas para o Reader's Digest em 13 de abril passado, apenas dois dias antes de os MIG da Coréia do Norte derrubarem um avião de reconhecimento EC-121 da Marinha dos Estados Unidos no Mar do Japão. Não há evidência de que a União Soviética tenha tido uma mão neste segundo ato de pirataria perpetrado pelos norte-coreanos dentro de 15 meses”.

Por que o editor do Reader's Digest, de repente, questiona a inteligência de Sejna referindo-se agora ao que Sejna tinha a dizer como "afirmações"? Por que o editor sugeriu ainda que ambos os atos de pirataria foram perpetrados pelos norte-coreanos quando Sejna acabou de explicar que o caso de Pueblo era uma operação concebida e dirigida pelos soviéticos? E por que o editor de repente e de forma gratuita sugeriu que não havia nenhuma evidência de que a União Soviética estivesse envolvida no segundo ato de pirataria? Em qualquer caso, a presunção deveria ter sido que o segundo ato de pirataria tinha sido apenas uma continuação destinada a capitalizar o sucesso do primeiro ato.

Foi estabelecido já em 1946 que a inteligência soviética criou, treinou e dirigiu a inteligência norte-coreana. Esta direção soviética continuou com pouca diminuição do controle muito além dos incidentes do Pueblo e do EC-121. Além disso, a CIA havia determinado que os soviéticos passavam rotineiramente dados sobre a localização de navios americanos nas águas da Coréia do Norte para a inteligência norte-coreana28.

Sejna confirma o controle soviético da inteligência norte-coreana e acrescenta que a Coréia do Norte era frequentemente usada como país de transferência para trazer pessoas secretamente para os países do bloco soviético29. Além disso, pode ser relevante recordar que os pilotos soviéticos foram reconhecidos por terem voado em aviões norte-coreanos em combate com os Estados Unidos durante a Guerra da Coréia, embora este fato foi mantido em segredo por muitos anos.

É preciso se perguntar: o que estava acontecendo? Por que o Digest queria rebaixar seu próprio artigo?

Todos os três jornais de Washington traziam histórias sobre o artigo de Sejna e tanto a Associated Press quanto a United Press International despachavam histórias sobre os telegramas nacionais e internacionais. Curiosamente, o New York Times não imprimiu nada. Como o editor do Digest que trabalhou com Sejna na preparação do artigo escreveu a ele após a publicação do artigo, “O por quê [de o New York Times ter ignorado o artigo] eu não consigo imaginar”.

Como indicado anteriormente, depois que os depoimentos de Sejna foram abruptamente terminados, ele foi informado de que não havia trabalho para ele no governo. Pouco depois, a CIA convenceu Sejna a aceitar uma pequena recompensa e, em seguida, arranjou para que ele se mudasse para Lake George, Nova Iorque. A CIA também o ajudou a obter um restaurante, que ele então gerenciaria como a sua "nova vida". Quem tomou a decisão de transferir um ex-comunista de alto escalão sem experiência capitalista para um negócio numa região considerada particularmente capitalista do Estado de Nova Iorque é outra questão

importante não respondida. É desnecessário dizer que o negócio de Sejna falhou, e em nove meses ele estava destituído.

Repetidos telefonemas para a CIA solicitando assistência não foram atendidos. Finalmente, em desespero e com a ajuda de seu filho, Sejna escreveu uma pequena carta ao diretor da CIA, Richard Helms, explicando a natureza trágica de sua situação e oferecendo seu conselho sobre como a CIA poderia mudar sua abordagem para lidar com desertores para que isso tipo de situação fosse evitada no futuro. A carta gerou ação. O membro porta-voz da divisão tchecoslovaca do Bloco Soviético da CIA foi até o Lake George e trouxe Sejna e sua família de volta a Washington.

Antes de examinar o que aconteceu depois de seu retorno, é importante reconhecer uma realização positiva de Sejna, enquanto ele lutava para sobreviver no estilo capitalista, no norte de Nova Iorque. Ele refez o manuscrito para o seu livro de acordo com as instruções do editor do Reader's Digest. O segundo rascunho foi concluído na mesma época em que Sejna chegou ao fim de sua corda financeira, em novembro de 1969.

Posteriormente, após o seu regresso a Washington, enquanto tentava reparar a sua própria autoestima, o Reader's Digest arranjou um professor emigrado tcheco para traduzir o novo manuscrito e também contratou um editor de tempo integral, que eles montaram no Sheraton Hotel em Washington por seis meses, o que não era uma despesa pequena, para editar o manuscrito traduzido.

No início do verão, o manuscrito havia sido concluído e o editor do New York Reader's Digest disse a Sejna que o manuscrito estava bom e não precisava de mais edição. Eles entrariam em contato com ele de novo em Washington em algumas semanas. Passaram-se estas algumas semanas sem receber qualquer palavra. Ele telefonou para saber o que estava acontecendo, e foi-lhe dito para ir ao escritório de Washington, onde foi informado pelo editor de Washington que o Readers' Digest decidiu não publicar o livro por razões econômicas. Sejna lembra a simples explicação do editor: "Não foi nossa decisão".

As tentativas do general Sejna de encontrar um editor dos EUA para o manuscrito se provaram infrutíferas*. E isto se deu até que a inteligência britânica se ofereceu para ajudar a encontrar um editor - um editor britânico. O livro de Sejna, Vamos Enterrá-lo [We Will Bury You], foi finalmente publicado em 1982 pela firma londrina Sidgwick & Jackson. Naturalmente, naquela época, muitas pessoas no Ocidente consideravam o que Sejna tinha a dizer como história antiga.

*Nota do editor: O mesmo jogo estéril e inútil foi jogado com um manuscrito preparado pelo genuíno desertor soviético Anatoliy Golitsyn. Depois de uma busca infrutífera por uma editora dos EUA, encontrou-se um editor britânico, Edward Harle Limited, que produziu o presente trabalho; e The Perestroika Deception  devidamente apareceu [1995 e 1998]. Inicialmente, este editor também, de forma equivocada, procurou uma editora dos EUA em nome do Sr. Golitsyn. Em certa ocasião, uma organização americana conhecida por ter conexões com a comunidade de inteligência escreveu uma calorosa carta de elogio sobre o novo trabalho de Golitsyn para um editor na área de Washington, com

base na lista de conteúdo provisória para o livro fornecido pelo editor. Em uma frase separada, entretanto, o escritor adicionou que "pessoalmente eu não concordo com ele". A lição parece ser que aos desertores genuínos (em oposição a controlados) para os Estados Unidos, que estão insatisfeitos com seu tratamento nas mãos da inteligência dos EUA e procuram publicar os frutos de seus trabalhos e experiência no interesse da verdade e integridade, seria melhor aconselhado a abordar editores em Londres desde o início, sem perder tempo fazendo as rondas em Washington.

Quando o general Sejna foi trazido de volta a Washington no final de 1969, seu controle foi transferido para a contrainteligência sob James Angleton. Embora houvesse alguns indícios de uma gama mais ampla de interesse no conhecimento de Sejna por parte de seus supervisores na contrainteligência, ele foi tratado pior do que era em 1968 - quando pelo menos os depoimentos foram profissionais, se não bem-dirigidos. Em determinado momento, ele foi convidado a escrever vários artigos, e um aposentado da CIA, que era um desertor da Tchecoslováquia, foi trazido para ajudar a traduzir e escrever o que Sejna tinha a dizer.

Entre as informações contidas nesses pequenos artigos estavam as primeiras revelações sobre o treinamento do Bloco Soviético de terroristas internacionais; a penetração dos serviços de inteligência do Bloco Soviético no crime organizado; o uso soviético de organizações desportivas em conexão com operações de inteligência militar; o acordo formal relativo à direção soviética e ao controle dos serviços de nteligência dos países Satélites, assinado em Moscou numa reunião dos chefes dos serviços de inteligência do Bloco Soviético em outubro de 1964; fraude e camuflagem (maskirovka); e recomendações sobre o uso de narcóticos contra as forças dos Estados Unidos na Coreia30. A reação do supervisor de Sejna a toda essa informação foi:

“Você está escrevendo muito. Eu não tenho tempo para ler isto. Pare de escrever”31.

Durante seu “mandato” no escritório de contrainteligência, como outro oficial de contrainteligência explicou, o general Sejna foi empregado quase exclusivamente para ler através de inúmeros jornais soviéticos e do Leste Europeu e para escrever em cartões de índice os nomes de todos os cidadãos norte-americanos que aparecem nos artigos. Como uma atividade secundária, ele foi enviado para vários países estrangeiros para informar oficiais sobre a estratégia soviética. Nestas visitas, o general Sejna encontrou audiências receptivas e apreciativas.

Além disso, e da tentativa abortiva de redigir os documentos acima descritos, as únicas tentativas de explorar o vasto conhecimento de Sejna foram os depoimentos realizados pela contrainteligência britânica, cujos elementos substanciais foram incorporados em seu manuscrito. Não houve interrogatórios detalhados pelo pessoal de contrainteligência da CIA.

Também é relevante na análise deste assunto reconhecer que o general Sejna não é um exemplo único da falha dos EUA em interrogar e lidar com um desertor-chave corretamente. O fracasso da CIA em fazer um bom

uso dos desertores tornou-se suficientemente famoso ao ponto de serem realizadas audiências do Congresso sobre o assunto e, em 1985, o Conselho Consultivo de Inteligência Estrangeira do Presidente (President's Foreign Intelligence Advisory Board) começou a examinar o assunto.

A supervisão de Yuri Nosenko e de Anatoliy Golitsyn32 são dois dos casos mais conhecidos, mas difíceis de lidar devido às sérias implicações da contrainteligência. Basta dizer que a CIA falhou seriamente em interrogar um desertor que a inteligência britânica considerava o desertor mais importante da época. Vladimir Sakharov33, que foi um dos primeiros desertores a "ir a público" com sua história de maus-tratos e incompetência da CIA, desempenhou um papel importante em chamar a atenção para a questão dos maus-tratos.

O tenente-general Ion Pacepa34 é outro exemplo interessante que traz certas semelhanças com o caso de Sejna. Pacepa era um alto funcionário romeno da inteligência. David B. Funderburk foi embaixador dos EUA na Romênia de 1981 a 1985. Em seu livro sobre seu mandato como embaixador35, Funderburk descreveu suas tentativas de restringir a política da Romênia de roubar tecnologia do Ocidente. A evidência sobre essas transferências remonta a meados da década de 1960, consistentemente com os laços crescentes da Romênia com o Ocidente.

Funderburk explicou: "Embora não tenha a liberdade de apresentar as informações de inteligência que documentam caso a caso, posso dizer que Pacepa tem publicamente relatado muitos deles. Além disso, durante uma conferência da CIA durante o verão de 1984, me disseram que Pacepa nunca foi questionado sobre transferência de tecnologia pela inteligência americana quando saiu em 1978. Isto parece uma estranha omissão". Estranho, porque o roubo de tecnologia era uma das principais responsabilidades de Pacepa. Funderburk também indicou que, quando Pacepa começou a relatar as operações de roubo de tecnologia da Romênia, o Departamento de Estado iniciou uma operação de desacredito. No entanto, "o Departamento de Estado pode continuar usando minúsculas discrepâncias para desacreditar todas as revelações de Pacepa, mas não apaga os relatórios que ele fez, nem outras evidências que a inteligência dos EUA já tem"36.

Embora a maioria desses casos possa ser descartada como uma supervisão incorreta ou exemplos de um viés antidesertor, o caso de Sejna se destaca por causa de seu extenso conhecimento e experiência nos mais altos níveis em todo o sistema comunista. Minha conclusão é de que é totalmente irracional tentar desculpar o que aconteceu a Sejna (e continuou acontecendo até sua morte em 1997 - Ed.) como simples tática pobre, técnica desleixada, os resultados da desconfiança dos desertores dentro da inteligência dos EUA ou mera incompetência.

Pelo contrário, parece claro que o Sejna foi tratado, pelo menos durante seu interrogatório formal em 1968, de uma maneira extremamente profissional, embora não de acordo com os interesses dos Estados Unidos. Parece igualmente claro que o que Sejna tinha a dizer era contrário à trégua e poderia ter causado grandes prejuízos à estratégia soviética e às operações de inteligência soviéticas - se apenas alguém o tivesse escutado e agido com essa informação vital.

Este é o ponto crítico. Certamente no começo, e continuando até o tempo em que a CIA terminou sua relação com Sejna em meados da década de 1970, as únicas pessoas que realmente sabiam o quão importante era o conhecimento de Sejna, pareciam ser os Conselhos de Defesa Tchecoslovaco e Soviético.

A natureza detalhada do conhecimento do general Sejna pode ser deduzida dos capítulos anteriores. Mas este material não representa o limite do conhecimento de Sejna sobre as operações de drogas do Bloco Soviético. Eu removi material considerável que não era essencial a esta história; por exemplo, nomes de indivíduos específicos que estavam dirigindo e executando diferentes fases das operações, detalhes sobre muitos dos encontros e planos relacionados às drogas e operações do Bloco Soviético na África, no Oriente Médio, na Europa, no Sul da Ásia e no Extremo Oriente.

Além disso, a estratégia de drogas do Bloco Soviético não era a única área onde Sejna poderia oferecer conhecimento detalhado. Pelo contrário, como resultado de sua posição, o conhecimento geral de Sejna era conhecido como enciclopédico. Os dados sobre narcóticos representaram apenas uma pequena amostragem. Seu conhecimento abrangia uma grande variedade de forças militares comunistas, inteligência, planos políticos, operações, estratégias e táticas[37].

Também é importante reconhecer que o que o general Sejna tinha a dizer foi confirmado de novo e de novo - o material sobre treinamento, abastecimento e financiamento soviético de terroristas internacionais é um exemplo típico.

Outro exemplo esclarecedor da exatidão das revelações de Sejna de domínio público foi o relato do desertor tcheco sobre o uso bem-sucedido da mídia da Europa Ocidental para desacreditar Franz Josef Strauss. Os detalhes dessa operação e os esforços bem-sucedidos de Sir James Goldsmith para confirmar as informações de Sejna são apresentados no livro de Chapman Pincher, "Ofensiva Secreta" (*Secret Offensive*)[38]. Além disso, em conversas com vários funcionários de inteligência que trabalharam com Sejna e estudaram seus dados, eu não descobri um pingo de evidência de que qualquer um desses funcionários sabe de quaisquer dados fornecidos por Sejna que tenham se mostrado suspeitos, deliberadamente enganosos ou falsos [vide também página 120].

Houve uma tentativa contínua de profissionais da CIA ao longo dos anos de desacreditar o general Sejna. A campanha começou quase tão cedo quanto o começo dos seus interrogatórios e nunca realmente parou. Entre os exemplos mais importantes estavam tentativas no início dos anos 80 de desacreditar o testemunho de Sejna sobre o envolvimento soviético no terrorismo internacional. Um exemplo mais típico foi a declaração de um funcionário de nível médio da CIA em 1986 a alguns pesquisadores da Faculdade de Direito e Diplomacia Fletcher (*Fletcher School of Law and Diplomacy*) que estavam levando o testemunho de Sejna a um projeto oral de história. O funcionário se referiu a Sejna como apenas uma "prostituta de dois bits"*; na verdade, aconselhando-os a não prestarem atenção ao que o general Sejna tinha a dizer.

*Nota do Tradutor: “Dois bits” é uma gíria para US$0,25.

À medida que a perícia de Sejna em várias áreas de importância estratégica surgiu ao longo dos anos, especialistas em inteligência perguntam por que ele não nos falou sobre algo antes - ou desacredita a informação sugerindo que ele se tornou mais esperto com a idade. Ficou claro que, como regra geral, nem a inteligência nem a política de segurança nacional gostaram do que Sejna tinha a dizer. Ele foi visto, não como um especialista de quem aprender, mas como uma ameaça para políticas arraigadas e percepções institucionais equivocadas sobre como o sistema comunista funciona. Mas acima de tudo, ele era uma ameaça à estratégia de subversão política comunista.

Assim, a questão não é “por que ele não nos disse essas coisas antes?”. A resposta a essa pergunta é que ninguém perguntou, ninguém queria saber, e muitos queriam não saber. As verdadeiras questões são: “por que as pessoas não querem saber?”; “por que não houve nenhuma tentativa de interroga-lo seriamente ou mesmo de descobrir o espectro total de seu conhecimento?”. “Por que os falsos rumores se espalharam em uma campanha para impedir que outros ouvissem o que ele tinha a dizer?”. E, “por que esse processo continua até hoje?”.

Repito: como poderia uma grande ofensiva global de inteligência do Bloco Soviético, como a operação de drogas soviética, ter estado em andamento por tanto tempo sem que os Estados Unidos soubessem o que estava acontecendo? Esta questão crucial tem uma resposta simples. Ninguém no governo dos EUA com a autoridade ou a responsabilidade de agir, evidentemente, queria saber, ou quer saber. Na verdade, eles queriam não saber. Isso ainda é verdade hoje e o conhecimento desta realidade fornece uma das minhas motivações para escrever este livro.

Existem outros exemplos importantes onde o conhecimento de Sejna é ignorado? Sim, vários: por exemplo, a tomada de decisão soviética; a estratégia de longo prazo soviética; as práticas estratégicas fraudulentas soviéticas; as operações de inteligência do Bloco Soviético; a estratégia de guerra revolucionária soviética; a penetração e uso do crime organizado soviéticos; a penetração e subversão soviética de partidos políticos, especialmente em partidos sociais-democratas; e o patrocínio soviético do terrorismo internacional, isto apenas para mencionar algumas áreas de perícia do desertor. O conhecimento do general Sejna sobre estes (e outros) assuntos não era sem precedentes no sentido de que existem outras fontes com consideráveis informações detalhadas sobre elas.

O que era único, no entanto, e praticamente sem precedentes no caso de Sejna, era a sua perspectiva de alto nível. Ele foi capaz de explicar as operações e estratégias gerais, que então permitem ao analista entender como os vários detalhes de outras fontes e de outras áreas aparentemente independentes se relacionam e se encaixam. Ou seja, ele forneceu o quadro geral que dá sentido às informações individuais fornecidas pelas muitas fontes de nível inferior.

Embora Sejna tenha desertado em 1968, seu amplo conhecimento é especialmente importante agora para compreender as mudanças cataclísmicas que estão ocorrendo. Sua compreensão de alto nível de

como o sistema comunista lidou com mudanças anteriores e de como as organizações são divididas e reconstituídas em diferentes formas, especificamente para enganar o Ocidente sobre a natureza das mudanças, deve ser mais valiosa hoje. Um contexto seria compreender o alegado "desmantelamento" das várias agências de inteligência secretas e os mecanismos pelos quais várias agências governamentais em países satélites são "controlados" por Moscou.

Esses erros de omissão perturbadores trazem à mente percepções adicionais fornecidas durante um colóquio sobre inteligência em 1987 por Ken de Graffenreid. De Graffenreid era responsável pela inteligência do pessoal do Conselho de Segurança Nacional de 1981 a 1987. Ele identificou o que era, a seu ver, um problema significativo da contrainteligência dos EUA; a saber, que muitas autoridades dos EUA se opõem a atividades destinadas a combater as operações de inteligência soviéticas. "Quando estive no NSC [*National Security Council]*", explicou, "um exemplo foi a insistência de muitos colegas do Departamento de Estado de que um pequeno esforço sério, diplomático ou não, deveria ser dirigido contra a ameaça da KGB nos Estados Unidos. Eles argumentaram que isso poderia "perturbar as relações entre os EUA e a União Soviética".

Ainda mais, de Graffenreid explicou que "qualquer que fosse a política durante meus anos na Casa Branca (1981-1987), o Departamento de Estado, até onde eu sei, se opôs pelo menos inicialmente a cada uma das centenas de recomendações para lidar com a ameaça de inteligência hostil apresentada dentro do governo"[39]. Esta oposição à ação contra os agentes de inteligência do Bloco Soviético, particularmente a KGB e a GRU, foi uma fonte de discórdia muito antes de 1981. O FBI continuamente encontrou problemas para obter aprovação de ação PNG (*persona non grata*). O mesmo é verdadeiro no narcotráfico. Em sua carta de demissão datada de 31 de julho de 1989, o comissário de alfândega dos Estados Unidos, William von Raab, escreveu: "Nos últimos oito anos, o Departamento de Estado se opôs a todos os esforços para controlar a produção externa de drogas, ganhando o título de 'objetores de consciência' na guerra contra as drogas"[40].

A segunda característica da inteligência dos EUA que ajuda a explicar a evidente falta de atenção direcionada à estratégia soviética de tráfico de drogas diz respeito às percepções entre os tomadores de decisão e os conselheiros dos EUA sobre como o sistema comunista opera - especialmente a coordenação entre as operações soviéticas de inteligência e as de seus Satélites e os mecanismos pelos quais as operações de satélites são iniciadas e controladas. Há duas questões importantes. A primeira diz respeito ao controle interno. Quando vários funcionários de um país comunista estão envolvidos no tráfico de drogas, o governo do país está envolvido? A segunda diz respeito ao controle externo e ao grau de responsabilidade da União Soviética pelas ações dos seus Satélites.

Os sistemas comunistas são conhecidos por seus mecanismos efetivos de controle interno. Esta é uma das principais funções da notória polícia secreta. As pessoas são obrigadas a espionar seus associados, até mesmo seus pais. Além disso, existem organizações importantes cuja

função é a organização da espionagem dos cidadãos da própria nação. As organizações que vigiam seus próprios cidadãos incluem a polícia secreta ou a contrainteligência civil e, no caso das forças armadas, a contrainteligência militar e a Diretoria Política Principal. Há também uma variedade de órgãos do Partido menos conhecidos, especialmente no que diz respeito a vigiar os observadores; ou seja, uma agência de "contra-contrainteligência". Como Sejna descreveu a situação, cada pessoa é observada de três maneiras. Portanto, é inconcebível que qualquer indivíduo esteja envolvido em significativo tráfico de narcóticos sem o conhecimento, aprovação e participação do Estado.

É verdade que há corrupção e operações ilegais nos países comunistas. Mas não é verdade que estas atividades não são conhecidas. Pelo contrário, elas são conhecidas e são toleradas. Na verdade, a tolerância de certas atividades ilegais é a única maneira que o sistema comunista é capaz de sobreviver. Além disso, a corrupção é, em certo sentido, desejada porque as pessoas que estão corrompidas geralmente podem ser chantageadas ou intimidadas, e como tais são mais fáceis de dirigir e controlar. A questão do que é tolerado gira em torno do avanço da política de Estado. Muitos vícios são aceitos. O mercado negro é geralmente tolerado. O uso indiscriminado de mulheres por altos funcionários é tolerado. Mas a corrupção que afetaria negativamente a política de Estado, a corrupção que é considerada traiçoeira, não é tolerada. Certamente o tráfico de drogas em grande escala e a lavagem de dinheiro associada não seriam tolerados porque colocariam a política de Estado em risco.

Na medida em que é tolerado, ele é absorvido em uma operação de inteligência assemelhada onde ele pode ser cuidadosamente monitorado e controlado. A ideia de que funcionários cubanos estejam envolvidos como estão, ou os búlgaros, ou nicaraguenses, ou vietnamitas, ou norte-coreanos e assim por diante, sem direção e controle oficiais, simplesmente não é uma proposição razoável. Esses países não simplesmente "facilitam" ou "toleram" o tráfico. Eles autorizam, dirigem e controlam o tráfico como uma atividade oficial do Estado.

Fixar a responsabilidade pelas operações de inteligência através dos Satélites é uma tarefa mais difícil, mas igualmente importante. Na verdade, é essencial, e não apenas por causa do narcotráfico. Os soviéticos usam habitualmente Satélites e substitutos como agentes na implementação de operações de inteligência soviéticas. Isto foi apontado aos funcionários dos Estados Unidos por muitos desertores dos serviços de inteligência soviéticos e do Bloco Soviético. Existem várias razões; algumas são óbvias, outras não tão óbvias. A razão óbvia, e mais frequentemente fornecida por desertores na tentativa de explicar o que está acontecendo, é dar à União Soviética distância e uma margem de negação em operações potencialmente constrangedoras. Certamente, o narcotráfico é um excelente exemplo de operação negável. Assassinatos com alto risco de revelação são outro bom exemplo. Minimizar o risco político associado também é uma razão para usar os substitutos dos países do Terceiro Mundo - como explicou Janos Kadar, Primeiro Secretário do Partido Comunista Húngaro, na proposta que fez na reunião de Moscou de 1962 (Capítulo 4).

Fatores menos óbvios são, em muitos aspectos, que os serviços dos Satélites soviéticos são mais criativos e competentes do que os próprios serviços de inteligência soviéticos. Os países Satélites geralmente possuem habilidades e conhecimentos que são faltantes ou escassos na União Soviética. Os serviços dos Satélites também têm melhores laços étnicos em muitos países, por exemplo, no Oriente Médio ou na América Latina. Esses laços são explorados na criação de operações de inteligência. E finalmente, a maioria dos países inerentemente suspeitam dos soviéticos, mas não dos cidadãos dos Satélites, que tendem a ser considerados como vítimas, não cumplices. Todos esses fatores levaram ao desenvolvimento de serviços operacionais e eficazes da inteligência dos Satélites utilizados, dos quais especialmente o serviço de inteligência tchecoslovaco foi um bom exemplo. Isso ressalta a importância do conhecimento de Sejna. Como secretário do Conselho de Defesa, Sejna participou na análise anual e aprovação dos planos de inteligência de um ano e, durante os Congressos do Partido, nos planos de inteligência de cinco e quinze anos.

A questão crítica, então, é em que medida esses serviços dos Satélites são independentes? Se os búlgaros ou cubanos estão traficando drogas, como estão, estão os soviéticos ligados ou responsáveis? Esse tipo de pergunta tinha incomodado a inteligência dos EUA desde cedo. Como explicado pelo falecido James Angleton, o lendário chefe de contrainteligência dos EUA até que sua organização foi quebrada em dezembro de 1974: "Desde 1948, nós [a CIA e os seus serviços irmãos na Grã-Bretanha, na França e na Alemanha Ocidental] encontramos provas suficientes de coordenação [entre as inteligências soviética, búlgara, alemã, líbia, cubana, húngara, romena e polaca] durante longos períodos para satisfazer até mesmo os céticos”[41].

Angleton então identificou os dois aspectos críticos da contínua relutância dos funcionários dos EUA em fazer a conexão. "Pode ser politicamente conveniente supor que os serviços de inteligência do Bloco Soviético atuam independentemente da União Soviética, especialmente quando se trata de um assassinato, mas o que realmente não sabemos, ou talvez queiramos saber, é qual é a natureza da relação entre a KGB e os outros serviços de inteligência comunistas?[42]. "Politicamente conveniente" é um eufemismo. Muitos políticos simplesmente não queriam saber ou admitir as relações entre os soviéticos e os serviços de inteligência dos Satélites. A admissão restringiria as opções políticas, particularmente a liberação de materiais e tecnologia estrategicamente importantes.

A natureza real da relação é outro elemento significativo de informação que foi fornecido por Sejna. O controle soviético sobre as organizações de inteligência dos Satélites foi formalmente estabelecido, explicou-me, quando os chefes do serviço de inteligência dos Satélites se encontraram em segredo em Moscou em 3 de outubro de 1964 e assinaram um acordo estabelecendo um "sistema integrado de inteligência" do Pacto de Varsóvia. Nos termos do acordo, todas as atividades de inteligência dos Satélites seriam coordenadas por Moscou. Todos os planos operacionais - os planos quinquenais de longo alcance, os planos quinquenais que foram coordenados com o orçamento

de financiamento de cinco anos e os planos de um ano - seriam aprovados pelos soviéticos. Os soviéticos determinariam quando os serviços dos Satélites cooperariam nas operações e também coordenariam todas as atividades dos Departamentos de Propaganda Especial dos Satélites. Toda a inteligência recolhida devia ser passada imediatamente para Moscou e os soviéticos determinariam então toda a distribuição subsequente. De especial importância para o tráfico de drogas e narcóticos, além da exigência de que todos os planos fossem aprovados pelos soviéticos, foi estipulado que os agentes de inteligência estratégica seriam treinados na URSS.

Esses arranjos ilustram alguns dos mecanismos pelos quais os soviéticos mantêm o controle de seus Satélites. Operações como o tráfico de drogas, assassinatos e espionagem estratégica não são empreendidas exceto pela direção soviética. A formulação dos planos de um, cinco e quinze anos é, em geral, um dos mecanismos de controle mais importantes, na medida em que todas as atividades são planejadas com bastante antecedência e mesmo novas ações de "emergência" têm de ser aprovadas da mesma forma que os planos regulares antes de serem implementados[43].

A inteligência cubana, que havia trabalhado em estreita colaboração com a Tchecoslováquia e outros serviços de inteligência dos Satélites soviéticos desde o início da década de 1960, foi incorporada de fato ao sistema integrado de inteligência em 1967, informou Sejna. Os planos de inteligência de um ano foram formulados e aprovados no outono. Foi durante esse processo de análise, em novembro de 1967, que Sejna reconheceu que o plano de inteligência cubano não era independente, mas tinha sido incorporado ao sistema integrado de inteligência do Pacto de Varsóvia.

Assim, as operações cubanas eram intrinsecamente coordenadas e controladas pelos soviéticos. Anteriormente, o controle tinha sido mais indireto, proporcionado pela presença de conselheiros e espiões. Estes são os controles informais que estão presentes em todas as estruturas de controle marxistas-leninistas - as combinações de conselheiros soviéticos e agentes de inteligência e contrainteligência que estão secretamente posicionados em lugares críticos em organizações dos Satélites e dos substitutos. Essas pessoas fornecem um controle consultivo e um mecanismo secreto de denúncia empregado para manter os soviéticos informados.

Os mecanismos descritos por Sejna podem ser vistos em operação no testemunho de numerosos desertores e outras fontes de inteligência. Por exemplo, ex-agentes de inteligência cubanos testemunharam que, desde 1970, o serviço de inteligência cubano está sob o controle direto dos soviéticos. Eles também testemunharam que todos os planos são enviados para a União Soviética para aprovação. Os cubanos e os nicaraguenses descreveram os controles sobre a inteligência nicaraguense em termos semelhantes. Os conselheiros cubanos ocupam posições-chave e usam uniformes indistinguíveis dos nicaraguenses.

Há também cerca de 100 conselheiros soviéticos de segurança militar, juntamente com 25 búlgaros, 40-50 alemães orientais, 25 especialistas da OLP e alguns líbios dentro do serviço nicaraguense[44]. Controles

similares com relação à OLP também foram relatados. De acordo com a Agência de Inteligência de Defesa [DIA], a Agência de Notícias do Kuwait publicou uma longa entrevista com o representante da OLP em Moscou, que disse: "Nós assinamos um tratado que exige que antes de tomar qualquer tipo de ação séria, sentamos e discutimos com os russos e coordenamos nossas atividades"[45]. O senador Alfonse D'Amato (R-NY) cita outros estudos de inteligência dos EUA mostrando que "a KGB controla a maioria das seções operacionais do DS, que é a polícia secreta búlgara. Os soviéticos usaram os búlgaros como substitutos". Ele também cita que a DEA estima que 25 por cento da heroína que chega aos Estados Unidos vem através da Bulgária[46].

Estes são apenas alguns dos exemplos relevantes do controle soviético, especialmente no que diz respeito aos satélites da Europa Oriental, mas incluindo também quase-Satélites e substitutos[47]. Em alguns países onde a autonomia ainda existe, por exemplo, Vietnã, Laos e Suriname, há incertezas. Mas no que diz respeito a Cuba, a Nicarágua, a Coréia do Norte, a Bulgária, a Hungria, a Polônia, a Alemanha Oriental e a Tchecoslováquia, deve-se presumir que os soviéticos não estão apenas envolvidos, mas até recentemente eram plenamente responsáveis.

A única questão séria, então, é por que, quando as atividades desses serviços de inteligência dos Satélites soviéticos são levadas à tona, o papel dos bastidores dos soviéticos raramente é discutido? A resposta a essa pergunta está implícita no capítulo anterior e na discussão anterior do processo de interrogatório do general Sejna. As pessoas simplesmente não querem saber - como Angleton explicou, por razões de "conveniência política". Seria talvez reconfortante se esta fosse a única razão. Infelizmente, isso não parece ser o caso. Embora a "conveniência política" seja certamente um fator, também parece haver possibilidades muito mais sinistras e mortíferas em ação - possibilidades que sugerem a necessidade de uma investigação detalhada das razões pelas quais o major-general Jan Sejna nunca foi interrogado. Mas quem faria a investigação?

Referências ao capítulo 10:

1. Vide, por exemplo, as sessões iniciais de Golitsyn e Nosenko na instalação de Frankfurt, apesar da natureza muito importante de ambos os desertores, em "Fraude" (Deception), Epstein, op. cit., páginas 59, 67. A instalação, referida como Estação de Westport, é descrita em "Viúvas" (Widows), William R. Corson, Susan B. Trento e Joseph J. Trento (New York: Crown Publishers, Inc., 1989), páginas 167, 415-416.

2. Até mesmo a imprensa tchecoslovaca emigrada, incluindo as chamadas operações proprietárias da CIA, foi utilizada nesta campanha de difamação, que continuou por muitos anos.

3. A hierarquia nos países comunistas pode ser enganosa. O importante é a posição, não a hierarquia. O posto de Sejna era o major-general, equivalente a um brigadeiro-general dos EUA. Em termos das posições assumidas por Sejna, ele ultrapassou a maioria dos generais de quatro estrelas. Na sua posição como secretário do Conselho de Defesa, Sejna participou nas revisões anuais de todos os planos mais sensíveis: o plano de operações, o plano de espionagem técnica, o plano de desenvolvimento e aquisição de sistemas de armamentos, o programa e cronograma de treinamento, o orçamento especial (secreto), o plano de inteligência, o material e o plano de mobilização. Ele também participou da

análise, avaliação e planejamento futuro de operações de fraude. Todos esses planos foram coordenados com o planejamento das forças soviéticas e do Pacto de Varsóvia, o que deu ao general Sejna uma visão substancial dos planos das contrapartes soviéticas. Vide também nota 7.

4. Por exemplo, Sejna não era stalinista. De fato, ele foi o primeiro líder tchecoslovaco a denunciar abertamente práticas stalinistas em uma reunião do Comitê Central em 1954. Seu discurso improvisado levou à remoção do ministro da Defesa, Alexei Cepicka, que era muito temido por causa de suas táticas stalinistas. Sejna não tinha abandonado a escola pública; a escola pública foi fechada quando os alemães invadiram a Tchecoslováquia. Sejna não liderou um golpe contra a nova liderança "liberal"; ele estava trabalhando contra a interferência soviética com os desenvolvimentos dentro da Tchecoslováquia.

De fato, isso foi o que levou à sua deserção. A KGB tinha descoberto que Sejna estava avisando Dubcek sobre os planos soviéticos de tensionar (um processo que atingiu o pico com a invasão em meados de agosto). Seu comitê do Partido foi denunciado no jornal Obrana Lidu, o jornal oficial do partido, de uma maneira que equivalia a uma acusação de traição. Sejna reconheceu imediatamente que uma teia destinada a prendê-lo estava sendo tecida. Mais tarde, um amigo o advertiu de que sua imunidade como membro do Presidium seria levantada na segunda-feira, dentro de dois dias, para que pudesse ser detido e implicado em acusações de fraude no mercado negro que tinham sido feitas contra uma pessoa do pessoal de Sejna cinco semanas antes. De seu conhecimento sobre operações policiais e sobre sua capacidade de fabricar provas, Sejna sabia que se a Polícia Secreta tivesse sido instruída a apresentar acusações e obter uma confissão, elas teriam êxito. Ele desertou no dia seguinte, domingo, quando pensou que os guardas de fronteira estariam menos alertas. Sejna não foi promovido pelo favoritismo. As unidades militares das quais ele era vice-comandante como comissário político obtiveram consistentemente os mais altos índices de mérito. Tampouco seus colegas não gostavam dele, que aplaudiram o anúncio informal de sua promoção a general.

5. "Tchecoslováquia: Topo do Iceberg" (*Czechoslovakia: Tip of the Iceberg*), Newsweek, 18 de março de 1968.

6. O comissário é um oficial do Partido Comunista dentro do exército. Considere, por exemplo, a descrição do Partido, de Henry Kissinger: "O pequeno grupo de devotos que se arrogam a si mesmos um conhecimento superior dos processos da história deriva dessa convicção a intensidade monomaníaca necessária para fazer a revolução. Mas uma vez que eles estão firmemente estabelecidos no poder, qual é a sua função? Eles não são necessários para administrar o governo, a economia ou os militares".

"Eles são guardiães de uma legitimidade política que há muito perdeu sua posição moral, bem como seu impulso revolucionário. Eles se especializam na solução de crises internas que seu sistema centralizado criou e crises externas em que sua rigidez os tenta. O aparelho do Partido duplica todas as hierarquias existentes sem executar qualquer função. Seus membros são cães de guarda carentes de critérios, um pesadelo para impor a ordem, um presunçoso bastião de privilégios que convida à corrupção e ao cinismo". "Anos de Revolta" (*Years of Upheaval*) (New York: Little, Brown and Company, 1982), página 244.

7. "O coronel Penkovskiy, que espionou pela CIA de abril de 1961 até sua prisão durante a Crise de Mísseis de Cuba, referiu-se ao chefe dos órgãos diretivos, o major-general Nikolai Mironov, como "um czar e deus todo-poderoso sobre o GRU e a KGB", alguém que até mesmo o general Serov [então chefe do GRU] mantinha em continência". "Chekisty: Uma história da KGB" (*Chekisty: A*

*History of the KGB*), John J. Dziak (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1988), página 151.

8. O Conselho de Defesa é o mais alto órgão decisório do partido com autoridade sobre defesa, segurança nacional, inteligência, contrainteligência, política externa e economia. É uma organização muito mais importante do que o Politburo.

9. Por exemplo, os interrogadores de Sejna não entenderam como o socialismo funcionou, como evidenciado por eles pedindo-lhe os nomes de seu advogado de família e médico de família, que não existem como tal no sistema comunista. Nem acreditavam que o terno de alta qualidade que ele usava quando ele desertou poderia ter sido comprado em Praga. Evidentemente eles não sabiam das lojas especiais disponíveis para altos funcionários. Eles tinham apenas conhecimento vago sobre a existência do Conselho de Defesa e nenhuma apreciação de sua verdadeira função ou importância, e nenhum conhecimento de como as promoções são organizadas através do sistema conhecido como nomenclatura. Além disso, eles tinham muitas impressões falsas de como o sistema operava - por exemplo, a ideia de que promoções e posições eram em geral o resultado do nepotismo e que a seleção e o treinamento eram de pouca importância, uma impressão errada que ainda caracteriza a percepção ocidental do sistema soviético.

10. Este ponto também foi reconhecido por Claire Sterling em "A Rede do Terror" (*The Terror Network*): "A Guerra Secreta do Terrorismo Internacional" (*The Secret War of International Terrorism*) (Nova Iorque: Holt, Rinehart e Winston, 1981), página 290. "Depois de um longo debate em Washington, ele [o general Sejna] só tinha sido interrogado sobre questões militares relativas ao Pacto Soviético e ao Pacto de Varsóvia, o terrorismo não era uma preocupação ocidental em 1968, e ninguém lhe perguntou nada sobre isso". Sejna tinha identificado o papel da União Soviética no terrorismo internacional em aproximadamente 1971, quando ele estava sob o controle da divisão de contraespionagem de Angleton, mas não foi interrogado sobre o assunto. Ele forneceu as primeiras informações detalhadas sobre o assunto, em uma entrevista conduzida por Michael Ledeen em 1980, e foi posteriormente interrogado em detalhes pelos analistas da Agência de Inteligência de Defesa [*DIA*]. Durante todo esse processo, os funcionários da CIA com responsabilidade na área continuaram com as tentativas de desacreditar Sejna e suas informações - o que foi confirmado por suas próprias fontes mais sensíveis em quase todos os aspectos, e pelo testemunho da corte na Itália.

11. Frustrações similares (relatos da Divisão do Bloco Soviético relacionados a trivialidades em vez de itens de importância) são relatados por Epstein como a razão pela qual o major Anatoliy Golitsyn pediu o reassentamento na Grã-Bretanha. "Fraude" (*Depection*), Epstein, op. cit.

12. O general Sejna trouxe consigo análises detalhadas que foram conduzidas pelo Ministério da Defesa tchecoslovaco da Força Aérea Tcheca, forças terrestres, gestão de pessoal, sistema de mobilização e inteligência militar; uma análise da evolução do mundo e do Pacto de Varsóvia no futuro, pela Diretoria Política e Diretoria de Ciência e, com base nessas análises, a política militar após o 13° congresso do Partido; e as análises do Presidium da economia tchecoslovaca.

13. A falta de disponibilização dessas informações não é, na realidade, incomum. O material importante muitas vezes não é disponibilizado aos analistas de inteligência, e a razão não é a segurança - por exemplo Golitsyn e Pacepa. Pior ainda, informações falsas são muitas vezes distribuídas, sem o conhecimento do lado analítico da comunidade de inteligência, sendo Penkovskiy um exemplo.

14. Este plano soviético foi transmitido aos Satélites da Europa Oriental em 1967 para que eles usassem como base para o desenvolvimento de seus próprios planos coordenados de longo prazo. A distribuição era rigorosamente controlada. Apenas dois exemplares estavam disponíveis na Tchecoslováquia. Sejna tinha uma cópia. Era sua responsabilidade garantir que os planejadores do Ministério da Defesa fossem instruídos adequadamente e que seu trabalho cumprisse plenamente os requisitos do plano soviético.

15. Houve um esforço contínuo, especialmente dentro dos círculos legislativos dos EUA, para ridicularizar a noção de planejamento soviético ou grande estratégia, uma consciência e compreensão as quais são uma condição *sine qua non* para análise estratégica significativa e relevante. Por exemplo, como Henry Kissinger explicou: "Enviei ao Presidente uma análise da política soviética no final de 1969, que preparei com a ajuda de Hal Sonnenfeldt e Bill Hyland do meu pessoal. A análise começou rejeitando a proposição de que a política soviética seguia necessariamente um plano mestre". Anos na Casa Branca (*White House Years*), Henry Kissinger (Boston, Massachusetts: Little, Brown & Company, 1979), página 161. Hyland era anteriormente um analista sênior da CIA. A Agência: Ascenção e Queda da CIA (*The Agency: The Rise and Decline of the CIA*), John Ranelagh (New York: Simon and Schuster, 1986), página 509. Enquanto que o que se entende por "plano mestre" não é explicado aqui por Kissinger, o esboço detalhado dos objetivos revolucionários soviéticos, estratégia, táticas e atribuições estava contida no "Plano de longo prazo para os próximos dez a quinze anos e além" que o general Sejna identificou para os seus interrogadores.

Os funcionários britânicos de contrainteligência informaram a Sejna em 1970 sobre a estratégia soviética em várias regiões do mundo, especialmente na Europa. Uma das áreas em que se concentraram foi na facilidade com que os serviços de inteligência tchecoslovacos e soviéticos haviam penetrado o Partido Trabalhista britânico e as estruturas do Governo britânico - particularmente o Ministério das Relações Exteriores, o Escritório Colonial e os serviços de inteligência. Uma cópia de seu relatório sobre os dados de Sejna foi fornecida à contrainteligência dos EUA. As regiões que receberam menos atenção nos interrogatórios britânicos foram os Estados Unidos e a América Latina. No entanto, não houve nenhuma tentativa da contrainteligência da CIA de acompanhar e estender este trabalho para os Estados Unidos e para a América Latina. Essa foi a única análise que tratou do plano soviético de longo prazo, mas não começou a cobrir o importante objetivo e os objetivos políticos do plano. Um projeto para interrogar o general Sejna em todo o plano foi iniciado em 1978 sob Dr Gene Durbin, no Departamento de Defesa dos EUA da Net Assessment. Dr. Durbin saiu do escritório logo após o início do projeto. Após a conclusão da primeira parte do plano, o elemento dos objetivos políticos, o financiamento foi interrompido e o projecto terminou.

Nota do editor: Um resumo detalhado do plano de longo prazo descrito pelo general Sejna diverge, mas é paradoxalmente dialeticamente complementar ao plano de longo prazo desenvolvido por Anatoliy Golitsyn em seus dois livros, "Novas Mentiras Pelas Velhas" (*New Lies for Old*) e "A Fraude Chamada Perestroika" (*The Perestroika Deception*) [op. cit.]. No entanto, a análise de Golitsyn se concentrou principalmente na fraude estratégica, identificada como o núcleo do plano e nas preparações de longo prazo para o desmantelamento do modelo de controle stalinista antes da sua substituição, seguindo a *perestroika* de Gorbachev (que significa reformação, como em uma formação militar), por um modelo leninista atualizado e revitalizado de revolução global. Em contraste, a estratégia de longo prazo de Sejna foi claramente formulada dentro de uma estrutura neostalinista, embora o próprio Sejna tenha denunciado o stalinismo. Isto sugere que - como seria esperado entre os leninistas, para quem o *modus operandi* dialético, ou dualismo, é prática rotineira - a coexistência de dois ou mais planos estratégicos de longo prazo.

Eles não teriam sido destinados a ser, ou teriam sido concebidos como sendo, mutuamente exclusivos. Embora a versão do general Sejna tenha sido substituída, a "linha geral" (estratégia) permanece inalterada.

16. Os artigos de Lord Chalfont no *The Times* (Londres) são: "A Brutal Realidade de Moscou" (*Moscow's Brutal Reality*) (28 de julho de 1975); "Como Israel Se Encaixa No Quebra-Cabeças Do Poder Soviético" (*How Israel Fits into the Jigsaw of Soviet Power*) (4 de agosto de 1975); e "Como As Dificuldades Econômicas Da Grã-Bretanha Ajudam A Grande Estratégia Soviética" (*How Britain's Economic Difficulties Help the Soviet Grand Strategy*) (1 de setembro de 1975).

17. "Um Plano De Jogo Soviético?" (*A Soviet Game-Plan?*), Walter Hahn, *Strategic Review*, primavera de 1983.

18. Como explicado por Aleksandr Yakovlev, presidente da Comissão do Exterior do Comitê Central do PCUS e um conselheiro superior do Presidente Gorbachev, em 18 de novembro de 1988, com referência à *glasnost*, não haveria mudança nos valores básicos e objetivos estratégicos e intenções da política externa soviética. Somente as táticas deveriam ser mudadas. "Yakovlev da URSS responde a perguntas em Praga" (*USSR's Yakovlev Answers Questions in Prague*), FBIS-EEU-88224, 21 de novembro de 1988, página 11.

19. Em 1988, o Politburo deve ter revertido sua decisão, na medida em que o jornal do Partido Tchecoslovaco começou a referir-se a ele como general Sejna mais uma vez.

20. Os Estados Unidos são únicos neste aspecto. Durante o início dos anos 1970, Sejna foi autorizado a viajar para o exterior para discutir seu conhecimento da estratégia soviética com funcionários de países estrangeiros amigáveis, onde se reuniu e trocou pontos de vista com muitos altos funcionários. Em todos os casos, onde havia conhecimento operacional, este confirmou o que o general Sejna tinha a dizer.

21. Depois de cada mudança na liderança soviética, há uma tentativa no Ocidente para identificar a mudança na União Soviética / "antiga" União Soviética. Como Harriet Fast Scott e William F. Scott explicaram em "Doutrina Militar Soviética: Continuidade, Formulação e Disseminação" (*Soviet Military Doctrine: Continuity, Formulation and Dissemination*) (Boulder, Colorado: Westview Press, 1988), página 47: "A saída de Khrushchev em 1964 foi saudada com um suspiro de alívio. Sentia-se que Brezhnev era mais sensato e razoável. Assim, quando a terceira edição da 'Estratégia Militar' (*Military Strategy*) apareceu em 1968, muito pouco alterada em relação a edições anteriores, não foi acolhida no exterior por aqueles que procuravam um acordo de controle de armas com Moscou". Como exemplo de como este livro foi tratado, considere a seguinte passagem em uma carta datada de 11 de setembro de 1968, do vice-almirante Rufus L. Taylor, vice-diretor da CIA, ao Comandante da Força Aérea Estrangeira: "Eu passei por ele [o livro] e encontrei partes dele que são um tanto suspeitos. Nosso povo, como eu, tem sentimentos mistos sobre a validade e influência dele [marechal V. D. Sokolovskiy] nos círculos militares soviéticos". Na época, o embaixador Thompson foi um dos principais proponentes das mudanças que estão ocorrendo na União Soviética. Ele também estava, em direções recebidas anteriormente do secretário de Defesa McNamara, engajado em negociações de controle de armamentos com os soviéticos em defesa de mísseis balísticos em uma tentativa de impedir a implantação dos EUA de um sistema de defesa antimísseis balísticos. "Kissinger No Sofá" (*Kissinger on the Couch*), Phyllis Schlafly and Chester Ward (New Rochelle, New York: Arlington House, 1975), página 315. Thompson morreu em 6 de fevereiro de 1972.

22. É assustador, para um leigo, quantos emigrantes ou desertores tchecoslovacos (pelo menos quatro, de acordo com a minha contagem) foram capacitados pela CIA para interagir com Sejna e ajudá-lo em várias fases de seus interrogatórios e relocações. Minha preocupação é a dificuldade em estabelecer uma boa fé sem dúvida, especialmente dada a evidente facilidade com que agentes comunistas treinados podem passar o polígrafo da CIA. Em geral, os desertores são relutantes em interagir com outros desertores por esta razão. No final dos anos 1970, o FBI identificou um desertor tchecoslovaco, Karl F. Koecher, como um funcionário de serviço de inteligência tchecoslovaco que tinha penetrado a CIA.

Koecher passou o polígrafo da CIA, foi contratado pela CIA, e designado para a Diretoria de Operações para traduzir telegramas de agentes, uma tarefa extremamente sensível. Outro exemplo de um desertor com uma tarefa extremamente sensível foi Paul Bellin - um desertor soviético, que se tornou um examinador de polígrafia da CIA! "Viúvas" (*Widows*), Corson, Trento and Trento, Widows, op. cit, páginas 48-49,125. Vide também "Estação Moscou", Ronald Kessler (New York: Charles Scribner's Sons, 1989, página 195). Embora a CIA seja notória por sua má supervisão de desertores (isto é, tratando-os como sujeira), é claro que esta não é uma política consistente e, de fato, que a alguns desertores são dados empregos internos da mais alta sensibilidade.

23. "O papel anti-Dubcek negado pelo general que fugiu de Praga" (*Anti-Dubcek Role Denied by General Who Fled Prague*), Richard Eder,New York Times, 26 de agosto de 1968, e "Sejna Diz Que Os Erros De Novotny Conduziram À Liberalização Em Praga" (*Sejna Says Novotny's Errors Led to Liberalisation in Prague*), New York Times, 28 de agosto de 1968. Foi um empregado da Agência de Inteligência de Defesa (DIA), não a CIA, que trouxe os artigos à atenção de Sejna, os traduziu para ele e depois ajudou Sejna a chamar Eder e queixar-se dos artigos.

24. Ao mesmo tempo, se alguém quisesse realizar um interrogatório geral fora do processo normal de interrogatório, isto é, sem perguntas de acompanhamento e sem que o material chegasse aos Relatórios de Inteligência produzidos durante o processo de interrogatório, esta poderia ser uma excelente abordagem. O conceito básico de ter um desertor escrevendo uma história detalhada de suas atividades como parte integrante do processo de interrogatório é uma técnica normal e excelente, mas isso não parece ter sido a abordagem no caso de Sejna.

25. O *Reader's Digest* também foi usado pela CIA para fornecer um mecanismo para o desertor soviético Yuri Nosenko para "contar sua história" sobre Lee Harvey Oswald e o assassinato de Kennedy. Neste caso, o *Reader's Digest* propôs a idéia do livro a Edward Jay Epstein, e ofereceu-se para colocá-lo em contato com Nosenko em 1976. Nosenko tinha sido o foco de uma grande disputa dentro da CIA. Sua boa fé não foi estabelecida, pelo menos até que a organização de contrainteligência de Angleton estivesse quebrada. Como Epstein descreveu a situação, quase todos os funcionários de inteligência envolvidos com o caso Nosenko tiveram sua carreira destruída. "Fraude" (*Deception*), Epstein, op. cit, página 62.

26. "A Rússia Planejou O Incidente Pueblo" (*Russia Plotted the Pueblo Affair*), general Jan Sejna, *Reader's Digest*, julho de 1969.

27. Ibid., página 75.

28. "Fraude" (*Deception*), Epstein, op. cit, página 282.

29. Em aproximadamente 1962, a Tchecoslováquia assinou um acordo com a Coréia do Norte para fornecer à Coréia do Norte tecnologia e inteligência em troca da

Coréia do Norte servir como um ponto de trânsito para o movimento secreto de pessoas para a Europa Oriental.

30. O indivíduo identificado fazendo a sugestão foi o coronel Karel Borsky, que, como identificado no capítulo 2, era o chefe Zs encarregado dos centros de treinamento de tráfico de drogas. Vide capítulo 3.

31. Ele também pediu a Sejna que deturpasse certos aspectos relativos ao planejamento soviético de fraude, de modo que Angleton achasse a informação mais aceitável. Sejna se recusou a comprometer sua integridade neste e em outros episódios semelhantes.

32. Vide, por exemplo, "Fraude" (*Deception*), Epstein, op. cit, página 70-74.

33. "Alta Traição" (*High Treason*), Vladimir Sakharov (New York: Ballantine Books, 1980).

34. "Horizontes Vermelhos: Crônicas De Um Chefe De Espionagem Comunista" (*Red Horizons: Chronicles of a Communist Spy Chief*), tenente-general Ion Mihai Pacepa, [Washington, D.C.: Regnery Gateway, 1987).

35. "Riscas E Vermelhos: Um Embaixador Americano Preso Entre O Departamento De Estado E Os Comunistas Romenos" (*Pinstripes and Reds: An American Ambassador Caught Between the State Department and the Romanian Communists*), David B. Funderburk, 1981-85 (Washington, D.C.: Selous Foundation Press, 1987).

36. Ibid., página 46.

37. Por exemplo, áreas em que o general Sejna tinha conhecimento detalhado de que estou pessoalmente ciente e sobre as quais, com algumas notáveis exceções, não houve nenhum esforço sistemático para interrogá-lo incluem:

- Organização, papel e função do Conselho de Defesa;
- A penetração de governos estrangeiros e partidos políticos burgueses, notadamente os social-democratas;
- Interesses soviéticos em esconder o desenvolvimento/implantação de mísseis;
- Métodos de pesquisa e desenvolvimento militar secretos;
- Mecanismos de mobilização e planejamento;
- Uso do terrorismo na estratégia de guerra revolucionária;
- Treinamento de terroristas internacionais;
- Estratégia do Bloco Soviético para penetrar/usar o crime organizado;
- Detalhes da estratégia soviética de longo prazo;
- O mecanismo para o desenvolvimento e uso de planos de 1, 5 e 15 anos;
- Estratégia da fraude de coexistência pacífica;
- Requisitos de tecnologia militar e processo de aquisição;
- Detalhes sobre o planejamento e planos de inteligência;
- Infiltração do Bloco Soviético e uso dos meios de comunicação ocidentais;
- Política e direcivas do Conselho de Defesa soviético sobre o uso de meios de comunicação;

•Penetração da inteligência em religiões e instituições financeiras;

•Treinamento, organização e utilização de forças de operações especiais;

•Redes de sabotagem do Bloco Soviético na Europa e planos de guerra;

•Princípios para o recrutamento da elite ocidental;

•Penetração da inteligência do governo francês;

•Penetração da inteligência nas estruturas da OTAN;

•Papel e importância da ideologia operacional;

•Processo de controle e disciplina comunista;

•Segredo no planejamento econômico e natureza do processo orçamentário;

•Estratégia soviética de tráfico de narcóticos;

•Propaganda especial empregada contra civis e militares;

•Equipes analíticas especiais dentro de departamentos e ministérios;

•Coordenação de operações de inteligência civil e militar;

•Organização e supervisão de fraude e comuflagem;

• Organização e operações das agências de inteligência estratégica;

• Organização e papel dos órgãos de propaganda especial;

•Papel a função dos principais Departamentos do Comitê Central;

•Erros em documentos "soviéticos" obtidos clandestinamente;

•Organização hierárquica de fraude e sua supervisão;

•Formulação de fraude e gestão das partes constituintes;

•Operações de serviços de inteligência estrangeiros (tanto comunistas quanto não-comunistas);

•Manutenção de rotas de contrabando e preparações para sabotagem.

38. "A Ofensiva Secreta" (The Secret Offensive), Chapman Pincher (New York: St. Martin's Press, 1985), páginas 32-55.

39. "Requisitos De Inteligência Para Os Anos 1990" (*Intelligence Requirement for the 1990s*), Roy Godson, editor, (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1988), página 153. Para um relato especialmente revelador da extensão dos problemas de segurança em todo o governo dos Estados Unidos, particularmente o Departamento de Estado, vide "A Provação de Otto Otepka" (*The Ordeal of Otto Otepka*), William J. Gill (New Rochelle, Nova York: Arlington House, 1969).

40. "Chefe De Alfândega Explode Apenas Sobre Todos" (*Customs Chief Blasts Just About Everybody*), Michael Hedges, Washington Times, 28 de julho de 1989, página A10.

41. "Fraude" (*Deception*), Epstein, op. cit, página 290.

42. Ibid., página 282.

43. Para uma discussão mais extensa das decisões de planejamento e emergência, vide "Tomada De Decisão Em Países Comunistas: Uma Visão Interina" (*Decision-Making in Communist Countries: An Inside View*), Jan Sejna and Joseph D. Douglass, Jr., (Cambridge, Massachusetts e Washington, D.C.: Institute for Foreign Policy Analyses and Pergamon-Brassey's, 1986).

44. "Escritores E Oradores Pela Liberdade" (*Writers and Speakers for Freedom*), nov/dez. de 1987, página 5, citando entrevista com Miguel Bolanos, um ex-funcionário da inteligência nicaragüense, na Heritage Foundation, 16-17 de junho de 1986.

45. "Narcotráfico Internacional" (*International Drug-trafficking*), Workman, op, cit, página C3, citando um relatório da *DIA*, "A Rede Internacional de Narcóticos" (*The International Terrorist Network*), op. cit.

46. "O Departamento De Estado Disse Para Relaxar O Combate Às Drogas Para Preservar A Trégua" (*State Dept. Said to Slight Drug Enforcement to Preserve Detente*), Peter Samuel, New York City Tribune, 7 de abril de 1989, página A3.

47. Vide, por exemplo, "A Ofensiva Secreta" (*The Secret Offensive*), Chapman Pincher, (New York: St. Martin's Press, 1985). Vide também, a respeito da Polônia, "Viúvas" (*Widows*), Corson, Trento and Trento, op. cit, página 172.

## -CAPÍTULO XI-

# DETERMINANDO A RESPONSABILIDADE

O flagelo das drogas nos EUA foi atribuído à agitação social, ao desemprego, à decadência capitalista e à ânsia de lucros dos traficantes, que estão mais facilmente disponíveis nos Estados Unidos. A praga da droga é um problema da demanda, reivindicam funcionários das nações produtoras1. Se não fosse pela demanda, não haveria praga. Mas, isso é correto, ou é do lado da oferta da equação igualmente, se não mais, culpado? Considere algumas "coincidências".

Duas fontes de dados reunidas durante o início dos anos 70 mostram o crescimento de mortes e dependência relacionadas aos narcóticos em Nova York e São Francisco. A Figura 4 abaixo resume as mortes registradas por abuso de drogas na cidade de Nova York em anos sucessivos entre 1930 e 1969. A Figura 5 fornece detalhes sobre viciados na subcultura de Haight-Ashbury, em San Francisco, cobrindo os anos 1935-68. As consequências do lançamento controlado da guerra de narcóticos contra o Ocidente são imediatamente aparentes.

| ANO | MORTES REPORTADAS | ANO | MORTES REPORTADAS |
|---|---|---|---|
| 1930 | 23 | 1950 | 56 |
| 1931 | 29 | 1951 | 77 |
| 1932 | 22 | 1952 | 82 |
| 1933 | 25 | 1953 | 75 |
| 1934 | 23 | 1954 | 86 |
| 1935 | 12 | 1955 | 82 |
| 1936 | 13 | 1956 | 109 |
| 1937 | 30 | 1957 | 86 |
| 1938 | 17 | 1958 | 84 |
| 1939 | 26 | 1959 | 76 |
| 1940 | 27 | 1960 | 126 |
| 1941 | 16 | 1961 | 275 |
| 1942 | 24 | 1962 | 236 |
| 1943 | 12 | 1963 | 342 |
| 1944 | 17 | 1964 | 264 |
| 1945 | 0 | 1965 | 195 |
| 1946 | 11 | 1966 | 262 |
| 1947 | 19 | 1967 | 490 |
| 1948 | 18 | 1968 | 519 |
| 1949 | 32 | 1969 | 689 |

Figura 4: Dados históricos sobre mortes de dependentes de drogas em Nova Iorque, 1930-69[2].

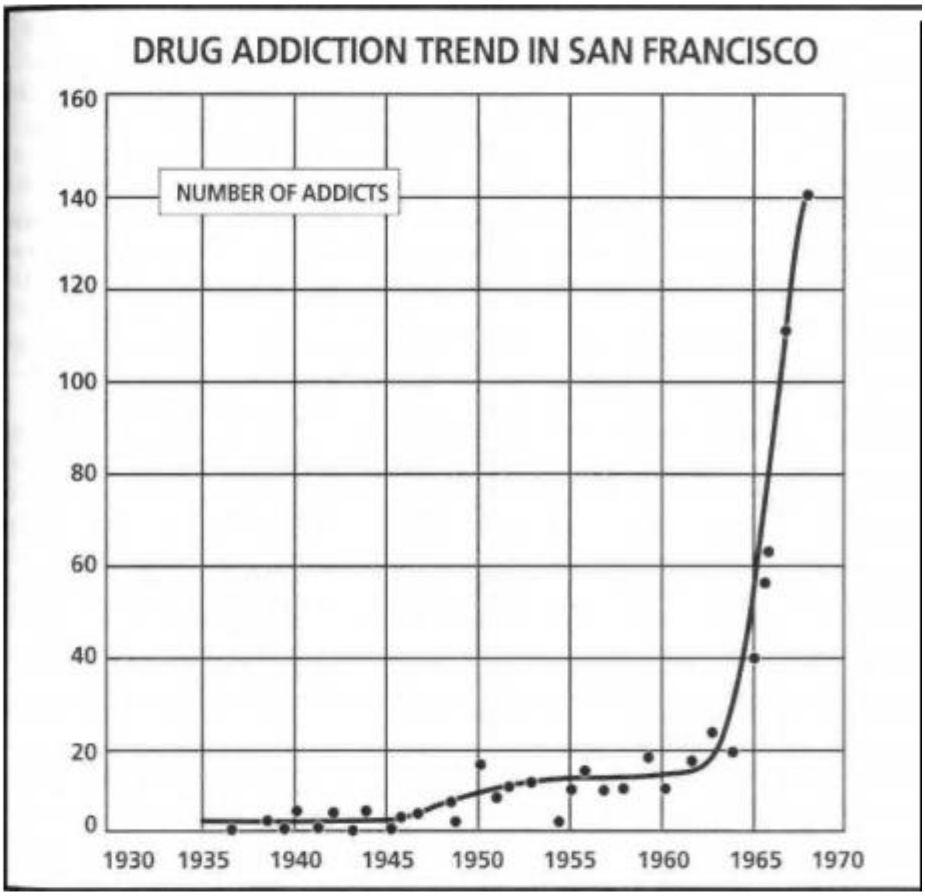



Figura 5: Dependência de drogas em um distrito de San Francisco: o número de viciados em Haight-Ashbury.

Ambas as séries mostram um salto precipitado em 1949-50, que é precisamente quando a estratégia comunista de tráfico de narcóticos internacional chinês foi organizada e lançada.

Qual é a causa - oferta ou demanda - e qual é o efeito? Ambos os dados também mostram um enorme aumento exponencial iniciado em cerca de 1960, quando a operação chinesa foi intensificada e quando a operação soviética de tráfico de narcóticos começou. Esta ascensão maciça não é um fenômeno original dos EUA. Na Grã-Bretanha, os viciados em heroína eram poucos entre 1930 e 1960. Então, depois de 1960, a situação de repente se tornou incontrolável[3]. Tampouco essas taxas de crescimento se devem à alienação da juventude durante a Guerra do Vietnã. Eles precederam a reação da Guerra do Vietnã. A onda começou durante o governo Kennedy que foi um período inspirador na política americana. O aumento acentuado não pode ser explicado como simplesmente o resultado do aumento da demanda. Parece ter sido mais o resultado do aumento da oferta, bem como das técnicas de marketing soviéticas e chinesas associadas que foram concebidos para criar demanda.

Conforme observado anteriormente, o que está acontecendo também é notavelmente evidente nos dados do Sudeste Asiático e da Europa no início dos anos 70. Em ambos os casos houve um aumento na dependência de drogas entre os militares dos EUA. A reação das forças armadas americanas foi, em primeiro lugar, negar que havia um problema e, em seguida, culpar a crise das drogas sobre a má qualidade dos recrutas.

Mas há pouco questionamento sobre o que causou o aumento. Foi devido a um aumento gigantesco no fornecimento de drogas, técnicas de marketing de alta pressão e preços ultrabaixos.

Os preços foram artificialmente deprimidos e a disponibilidade de drogas foi maximizada. As prostitutas foram usadas para empurrar drogas contra militares inocentes. A dependência foi disfarçadamente aumentada pela mistura de ópio e heroína com drogas que não eram consideradas viciantes, como a maconha. Caixas de cigarros e baseados atados com narcóticos foram entregues gratuitamente às tropas americanas. A heroína foi vendida como cocaína, que na época não era considerada viciante.

Isso representava uma flagrante guerra política dirigida contra a juventude dos Estados Unidos. A fonte do problema não era a juventude americana de fraca vontade, a insatisfação com a sociedade ou alguma outra explicação confusa. Pode ter existido um pouco disso, sempre existe. Mas essa não foi a causa. A causa era um fornecimento maciço de drogas baratas e um sistema dedicado a empurrar estas drogas entre as forças armadas americanas. Estas operações soviéticas e chinesas foram imensamente bem-sucedidas.

Esta evidência histórica é extremamente importante. O que vem acontecendo na América tem sido explicado como resultado da decadência social americana, uma decadência crescente. A América era a culpada. Esta era apenas uma dimensão de uma importante campanha de propaganda e desinformação destinada a fazer com que os americanos e o resto do mundo perdessem a fé na América e no estilo de vida americano. Estas campanhas de propaganda fazem parte de uma grande operação de influência, na qual os soviéticos têm gastado mais de US$ 3 bilhões por ano desde o final da década de 1950[4]. Não há dúvida de que a sociedade americana está longe de ser perfeita. Ela tem muitas falhas, mas é muito melhor do que quaisquer alternativas existentes. É por isso que os soviéticos trabalham tão duro para derrubá-lo. É hora de os americanos e nossos amigos e vizinhos reconhecerem o que está acontecendo. O crescimento maciço do consumo de drogas nas várias sociedades livres não é o resultado da deterioração interna nessas sociedades. Nada poderia estar mais longe da verdade, e até que enfrentemos a verdade, é improvável que uma estratégia eficaz para combater a ofensiva de drogas seja desenvolvida.

Também é possível relacionar o que vem ocorrendo nos Estados Unidos com os dados históricos apresentados acima. Tem havido um aumento constante na atividade de interdição de drogas dos EUA e uma quantidade cada vez maior de apreensões de drogas, especialmente de cocaína. No entanto, simultaneamente, o fluxo de cocaína aumentou, a qualidade melhorou e o preço diminuiu. Este efeito é apenas o resultado de um de excesso de oferta e de uma competição do tráfico? Ou, talvez, o ritmo da guerra política contra os Estados Unidos tenha sido acelerado, acelerado em parte, talvez, para levar os Estados Unidos a acreditar que a guerra contra as drogas é uma causa perdida?

Talvez as maiores "coincidências" sejam a maneira como o tráfico cresceu quase precisamente conforme identificado nos estudos soviéticos e de acordo com a estratégia soviética. Os soviéticos são

simplesmente tremendamente proféticos, ou o tráfico que os Estados Unidos e muitos outros países sofreram foi fortemente influenciado pelas operações de inteligência do Bloco Soviético, assistido e encorajado por atividades coordenadas de propaganda e desinformação[5]?

Considere o fato de que os principais países envolvidos no tráfico na década de 1980 foram os alvos iniciais da América Latina e do Caribe na estratégia soviética de drogas do início dos anos 1960: Cuba, Panamá, Colômbia, México, Haiti, Jamaica e, mais recentemente, Argentina. Ou considere o fato de que a grande maioria dos traficantes que operam nos Estados Unidos são minorias - haitianos, jamaicanos, cubanos, colombianos e negros - a maioria dos quais o general Sejna identificou como tendo sido os alvos prioritários da guerra revolucionária soviética - subcultura que primeiro usou heroína, em função do ano[6] e, em menor escala, do crime organizado, também um alvo de alta prioridade do Bloco Soviético desde 1956. Os três principais alvos políticos soviéticos na América do Sul e Central que foram identificados por desertores e são destacados na literatura soviética são o México, a Argentina e o Brasil. O México está agora em sérios problemas, e o comércio de drogas é um fator crítico. A Argentina é uma fonte crescente de drogas e o Brasil, segundo Diego Cordoba, advogado do cartel de Medellín, substituirá a Colômbia como o maior exportador de drogas nos próximos três anos[7]. O México tornou-se um dos países latino-americanos mais frágeis devido ao seu potencial de desestabilização associado às drogas. Esse desenvolvimento pode refletir as operações “Reno” cubano-tchecoslovaca e "Lua Cheia" soviético-tchecoslovaca? E quanto às táticas operacionais observadas com relação às operações cubanas, haitianas, colombianas e jamaicanas nos Estados Unidos, e que parecem refletir a tática de puxa-empurra da operação da "Lua Cheia". É tudo isso estritamente coincidência?

## EVIDENTES DECLARAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS DO MUNDO COMUNISTA SOBRE O VALOR SUBVERSIVO DA OFENSIVA NARCÓTICA GLOBAL

"O ópio deve ser considerado uma arma poderosa. Ele tem sido empregado pelos imperialistas contra nós, e agora devemos usá-lo contra eles. Essa guerra pode ser chamada de guerra química com métodos indígenas". MAO TSE-TUNG, 1935

"Vamos desarmar os capitalistas com as coisas que eles gostam de provar." CHOU EN-LAI, 1958

"Qualquer coisa que acelere a destruição do capitalismo é moral." NIKITA KHRUSHCHEV, 1962.

"Fraude e drogas são os nossos dois primeiros escalões estratégicos na guerra…" NIKITA KHRUSHCHOV, 1963

"Os Estados Unidos são o alvo principal porque são nosso pior inimigo; é simples mover drogas para os Estados Unidos; e, há uma oferta ilimitada de dinheiro lá." TODOR ZHIVKOV, primeiro secretário, Partido Comunista da Bulgária, 1964

"Estamos desenvolvendo as melhores papoulas para os militares dos EUA". CHOU EN-LAI ,1965

"As drogas serão uma arma decisiva para romper o tecido das democracias ocidentais". RAÚL CASTRO, fim dos anos 1960

"O objetivo é ferir os Estados Unidos enchendo ele de drogas". FERNANDO RAVELO-RENEDO, embaixador cubano na Colômbia, 1978.

"Eu estava incumbido de encher os Estados Unidos de drogas." MARIO ESTEVEZ GONZALEZ, agente da inteligência cubana, 1981

"As drogas são usadas como armas políticas. O alvo era a juventude…" ANTONIO FARACH, alto oficial da Nicarágua, 1984

"Drogas são a melhor maneira de destruir os Estados Unidos". GENERAL BARREIRO, chefe da inteligência cubana, 1987.

"O tráfico é uma maneira de travar guerra contra os Estados Unidos. Ele também dá um lucro" HUMBERTO ORTEGA, ministro da Defesa nicaraguense,1987.

"Drogas são consideradas a melhor maneira de destruir os Estados Unidos. Debilitando a vontade da juventude americana, o inimigo é destruído sem disparar uma bala". MAJOR JUAN RODRIGUEZ, oficial da inteligência cubana, 1988

Figura 6: Evidentes declarações representativas sobre o tráfico de narcóticos feitas por comunistas.

A razão e a estratégia associadas às operações de tráfico de drogas são lógicas e consistentes com os primeiros princípios da doutrina marxista-leninista. As operações estão de acordo com declarações informais feitas por muitos funcionários de alto escalão envolvidos e provenientes de uma grande variedade de países - Colômbia, Nicarágua, Panamá, Cuba, Checoslováquia, China, Romênia e Bulgária.

Deve ficar claro que as estratégias de tráfico de drogas chinesas e soviéticas têm sido as principais forças por trás da ofensiva de drogas dos EUA (e, claro, a global). Em 1967, relatou Sejna, os soviéticos estimaram que eles (ou seja, eles ou seus satélites) estavam no controle de 37% da produção de drogas, sendo então fornecidos aos Estados Unidos e Canadá, e que esse número seria ampliado em até 13 por cento a cada ano. Em termos de distribuição e vendas dentro dos Estados Unidos e Canadá, o valor estava menor - em 31 por cento. Por "controle" entendia-se que as pessoas que tinham treinado tinham uma mão na execução da operação e os soviéticos estavam recebendo uma parte dos lucros.

Assim que a edição original deste livro estava indo para a imprensa, novas informações vieram à tona de que autoridades norte-coreanas tinham orientado fazendeiros em uma província central para cultivar maconha [no verão de 1989][13]. A inteligência norte-coreana, com seus fortes vínculos com a inteligência soviética, conforme estabelecido no capítulo 10, certamente está envolvida. Mas, mais interessante ainda, a prisão do ex-líder comunista da Alemanha Oriental, Erich Honecker, levou a informações sobre grandes quantidades de dinheiro "ilegal" obtido através de subornos, armas e drogas. A Segurança do Estado da Alemanha Oriental, famosa por ter sido controlada diretamente de Moscou, estava implicada. Os poucos detalhes que vazaram simplesmente identificaram transbordos de cocaína da América Latina através do Porto de Rostock na Alemanha Oriental para Berlim Oriental e daí por correio para a Alemanha Ocidental[14]. Dados anteriores haviam ligado a Alemanha Oriental a uma operação de contrabando de heroína que atravessou o México para os Estados Unidos[15]. O quanto da operação da Alemanha Oriental terá surgido como resultado de debates em curso de altos ex-funcionários que se acredita terem estado envolvidos, continua a ser visto. Mas a política de reunificação teve precedência sobre todos os outros assuntos, incluindo expor os detalhes sobre outra operação de narcotráfico dirigida por Moscou.

Mas que evidência direta existe? As pessoas continuam a perguntar. Os soviéticos ainda estão envolvidos hoje? Talvez a questão crítica seja: que quantidade de "evidência" é adequada? Que volume de "evidências" seria necessário para mudar o comportamento e as atitudes dos funcionários do governo dos EUA em relação à ofensiva de drogas e seus patrocinadores?

O que está acontecendo é melhor descrito recorrendo a um cenário fictício. Suponhamos, por exemplo, que amanhã o Secretário Geral soviético se apresentasse perante o Soviético Supremo numa sessão especial aberta. Ele afirma com evidente desagrado que acaba de aprender sobre o envolvimento da inteligência soviética no tráfico internacional de drogas. A operação, explica ele, foi uma transição

dos dias de Khrushchev e Brezhnev que continuou em seu próprio ímpeto. Em seguida, depois de severas críticas a Khrushchev e Brejnev, ele declara que assim que tomou conhecimento dessa operação, ordenou que a atividade fosse interrompida e que todos os responsáveis fossem identificados e disciplinados.

Qual seria a resposta americana? Embora muitas variantes sejam possíveis, admito que a resposta mais provável da liderança norte-americana seria dar um suspiro de alívio e elogiar a liderança soviética por sua coragem em levar este assunto à atenção de todos os povos do mundo e para a resposta rápida de Moscou na redução de tais atividades. Os meios de comunicação de notícias provavelmente usarão o anúncio para reforçar ainda mais a imagem do Secretário-Geral como um estadista. Uma nova rodada de artigos sobre as mudanças significativas que ocorrem na União Soviética se seguiria.

Agora, isso é exatamente o que aconteceu em 1956, depois da famosa denúncia de fevereiro dos crimes de Stalin por Kruschov. Essa confissão pública parcial fazia parte de uma grande fraude cujo objetivo era convencer o Ocidente de que os soviéticos estavam mudando seus caminhos. Através de uma revelação controlada dos crimes de Stalin, a culpa pelo passado poderia ser deixada nos ombros de Stalin. De especial relevância aqui foi o fato de que as informações sobre os crimes de Stalin não eram nada de novo. Na verdade, um livro que tinha apresentado mais detalhes sobre os crimes de Stalin do que revelou Khrushchov, que naturalmente tinha participado neles, tinha sido publicado nos Estados Unidos dois anos antes; mas ninguém na mídia ou no governo dos EUA tinha prestado a menor atenção a essa calúnia anti-Stalin até que Khrushchov a proclamou do púlpito. Então, de repente, a atenção da imprensa foi direcionada para a nova União Soviética reformada - exatamente como planejado.

Ou, para sugerir uma outra possibilidade, suponha que outro desertor com conhecimento detalhado das operações de tráfico de drogas soviéticas e chinesas procurassem asilo político nos Estados Unidos. O que aconteceria?

É improvável que o desertor seja interrogado sobre o tráfico de drogas soviético e chinês, pelo menos não por vários meses. Se e quando tal interrogatório ocorresse, o que aconteceria com os dados? Muito provavelmente não terminaria acima em um dos milhares de RIs (relatórios da inteligência) secretos e nunca veria a luz do dia. Se a informação de alguma forma surgir, a resposta mais provável de funcionários dos EUA seria pedir aos líderes comunistas uma explicação. Naturalmente, eles seriam informados de que a informação era falsa - uma provocação por um desertor duvidoso em quem não se podia confiar - e eles seriam assegurados de que nenhuma dessas atividades tinha sido sancionada.

Na medida em que havia tal atividade, os soviéticos ou chineses provavelmente indicariam que as atividades de inteligência fraudulentas eram sempre possíveis, como os Estados Unidos descobriram durante o período do Vietnã (quando uma ameaça velada havia surgido sobre as atividades de tráfico de drogas da CIA) e que verificassem para se certificar de que não havia empreendimentos independentes. As

autoridades americanas explicariam então, em resposta a perguntas levantadas sobre o depoimento do desertor, que haviam interrogado os chefes dos países acusados e tinham sido tranquilizados de que não havia atividades como descritas pelo desertor. Novamente, isso não é completamente hipotético. Foi exatamente o que aconteceu depois de relatos sobre o envolvimento de países como Cuba, Nicarágua, China e Bulgária[16].

Também é relevante aqui a situação que prevalece em 1968. Uma fonte da mais alta credibilidade, Jan Sejna, descreveu em detalhes a grande participação dos soviéticos e chineses no narcotráfico, até o dia em que deixou a Tchecoslováquia em fevereiro de 1968. No entanto, não tínhamos nenhuma "evidência" da operação soviética naquela época, nem do envolvimento dos satélites de Moscou da Europa Oriental, além da Bulgária. Ou seja, a ausência de informações, que é a resposta atual do governo dos EUA a perguntas sobre o envolvimento soviético ou chinês, indica apenas que a segurança operacional chinesa ou soviética é muito boa, ou que a inteligência dos EUA é deficiente ou que os dados não estão sendo examinados, Ou estão a ser suprimidas, ou alguma combinação dos anteriores.

Enquanto Sejna é uma fonte especialmente única, é claro que ele não é a única fonte.

Durante os cinco anos até 1990, por exemplo, os dados e outras fontes testemunhais foram aparecendo, ligando quase todos os países comunistas ao tráfico de drogas. Esses dados geralmente indicam o envolvimento oficial dos governos, ao invés dos relacionamentos independentes de alguns funcionários públicos corruptos. No caso de Cuba, por exemplo, não são apenas um ou dois funcionários. Foram identificados dez ou mais altos funcionários, e a assistência ativa das unidades militares dos três serviços, o envolvimento do serviço de inteligência cubano e o envolvimento da contrainteligência cubana. Sugerir que Cuba simplesmente "facilita" o tráfico ou o "condena", é descaradamente fechar os olhos para o que está acontecendo. Aceitar a detenção, julgamento e execução de Cuba, em 14 de julho de 1989, do general Arnaldo Ochoa Sánchez, coronel Antônio de la Guardia Font, major Amado Pardon Trujillo e capitão Jorge Martínez Valdés, e o encarceramento de outros funcionários cubanos por drogas como indicativo do não envolvimento de Cuba com o narcotráfico, ou o interesse em cortar operações de drogas, é o auge da credulidade.

Em contraste, no caso dos países não-comunistas que acolhem várias atividades de tráfico de drogas - por exemplo, Bahamas, Colômbia, Bolívia e Peru - os dados geralmente indicam corrupção oficial, mas as que organizações de narcotraficantes não são governamentais. O único país que parece estar "no meio" é o México, que é tão corrupto que é difícil imaginar que o governo não esteja envolvido. Lembre-se da observação do senador Alfonse D'Amato (R-NY): "Esse país está fervilhando de revolução e foi totalmente capturado, quer admitamos ou não, totalmente pelas forças das drogas". No último ano ou dois, houve um aumento nas atividades mexicanas de combate ao narcotráfico. No entanto, dada a contínua falta de cooperação[19], a contínua produção[20] e o fluxo de drogas através do México, parece que certas atividades

altamente publicitadas podem muito bem ser apenas mais um exemplo de esforços empreendidos e divulgados principalmente para o "benefício" dos Estados Unidos: concluir que há um esforço real por autoridades mexicanas para reduzir o comércio de drogas ilegais é, no momento da escrita, na melhor das hipóteses, prematura.

Os revolucionários terroristas soviéticos, marxistas e maoístas estão envolvidos no tráfico de drogas em todas as regiões do globo. Certamente, existem numerosos narcotraficantes não-comunistas. Mesmo alguns movimentos de resistência aparentemente não-marxistas de "lutadores da liberdade", notadamente os Contras na Nicarágua, estavam evidentemente tentados a usar as drogas como uma arma ou também como fonte de dinheiro. Não há como negar isso; mas este parece ser um elemento um pouco menor do problema e não se deve permitir o desvio de atenção para o papel da China, os países do Bloco Soviético, e os guerrilheiros e terroristas marxistas e maoístas. Pelo contrário, a participação de tais grupos servem muito bem aos comunistas, uma vez que confunde o quadro geral, aumenta a "negação" e ajuda a desviar a atenção de suas atividades muito mais intensas, proporcionando uma fonte pronta de munição de propaganda para fins de desinformação.

Um exemplo interessante de uma técnica soviética de recrutamento com drogas estava contido em um depoimento de Nelson Mantilla-Rey, apresentado em apoio ao seu pedido de asilo político. Mantilla é um colombiano que recebeu uma bolsa para estudar medicina na União Soviética. Ele descreveu como ele e um colega de turma, Rafay Mehdi, gradualmente ficaram sob o olhar atento de um conselheiro, que os apresentou às atividades do mercado negro para ganhar dinheiro extra e que também os usou para coletar informações sobre vários indivíduos e situações durante as férias. O conselheiro mostrou ainda poder considerável quando Mantilla ou Mehdi entrou em problemas com a polícia ou autoridades da faculdade - uma revelação que levou Mantilla e Mehdi para dar-lhe o apelido de "Angel". Eles finalmente concluíram que Angel era na realidade um oficial da KGB e que eles estavam sendo recrutados. Um dos parágrafos no depoimento juramentado é significativo:

"32. No verão de 1982, Rafay veio comigo para a Colômbia. Angel sugeriu que devêssemos comprar drogas na Colômbia, dizendo que ele tinha contatos no aeroporto colombiano e poderia esquematizar algo. Sugeriu que pudéssemos vender as drogas aos soldados americanos que tínhamos visto nas bases na Alemanha Ocidental e que poderíamos ganhar muito dinheiro por nós mesmos. Esta foi a primeira vez que recusamos fazer o que Angel nos pediu. Dissemos que vender jeans era comércio, mas vender drogas estava causando dano, e que éramos médicos e não podíamos participar de tal coisa. Ele não ficou bravo e deixou o assunto. Ele então nos pediu para entrar em contato com alguns dos ex-alunos colombianos que haviam estudado na União Soviética, para descobrir o que estavam fazendo e para verificar seus endereços, explicando que seria interessante saber o que aconteceu a todos esses estudantes depois eles deixaram a União Soviética. Concordamos em fazer isso"[21].

Ele também relatou sobre suas tentativas de interessar a embaixada dos EUA na forma como os estudantes do Terceiro Mundo sofreram lavagem cerebral e foram recrutados, e foi dito que os funcionários dos EUA não estavam interessados no que ele tinha a dizer. Eles só estavam interessados em segredos militares, não em programas de doutrinação [recrutamento] de longo prazo. Após seu retorno à Colômbia após a formatura, ele começou a receber telefonemas de outros estudantes que tinham estudado na União Soviética e que o encorajou a se juntar ao seu grupo político.

Um aconselhou-o a não se preocupar com o problema que ele estava tendo em encontrar um emprego; "Antigos estudantes que eram simpatizantes dos soviéticos estavam entrando em posições de poder e a rede estava se espalhando", foi-lhe dito.

O objetivo deste livro não é, naturalmente, ir ao extremo de colocar 100% da culpa pela pandemia global de drogas sobre os serviços de inteligência do chinês e bloco soviético. Nem ninguém pode dizer o quão eficaz sua operação tem sido. Se esses serviços controlassem de 31 a 37 por cento do mercado norte-americano em 1967, que era o que a estimativa de sua participação de mercado era na época, qual porcentagem eles poderiam controlar hoje?

O problema da atribuição de responsabilidades é especialmente difícil no caso do "crack". Crack é uma forma altamente potente de cocaína que é fumada. Ele entra na corrente sanguínea através dos pulmões e prossegue imediatamente para o cérebro. Pode ser quase instantaneamente viciante, dá ao usuário um sentimento de autoconfiança e superioridade, e está intimamente ligado com o comportamento violento. No início de 1985, o uso de crack era praticamente desconhecido. Não se sabe precisamente quando exatamente crack apareceu pela primeira vez; mas parece ter feito sua estreia principal no final de 1985, chegando a tempo para as férias. Em janeiro de 1986, o uso de crack foi relatado na Califórnia, Nova Iorque, Iowa, Maryland, Michigan, Flórida, Alabama e Estado de Washington. Em junho de 1986, foi relatado em todos os Estados Unidos[22] e, em setembro, havia sido relatado no Canadá, Reino Unido, Finlândia, Hong Kong, Espanha, África do Sul, Egito, Índia, México, Belize e Brasil[23].

A disseminação de crack parece ser melhor explicada como consequência da coordenação de marketing em massa. Assim, também, é o seu projeto. Conforme analisado por M. M. Kirsch[24], o crack foi projetado para o consumidor que tem de US$5 a US$15 para gastar. Ele foi projetado para o usuário que é totalmente inconsciente de seus efeitos devastadores: "O impulso do mercado tem se dirigido ao jovem e ao ignorante"[25]. Como a Diretoria de Combate às Drogas [*DEA*] relatou em 1989, quase quatro anos após o crack ter começado sua rápida disseminação, as redes interestaduais, manufatura e distribuição foram dominadas por jamaicanos, haitianos e negros americanos, e os principais alvos eram as minorias étnicas nos centros urbanos, principalmente os negros e os hispânicos[26].

De onde veio o crack? Quem orquestrou seu desenvolvimento e seu marketing? O preço da droga foi fixada para combinar perfeitamente uma

oportunidade de marketing inexplorada - pessoas que não poderiam ter recursos para um cocaína cara ou o hábito da heroína. Também é interessante reconhecer que as características do crack correspondem em todos os aspectos importantes aos objetivos do programa de desenvolvimento de drogas do Bloco Soviético tal como existia na década de 1960 (descrito no Capítulo 7). A rápida disseminação do seu uso não correspondeu ao padrão "normal" associado à introdução de uma "nova" droga, como as drogas projetadas da Califórnia do início dos anos 80.

Ainda mais significativamente, no entanto, a comercialização da droga por caribenhos e negros americanos para os pobres do centro da cidade, particularmente negros e hispânicos, coincide de forma idêntica com a estratégia soviética de marketing e distribuição desenvolvida em meados da década de 1960 e então colocada em operação. Depois do desenvolvimento do crack, que evidentemente ocorreu no final da década de 70 e início dos anos 80, teria sido uma tarefa simples inserir clandestinamente instruções para sua produção nas redes latino-americanas de tráfico sobre as quais os soviéticos exercem influência, não seria nada ligar a nova droga aos soviéticos. A operação teria sido 100 por cento eficaz, mas sem ligações aparentes (da perspectiva dos EUA) à União Soviética ou mesmo a qualquer um dos serviços de inteligência dos seus Satélites, especialmente os serviços de inteligência de Cuba.

Ou, considere o papel da maioria dos traficantes latino-americanos e norte-americanos. Sugerir que são todos comunistas, ou que obedecem ordens comunistas, seria bobo. É uma suposição justa que a maioria dos traficantes e seus colaboradores não são comunistas. Para a maior parte, eles estão apenas buscando lucros sem qualquer consideração pelas consequências de suas ações. Mas quantos deles foram treinados em um campo de tráfico de drogas localizado no Bloco Soviético? Há uma conexão entre essas escolas de treinamento e as escolas de tráfico de drogas na Colômbia[27]? E quantos dos traficantes são simplesmente peões em um jogo maior cujas dimensões eles não entendem? No narcotráfico, muitas pessoas são usadas - e ser usado sem fazer perguntas é aceito como parte do custo de fazer negócios. A curiosidade é conhecida por ser uma doença fatal.

Como eles estão sendo usados e por quem, a maioria dos traficantes não sabe, nem necessariamente se importa. Muito poucas pessoas realmente sabem, o mínimo possível, muito poucos mesmo. Esse é o objetivo da segurança operacional dos narcóticos desenvolvido pelos soviéticos no final da década de 1950 e como descrito nos capítulos 3 e 4 deste livro. É também por isso que o testemunho das poucas pessoas que sabiam o que estava acontecendo é tão importante.

A ponto de partida é que não há nenhuma maneira de medir a extensão ou a eficácia das operações soviéticas e chinesas de drogas, nem há nenhum método de medida a ser inventado. Mas, como indicado anteriormente, a extensão real do envolvimento soviético ou chinês no narcotráfico não é uma questão primordial.

A verdadeira questão é: por que o governo dos EUA está ignorando esse aspecto do problema das drogas? Por que, especialmente quando poderia

vir a ser o aspecto mais importante, pelas razões que foram descritas em capítulos anteriores? Por que o governo dos EUA não é capaz ou não quer reconhecer a guerra política ou a duplicidade contínua da União Soviética? Por que o governo dos EUA é incapaz de enfrentar o papel de Cuba, Nicarágua e Bulgária? Por que todos os governos ocidentais evitaram a massa de dados de fontes múltiplas sobre as operações soviéticas para treinar, equipar e financiar terroristas internacionais - e, para piorar ainda mais, ter perversamente adotado projetos para unir forças com o pior regime criminoso de todos, União Soviética, para combater o terrorismo e compartilhar dados de inteligência sobre o terrorismo no processo[28]? Por que unir forças com uma nação que organizou campos de treinamento para terroristas em meia dúzia de países diferentes? A questão vai muito além do envolvimento soviético e chinês no narcotráfico narrado neste livro.

"Por quê?" é uma pergunta difícil de responder com qualquer grau de confiança. Parte do problema pode ser a maneira pela qual a inteligência dos EUA é organizada, ou melhor, dividida; e parte pode se relacionar à maneira em que a União Soviética é vista de Washington. A inteligência além-mar é geralmente da competência da CIA, do Departamento de Estado e do Departamento de Defesa - e a inteligência nacional dos EUA, dentro do FBI.

A maioria das operações de drogas chinesas e do Bloco Soviético está localizada no exterior, enquanto o problema da droga dos EUA é percebido como uma questão nacional. Além disso, as organizações estrangeiras de produção e tráfico de drogas não são uma ameaça óbvia contra os Estados Unidos, então por que a CIA deveria se preocupar com operações de drogas no Haiti, na Indonésia ou no Vietnã do Norte ou com a operação RIT de facilitação aduaneira na Europa? As drogas são responsabilidade da *DEA*, não da *CIA*. Nem poderia a CIA estar ansiosa para compartilhar informações de fontes sensíveis com o Departamento de Estado, a *DEA* ou alfândega, quando essas agências estão negociando acordos para compartilhar informações de inteligência com os soviéticos.

Mais básico, no entanto, é o fato de que a CIA não coleta dados para policiamento; ou seja, os dados que podem ser utilizados como prova em um tribunal de justiça. Seu papel é a segurança nacional, mas o narcotráfico é visto como um problema de policiamento. Além disso, como explicado anteriormente, as operações de drogas soviéticas são tratadas principalmente por substitutos, o que complica ainda mais a situação. As agências de policiamento geralmente não entendem ou não têm acesso aos dados que descrevem as relações que existem entre os serviços de inteligência estrangeiros. Nem tem sido evidente, até recentemente, o que tem acontecido.

No entanto, embora essas considerações sejam válidas, elas não são satisfatórias porque elas ainda não respondem porque as prioridades de inteligência e a coleta de dados sobre tráfico de drogas não mudaram quando os dados sobre as operações do Bloco Soviético começaram a aparecer na literatura aberta, começando em 1986[29]. Nenhum dos fatores acima explica o fracasso em interrogar Jan Sejna e os esforços, que continuam até hoje [e continuaram até sua morte em agosto de 1997 -

Ed.], para desacreditá-lo e o que ele tinha a dizer. Por que as autoridades dos EUA não querem saber?

Outra parte do problema é a "visão diplomática" de Washington a respeito da União Soviética e do sistema comunista mundial como um todo. A visão prevalecente [1989 – ed.] da "ameaça" é aquela que apoia a política de trégua. Apenas um pequeno reconhecimento é dado à natureza do comunismo, suas metas e objetivos, e especialmente sua estratégia. Às vezes parece quase como se o governo dos EUA tem um desejo suicída[30]. Houve uma enorme relutância em enfrentar a natureza da ameaça militar soviética. As pessoas que descreveram essa ameaça como sendo uma capacidade de planejar a guerra, guerrear e vencer a guerra foram submetidas ao ridículo e ao escárnio. Houve e há ainda uma relutância oficial para enfrentar a ameaça do terrorismo internacional e seu principal patrocinador, a União Soviética. A comunidade de inteligência evitou todo o conceito de um plano estratégico soviético de longo prazo para a dominação do mundo, até mesmo não coletar dados conhecidos que descrevem o plano, sua estratégia, táticas e as responsabilidades das várias nações Satélite soviéticas nela.

Uma descrição especialmente perceptiva do problema geral que os ocidentais têm em entender os soviéticos vem de um dos mais famosos espiões norte-americanos que forneceram informações sobre as atividades militares soviéticas no início dos anos 60, o coronel Oleg Penkovskiy. Como explicado em "Os Documentos Penkovskiy" (*The Penkovskiy Papers*), um trabalho preparado pela CIA baseado em suas informações e interrogatórios:

"Uma coisa deve ser claramente compreendida. Se alguém fosse entregar a um general americano, a um general inglês e a um general soviético o mesmo conjunto de fatos objetivos e dados científicos, com instruções de que esses fatos e dados devem ser aceitos como irrepreensíveis, e feita uma análise e conclusões baseadas neles, é possível que o americano e o inglês chegassem a conclusões semelhantes - eu não sei. Mas o general soviético chegaria a conclusões que seriam radicalmente diferentes das outras duas. Isso porque, em primeiro lugar, ele parte de um conjunto completamente diferente de premissas básicas e ideias preconcebidas, a saber, os conceitos marxistas da estrutura da sociedade e do curso da história. Em segundo lugar, o processo lógico em sua mente é totalmente diferente do de seus colegas ocidentais, porque ele usa a dialética marxista, enquanto eles usarão alguma forma de raciocínio dedutivo. Terceiro, um conjunto diferente de leis morais governa e restringe o comportamento dos soviéticos. Em quarto lugar, os objetivos do general soviético serão radicalmente diferentes dos do americano e do inglês[31].

Os ocidentais têm um tempo imensamente difícil para enfrentar a lógica e a moral soviética, que, baseadas na dialética leninista, são totalmente diferentes e inconsistentes com os conceitos ocidentais pragmáticos opostos.

Um exemplo crítico do problema operacional é o campo da fraude, da desinformação e da propaganda, que é uma das principais armas soviéticas usadas contra o Ocidente - seu primeiro escalão

estratégico, como o próprio Khrushchev referiu-se a ele. A fraude é tão natural como uma característica nacional russa quanto é a liberdade nos Estados Unidos[32]. Os soviéticos estavam gastando mais de US$3 bilhões todos os anos no final dos anos 1970 em fraude, desinformação e propaganda, de acordo com estimativas da CIA[33]. No entanto, o melhor que um estudo interagências dos EUA pode concluir em 1982 foi: "O fato de que a liderança soviética continua a usar medidas ativas (que incluem desinformação e operações de influência política) em grande escala e aparentemente as financia generosamente, sugere uma avaliação positiva de seu valor como instrumento de política externa"[34].

O FBI levou ainda mais longe essa avaliação branda: "Não vemos as medidas soviéticas ativas nos Estados Unidos como tendo um impacto significativo sobre os governantes dos EUA...

A mídia americana é sofisticada e geralmente reconhece tentativas de influência soviética .... O FBI não descobriu nenhuma evidência que sugira que políticos americanos foram induzidos a adotar políticas contra os interesses da América através de operações de influência do KGB nos Estados Unidos"[35]. Isto é contrário à visão de numerosos desertores com conhecimentos especializados nessa área[36]. Também é contrária à opinião de muitos especialistas não governamentais*[37].

* Nota do editor: Por exemplo, ele está voando em face ao fato de que, por muitos anos, um famoso comunista ocupou uma posição de alta gerência no pessoal de um dos principais jornais dos EUA. Também ignora a disseminação contínua de informações errôneas e desinformativas ao longo dos anos por agentes de influência em exibições e reportagens em jornais em todo o Ocidente, projetados para puxar a lã sobre os olhos dos políticos e do público. Um exemplo desta edição foi uma série de artigos publicados no Reino Unido e nos Estados Unidos, que claramente pretendiam sustentar e reforçar a ilusão, pretendida por Moscou, de que a explosão da criminalidade global relacionada às drogas é apenas uma circunstância infeliz da vida moderna - em vez de uma consequência de uma ofensiva de inteligência de longo prazo, como explicado aqui.

Isto também não explica o número invulgarmente elevado de suposições sobre a União Soviética que servem de base para a política dos EUA e que se correlacionam bem com as suposições promovidas pelas operações soviéticas de fraude. É desnecessário dizer que as posições da CIA e do FBI envolvem uma medida de interesse próprio: na medida em que existe um problema grave de fraude e desinformação, isso refletiria mal as capacidades de contrainteligência dos EUA, centradas no FBI e na CIA.

O FBI escreveu um relatório de acompanhamento sobre as ativas medidas soviéticas, que foi colocado nos Anais do Congresso pelo Representante C. W. 'Bill' Young (R-FL). O relatório abrangeu o período 1986-87 e foi consideravelmente menos brando. Ele concluiu:

"Embora seja muitas vezes difícil julgar a eficácia das operações de medidas ativas específicas, os soviéticos acreditam que essas operações têm um efeito cumulativo e são prejudiciais à política

externa dos EUA e aos interesses de segurança nacional. Além disso, os soviéticos acreditam que suas medidas ativas nas operações nos Estados Unidos contribuem para sua estratégia geral de promover os interesses da política externa soviética, influenciar as políticas do governo dos Estados Unidos e, em geral, desacreditar os Estados Unidos”[38].

Embora o relatório ainda não tenha chegado a qualquer conclusão sobre a avaliação dos EUA da eficácia das medidas ativas soviéticas, ele representou um passo na direção certa.

Em 1987, a Fundação Liderança (*Leadership Foundation*) patrocinou um livro sobre a fraude soviética[39]. Foram encomendadas análises independentes em diferentes áreas funcionais por dezessete especialistas. Uma das principais conclusões que emergiram em quase todas as análises foi que as opiniões dos Estados Unidos não correspondem à realidade e, de fato, estavam em um grau preocupante de alinhamento com os objetivos da fraude soviética[40]. Mera coincidência?

Até que ponto nossa percepção do problema do narcotráfico pode ter sido influenciada pelo aparato de desinformação e propaganda do Bloco Soviético? Conforme relatado por Jan Sejna[41], o aparato de desinformação e propaganda do Bloco Soviético vem trabalhando duro há mais de 25 anos para moldar as percepções dos EUA sobre o problema da droga. Até que ponto a possibilidade de encontrar o envolvimento soviético e chinês no tráfico internacional de drogas simplesmente foi contrária à política dos EUA? E porque?

Será que os soviéticos acabaram de "aperfeiçoar" suas operações de tráfico de drogas e depois as deixaram continuar como atividades independentes e autossustentáveis? Naturalmente, tudo é possível. Mas este curso de ação parece ser uma possibilidade improvável. Os soviéticos sustentam uma visão revolucionária de longo prazo. Suas atividades são governadas, em geral, por uma estratégia de longo prazo e por planos que se estendem por décadas e além.

O que está acontecendo é evidência de uma mudança de táticas, ou um ajuste estratégico? Embora tenha havido "perturbações" internas em toda a Europa Oriental, os mecanismos de controle ainda parecem estar em vigor e as operações de inteligência não são conhecidas por terem sido seriamente afetadas, pelo menos não a partir de março de 1990. Por que os soviéticos se afastariam de uma ofensiva estratégica de longo prazo tão bem-sucedida?

Uma razão pode ser evitar ser pego. Mas a abordagem soviética de operações estratégicas sensíveis é de construir na operação um bom sigilo, controles de contrainteligência e, desde o início, uma estratégia que está pronta para ser implementada se houver uma violação no segredo, e o inimigo começa a reconhecer o que está acontecendo. A base é estabelecida, desde o início, para negar qualquer responsabilidade e colocar a culpa em alguém. Eles ainda têm um nome para esta estratégia. Ela é chamada de "negação ofensiva"[42].

À medida que sua estratégia de tráfico de narcóticos se desenvolveu, os soviéticos cuidaram de observar qualquer sinal de percepção ocidental. A título de exemplo, em 1964, as delegações britânica e

canadense visitaram a Tchecoslováquia em ocasiões separadas. A Tchecoslováquia foi instruída a consultar as delegações para saber se a contrainteligência britânica ou canadense tinha conectado o tráfico de drogas com os serviços de inteligência soviéticos ou do Bloco do Leste. O objetivo era preparar seu contra-ataque no caso de algo surgir. A abordagem tchecoslovaca era indicar casualmente, durante conversas informais, um por um, que tinham ouvido que o partido da oposição no Reino Unido (ou no Canadá) estava ligando o partido da pessoa na conversa ao tráfico de drogas e então ver onde a conversa iria.

Essa estratégia soviética também se reflete na decisão de Moscou, com efeito a partir de 1964, de divulgar o papel do narcotráfico na China comunista. O papel da China chamaria a atenção para longe da operação soviética e forneceria um culpado conveniente para o Ocidente por a culpa pela escalada do flagelo das drogas. O artigo de 1964 de Ovchinnikov[43] (vide capítulo 4) ligava o problema do ópio, da morfina e da heroína no Japão, nos Estados Unidos e no Sudeste Asiático à China. Província de Yunnan foi identificada como a principal área de produção de alimentando o Sudeste Asiático. O artigo também discutiu a reunião de coordenação realizada em Pequim em 1952 e a decisão de expandir a produção que fazia parte do "Grande Salto Adiante". Este tema foi repetido e ampliado em 1969, na Gazeta Literária (*Literaturnaya Gazeta*). Mais detalhes foram agora fornecidos com a elaboração importante de que a CIA também foi identificada como um participante do tráfico no sudeste da Ásia. O artigo ligava a CIA ao transporte de 100 quilogramas de barris de ópio das regiões remotas do Laos para bases na Tailândia e para fábricas secretas em uma ilha no rio Mekong, onde o ópio era processado. "Daquela fábrica, a heroína vai para os Estados Unidos, Japão e Europa Ocidental"[44].

Os relatórios de tráfico de estrangeiros provenientes da Bulgária são especialmente curiosos. Conforme indicado anteriormente, em um relatório de 1984 ao Congresso[45], a Diretoria de Combate às Drogas (*Drug Enforcement Administration*) indicou que tinha conhecimento de numerosos estrangeiros que estavam usando a Bulgária como sua base de operações. A *DEA* forneceu à Bulgária listas de nomes dessas pessoas em pelo menos quatro ocasiões diferentes. Cerca de 56 nomes foram aparentemente fornecidos a Sofia[46]. O que é interessante é que nenhuma das listas identificou cidadãos búlgaros. Por quê?

Os Estados Unidos tinham alguns nomes de búlgaros que estivessem envolvidos, mas que por algum motivo não foram divulgados, ou os Estados Unidos realmente só tinham os nomes de não-búlgaros, como estava implícito no relatório da DEA? É perfeitamente possível que esta última situação seja o caso e que o processo pelo qual os Estados Unidos obtiveram os nomes não foi o resultado de uma segurança búlgara fraca - mas que os Estados Unidos pretendiam aprender apenas os nomes de traficantes não-búlgaros .

A KINTEX foi criada em 1968, embora existam indicações de que já estava em funcionamento vários anos antes e estava ligada à provisão de base de morfina para laboratórios italianos e franceses durante a era da "Conexão Francesa" - meados da década de 1960[47]. Em 1969, 200

quilogramas de heroína foram apreendidos na Alemanha Ocidental. Através de análises químicas sofisticadas da droga, as autoridades alemãs confirmaram que a heroína tinha sido fabricada na Bulgária, portanto, ligando diretamente Bulgária com a fabricação de heroína utilizada no tráfico ilícito. Foi depois que esta confirmação foi feita que uma fonte da *DEA* divulgou o plano búlgaro para permitir que os estrangeiros usassem a Bulgária como base para a fabricação de drogas e operações de tráfico.

Essa divulgação materializou-se em junho de 1970[48]. Parece também, com base no relatório da DEA, que os nomes dos cidadãos não-búlgaros que conduzem a fabricação e o tráfico de heroína começaram a aparecer em dezembro de 1970[49]. Não requer muita imaginação para se fazer a hipótese do uso búlgaro da KINTEX para gerenciar cidadãos estrangeiros como parte de uma operação projetada deliberadamente de forma que se a informação fosse vazada para os Estados Unidos, presumivelmente devido à falta de cuidados apropriados por um dos estrangeiros, lá haveria uma explicação não-búlgara para a fabricação e o transporte de drogas para o Ocidente a partir da Bulgária e através dela. Essa operação poderia também ser concebida como um disfarce para as operações búlgaras realizadas sem a participação de estrangeiros[50].

Quando o papel de Cuba no tráfico de drogas foi revelado nos tribunais norte-americanos em 1982, as ligações com a União Soviética estavam implícitas. Era apenas uma questão de tempo até que perguntas fossem levantadas sobre a participação soviética. Este evento, amplamente divulgado nos meios de comunicação, deve ter desencadeado alarmes discretos nos escritórios soviéticos responsáveis pela "Amizade dos Povos" (*Druzhba Narodov*). Era agora urgentemente necessário algum tipo de resposta protetora.

Ao pensar sobre os acontecimentos do início de 1980 e sobre a necessidade soviética de uma distração, é interessante recordar a maneira em que relata que os soviéticos tinham um problema com drogas próprio, começaram a surgir. Durante anos, os soviéticos haviam afirmado que não tinham problemas com drogas devido às suas condições sociais - pleno emprego, nenhuma falta de moradia e amplas oportunidades para os jovens obterem uma boa educação ou aprender um ofício. Então, de repente, em 1986, surgiu um problema de drogas na literatura soviética[51]. Grande parte da culpa foi colocada sobre os "lutadores da liberdade" (*Freedom Fighters*) do Afeganistão que estavam vendendo drogas para os soldados soviéticos. Mas outro relatório da União Soviética foi particularmente estranho. Trata-se do furto de sementes de papoula, que foi retratado como uma outra indicação do crescente problema da droga. Isso deve ter levantado uma bandeira vermelha. Em toda a União Soviética existe um cultivo generalizado de papoulas. As papoulas são cultivadas para fins medicinais e pelas sementes. As crianças bebem frequentemente o néctar nos botões das flores de amadurecendo. Bolo de semente de papoula é uma sobremesa nacional na Ucrânia e sementes de papoula são amplamente disponíveis. Portanto, a preocupação com o roubo de sementes de papoula dificilmente vale à pena relatar.

De acordo com uma análise do Dr. James Inciardi, professor e diretor do Departamento de Justiça Criminal da Universidade de Delaware, o repentino surgimento de um problema soviético de dependência em 1986 era inconsistente com os fatos, que incluía a fácil disponibilidade de papoulas e haxixe e uma população conhecida por seu alcoolismo. Além disso, como explicou, um importante estudo soviético sobre a dependência de drogas publicado em fevereiro de 1987 não era sugestivo de um problema recente. Inciardi apontou então que a maioria do trabalho neste novo artigo da pesquisa foi feito realmente no fim dos anos 1960, e referenciou que o material de origem que data de 1955. Ele mostrou que os soviéticos provavelmente tinham uma exposição clínica extensiva aos toxicodependentes desde a década de 1950[52] (o que, por coincidência, é precisamente quando as análises soviéticas do uso de drogas como armas estratégicas foram intensificadas). A pergunta óbvia, naturalmente, era: por que os soviéticos decidiram começar a divulgar seu problema de drogas em 1986?

Vale a pena considerar duas possibilidades. Primeiro, em 1985, os soviéticos estavam em processo de modificar suas táticas para o Ocidente. Como parte desse processo, enviaram numerosos emissários aos Estados Unidos para conversar com proeminentes “linha-dura”, perguntando-lhes o que a União Soviética tinha que fazer para mostrar que estava mudando. No passado, era uma prática comum para os soviéticos adotar uma estratégia projetada para retratar essa imagem de mudança como parte de um programa para obter maior assistência financeira e técnica do Ocidente[53]. Isso poderia muito bem explicar muitas das "mudanças" que apareceriam na segunda metade da década de 1980. Isso também pode ajudar a explicar, em parte, a súbita publicidade que os soviéticos deram a seus problemas de drogas, começando em 1986. Além disso, deve ter sido evidente, com efeito a partir de meados de 1983, pelo menos, que medidas eram necessárias para compensar o crescente foco de atenção no papel dos substitutos soviéticos no tráfico de drogas. Em 1986-87, começaram a surgir descrições do conhecimento de Sejna sobre a estratégia soviética de narcóticos - inicialmente em um boletim privado no final do verão de 1986 e publicamente na França em dezembro de 1986[54] e na América em janeiro de 1987[55].

Os soviéticos poderiam facilmente ter sabido, já em 1985, que esse material estava sendo desenvolvido. Além disso, em 1986 e 1987, outras indicações de atividades soviéticas surgiram, com relatos de apreensões de narcóticos sendo transportados em navios soviéticos. Em 1986, a polícia holandesa apreendeu 220 quilos de heroína a bordo do cargueiro soviético, o *Kapitan Tomson*. Funcionários belgas e canadenses apreenderam em 1987 sobras de contêineres com drogas ilegais. Também em 1987, a polícia aduaneira italiana apreendeu 880 quilos de haxixe escondido no fundo de um conteiner[56]. O segredo estava definitivamente revelado.

Enquanto esses eventos estavam se desenrolando, as notícias sobre os problemas internos de drogas soviéticos continuaram a crescer. Isso proporcionou uma base compreensível para o novo interesse soviético em "trabalhar com o Ocidente", especificamente os britânicos e americanos, para “parar o narcotráfico”*. Em fevereiro de 1988, os

soviéticos e os britânicos assinaram um Memorando de Entendimento sobre cooperação na “luta contra as drogas”.

* Nota do editor: Isto também forneceu a falsa impressão de “equivalência” entre os problemas das drogas na URSS e no Ocidente, que era um pré-requisito para a "cooperação" Leste-Oeste na “luta contra as drogas”. Moscou buscou essa “equivalência” para poder neutralizar eficazmente as operações antidrogas ocidentais, ao mesmo tempo em que obteve um fluxo constante de inteligência relacionada à droga ocidental a partir de fontes internas. Essa abordagem "bolchevique" é típica da metodologia revolucionária ativista leninista, à qual os governos ocidentais são tragicamente cegos.

Três meses depois, os soviéticos avisaram os britânicos sobre algumas drogas que estavam prestes a ser contrabandeadas para a Grã-Bretanha. Em 29 de abril de 1988, Tass anunciou que uma operação conjunta, com o nome de “Diplomata” (*Diplomat*), conduzida por agentes aduaneiros soviéticos e britânicos, havia levado à apreensão de três toneladas e meia de haxixe com um valor de rua de 10.000.000 de libras esterlinas. As drogas estavam em trânsito do Afeganistão via Leningrado para Tilbury. Os soviéticos relataram que a origem do haxixe era o Paquistão. Pergunta-se por que os soviéticos não tomaram as remessas de droga no Afeganistão ou na União Soviética, como teria sido lógico se o objetivo do exercício fosse realmente combater o contrabando de drogas. Pelo contrário, o anúncio feito por Tass apontou que a Operação "Diplomata" era outro exemplo de ampliação da cooperação internacional. A "ampliação" específica referia-se a acordos preocupantes que estavam então a ser negociados com a França e os Estados Unidos.

O que os soviéticos tinham em mente como "cooperação"? Ou será que essa "cooperação" é, na realidade, uma operação soviética cuidadosamente orquestrada de proteção, fraude e penetração?

Aliás, um simples teste da sinceridade dos soviéticos sobre este ponto vem à mente. Permita que as autoridades de Moscou forneçam uma descrição detalhada das operações de drogas que tiveram uma "mão" na execução de 1955 até o presente momento, com os nomes, detalhes e fotografias de todos os que treinaram e todos que os ajudaram ao longo dos anos; que forneçam cópias de todos os arquivos de inteligência do Bloco soviético sobre operações de tráfico de narcóticos não-soviéticos; e deixe-os canalizar de volta para os países de origem, todos os lucros relacionados com drogas realizados pelos serviços de inteligência do Bloco Soviético.

Os soviéticos simplesmente teriam se afastado de sua operação de drogas? Possível, mas dificilmente provável. A Amizade dos Povos (*Druzhba Narodov*) foi eminentemente bem sucedida. Foi também uma operação de longo prazo que envolveu um substancial empenho de recursos. Por que os soviéticos de repente jogariam fora a operação, especialmente considerando a relutância do Ocidente para concentrar a atenção séria, quer para o problema do tráfico de drogas ou quer para o papel dos substitutos soviéticos no narcotráfico? Embora não se possa negar que tal resposta teria sido possível, certamente teria sido inconsistente com a estratégia soviética e com a doutrina

operacional de Moscou, na qual um dos princípios centrais de que é o controle. Os soviéticos fazem grandes esforços para garantir o controle. A última situação que desejam é o surgimento de operações fragmentadas economicamente independentes e não controladas[57].

Não obstante as mudanças que impressionaram o mundo inteiro sob Gorbachov, houve poucas indicações de quaisquer mudanças favoráveis nas capacidades estratégicas soviéticas ou operações de inteligência. Como William H. Webster, diretor de inteligência central da CIA na época, observou em fevereiro de 1990, os serviços de inteligência na Europa Oriental provavelmente permaneceriam funcionando apesar das mudanças radicais ocorridas nesses países; e continuariam cooperando com os soviéticos[58]. Além disso, o apoio militar soviético continua a fluir para vários países sitiados, e o aparelho de propaganda da União Soviética continua a espalhar mentiras sobre os Estados Unidos ao redor do globo[59].

A oferta estendida pela Diretoria de Combate às Drogas (*Drug Enforcement Administration*) e pela alfândega dos EUA em 1971 para trabalhar com os serviços de inteligência búlgaros para ajudá-los a prender traficantes de drogas forneceu aos soviéticos um mecanismo quase celestial para tomar o pulso da inteligência norte-americana de tráfico de drogas. Esta "cooperação" está agora a ser ampliada para incluir a partilha de informações sobre tráfico de narcóticos diretamente com os soviéticos. Naturalmente, isso fornece aos soviéticos o que poderia ser o mecanismo de *feedback* final com o qual pode manter o controle dos dados e das preocupações dos EUA. E, à luz de tal "cooperação", como poderiam os funcionários do governo dos EUA, ou funcionários de outros países igualmente envolvidos, suspeitarem - e muito menos acusarem publicamente - os soviéticos de planejar uma abrangente operação de inteligência de tráfico de drogas do Bloco Soviético? Mesmo que as suspeitas ocidentais fossem despertadas nesse sentido, como o foram de tempos em tempos, qualquer conclusão nestes termos seria arquivada indefinidamente com base no fato de estar em conflito com a política americana "aceita".

Os dados fornecidos pelo ex-secretário do Conselho de Defesa da Tchecoslováquia são extensos e têm consequências de longo prazo. O tráfico de drogas pelos países do Bloco Soviético e pela China é apenas uma das monstruosidades reveladas em suas declarações. No entanto, apesar da aparente importância dos dados, ela continua a ser ignorada, varrida de lado, ou condenada com elogios fracos. O problema é de confirmação? Ou, as pessoas em Washington simplesmente não querem saber? É a força da desinformação soviética, a fraude e a infiltração muito fortes para serem combatidas; é a propaganda atual sobre a nova e "reformada" política soviética de "transparência" (*glasnost*) mais poderosa do que todas as precedentes "transparências" (*glasnosts*)[60] e falhadas promessas de reforma para agora serem ignoradas ou deixadas de lado como história antiga[61]? Não se presta atenção séria aos dados porque eles não são acreditados, ou porque, no instante em que lhes dão atenção séria, fica claro de imediato que os Estados Unidos têm sérios problemas, requerendo atenção urgente?

Referências ao capítulo 11:

1. "Sem demanda não há oferta". Anúncio pago pelo Governo da Colômbia, Washington Post, 14 de outubro de 1988, página A22. Para uma declaração mais sofisticada, considere as palavras do Presidente Julio Maria Sanguinetti do Uruguai na abertura de uma reunião de sete presidentes latino-americanos. "O fator-chave do consumo de drogas", disse ele, como relatado no Washington Post, "brota de questões sociais profundamente arraigadas que não serão facilmente resolvidas". Eugene Robinson, Washington Post, 12 de outubro de 1989, página A35.

2. Dados tirados de "Mortes De Dependentes De Drogas Relatadas Em Nova York De 1923 A 1984" (*Drug Dependent Deaths Reported in New York City from 1923 to 1984*), informações do Departamento de Saúde, Nova Iorque, 14 de setembro de 1988.

3. "O Declínio De Nações Drogadas" (*The Decline of Drugged Nations*), Gabriel G. Nahas, Wall Street Journal, 11 de julho de 1988.

4. Esta é uma estimativa da inteligência dos EUA de despesas de medidas ativas soviéticas por volta de 1979. No entanto, dado o conhecimento limitado pela inteligência dos EUA de medidas ativas soviéticas, por exemplo, operações de narcóticos, o valor de US$3 bilhões é provavelmente uma subestimativa grosseira.

5. Um dos movimentos políticos mais perniciosos - apoiado, se não criado, pela dirigida propaganda da União Soviética e das medidas ativas - é o movimento de legalização da droga (particularmente a maconha). Conforme relatado por Candlin, uma reunião foi organizada pelo *Comintern* em Nova York em 1934 para disseminar informações sobre o uso da maconha como um meio de condicionamento para tumultos e atividade revolucionária. O orador principal explicou as virtudes da maconha como uma "arma valiosa no Arsenal Vermelho" e descreveu seu uso experimental no México e a necessidade de quadros revolucionários valiosos para evitar o uso excessivo da droga. Nessa reunião, oradores levantaram e "se propôs uma campanha de longo prazo para organizar a aceitação legal da maconha e outras drogas semelhantes, usando como argumento o direito à liberdade de escolha individual. Alguns elementos presentes - médicos esquerdistas, advogados, representantes da mídia e até mesmo o clero - foram convidados a realizar uma campanha coordenada em que o público seria exortado a aceitar e legalizar a droga". Guerra Psicoquímica: A Ofensiva de Drogas Chinesa Contra o Ocidente (*Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West*), op. cit, páginas 45-48. Vide também a citação da resolução secreta de 1966 no capítulo 3.

6. "Mudança Nos Padrões Da Dependência Da Heroína Na Subcultura De Haight Ashbury" (*The Changing Patterns of Heroin Addiction in the HaightAshbury Subculture*), "Jornal Das Drogas Psicadélicas" (*Journal of Psychedelic Drugs*), C. W. Sheppard, G. R. Gay e D. E. Smith, primavera de 1971, página 23. Direitos autorais de 1971 pelo "Jornal Das Drogas Psicadélicas" (*Journal of Psychedelic Drugs*). Reproduzido com permissão. Os dados para 1969 e 1970 são omitidos devido à sua proximidade com a data de coleta.

7. "Brasil Pode Tornar-Se O Exportador De Drogas Número 1" (*Brazil May Become No. I Drug Exporter*), Insight, 25 de julho de 1988, página 37, citando O Globo, 26 de junho de 1988.

8. "Subvertendo A Jamaica" (*Subverting Jamaica*), Comitê Nacional Para Restaurar A Segurança Interna (*National Committee To Restore Internal Security*), Earlston Spencer, Houston Hearing, 29 de setembro de 1980, páginas 29-34.

9. Visão Geral sobre Cocaína-Crack de 1989 (Crack Cocaine Overview 1989), op. cit. página 7.

10. Entrevista com Carlos Lehder, Uri Ra'anan et al., "Hidra Da Carnificina"(*Hydra of Carnage*) (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1986), página 434.

11. "Audiência Para Receber Testemunhos Sobre Drogas" (*Hearing to Receive Testimony on Drugs*), "Policiamento e Política Externa: Panamá" (*Law Enforcement and Foreign Policy: Panama*), 11 de fevereiro de 1988, op. cit., páginas 88 e 97.

12. "12 mortos em Medellín por bomba, apesar do toque de recolher" (*12 Killed in Medellin by Bomb, Despite Curfew*), James M. Dorsey, Washington Times, 1 de setembro de 1989, página A1.

13. "Funcionários Norte-Americanos Dizem Que Os Agricultores Norte-Coreanos Foram Ordenados A Cultivar Drogas"(*US Official Says North Korean Farmers Ordered to Grow Drugs*), New York City Tribune, 21 de fevereiro de 1990, página 6.

14. "'Inteligência Ocidental' Liga Honecker A Drogas" ('*Western Intelligence' Links Honecker to Drugs*), Hamburg BILD, relatado no "*Serviço de Difusão de Informação Estrangeira*" (Foreign Broadcast Information Service), FBIS-EEU-89-233, 6 de dezembro de 1989, página 40.

15. Em um dos maiores casos de contrabando de heroína já registrados, Manuel Dominguez Suarez, ex-chefe da polícia judiciária federal mexicana, foi preso em 7 de maio de 1970 em San Antonio, Texas. Ele fez nove viagens a Berlim Oriental, retornando cada vez ao México com cinquenta quilos de heroína, que foram então movidos através da fronteira para os Estados Unidos. Suárez recebeu tratamento especial quando entrou em Berlim Oriental - seu passaporte nunca foi carimbado. Ele havia sido recrutado por um polonês com ligações com a Alemanha Oriental. O Tráfico Mundial De Drogas E Seu Impacto Sobre A Segurança Dos EUA (*World drug-traffic and Its Impact on U S. Security*), op. cit., Parte 4, página 157.

16. Depois que as informações da *DEA* foram divulgadas à imprensa em março de 1989 sobre o envolvimento ativo da Bulgária no refinamento de drogas, tráfico e lavagem de dinheiro, tudo em contradição com o relatório do Departamento de Estado ao Congresso em 1° de março, o Departamento de Estado confirmou os dados da DEA e disse: "A intenção do Governo dos Estados Unidos de apresentar os fatos ao governo búlgaro para qualquer ação corretiva parece justificada", o que provavelmente é até onde a questão terá ido. Afinal, uma "intenção" nunca precisa ser realizada na prática. "Estado Confirma Ligações de Companhia Búlgara Às Drogas" (*State Confirms Bulgarian Company's Drug Ties*), Bill Gertz, Washington Times, 7 de abril de 1989, página A6.

17. "Detenções de Oficiais Cubanos Ligados a Drogas" (*'Cuban Officers' Arrests Linked to Drugs*), Bill Gertz, Washington Times, 19 de junho de 1989, página A3; "O General Cubano Preso Por Traição Poderia Encarar Pelotão De Fuzilamento" (*Cuban General Arrested for Treason Could Face Firing Squad*), Gilles Trequesser, Washington Times, 20 de julho de 1989, página A11; "Oficiais Cubanos Prometem Combater As Drogas" (*Cuban Officials Pledge Crackdown on Drugs*), Giles Trequesser, Washington Times, 23 de junho de 1989, página A11; "Cuba Detalha O Contrabando de Drogas" (*Cuba Details Drug Deals*), Julia Preston, Washington Post, 23 de junho de 1989, página A27; "Testemunho Do Julgamento De Drogas Forçou A Mão De Castro, Oficiais Acreditam" (*Drug Trial Testimony Forced Castro's Hand, Officials Believe*), Michael Hedges, Washington Times, 26 de junho de 1989, página A7; "Raul Castro Aumenta Faíscas No Julgamento Cubano" (*Raul Castro Adds Sparks to Cuban Trial*), Mark A. Uhlig, New York Times, 27 de junho de 1989, página A3; "Pelotão De Fuzilamento É Provável Para O General Cubano Pelo Tráfico De Drogas" (*Firing Squad Likely

*for Cuban General in Drug-trafficking*), Alfredo Munoz-Unsain, , Washington Times, 27 de junho de 1989, página A9; "Castro Exonera Alto Oficial Responsável Pela Segurança" (*Castro Fires Top Official For Security*), Julia Preston, Washington Post, 30 de junho de 1989, página A25; "Cuba Sentencia Oficiais À Morte Por Corrupção" (*Cuba Sentences Officers to Death for Corruption*), Julia Preston, Washington Post,  de julho de 1989, página A1; e "Cuba Executa Oficiais Condenados" (*Cuba Executes Convicted Officers*), Washington Post, 14 de julho de 1989, página A24.

18. "Audiência Para Receber Testemunhos Sobre Drogas" (*Hearing to Receive Testimony on Drugs*), "Policiamento e Política Externa: Panamá" (*Law Enforcement and Foreign Policy: Panama*), Audiências Perante O Subcomitê De Terrorismo, Narcóticos E Operações Internacionais Do Comitê De Relações Exteriores (*Hearings Before the Subcommittee on Terrorism, Narcotics and International Operations of the Committee on Foreign Relations*), 10 de fevereiro de 1988, transcrição estenográfica não publicada, página 70.

19. Quando a Guarda Costeira dos Estados Unidos tentou embarcar e procurar um navio de carga fretado pelos interesses cubanos por provas de drogas, o navio fugiu e procurou refúgio em águas mexicanas. Os Estados Unidos tinham informações que indicavam que a carga cubana era suspeita. O navio foi registrado no Panamá e os EUA tiveram permissão do Panamá para embarcar e procurar o navio. Os mexicanos recusaram então um pedido dos EUA para realizar uma busca conjunta do navio, e disseram que iriam realizar a busca por si mesmos. "Guarda costeira dispara sobre navio cubano" (*Coast Guard Fires Upon Cuban Ship*), Patrick E. Tyler, Washington Post, 1 de fevereiro de 1990, página A1.

20. A estimativa sobre a maconha cultivada no México, por exemplo, multiplicou-se em 1989 por um fator de dez. "Produção Mundial de Narcóticos Decolou, Diz Congresso" (*World Output of Narcotics Soars, Congress Told*), Michael Isikoff, Washington Post, 2 de março de 1990, A24.

21. Declaração Juramentada de Nelson Mantilla-Rey (A 28-279-438) em Auxílio ao Pedido de Asilo Político, jurado e subscrito a Gial Valentino, tabelião, 19 de maio de 1989, Condado de Suffolk, Massachusetts.

22. Drogas Projetadas (*Designer Drugs*), M. M. Kirsch (Minneapolis, Minnesota: CompCare Publications, 1986), página 56.

23. "Além Da Cocaína: Basuco, Crack E Outros Produtos Da Coca" (*Beyond cocaine: basuco, crack, and other coca products*), Problemas Contemporâneos Com Drogas (*Contemporary Drug Problems*), James A. Inciardi, outono de 1987, página 471.

24. "Drogas Projetadas" (*Designer Drugs*), op. cit.

25. Ibid., páginas 46-47.

26. Cocaína-Crack (Washington, D.C.: Departamento de Justiça dos EUA [US Department of Justice], 1989), página 13 e apêndices.

27. Hoje, as autoridades federais estimam que existem cerca de 10 mil traficantes colombianos operando nos Estados Unidos, a maioria deles em quatro centros de distribuição chave - Miami, Nova Iorque, Los Angeles e Houston. Treinados em escolas especiais de tráfico de drogas na Colômbia e pagam até US$20 mil por semana, os traficantes de cartéis são alternados entre as quatro cidades, compartimentados em pequenas células de 10 a 20 membros. "Fazendo a Conexão da Califórnia com o Cartel de Cali" (*Making the California Connection to the Cali Cartel*), Michael Isikoff e Nancy Lewis, Washington Post, 3 de setembro de 1989, página A18.

28. "Estados Unidos e Soviéticos podem trocar segredos" (*US and Soviets May Swap Secrets*), Thomas L Friedman, New York Times, 21 de abril de 1989.

29. "Droga: A Conexão Soviética" (*Drogue: la Filiere Sovietique*), Crozier, L'Express, 25 de dezembro de 1986, op. cit. Isto foi imediatamente após "Narcoterrorismo: A Conexão do Kremlin" (*Narco-Terrorism: The Kremlin Connection*), Rachel Ehrenfeld, Heritage Palestras n°89 (Washington, D.C., The Heritage Foundation, 1987), e "Tráfico internacional de narcóticos: a conexão soviética" (*International Narcotics Trafficking: The Soviet Connection*), Joseph D. Douglass, Jr. e Jan Sejna, "Jornal de Defesa e Diplomacia" (Journal of Defence and Diplomacy), dezembro, 1986.

30. Para uma excelente análise do problema integral, vide "Como Democracias Perecem" (*How Democracies Perish*), Jean-Francois Revel, (Garden City, New York: Doubleday & Company, Inc., 1984).

31. "Os documentos Penkovskiy" (*The Penkovskiy Papers*), Oleg Penkovskiy, (Garden City, New York: Doubleday & Company Inc., 1965), páginas 243-244.

32. Vide "Os Russos" (*The Russians*), Hedrick Smith (New York: Quadrangle/The New York Times Book Co., 1976), página 17; e Jornal do Nosso Tempo (*Journey for Our Time*), os jornais do Marquês de Custine, editado e traduzido por Phyllis Penn Kohler (London: Arthur Barker, Ltd., 1951).

33. A analista francesa, madame Suzanne Labin, estimou o custo da propaganda soviética em US$2 bilhões por ano em 1960, o que sugeriria um tamanho muito maior hoje. Senado dos EUA, "A Técnica de Propaganda Soviética" (*The Technique of Soviet Propaganda*), "Um Estudo Apresentado pelo Subcomitê de Investigação da Administração da Lei de Segurança Interna e Outras Leis de Segurança Interna da Comissão Judiciária" (*A Study Presented by the Subcommittee to Investigate the Administration of the Internal Security Act and Other Internal Security Laws of the Committee on the Judiciary*) (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA, 1960), página III.

34. Câmara dos EUA, Medidas Ativas Soviéticas, Audiências perante o Comitê Especial Permanente sobre Inteligência (*Hearings Before the Permanent Select Committee on Intelligence*), 13, 14 de julho de 1982 (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA 1982), página 49, grifo nosso.

35. Ibid., páginas 226-227.

36. Vide, por exemplo, "Novas Mentiras Pelas Velhas" (*New Lies for Old*), Anatoliy Golitsyn (New York: Dodd, Mead & Company, 1984); "KGB Hoje: A Mão Oculta" (*KGB Today: The Hidden Hand*), John Barron (New York: Reader's Digest Press, 1983); "A Ofensiva Secreta" (*The Secret Offensive*), Chapman Pincher (London: Sidgwick & Jackson, 1985); "Desinformação" (*Dezinformatsia*), Richard H. Shultz and Roy Godson (Washington, D.C.: Pergamon-Brassey's, 1984); "A KGB E A Desinformação Soviética" (*The KGB and Soviet Disinformation*), Ladislav Bittman (Washington, D.C.: Pergamon-Brassey's, 1985), e Edward Jay Epstein, "Fraude" (*Deception*) (New York: Simon & Schuster, 1989).

37. Vide "Hipnotizado Pelo Urso" (*Mesmerized by the Bear*), Raymond S. Sleeper, editor (New York: Dodd, Mead & Company, 1987); e "Estratégica Fraude Soviética" (*Soviet Strategic Deception*), Brian D. Dailey e Patrick J. Parker, editores (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1987).

38. Medidas Ativas Soviéticas nos Estados Unidos em 1986-1987 (*Soviet Active Measures in the United States 1986-1987*), FBI (*US Federal Bureau of Investigation*). Reimpresso pela Fundação de Segurança e Inteligência (*Security and Intelligence Foundation*), Arlington, Virginia, 1988, página 20.

39. Para inúmeros estudos de caso sobre fraude soviética, vide “Hipnotizado Pelo Urso” (*Mesmerized by the Bear*), Raymond S. Sleeper, editor, op. cit. e “Estratégica Fraude Soviética” (Soviet Strategic Deception), Brian D. Dailey e Patrick J. Parker, editores, op. cit. Quanto à fraude soviética e pressupostos subjacentes à política dos Estados Unidos; vide “Hipnotizado Pelo Urso” (*Mesmerized by the Bear*), op. cit., páginas 223-224. Vide também “A Fraude Chamada *Perestroika*” (*The Perestroika Deception*), Anatoliy Golitsyn, Edward Harle Limited, op. cit.

40. “Hipnotizado Pelo Urso” (*Mesmerized by the Bear*), Sleeper, op. cit.

41. Além de suas posições descritas no capítulo 2, Sejna era um membro do sensível comitê da análise e planejamento de fraude para três congressos do partido e no desenvolvimento do plano de longo prazo.

42. Uma discussão detalhada com exemplos da estratégia soviética de negação ofensiva é apresentada em “Por Que Os Soviéticos Violam Os Tratados De Controle De Armas”, Joseph D. Douglass, Jr (Washington, D.C.: Pergamon-Brassey's, 1988), páginas 63-83.

43. “Os Traficantes” (*The Drug Dealers*), V. Ovchinnikov, Pravda, 13 de setembro de 1964, tradução por Rachel Douglas.

44. “Como Os Maoistas Conduzem O Contrabando De Ópio” (*How the Maoists Conduct Contraband Trade in Opium*), B. Bulatov, Literaturnaya Gazeta, 19 de março de 1969, página 12, tradução por Rachel Douglas.

45. “Drogas e Terrorismo” (*Drugs and Terrorism*), 1984, op. cit.

46. Ibid., páginas 67,68.

47. “Entre outros traficantes associados à KINTEX estão os cidadãos sírios Henri Arsan e Sallah Wakkas. Ambos, Wakkas e Arsan, que morreram numa prisão italiana, foram figuras-chave na movimentação de base de morfina para laboratórios italianos e franceses durante a era da ‘Conexão Francesa’”. *DEA* (*Drug Enforcement Administration*), Seção De Inteligência Estratégica (*Strategic Intelligence Section*), “O Envolvimento Da Republica Popular Da Bulgária No Tráfico Internacional De Narcóticos” (*The Involvement of the People's Republic of Bulgaria in International Narcotics Trafficking*), Ibid., página 61.

48. Ibid., página 65.

49. Ibid.

50. Parece especialmente curioso que é precisamente quando surge uma massa de dados sobre o envolvimento oficial da Bulgária no tráfico de drogas que as autoridades dos EUA decidem se aproximar da Bulgária e sugerir operações conjuntas para parar o narcotráfico através da Bulgária. Por que a Bulgária? Quem no Governo dos EUA propôs esta abordagem? Existe um paralelo entre essa situação e os acontecimentos da década de 1980, quando, de repente, surgiram mais sugestões de esforços “conjuntos” de combate ao narcotráfico e de compartilhamento de informações após uma maior publicidade em torno do envolvimento dos países comunistas?

51. Também é interessante que em 1986 duas biografias lisonjeiras de Fidel Castro fossem publicadas: “Fidel: Um Retrato Crítico” (Fidel: A Critical Portrait), Tad Szulc (New York: William Morrow and Company, Inc., 1986); e “Fidel: Uma Biografia De Fidel Castro” (Fidel: A Biography of Fidel Castro), Peter G. Bourne (New York: Dodd, Mead & Company, 1986).

52. “Abuso De Drogas Na R.S.S. Da Geórgia” (*Drug Abuse in the Georgian S.S.R.*), James A. Inciardi, “Jornal de drogas psicoativas” (*Journal of Psycho-active Drugs*), outubro-dezembro de 1987.

53. Este é um dos principais ingredientes da Nova Política Econômica (*New Economic Policy [NEP]*) adotada por Lênin em 1921 (vide “Novas Mentiras Pelas Velhas” (New Lies for Old), Anatoliy Golitsyn, New York: Dodd Mead, 1984, páginas 10-52) e a fraude de “coexistência pacífica” adotada por Khrushchov em 1954 (vide “Vamos Enterrá-lo” (*We Will Bury You*), Jan Sejna (London: Sidgwick & Jackson, 1982), páginas 22-36; e “Estratégica Fraude Soviética” (*Soviet Strategic Deception*), Joseph D. Douglass, Jr., em “Hipnotizado Pelo Urso” (*Mesmerized by the Bear*), editor Raymond S. Sleeper, (New York: Dodd Mead, 1987)).

54. “Droga: A Conexão Soviética” (*Drogue: la Filiere Sovietique*), Crozier, L'Express, 25 de dezembro de 1986.

55. “Tráfico internacional de narcóticos: a conexão soviética” (*International Narcotics Trafficking: The Soviet Connection*), Joseph D. Douglass, Jr. e Jan Sejna, “Jornal de Defesa e Diplomacia” (*Journal of Defence and Diplomacy*), dezembro, 1986.

56. “US$20 Milhões Em Heroína Chegaram Em Navio Soviético” *($20 Million in Heroin Arrived on Soviet Ship*), Washington Times, 19 de agosto de 1986, página 7A. “O Papel Soviético no Contrabando de Narcóticos Exposto na Imprensa Europeia” (*Soviet Role in Dope Smuggling Exposed in European Press*), New Solidarity, 29 de agosto de 1986, página 5.“Itália Apreende Haxixe De Navio Soviético” (*Italy Seizes Hashish from Soviet Ship*), Washington Post, 5 de abril de 1987, A19.

57. Os soviéticos, às vezes, puxam suas rédeas, de acordo com a estratégia “um passo afrente, dois passos para trás”. No entanto, tais operações permanecem sempre controladas: o controle não é cortado. Além disso, uma diminuição da atividade operacional também seria evidente, mas isso não está evidente em parte alguma.

58. “Diretor Da CIA: Espiões Do Leste Europeu Em Ação” (*CIA Director: E. European Spies at Work*), George Lardner, Jr., Washington Post, 21 de fevereiro de 1990, página A15. Mais cedo, o senador William Cohen (R-ME), vice-presidente do Comitê De Inteligência Do Senado na época, tinha dito: “Os serviços de inteligência da Polônia, da Alemanha Oriental, da Tchecoslováquia, da Bulgária, da Hungria e de Cuba continuam realizando operações de inteligência neste país, não apenas para servir seus próprios interesses nacionais, mas também como substitutos da inteligência soviética”. “Apesar Da Reforma, O Bloco Do Leste Espiona Os EUA” (*Despite Reform, East Bloc Spies on US*), Bill Gertz, Washington Times, 20 de novembro de 1989, página A3.

59. Departamento Do Estado Dos EUA, Atividades de influência soviética: um relato sobre medidas ativas e propaganda (*Soviet Influence Activities: A Report on Active Measures and Propaganda*), 1987-1988 (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA, agosto de 1989).

60. Promover o conceito de reforma como um mecanismo para obter assistência econômica e técnica do Ocidente tem sido uma estratégia tradicional de fraude soviética (e a mais bem sucedida). Ao avaliar as recentes "reformas" soviéticas chamadas *perestroika* e *glasnost*, há duas referências históricas especialmente convincentes a serem lembradas. O primeiro é a fraude enormemente bem-sucedida de Lenin, a Nova Política Econômica (*New Economic Policy* - NEP), em que o comunismo era retratado como uma mudança e um abraço ao capitalismo, mas apenas para garantir a assistência econômica e técnica do Ocidente. Esta estratégia eminentemente bem-sucedida, como analisada nos

estudos da KGB, é descrita pelo ex-oficial da KGB, Anatoliy Golitsyn, em "*Novas mentiras pelas velhas*" (*New Lies for Old*) (Nova Iorque, Dodd, Mead & Company, 1984) [e também em seu trabalho mais recente "A Fraude Chamada Perestroika" (*The Perestroika Deception)*, Edward Harle Limited, 1985 e 1998, op. cit. - Ed]. O segundo é a fraude estratégica da "coexistência pacífica", lançada por Khrushchov em 1955 para obter assistência econômica e técnica do ocidente e acelerar a derrota do ocidente [vide nota 53 acima]. Esta estratégia é descrita por Jan Sejna, ex-secretário do Conselho de Defesa da Tchecoslováquia, em "Vamos Enterrá-Lo" (*We Will Bury You*), op. cit. Em ambos os casos, a tática, a estratégia e as motivações leninistas têm uma estranha semelhança com os acontecimentos ocorridos sob Mikhail Gorbachov. Vide especialmente "A Fraude Chamada Perestroika" (*The Perestroika Deception*), Anatoliy Golitsyn, , op. cit.

61. Nota do editor: As comunidades de inteligência ocidentais, de fato, não empregam estudantes da língua russa de Lenin que pudessem iluminar seus superiores sobre o verdadeiro significado revolucionário leninista da *perestroika*- reformação, como em "formação militar"? Certamente, há evidências de uma determinação oficial perversa de aceitar a ruptura com o passado do leninismo soviético como genuína, independentemente das consequências. Por exemplo, o Ministério da Defesa britânico descartou suas cópias dos indispensáveis três volumes dos Documentos da Internacional Comunista, 1919-1943, editados por Jane Degras [Oxford University Press, 1956], uma vez que esses volumes, com o selo *MOD Library Services*, foram adquiridas por este escritor. O Ministério das Relações Exteriores britânico também vendeu grande parte de sua Biblioteca de materiais sobre o Comunismo em 1990-91. Portanto, não surpreende que os políticos ocidentais permaneçam cegos. Como consequência, a "convergência", nos termos do oriente, já está muito avançada.

-CAPÍTULO 12-

# SOMBRIA PERSPECTIVA PARA O SÉCULO XXI

Desde que Cocaína Vermelha foi impresso pela primeira vez há dez anos, o problema das drogas continuou a crescer. As drogas estão mais disponíveis do que nunca, os preços são mais baixos e a potência das drogas aumentou. Por exemplo, a heroína está agora disponível a uma pureza de 90 por cento. Após um declínio temporário de 1988 até 1992, o uso por adolescentes vem se proliferando[1]. Isto é especialmente preocupante devido às graves implicações para o futuro da sociedade.

Numa perspectiva global, a América não é mais o único alvo "primário" da deliberada ofensiva das drogas para desestabilizar o Ocidente e destruir a sociedade e as democracias ocidentais. As drogas ilegais estão fluindo para a Europa a taxas recorde e para as várias repúblicas da antiga União Soviética. Com eles, o crime e a corrupção de alto nível, que tipicamente acompanham as drogas ilegais, estão crescendo em toda parte. Calcula-se agora que o tamanho da ação criminal global bruta é superior a US$2 trilhões por ano. Os problemas de saúde, que também estão ligados ao uso de drogas ilegais, estão se proliferando.

Enquanto isso, os custos associados às medidas para "combater" o flagelo das drogas continuam a aumentar. Somente os Estados Unidos gastam atualmente mais de US$15 bilhões por ano em operações antidrogas. Entretanto, além das despesas em espiral e das despesas gerais, pouco mudou. As respostas continuam focadas em:

- Interdição;
- As tentativas de obter a cooperação de países produtores de drogas;
- Policiamento;
- Educação.

Essas medidas permanecem tão evidentemente ineficazes hoje como o eram há 25 anos - como é muito aparente a partir da pronta disponibilidade de drogas, a diminuição dos preços de rua, a sua potência aumentada e o aumento associado do consumo entre adolescentes. No entanto, não obstante a gravidade do flagelo de drogas ilegais e suas consequências, não há uma determinação evidente para enfrentar de forma séria o desafio que se apresenta. Além disso, o diagnóstico oficial da crise nos Estados Unidos continua ingênuo e inadequado.

Uma razão pela qual a crise das drogas recebe uma atenção muito menos séria (nos Estados Unidos e em outros lugares) do que deveria estar recebendo, é que as estimativas do que as drogas ilegais custaram a todos os povos - não apenas em termos monetários, mas também em relação ao seu impacto sobre as estruturas políticas e sociais, sobre a vida das famílias e dos indivíduos - são lamentavelmente incompletos

e subestimados. Isto parece ser assim porque as autoridades americanas e alguns outros governos ocidentais também não gostam de ter que enfrentar a severidade da ofensiva contra as sociedades ocidentais e não querem anunciar a gravidade da crise.

Na América, o consumo de drogas e as estimativas do seu custo baseiam-se principalmente nas estatísticas denominadas "Uso Doméstico". Essas estatísticas são tão inadequadas e enganosas que podem muito bem ser piores do que nenhuma. Existem dois problemas monumentais com as estatísticas de "uso doméstico". Primeiro, eles assumem que as pessoas irão voluntariamente contar a verdade sobre o uso de drogas. Em segundo lugar, não abordam o grupo mais pesado de usuários de drogas - pessoas que não são "encontradas em domicílios", mas que estão desabrigadas ou em várias instituições, como prisões, abrigos, hospitais e instalações de tratamento.

Informações importantes sobre o valor dos "autorrelatos" foram trazidas à luz em 1991, quando a Escola de Medicina Emory (*Emory School of Medicine*) realizou um teste secreto de "veracidade" do usuário de drogas em uma clínica ambulatorial em Atlanta[2]. Seus pesquisadores perguntaram aos pacientes se eles tinham usado qualquer droga nos três dias anteriores. O que os investigadores não disseram aos pacientes era que pretendiam testar sua urina para resíduo da droga cocaína. O que eles determinaram foi que setenta e dois por cento dos homens que alegaram não terem usado drogas durante os três dias anteriores tiveram resultados positivos somente para o consumo de cocaína. Se eles tivessem sido testados para o uso de outras drogas também - por exemplo, maconha, heroína, PCP, LSD, ecstacy, metanfetaminas e assim por diante - a percentagem provavelmente teria excedido noventa por cento. Sua conclusão foi clara: autorrelatos de uso de drogas não são confiáveis. As estatísticas de uso de drogas que eles calcularam para os segmentos da população com os quais eles lidavam eram três vezes maiores do que se estimaria com base nas estatísticas de "uso doméstico".

Além disso, não houve boas estimativas de usuários americanos pesados, e os custos associados com a utilização de drogas por este grupo provavelmente excederiam todos os dos usuários não-pesados que formam a espinha dorsal das estatísticas de "Uso Doméstico". Por mais de dez anos, o número de usuários crônicos foi assumido como estando em torno de três a cinco milhões. Para seu crédito, o Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas dos Estados Unidos (*US Office of National Drug Control Policy*) iniciou um estudo para tentar estabelecer quantos viciados pesados existem nos Estados Unidos[3]. Sua primeira tentativa se concentrou no Condado de Cook, Illinois. Lá, eles estudaram as prisões, abrigos para sem-teto e instituições e usaram testes de uso de drogas - testes de urina e cabelos - para verificar declarações. Embora a sua pesquisa ainda tenha subestimado, os resultados foram alarmantes. O Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas (*US Office of National Drug Control Policy*) estimou que havia 330.000 usuários crônicos apenas no Condado de Cook. Suas descobertas ainda eram rotuladas como "preliminares" e levavam o aviso, "não extrapolar". Porém, se extrapolarmos essas descobertas, o total nacional de viciados pesados correspondente seria de 15 a 20

milhões, o que é três a cinco vezes maior do que a sabedoria convencional - e, como previsto, consideravelmente maior do que as taxas de uso alguém possa ser tentado empregar, com base nas estatísticas de "Uso Doméstico".

Uma estimativa realista do que a praga das drogas custa aos Estados Unidos a cada ano, usando números conservadores e estatísticas do governo onde eles existem, também é reveladora. Esta estimativa é de três a cinco vezes mais elevada do que os números US$50 a US$60 bilhões cotados pelo presidente Clinton e pelo vice-presidente Gore há alguns anos. Para colocar essas estimativas "concorrentes" em perspectiva, eles mostram que o custo anual da praga das drogas nos Estados Unidos é maior do que toda a Guerra do Vietnã que durou dez anos, com o número de vítimas de drogas ilegais a cada ano também excedendo os dados totais da Guerra do Vietnã[4]. Além disso, as mortes anuais atribuíveis a drogas ilegais são na verdade mais de quatro vezes maiores do que as mortes totais nos piores anos da guerra do Vietnã.

Estas estimativas de custo não colocam e não podem colocar um valor de dólar sobre o dano que está sendo feito devido à corrupção das drogas e dinheiro das drogas na vida das pessoas. Cérebros, corpos, espiritualidade e cursos de vida são destruídos. As famílias, os alicerces básicos da sociedade, são sobrecarregadas ao ponto, às vezes, de ruptura total. Quase todo mundo que se encontra nos Estados Unidos nestes dias tem experiência pessoal direta com os danos infligidos pela ofensiva das drogas sobre um membro da família ou um parente próximo.

A estimativa da Diretoria de Combate às Drogas (*Drug Enforcement Administration*) sobre a produção de maconha caseira nos Estados Unidos em 1992 - e essa diretoria (a DEA) raramente, se alguma vez, superestima o tamanho do suprimento - multiplicado pelo valor médio da rua de maconha"boa", de US$30 bilhões, o dobro do tamanho de qualquer safra legal. Todas essas transações e lucros são ilegais e precisam ser lavadas. Quanto é lavado em ações, títulos e imóveis? A inundação incessante e crescente do dinheiro das drogas sustentou e reforçou os mercados de ações e *commodities*, e também a força do dólar dos EUA nos mercados de câmbio? Quanto dinheiro da droga entra em campanhas políticas, ou aparece nas contribuições da eleição? Quanta influência e corrupção apenas a proporção do comércio de drogas de maconha caseira na América faz comprar? Adicione maconha importada, heroína, cocaína, LSD e metanfetaminas – e o total sobe bruscamente. Influência e financiamento eleitoral são os associados naturais dos fundos das drogas: assim, a democracia está sendo minada diretamente por meio da interferência com o processo democrático e assegurando que os candidatos políticos estão comprometidos com o dinheiro do mal desde o início. Isto serve para um governo corrupto, como os eventos em 1998 confirmaram.

As implicações são inevitáveis: corrupção crescente, generalizada e abrangente, incluindo a corrupção das comunidades política, judicial, policial, jurídica, contábil, financeira e até mesmo empresarial em todos os Estados Unidos. E naturalmente o mesmo destino espera os

outros países ocidentais líderes que são alvos primários para a ofensiva das drogas. Na Europa, as estruturas da União Européia, já notórias por corrupção *nomen-klaturist** e ineficiência, são alvos primários para a ofensiva das drogas.

*Nota do tradutor: "*Nomenklatura*", termo russo para designar toda a burocracia de um governo, é uma lista predeterminada de pessoas corruptas que vão ocupar cargos políticos e outros cargos de influência e de poder de uma nação.

A corrupção policial tem destaque nas primeiras páginas dos jornais na maioria das principais cidades americanas: por exemplo, Nova Iorque, Filadélfia, Miami, Los Angeles, Cleveland, Detroit, Chicago, New Orleans, e em Washington, DC. A corrupção extensiva em agências federais responsáveis pela luta contra o fluxo de drogas também foi relatada - afetando, em particular, a diretoria de combate às drogas (*Drug Enforcement Administration*), o serviço alfandegário dos Estados Unidos, e a imigração, justiça e patrulha de fronteira das comunidades. As comunidades bancárias nacionais e internacionais estão fortemente comprometidas, é claro, pelo flagelo das drogas.

Todos entendem que é geralmente o chamado "peixe pequeno" que é pego. Essas pessoas são as mais dispensáveis e as menos sofisticadas. Também não é preciso ser um cientista genial para reconhecer que a mesma corrupção que foi exposta dentro das agências de policiamento também permeia os níveis mais elevados nas esferas judiciais, financeiras, políticas e comunidades de influência política em todos os Estados Unidos. Isto está também claramente presente, é claro, no financiamento das eleições; mas nenhum partido político dos EUA quer discutir esse fenômeno, se ele puder ser evitado. Deve-se supor, com base nas evidências, que a reputação dos dois principais partidos políticos dos EUA está igualmente em risco.

Além de uma falta geral de atenção séria, assistida por uma abordagem de mídia frequentemente complacente, a "guerra contra as drogas" na América continua ineficaz porque a questão das drogas ilegais ainda não foi entendida historicamente, financeiramente, politicamente ou estrategicamente. As crenças e suposições convencionais sobre as origens da praga das drogas e as razões pelas quais tem secproliferado de forma tão alarmante, contêm lacunas graves, informações erradas e desinformação. De acordo com a "sabedoria convencional", é o próprio povo que está em falta; isto é, são as próprias pessoas que assumem a responsabilidade primária pela praga das drogas. Se as pessoas não usam drogas, não haveria flagelo. Este, por sinal, sempre foi o argumento padrão usado pelos colombianos quando a questão é levantada por visitantes americanos ou europeus: em Bogotá, esta é a análise preferida - por razões muito óbvias. Além disso, as autoridades dos EUA e os meios de comunicação social promovem a imagem de que os narcotraficantes são pouco mais do que criminosos comuns, pessoas que vivem com medo da lei e que são, na verdade, renegados cuja única ideologia é a busca do lucro. Esses mesmos vendedores de notícias também nos permitiriam acreditar que o governo federal dos EUA está fazendo o melhor que pode para conter a produção e o tráfico de drogas. Como está demonstrado no material precedente, nada poderia

estar mais longe da verdade. O exército de apologistas da crise das drogas e suas consequências, juntamente com os “liberalizadores”, têm organizações poderosas e influentes por trás deles - e, claro, recursos financeiros ilimitados.

Mas a crise da droga, como vimos, não é do cultivo doméstico - é o resultado de alguma deficiência nos EUA e em outras sociedades ocidentais. Ela surgiu porque foi forçada a tomar o Ocidente como um ato de guerra de baixo nível de longo prazo por operações de inteligência muito sofisticadas orquestradas pelos chineses e pelos soviéticos e seus vários substitutos e satélites. Quando Nikita Khrushchov foi reportado de ter informado o Ocidente que "vamos enterrá-lo", ele foi mal citado. O que Khrushchev realmente disse foi: “estaremos presentes no seu funeral”. E, como qualquer um que perdeu um membro da família, parente ou ente querido sabe, em primeira mão, que houve muitos funerais desde que a ofensiva de drogas começou.

A este respeito, note novamente os dados da Figura 5, que mostram o crescimento da primeira utilização por toxicodependentes da heroína registada na secção de Haight-Ashbury em San Francisco e o número de mortes dependentes de drogas na cidade de Nova Iorque (Figura 4). Estes dados revelam um salto significativo no abuso de drogas em 1949-50, precisamente quando a operação chinesa de tráfico de narcóticos começou e um aumento exponencial em 1960-61 - que foi quando a operação soviética de tráfico de narcóticos foi lançada e a operação comunista chinesa foi expandida .

A mensagem é clara para qualquer pessoa interessada em saber o que realmente está acontecendo - ou seja, para qualquer pessoa disposta a descartar os óculos tingidos de cor-de-rosa e equívocos “politicamente corretos” favorecidos em círculos desorientados dos EUA e de outros círculos de autoridades nos dias de hoje. Primeiro, a mudança dramática nas estatísticas de uso é o resultado do aumento da oferta; e em segundo lugar, as fontes de abastecimento são operações de inteligência estrangeiras destinadas especificamente a atacar os jovens de países-alvo com drogas ilegais.

No decorrer de 1998, surgiram mais dados que, mais uma vez, mostraram o mesmo fenômeno com relação à cocaína. Em 1992, durante a “Pesquisa do Uso Doméstico” nos Estados Unidos, as pessoas foram perguntadas quando começaram a usar cocaína pela primeira vez. Os dados das respostas recebidas foram colocados na Internet. Eles são mapeados na Figura 7. O que se destaca claramente é uma mudança significativa nas estatísticas de uso, começando em 1967, momento em que a taxa de primeiro uso de cocaína começa a subir. Por quê? O que aconteceu em 1967?

O potencial da cocaína como droga mais importante do futuro foi comunicado pela primeira vez aos tchecos em 1962. As operações de construção de redes de cocaína já haviam começado e foram ampliadas com efeito a partir desse ano. Entre 1962 e 1965, as técnicas relevantes de produção foram modernizadas pelos alemães orientais. Eles desenvolveram novos processos que se revelaram muito superiores às antigas técnicas. Uma planta, usando o novo processo alemão, poderia produzir três vezes mais cocaína do que toda a produção então

existente da Colômbia, Peru e Bolívia. Estas técnicas foram introduzidas, e as redes de produção e distribuição foram postas em prática, durante 1965-66.

Como o general Sejna explicou detalhadamente a situação, 1967 foi o ano em que as operações soviéticas de produção e distribuição de cocaína, centradas na Colômbia, no Peru e na Bolívia, entraram em funcionamento - precisamente quando os primeiros dados do uso de cocaína começaram a aumentar constantemente: vide Figura 7. O aumento do uso de drogas foi o resultado de um aumento substancial na oferta e nas estratégias de *marketing* associadas, e a fonte desses suprimentos e estratégias foi a operação soviética de inteligência estrangeira - cujo nome de código era "Epidemia Rosa" (*Pink Epidemic*) (vide cap. 3) aludindo à mistura do branco (cocaína) com o vermelho (comunismo).

O gráfico abaixo também fornece informações importantes sobre os meios que precisam ser adotados para alcançar uma solução eficaz para o flagelo de drogas ilegais.

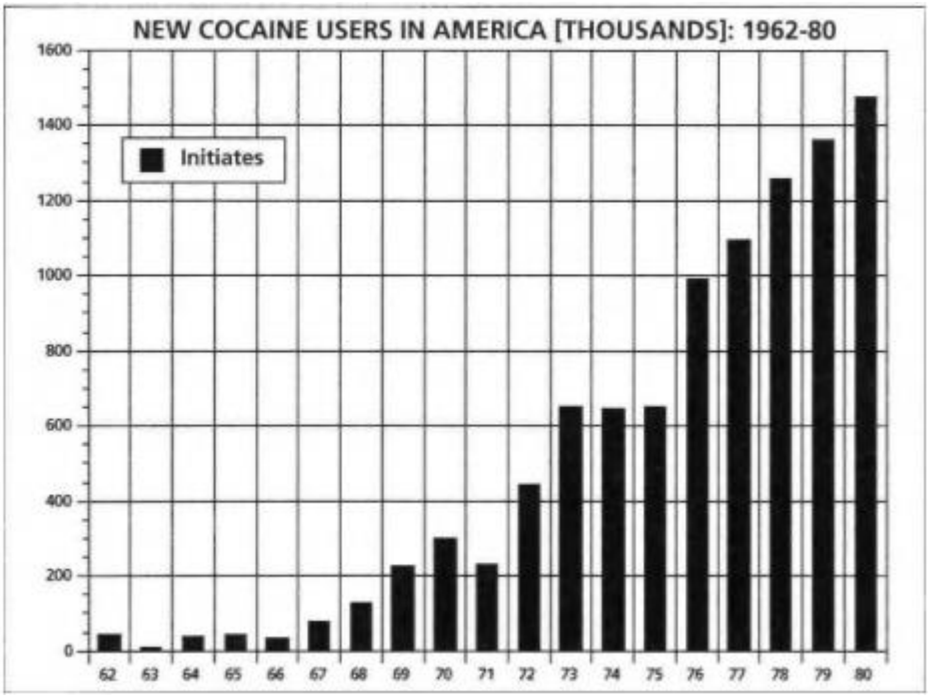



Figura 7: Novos usuários de cocaína nos Estados Unidos [em milhares], mostrando conclusivamente a correlação com o início do envolvimento soviético em 1967, e, portanto, com a oferta. Fonte de dados: Rouse, B.A., Ed, 1995, "Abuso De Substâncias E Estatísticas De Saúde Mental" (Substance Abuse and Mental Health Statistics Sourcebook). Publicação DHHS nº. (SMA) 95-3064, Editora Governamental dos EUA (Government Printing Office). Washington DC. Gráfico preparado a partir de dados oficiais publicados selecionados pelo autor.

Em primeiro lugar, é claro, há dois lados para a crise - oferta e "demanda". Ambos os lados têm de ser atacados, particularmente porque, exclusivamente no caso das drogas, a demanda é criada pela oferta. Qualquer "solução" proposta que não ataque a disponibilidade das drogas em questão não é uma solução porque não aborda a fonte

fundamental da crise - a oferta. É a oferta (e isso inclui suas redes de marketing e de suporte), que cria viciados em primeiro lugar. Se a oferta não é atacada, haverá um aumento constante no número de viciados como cada nova geração de jovens por várias razões decide "experimentar" e fica viciado.

Com toda a honestidade, o lado da demanda, que é predominantemente a demanda gerada por viciados, acabará por se resolver conforme os dependentes morrem. Muitos usuários podem definhar e podem nunca ser curados. Propostas que tornam seguro para os usuários fazer suas próprias drogas ou que fornecem-lhes drogas baratas sob a suposição de que isso irá reduzir o crime são, naturalmente, destinadas a permitir que os toxicodependentes "façam o que fazem" até morrer. Essas noções fantasiosas e falsas não resolverão a crise, nem contribuirão para sua remediação, porque não atacam a oferta; e como os dados na Figura 7 confirmam, é de fato a oferta que cria a crise das drogas em primeiro lugar. O objetivo desta oferta é gerar viciados para que a oferta possa ser consumida - ou seja, para fomentar a demanda. Não há equivalência entre essa demanda de vício e a demanda comercial normal, como está sempre implícito enganosamente.

Em segundo lugar, o material precedente mostra que a questão das drogas ilegais não vai ser resolvida atacando-a com "lei e ordem" ou "policiamento" ou mesmo como se fosse um desafio diplomático. A precisão dessa conclusão pode ser observada no fato de que a "guerra contra as drogas" prevalecente mostrou-se totalmente ineficaz - precisamente por ter sido abordada como um cado de lei e ordem, policiamento e de desafio diplomático desde que surgiu em 1950. Os "resultados" alcançados durante o governo Reagan demonstram mais ainda esta falácia. O flagelo das drogas foi então abordado como uma questão de policiamento. Como consequência, as prisões norte-americanas passaram de três quartos para um numero muito maior do que a sua capacidade; contudo durante esse período, as drogas tornaram-se mais abundantes, mais potentes, e mais facilmente acessíveis, do que nunca foram antes. Esta política foi um total desperdício de dinheiro.

Tratar a praga da droga como um problema de policiamento ou um problema diplomático não terá êxito porque os responsáveis não são criminosos comuns e porque operam com a proteção das comunidades locais de lei e ordem, os bancos nacionais e internacionais e sob imunidade diplomática. A única maneira de abordar a praga de drogas ilegais é reconhecê-lo por aquilo que é - um ataque intencional aos Estados Unidos e ao Ocidente em geral. Este assalto concertado e implacável equivale a uma guerra não declarada em que todos os meios disponíveis são empregados - explícitos, secretos, ilegais e indígenas - na perseguição do inimigo, que permanece sendo o Ocidente.

Quanto à suposta determinação do governo americano de decapitar os produtores e traficantes, outra comparação fornece a perspectiva necessária. Desde que a praga das drogas emergiu, os Estados Unidos empreenderam muitas aventuras militares, com grande risco, custo e sem o convite daqueles que foram atacados. Considere, por exemplo, o Vietnã, Camboja, Grenada, Panamá, Iraque e Líbia. Nós atacamos mesmo, unilateralmente e sem o consentimento de qualquer um, plantas

farmacêuticas suspeitas de produzir agentes neurotóxicos e depósitos de treinamento e de suprimento de indivíduos que evidentemente patrocinaram atividades terroristas. Em nenhuma dessas aventuras os Estados Unidos foram atacados, ou mesmo ameaçados diretamente. No entanto, em contraste nítido, não houve um exemplo de um ataque militar similar dos EUA contra um regime de produção de drogas ou tráfico de drogas estrangeiras, apesar de os Estados Unidos (e, claro, o Ocidente em geral) estarem sob ataque direto, serem diretamente ameaçados, e terem sofrido e continuarem a sofrer grandes baixas, perturbações econômicas e sociais, e mortes individuais como consequência desta ofensiva. Na verdade, como a ofensiva da droga é um ato de guerra, os países que encorajam ou sancionam ou fecham os olhos para ela devem ser avisados de uma vez por todas que, se não cessarem imediatamente suas atividades malévolas, os Estados Unidos (e se necessário, outros países alvo) deixarão de ser responsáveis pelas consequências destrutivas. Em suma, tais regimes devem ser considerados como regimes inimigos. A este respeito, vale a pena recordar que a "antiga" União Soviética respeitou o Ocidente apenas quando este resistiu à sua ameaça bolchevique.

Se, então, a “sabedoria convencional” é posta de lado, e junto com ela todas as várias explicações do flagelo das drogas que fluem tão suavemente das classes falantes oficiais e não-oficiais nas capitais ocidentais, uma imagem bruscamente divergente emerge. Especificamente, a praga de drogas ilegais será vista como um “negócio” internacional criminoso que, devido à corrupção que gera, goza do apoio e proteção de muitos países e de muitas pessoas poderosas, algumas das quais são personalidades famosas. E o crescimento do flagelo pode ser visto por cinco razões primárias.

Primeiro, a praga das drogas não é ideia de vigaristas e criminosos "comuns e rasos". É o resultado de operações de inteligência estratégica de longo prazo empreendidas por países com os maiores e mais capazes serviços de inteligência no mundo: China e União Soviética e seus satélites, e seus sucessores. Isso significa que, ao contrário de uma operação criminosa independente, os narcotraficantes que construíram o negócio têm e continuam tendo à sua disposição os ativos e recursos de vários estados e governos, juntamente com o benefício de santuários abertos e ilimitados nos quais podem se esconder, planejar, financiar, organizar, recrutar e treinar para as próximas fases de sua ofensiva coletiva.

Em segundo lugar, a praga tem sido capaz de florescer porque foi politicamente protegida. A proteção que o governo dos Estados Unidos forneceu - sem encargos - está bem documentada nos casos da China, da Rússia, da Bulgária, de Cuba, do México, da Colômbia e da antiga Tchecoslováquia, para citar alguns países envolvidos. Além disso, a corrupção do dinheiro das drogas é tão dominante que se tornou realmente uma séria questão, ao ponto de se perguntar em quem se pode confiar - e não apenas em países estrangeiros, mas, para os americanos, nos departamentos e agências federais e também no Congresso. Por que nenhum registro do governo sobre as atividades de tráfico de drogas e lavagem de dinheiro em Mena, Arkansas, foi divulgado ou mesmo investigado pelo Congresso ou pelo Escritório do

então chamado "Conselho Independente", e porque há ligações do financiamento das eleições dos EUA aos lavadores de dinheiro de drogas, à Autoridade Palestina e aos chineses, que não emergiram propriamente?

Em terceiro lugar, a praga da droga tem estado livre para desenvolver-se sem constrangimento porque a dimensão da lavagem de dinheiro do narcotráfico foi organizada - e não apenas tolerada ou habilitada, mas organizada - pela comunidade financeira internacional e pelos bancos nacionais*. Não há como esse fluxo financeiro de vários trilhões de dólares existir sem a assistência ativa e consciente de bancos e instituições financeiras, cujos lucros de lavagem e "investimento" representam de 15 a 20% de seus lucros anuais agregados. E por "comunidade financeira internacional", não me refiro apenas a bancos e banqueiros. De igual importância e funcionando como elementos integrantes da comunidade financeira internacional, estão associados consultores de investimento e companhias, empresas de contabilidade e especialistas e, o mais importante de tudo, os advogados e escritórios jurídicos associados dos quais os bancos são extremamente dependentes.

* Nota do editor: Um caso em questão foi destacado em um relatório publicado pelo Escritório de Contabilidade Geral dos EUA [*GAO - US General Accounting Office*], o braço de contabilidade e investigação do Congresso, em 4 de dezembro de 1998. Em um vívido exemplo de como os bancos supostamente ignoram a lei, mantendo a negação e parecendo se apegar a ela, o Citibank foi relatado pelo *GAO* por ter transferido secretamente entre US$90 milhões e US$100 milhões em suposto dinheiro de drogas para um cliente mexicano sem examinar a fonte dos fundos ou o histórico financeiro do cliente. O *GAO* concluiu, entre outras coisas, que o *Citibank*, que agora faz parte do *Citigroup*, não seguiu os seus próprios procedimentos contra a lavagem de dinheiro e "facilitou para um sistema de gestão do dinheiro que disfarçava a origem, destino e beneficiário efetivo dos fundos". O *GAO* havia respondido a uma solicitação do senador John Glenn, o astronauta, para examinar os relatos de que até US$100 milhões foram lavados do México para contas do *Citibank* em Londres e na Suíça. Uma investigação separada estava sendo realizada pelo Departamento de Justiça dos EUA. O relatório *GAO* revelou que a unidade do banco privado *Citibank* havia estabelecido uma companhia *offshore* privada para manter os ativos de seus clientes, renunciou a referências bancárias, permitiu que o cliente usasse um nome diferente para transferir fundos do México e não tivesse preparado um perfil financeiro do proeminente cliente em questão. O banco ganhou cerca de US$1,1 milhão em taxas associadas ao funcionamento das contas relevantes. Um porta-voz do *Citigroup*, citado pelo *The Daily Telegraph* de Londres [5 de dezembro de 1998], insistiu que o relatório "continha erros de fato e interpretação", acrescentando que "nós examinamos o assunto e descobrimos que nem a empresa nem empregado tinham violado a lei. Estamos cooperando plenamente com as autoridades policiais".

Tais advogados escondem-se atrás de sua proteção da respeitabilidade e do "Estado de direito": mas eles são sepulcros caiados, hipócritas e participantes ativos neste negócio perverso. Por esse motivo, foi encorajador poder ler na imprensa britânica[5] no fim de novembro de 1998

que o inspetor-chefe Simon Goddard, chefe da unidade de crime organizado e econômico do Serviço Nacional De Investigação Criminal (*National Criminal Investigation Service* [*NCIS*]) em Londres, havia revelado que advogados de pelo menos seis grandes escritórios de advocacia estavam em processo de investigação por suposta lavagem de dinheiro em nome de traficantes de drogas e outros criminosos organizados. Relatando a essência de uma entrevista dada por este oficial britânico de policiamento na revista *The Lawyer*, Goddard explicou que várias agências policiais, incluindo um certo número de forças policiais do Reino Unido, estavam investigando o manejo de lucros de drogas, tráfico de armas e  violentas atividades de gângster. "Essas empresas estão trabalhando ativamente em prol do crime organizado. Sabemos quem são [os advogados envolvidos]. Estamos cientes de algumas de suas atividades, e estamos em estágios variados de nossas investigações. Temos certamente advogados que desempenham o papel do antigo conselheiro (*consigliere*) dos filmes da máfia. Eles sabem quem são seus clientes e sabem como seus clientes fazem seu dinheiro, e sabem que não é de uma atividade legítima".

Fontes no *NCIS* confirmaram ainda que os advogados e as empresas em questão estavam localizados na cidade de Londres e em outros locais da capital britânica. Em um caso, o conjunto de uma pequena empresa tinha sido identificado como uma fachada para lavagem de dinheiro. Em outros casos, suspeitava-se que os advogados de algumas grandes empresas aceitavam fundos ilícitos e utilizavam as suas posições em assuntos respeitáveis para ocultar as suas atividades. Normalmente, os fundos são misturados com outros fundos nas contas dos "clientes" das empresas e, em seguida, transferidos de acordo com as instruções dos seus "clientes" ligados às drogas. Mas é claro que quaisquer transações de dinheiro suspeitas devem, por lei, no Reino Unido, ser reportadas ao NCIS. De 14.500 relatórios arquivados sob a legislação relevante do Reino Unido em 1997, precisamente 240 foram de advogados; e o NCIS disse ao jornal *The Guardian* que muitos advogados britânicos estavam "falhando em suas obrigações legais e morais"[6]. O jornal também confirmou que foi dito por um porta-voz do *NCIS* que "temos inteligência sobre pelo menos seis escritórios de advocacia que acreditamos estar envolvidos na lavagem de dinheiro". A polícia acreditava que "o dinheiro está ligado a procuradores, que o coloca nas contas de clientes em Londres". Em seguida, "é transferido para contas no exterior (*offshore*) ou de investidores (*trusts*)". Como o general Sejna descreveu a situação enquanto ele estava vivo, os contatos de lavagem de dinheiro nos vários bancos selecionados para fornecer "serviços bancários" foram criados pelos próprios banqueiros. Verificações de segurança do histórico dos indivíduos que estavam cuidando das transações do dinheiro das drogas nos bancos foram executadas não só pela contrainteligência soviética, mas também por um dos serviços de inteligência israelenses, o Mossad. Os banqueiros estavam tão integrados nas operações que reuniões secretas ocorriam todas as semanas em Praga entre os soviéticos e os financistas internacionais envolvidos. O general Sejna sabia disso porque as vilas secretas sob seu controle eram usadas como locais para a maioria das reuniões dos soviéticos com os banqueiros envolvidos. Em outras palavras, os banqueiros ocidentais participaram conscientemente dessa atividade destrutiva, revolucionária e leninista desde o início da

ofensiva das drogas lançada pela inteligência soviética e chinesa para destruir o Ocidente.

Em quarto lugar, a explosão do flagelo das drogas foi facilitada pelo encorajamento e cumplicidade de confusos intelectuais da esquerda, cuja base de poder também controla ou conquistou a hegemonia mental no mercado de idéias[7]. Isso não é um acidente, é claro, uma vez que tem sido uma consequência do paralelo esforço revolucionário para destruir os valores, a religião e a moralidade em todo alvo Ocidental, aos quais foram feitas breves referências. A praga das drogas expandiu-se entre 1965 e 1980, quando o uso de drogas no Ocidente se tornou desenfreado, em grande parte porque o uso de drogas foi popularizado por intelectuais em ambientes acadêmicos e porque essas pessoas publicaram livros que promovem o uso de drogas através de mensagens permissivas e uma perversa e intencional insistência de que não havia drogas ruins, apenas usuários de drogas mal informados - e porque essas obras permissivas superavam em número as que destacam os perigos biológicos e sociais por uma proporção de 50 a 18. Em quinto lugar, as pessoas foram hipnotizadas – sofreram lavagem cerebral por políticos, governos, meios de comunicação e pela academia - para pensar, como observado anteriormente, que são elas mesmas que causam a crise; que, se as pessoas não usassem drogas, não haveria o flagelo das drogas, que os seus governos estavam sempre trabalhando arduamente lutando contra a praga, e que o público não deveria se envolver em tudo, já que tudo é tão terrivelmente perigoso. Dependem de nós, temos a tarefa sob controle, e tudo que precisamos é mais tempo e dinheiro, as autoridades dos EUA dizem rotineiramente ao Congresso. Certamente, os usuários de drogas e os abusadores não são inocentes, e estão em risco de perdição; mas eles teriam sido muito menos vulneráveis se tivessem desfrutado o benefício de respostas com princípios e retaliação por seus governos - e o inimigo não teria trabalhado horas extras para destruir a cultura, crenças e valores ocidentais e subverter a educação.

Hoje, com a intenção de continuar a farsa e evitar a realidade (e a responsabilidade), as pessoas perguntam: "Mas eles - os russos, os chineses, os cubanos e seus muitos substitutos, ainda estão envolvidos?".

Certamente, houve mudanças significativas. No entanto, não há uma mudança identificável que sugira qualquer diminuição do envolvimento soviético, chinês ou cubano. O que aconteceu é que a produção e o tráfico entraram numa fase ainda mais agressiva, visando expandir o uso de drogas e a corrupção em escala mundial, sem restrições. O tráfico de drogas está mais aberto, num sentido real paralelo ao súbito "surgimento" do crime organizado russo como um "novo" fenômeno nos países industrializados[9].

De fato, é difícil imaginar uma hipótese razoável de que os russos, os chineses ou os cubanos, não estivessem tão ativos hoje como sempre – ou de fato mais ativos ainda. Considere:

Primeiro: A KGB/GRU está tão viva e tão "bem" quanto nunca, e goza de maior poder do que antes da implementação do "comunismo flexível". Por que diabos se afastariam dos negócios mais rentáveis e do compromisso

político, da chantagem e da operação de influência mais eficazes que o mundo já viu? Que burocracia alguma vez saiu do negócio sem ser forçada a sair do negócio, quando a organização-mãe está viva e saudável e tão poderosa que se tornou um "Estado dentro do Estado" (embora isso, em si, não seja nada de novo)?

Afinal, a operação de tráfico de drogas, "*Druzhba Narodov*", produziu bilhões de dólares em receitas secretas todo ano. Estas receitas eram controladas pela KGB e nunca se aproximavam do orçamento oficial do governo. Isto converteu a KGB/GRU em uma usina fiscal independente do estado. Não há nenhuma maneira de essas receitas terem sido descartadas, e não havia ninguém no exterior com o conhecimento e poder para questionar ou desafiar sua proveniência.

Em segundo lugar, a chantagem política e os dossiês de compromisso sobre as pessoas que detêm posições de poder em todo o mundo, que se tornaram componentes cruciais dos produtos do tráfico de narcóticos eram - e continuam a ser - valiosíssimos recursos para apoiar a política externa e financeira russa. Tais arquivos e operações eram tão valiosos que antes das "mudanças" geopolíticas controladas que a própria KGB/GRU orquestrara, o controle das operações globais de drogas foi transferido para Moscou e os arquivos-chave foram transferidos para a Rússia. A preservação de ativos era uma característica das atividades da KGB/GRU na véspera da desintegração controlada do modelo stalinista ("comunismo flexível").

Em terceiro lugar, nem a forma como o segredo foi preservado em áreas críticas, mudou significativamente desde 1989-1991. Muita informação surgiu, mas quase nada de importância estratégica foi revelado. Quando foram identificadas importantes informações estratégicas, os meios utilizados para salvaguardar qualquer vazamento permaneceram tão armados e tão implacáveis como sempre foi o caso do "comunismo declarado" anterior a 1989-1991.

Em quarto lugar, não há uma razão coerente para que os gestores da ofensiva global de drogas cessem e desistam - uma vez que os governos ocidentais, tendo protegido o comércio de drogas há mais de trinta anos, não estão prestes a mudar suas atitudes. Ainda é contrário às políticas da maioria dos governos ocidentais dizer qualquer coisa negativa sobre, ou embaraçar, os soviéticos ou os chineses. A Grã-Bretanha tem se voltando trás para acalmar os chineses, apesar de ter entregue a eles o principal entreposto de drogas do mundo, Hong Kong, com seu poder estupendo e infra-estrutura, de bandeja. E, numa repetição inacreditável das operações conjuntas mal-entendidas entre os EUA e a Búlgaria para ajudar os búlgaros a conter o narcotráfico em suas fronteiras na década de 1970, uma iniciativa que teria sido ridícula se não tivesse sido tão trágica [vide capítulo 9], as comunidades de inteligência dos EUA (*FBI* e *CIA*) abriram escritórios em Moscou para que eles possam trabalhar em conjunto com a KGB em "combater o crime organizado, o narcotráfico e o terrorismo internacional" - sem entender aparentemente a extensão do envolvimento da KGB e GRU em cada uma dessas três atividades.

O resultado final dessa tolice é o seguinte: em primeiro lugar, os soviéticos/russos foram bem informados sobre metodologia ocidental de

combate ao crime, atitudes e respostas. Em segundo lugar, eles foram mantidos bem informados sobre as iniciativas consideradas e montadas pela inteligência dos EUA para "combater o crime", permitindo aos russos garantir que seus agentes criminalistas tenham sido capazes de permanecer vários passos à frente da inteligência ocidental em todos os momentos. Para manter as agências de inteligência americanas e ocidentais "de lado" sempre que as dúvidas possam parecer ter surgido nas mentes ocidentais sobre a integridade e/ou a sinceridade das atividades e intenções russas, fragmentos de inteligência não obtidos de outra forma, mas normalmente dispensáveis, foram aparecendo de vez em quando, para o benefício da inteligência ocidental, de modo a garantir que esta mal-aconselhada atividade "cooperativa" de combate ao crime possa continuar a ser justificada nas capitais ocidentais. Mais uma vez, esse comportamento não é nada de novo: é a prática padrão da fraude leninista.

Desde 1990-1991, o "Estado Criminoso" de Lenin foi exportado como modelo para todo o mundo. O tráfico de drogas está mais agressivo, generalizado e aberto do que em qualquer outro momento da história humana. A própria Rússia tornou-se um viveiro de crime e corrupção. O crime organizado controla mais de quarenta por cento das empresas privadas, sessenta por cento das empresas estatais, mais de metade dos bancos comerciais russos (um grande número deveria ter sido fechado no final de 1998, tendo sobrevivido apenas devido à sua "utilidade") e oitenta por cento das lojas, hotéis e indústrias de serviços em Moscou. A KGB é amplamente creditada por estar no centro dessas operações criminosas e ser sua principal benfeitora – uma revelação que levou uma escritora russa, Yevgenia Albats, a ser a primeira a rotular a KGB como um "Estado dentro de um Estado"[10]. O crime organizado russo também experimentou um crescimento fenomenal nos Estados Unidos e na América Latina.

Os russos também forjaram com a velocidade da luz, laços e alianças com a máfia, com a Yakuza japonesa, com as tríades chinesas, os "Yardies" jamaicanos (alguns dirigentes do grupo foram apreendidos numa dramática apreensão policial de drogas no centro de Londres em 30 de novembro de 1998) e outras organizações de tráfico de drogas em todo o mundo. As operações de influência política do KGB/GRU também devem permanecer no âmbito global - como consequência inevitável e natural das dezenas de milhares de dossiês que detêm sobre pessoas de poder e influência no Ocidente e em outros lugares, corrompidas pelo tráfico de drogas.

Em 1991, o sistema bancário central russo começou a imprimir rublos o mais rápido que podia. Naturalmente, o valor do rublo caiu. De repente, a lei foi alterada. No início de 1992, deixou de ser ilegal manter dólares na Rússia. Do dia para a noite, os dólares americanos tornaram-se a moeda preferida em toda a "ex" União Soviética. Um jornal relatou já em meados de 1993 que havia mais dólares em papel na circulação na Rússia do que nos Estados Unidos – mais de 100 bilhões de dólares em notas de dólar.

De onde vêm todos os dólares que circulam na "ex" União Soviética? Certamente, eles não se originaram entre turistas ou empresários. Uma

vez que os dólares norte-americanos se tornaram a moeda preferida na Rússia, entre US$1,0 e US$3,0 bilhões em notas de dólar também estão deixando a Rússia todos os meses (pelo menos US$50 milhões por dia) destinados a bancos estrangeiros. Os criminosos russos agora possuem o Chipre[11] e estão se mudando para Malta. Seus locais preferidos de lavagem de dinheiro e de seqüestro atualmente são Chipre, Líbano, Ilhas Cayman (especialmente através de certos bancos canadenses) e, em menor escala, a Suíça e Liechtenstein. No entanto, apesar deste imenso fluxo de saída, ainda especula que há mais dólares em papel na circulação na Rússia do que nos Estados Unidos.

Embora toda essa atividade criminosa sem restrições tenha se desenvolvido e amadurecido ao longo da última década, o Ocidente (e Oriente, mas principalmente o Ocidente - e no Ocidente, principalmente a Europa) vem enviando uma enorme assistência financeira e técnica à Rússia. A União Europeia socialista tem estado particularmente consciente a esse respeito. Tudo isso traz à mente a maneira em que o marinheiro bêbado gasta seu salário. Por que alguém, conhecendo a situação na Rússia e a natureza da liderança e cultura russas, presta assistência "econômica", ou até mesmo pensa que poderia fazer negócios limpos e rentáveis, de acordo com os padrões e normas ocidentais, com os russos - especialmente percebendo que os empresários e financistas ocidentais geralmente não são ingênuos em prosseguir suas atividades normais? Claramente, deve haver um aspecto que não é amplamente compreendido. Talvez os antecedentes e a natureza a longo prazo da cooperação financeira soviético-ocidental possam ter alguma ligação com os processos de compromisso mencionados acima. Vimos que banqueiros ocidentais foram "integrados" à infra-estrutura soviética de drogas desde o início. Dada a participação predominante da inteligência soviética/russa e chinesa nessas atividades nefastas, seria inacreditável se os dossiês não estivessem em uso hoje e se seu uso de chantagem e outros métodos de comprometer os políticos, banqueiros, burocratas, legisladores e agentes de influência da Europa Ocidental e da União Européia não fossem tão comuns e rotineiros como no passado.

O pior ainda está por vir. Observamos o crescimento de um imenso negócio internacional de narcóticos desde o início da década de 1960. Este negócio representou uma manifestação externa de duas operações de inteligência dirigidas pelo Estado, as desenvolvidas pelos chineses e pelos soviéticos, em colaboração com seus serviços de satélites substitutos da Europa Oriental. As operações em questão foram plenamente integradas desde o início, com financiamento internacional, leis e políticos. Paralelamente, o mundo experimentou o crescimento repentino do que é agora referido como capitalismo criminal global ("criminalismo")[12].

Isso inclui o narcotráfico, o crime organizado, a venda ilegal de armas, o roubo de recursos nacionais, a evasão fiscal e a pornografia. E, como explicado acima, quase no instante em que a União Soviética "se desintegrou", os bancos russos, geridos e empregados em grande parte pelo ex-pessoal da KGB e GRU, começaram a proliferar, enquanto importantes sindicatos russos surgiram em todo o mundo – forjando, como visto anteriormente, laços quase instantâneos com as redes da

máfia (que a KGB/GRU conhecia bem, antigamente), com traficantes de drogas e com outros grupos criminosos organizados em todo o mundo. Na verdade, as ligações entre os soviéticos e os grupos da máfia italiana tinham raízes históricas muito longas: por exemplo, a Geórgia soviética tinha tradicionalmente abastecido as ligações mafiosas de Moscou na Itália com privilégios de caça - de modo que quando chegou a hora de Eduard Shevardnadze buscar ajuda de fontes ocidentais para cimentar seu regime brutal, foi para os aliados italianos ligados à máfia que o seu governo se voltou para expedidas entregas especiais de cassetetes de borracha (os italianos fazem excelentes cassetetes de borracha usados para fins de "controle de multidões"). Tudo isso é apenas mera coincidência?

Em 1996, as receitas anuais derivadas de atividades criminais globais foram estimadas pelos especialistas do Banco Mundial em US$1,2 trilhão, dos quais US$500 bilhões foram considerados como representando lucros. Estas foram e continuam a ser estimativas altamente conservadoras. O comércio de narcóticos sozinho está na faixa de US$500 bilhões ou mais. Uma estimativa mais realista hoje seria provavelmente da ordem de US$2 trilhões por ano, como já foi observado - com US$1 trilhão, mais ou menos, por meio de lucro direto; e alguns especialistas elevariam ainda mais essas estimativas, para US$3,0 trilhões por ano em volume de negócios. Ou seja, governos, bancos e criminosos globais estão organizando a transferência de pelo menos US$1,0 trilhão a cada ano de riqueza nacional e privada para as contas bancárias da fraternidade criminosa global - uma transferência maciça de riqueza para a qual não houve histórico paralelo. Este escandaloso estado de coisas tem se mantido por várias décadas em uma escala cada vez maior, e o poder conferido como consequência ameaça destruir os governos, a democracia eo próprio sistema bancário internacional. O dinheiro das drogas também enfraquece e corroi a concorrência, favorecendo alguns agentes econômicos à custa dos outros.

Dois trilhões de dólares por ano (uma cifra conservadora, como foi observado) nas últimas duas décadas, excluindo os juros, implicaria que mais de US$40 trilhões teriam sido adicionados à riqueza das classes criminosas globais, incluindo os gerentes e representantes da Contínua Revolução Mundial Socialista de Lênin. A maior parte deste dinheiro foi investido em propriedades, títulos e ações, e a cada ano um trilhão ou mais de dólares adicionais é adicionado ao favo. Dado que alguns especialistas acreditam que até mesmo esses dados estão numa posição subestimada, o provável valor do dinheiro acumulado das drogas depositado no sistema financeiro internacional em todo o mundo provavelmente já ultrapassa essa estimativa de US$40 trilhões por uma margem considerável *. A corrupção associada entre as instituições financeiras, serviços de consultoria de investimento (incluindo corretoras de ações e fundos mútuos), escritórios de advocacia de prestígio e entre as classes políticas, já há muito atingiu proporções epidêmicas. E essa transformação foi acompanhada de uma publicidade mínima, com exceção de "apreensões de drogas" amplamente divulgadas, mas intermitentes, como a considerável operação montada pelos policiais ingleses em 30 de novembro de 1998 contra os agentes

“Yardies” jamaicanos, que resultou na apreensão de muitas drogas e armas[13].

*Nota do autor: Uma das principais motivações ocultas por trás da modernização legislativa das drogas é obter a legalização instantânea dos lucros das drogas e eliminar os riscos potenciais de sua divulgação e exposição - isto é, para legitimar as fortunas acumuladas de drogas ilegais.

Em dezembro de 1996, a *Business Week* deu certa exposição ao que chamou de “ponta do iceberg”, em um artigo sobre a corrupção do dinheiro das drogas em Wall Street, intitulado “A Máfia Na Rua” (*The Mob on the Street*). O artigo explicava:

“Nos desfiladeiros da baixa Manhattan, pode-se encontrar membros do crime organizado, seus amigos e associados. Quão grande é sua presença? Ninguém - pelo menos de todos os reguladores e policiais - parece saber. O famoso chefe do submundo da Rua (*Street*), Abramo, é descrito por fontes familiarizadas com suas atividades como estando controlando pelo menos quatro corretoras por meio de laranjas e exercendo ainda influência sobre mais outras empresas”[14].

Este vislumbre do óbvio, se pararmos para pensar o que deve estar acontecendo, também será aplicável, por exemplo, nos bancos, entre os principais escritórios de advocacia dos EUA (como também em Londres) e dentro da comunidade legislativa. Além disso, poucas áreas da vida dos EUA hoje podem ser mais descritas como fielmente honestas. A decadência está generalizada, o dinheiro envolvido é colossal, os que o controlam são excessivamente corruptos e sem consciência, e é dada pouca atenção à realidade de que a influência corruptora das atividades e do dinheiro relacionados às drogas deve, agora, ter progredido tanto que pouquíssimas áreas da atividade econômica podem ser consideradas imunes. Em alguns países – como, por exemplo, o Japão - a corrupção é um modo de vida abertamente reconhecido: de fato, ali, todo o *establishment* e os sistemas corporativos e financeiros parecem ter sido corrompidos quase ao ponto sem retorno.

Na Suíça, a promotora federal, Carla del Ponte, disse que o valor do “lucro” criminal russo reservado aos bancos suíços excede os US$40 bilhões[5]. Os US$40 bilhões são, é claro, apenas a proverbial ponta do iceberg. Quão grande é o montante total do espólio ilegal em bancos suíços? Provavelmente bem mais de dez vezes mais, talvez até 100 vezes mais. E isto apenas na Suíça. As mesmas condições, maiores em ordem de grandeza, prevalecem nos sistemas bancários de Liechtenstein, Luxemburgo, Grã-Bretanha, Alemanha, Espanha, de todos os tipos de paraísos fiscais e de ilhas estrangeiras (*offshore*) e dos Estados Unidos. Ou seja, os 40 bilhões de dólares oficialmente identificados como estando alojados na Suíça é apenas uma pequena proporção do valor total de dezenas de trilhões de dólares acumulados pelos criminosos globais e sequestrados com bancos comerciais e privados em todo o mundo.

No final de novembro de 1998, senhora del Ponte disse estar “convencida de que o crime organizado russo é uma ameaça para a Suíça. Basta olhar para as principais investigações criminais que estão sendo

realizadas pelos nossos [cantões] ... e essas investigações são apenas a ponta do iceberg”. Ela estava falando no contexto do início de um processo judicial contra Sergei Mikhailov, em Genebra. Mikhailov era suspeito de dirigir a rede criminosa de Solntsevo em Moscou, ligada a outra rede dirigida pelo mafioso russo Vyacheslav Ivankov, que foi condenado a 115 meses de prisão em Nova Iorque em meados de 1997. Estes fatos, porém, não são nada para se ficar surpreendido: a inteligência soviética/russa foi integrada com as classes da “máfia” na “ex” União Soviética durante décadas: a noção simplista Ocidental de que a “máfia” russa é “independente”, é desinformação. O crime organizado russo é a KGB/GRU, e seus ativos financeiros são manipulados e movidos pela KGB (ou seus sucessores, mas a KGB foi renomeada muitas vezes desde 1917 e todos os especialistas com este conhecimento nos dias de hoje referem-se genericamente à “comunidade de inteligência pós-soviética” como KGB ou KGB/GRU).

A Suíça tem sido usada historicamente pelos russos principalmente para corromper bancos suíços e para obter informações sobre outros que usam bancos suíços. Tradicionalmente, os próprios russos (soviéticos) preferiram usar as instalações bancárias fornecidas em países menos óbvios do que a Suíça - como a Suécia, de onde Lênin teria parado para sacar US$50 milhões de um banco suíço para financiar sua tomada do governo de Kerensky e para forrar seu próprio bolso ao mesmo tempo. Aliás, todos os revolucionários soviéticos originais forraram seus próprios bolsos: quando Stalin ordenou ao seu chefe de polícia, Genrikh Yagoda, que lhe fornecesse uma lista de suas secretas contas bancárias na Suíça, Yagoda cometeu o erro elementar de supor que ele fosse a única fonte de informações de Stalin, e excluiu devidamente os detalhes de sua própria conta bancária secreta na Suíça. Então, depois de insistir que ele, Yagoda, também devia obedecer, Stalin recompensou-o com uma bala na cabeça. A única figura importante que ele poupou foi a viúva de Lênin, Krupskaya, que, no entanto, foi obrigada, sob pena de um destino semelhante, a repatriar os “bens da revolução” que Lênin, seu principal autor, havia guardado “corruptamente” em contas bancárias na Suíça.

Não foi por acaso que uma atividade considerável de fraude soviética foi direcionada a “manter o holoforte de publicidade longe de nossos amigos, os bancos”, como Jan Sejna explicou-me em várias ocasiões. E ele deveria saber. Não só Sejna esteve firmemente acoplado ao tráfico soviético de drogas e operações de crime organizado, mas também era membro de um comitê especial de fraude que se especializava na revisão de operações de fraude passadas e na formulação de diretrizes para os próximos planos de fraude quinquenal que tinham que ser preparados para cada Congresso do Partido, com base na estratégia e política do Estado.

Aqueles que construíram este império criminalista global com sua influência integrada e potencial de corrupção não são pessoas agradáveis de se conhecer. Eles são, evidentemente, bastante implacáveis e tipicamente fazem aos possíveis colaboradores um tipo de oferta que poucos podem recusar: "Qual você prefere, ouro ou chumbo?". Estão extremamente bem informados, graças a uma rede de inteligência global confiável e integrada; e aqueles com quem fazem negócios -

instituições financeiras, casas de investimento, contabilistas e advogados - têm o cuidado de mantê-los bem informados. A privacidade, a ética, e a não-transmissão de informações privilegiadas, são práticas que não se aplicam a eles - apenas para investidores normais; e essas pessoas estão longe do normal: não gostam de perder e não têm dúvidas em tomar as medidas que julgarem necessárias para assegurar e garantir o seu "sucesso". Os registros bancários, as decisões secretas, as decisões do Estado, as questões jurídicas privadas, etc., são livros abertos às elites criminosas internacionais - das quais uma fração significativa consiste, na realidade, como vimos, de representantes de sofisticados, degoladores, serviços de inteligência estrangeiros.

Isto é crítico para a sobrevivência da civilização ocidental, e para abrandar a sua rápida descida na criminalização globalizada, penetrante e corrosiva, que é a sombria perspectiva para o século XXI, que os países ocidentais começam, mesmo nessa hora tardia, a compreender a verdadeira natureza da crise das drogas ilegais - o que significa analisar corretamente suas fontes, especialmente suas origens políticas, seus mecanismos habilitadores e suas dimensões criminais conexas. A menos que a natureza e a procedência do desafio sejam finalmente compreendidas, a estratégia e as táticas apropriadas para enfrentá-la nunca serão formuladas. O flagelo das drogas continua a crescer, porque as medidas até agora desenvolvidas para o contrariar não levam em conta a dimensão geopolítica - isto é, a intenção malévola e revolucionária que a impulsiona.

Consequentemente, as medidas tomadas nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e em outros países para combater o flagelo continuaram essencialmente irrelevantes e ineficazes, embora a evolução do policiamento na Grã-Bretanha no final de 1998 fosse decididamente encorajadora. A praga continua a se espalhar porque o Ocidente é vítima de uma ofensiva deliberada, sustentada, implacável, planejada e dirigida pela inteligência inimiga, que os legisladores ocidentais parecem nem começar a se preocupar em entender. Alguns líderes ocidentais até partilham dos objectivos ideológicos dos autores da ofensiva de drogas. Para piorar as coisas, os valores de muitos políticos foram fatalmente erodidos; e se não há valores reais, não há coragem para defender absolutamente nada, muito menos com convicção e vigor. Os legisladores muitas vezes não defendem nada e caem em tudo - por cada avaliação falsa, por cada peça de desinformação moderna e por cada táctica diversionista que se destina a acrescentar à confusão e que obscurece a verdade: isto é, que o Ocidente tem sido alvo de um ato de guerra e é vítima de uma ofensiva contínua.

Obviamente, quanto mais esta perversidade e cegueira continuam, mais poderosas e insuperáveis serão as forças que ajudam a perpetuar essa ofensiva disfarçada. Em breve, eles exercerão poder quase total em alguns países ocidentais. As estruturas coletivistas da União Européia, com suas tradições e inclinações de barril de porco*, são proeminentemente vulneráveis à corrupção relacionada às drogas. Políticos e legisladores continuarão sendo chantageados. Os banqueiros continuarão a usufruir do produto do dinheiro lavado e a fechar os olhos para o que está acontecendo. Muitos reguladores e investigadores

perseverarão infrutíferamente com suas perspectivas estreitas e legalistas. Grande parte da mídia continuará sua indesculpável conspiração de silenciar os fatos, enquanto alguns jornais, como o *The Independent* em Londres, continuará perversamente a promover a liberalização das drogas. Uma pesquisa detalhada dos documentos desagradáveis resultantes do "trabalho" do Escritório do Conselho Independente, Kenneth W. Starr, em conexão com o comportamento degradado do presidente Clinton e outros na Casa Branca, revelou que duas menções de uma só palavra do consumo de drogas lá, na qual a referência inicial foi feita em uma transmissão da CNN, foram apagadas dela[16]. Isso sugere uma conspiração perversa - como se o assunto das drogas, como as questões paralelas e flagrantes de segurança decorrentes desse hediondo escândalo, fosse de alguma forma um tabu.

*Nota do tradutor: "Barril de porco", ou "lata de lavagem", é sinônimo de populismo. Este termo ressalta a entrega de restos para ganhar votos enquanto a corrupção está acontecendo em larga escala nos bastidores.

Esse tipo de negação oficial deve ser simplesmente esperada de uma sociedade que, aberta ou subconscientemente, reconhece que foi subvertida, roubada e enganada - não menos por aqueles em quem nossa confiança teve de ser colocada?

A corrupção associada às drogas é tão corrosiva que, a menos que as sociedades visadas adquiram e exerçam poderes dos quais as democracias, por mais ineptas e degradadas que sejam, devem naturalmente hesitar, destruirá mais cedo ou mais tarde a própria democracia. Na verdade, os próprios meios que agora podem ser necessários para purgar o Ocidente das consequências acumuladas da ofensiva das drogas que tem sido travada contra ela durante várias décadas, poderiam ser considerados uma ameaça à democracia e à liberdade. Sem dúvida, os arquitetos malignos da ofensiva das drogas entenderam muito bem esse potencial de sua estratégia desde o início. Eles reconheceram que as democracias nunca seriam capazes de invocar a espinha dorsal para se purificar deste mal, muito menos que ele se originou como um ato de guerra.

A guerra contra as drogas não falhou: ela nunca existiu. Não houve guerra contra as drogas nos Estados Unidos. E veja o que aconteceu em países como os Países Baixos, onde uma abordagem permissiva provou ser um fracasso total, sujo e embaraçoso - e na Suíça, onde uma súbita deterioração das condições sociais ocorreu em resposta à introdução de atitudes mais "liberais" a partir do final de 1994. Como o Chipre, que os criminosos russos colonizaram após a súbita chegada lá no final da década de 1980 do filho do ex-ministro soviético de Relações Exteriores, Andrei Gromyko[7], a Suíça continua a ser um centro principal de lavagem de dinheiro para criminosos ligados à comunidade de inteligência soviética/russa.

Lembrando o que aconteceu aos colegas de Lênin depois que Stalin exigiu a repatriação dos "bens da revolução" que eles tinham guardado em contas bancárias suíças, um destino semelhante (talvez, mas não necessariamente, menos drástico?) pode ter esperado (no final de 1998) aos chamados "oligarcas" (funcionários da KGB/GRU e funcionários do

Partido Comunista e nomenclaturistas) a quem tinha sido dada a custódia temporária dos "bens do Estado", como parte da fachada do pós-comunismo apresentado ao Ocidente em 1990-91. Isso representava uma forma verdadeiramente nova do modelo de Lênin de "capitalismo controlado pelo Estado"; e na época em que a imprensa foi lançada, esse modelo estava em processo de ser enrolado ou substancialmente "modificado", assim como seus antecessores - a notória "Nova Política Econômica" [NEP] de Lênin ou a "coexistência pacífica" de Khrushchov ou os esquemas de trégua de Brezhnev.

Na Suíça, no entanto, pelo menos a população teve mais bom senso do que suas confusas elites políticas e legislativas. Em 29 de novembro de 1998, os eleitores suíços rejeitaram decisivamente uma proposta perigosa e equivocada de legalização da maconha, da heroína e da cocaína - desvirtuando argumentos de que uma rede oficialmente administrada de narcóticos ajudaria a conter o crime relacionado às drogas. Os eleitores suíços perceberam esses falsos argumentos, que promoveriam o uso de drogas, a corrupção por atacado, o escândalo e a decadência - como aconteceu de forma tão visível em Amsterdã, uma vez uma jóia da arquitetura medieval caiu em um abismo de imundície e decadência. Quase 74% dos eleitores suíços rejeitaram as propostas em um referendo - em face das alegações federais de que a *cannabis* era consumida regularmente por cerca de 500.000 pessoas no país. Provocativamente, Francois Reusser, porta-voz de uma comissão que patrocinou a iniciativa "por uma política de drogas sensata", argumentou não só que os eleitores suíços "reagiram emocionalmente ao aspecto da heroína", mas também que o resultado poderia ter sido diferente se os usuários de maconha tinhessem ido às urnas[18].

Essa afirmação mostrou que esses traficantes de drogas não são meramente equivocados: eles também são estúpidos: quem sabe alguma coisa sobre o efeito da *cannabis* no corpo, no cérebro e nas atitudes, ficaria ciente de que os fumantes que estão com suas mentes meio petrificadas, não cooperam se puderem evitar fazê-lo. No entanto, não há fim para a perversidade e a insensatez do *lobby* da liberalização da droga: o comitê, apoiado por socialistas, médicos permissivos, advogados e especialistas em drogas, insistiu em que embarcaria imediatamente em uma nova campanha para amaciar os eleitores da Suíça e recolher o número necessário de assinaturas no âmbito do sistema de referendo suíço para poder impor mais uma votação sobre a legalização da *cannabis*. Pois o *modus operandi* padrão da revolução é tentar, tentar e tentar novamente até que o sistema de referendo forneça a resposta "correta".

Por que, há o direito de se perguntar, essas pessoas estão tão ansiosas para atingir este objetivo diabólico? Não, podemos ter certeza, porque eles se importam um pouco com as vítimas de abuso de drogas, ou sobre o seu bem-estar físico, mental e espiritual. Mas sim porque a revolução nunca, nunca, renuncia a sua agenda perversa. E porque aqueles que promovem este flagelo estão, eles mesmos, corrompidos além da perdição, eles querem trazer o mundo inteiro para a perdição junto com eles. É o dever solene daqueles que sabem e compreendem isto, resistir a suas atividades nefastas com toda a determinação e poder - e para que as lideranças políticas e

legislativas eliminem toda a hesitação e joguemm os recursos do Estado nesta batalha prospectiva final para a sobrevivência da civilização[19].

Referências ao capítulo 12:

1. "O Uso Da Maioria Das Drogas Por Estudantes Atinge O Mais Alto Nível Em Nove Anos" (*Student Use of Most Drugs Reaches Highest Level in Nine Years*), Pride Press Release, 25 de setembro de 1996.

2. "Alta Prevalência Do Uso Recente Da Cocaína E A Inconfiabilidade Do Autorrelatos De Pacientes Em Um Uma Clinica Ambulatorial Do Interior" (High Prevalence of Recent Cocaine Use and the Unreliability of Patient Self-report in an Inner-city Walk-in Clinic), Dr. Sally E. McNagny, e Dra. Ruth M. Parker, JAMA, 26 de fevereiro de 1992.

3. Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas (*Office of National Drug Control Policy*), Um Plano Para Estimar O Número De Usuários De Drogas "Pesados" Nos Estados Unidos (*A Plan For Estimating the Number of 'Hardcore' Drug Users in the United States*), Resultados Preliminares (*Preliminary Findings*), outono de 1997.

4. "Avaliando O Progresso Da 'Guerra Contra Drogas'" (*Assessing Progress in the "War on Drugs")*, Joseph D. Douglass Jr., Jornal De Estudos Econômicos, Políticos e Sociais (*Journal of Social, Political, and Economic Studies*), primavera, 1992.

5. Vide "Advogados 'lavam dinheiro de drogas'" (*Lawyers "launder drugs cash"*), *The Daily Telegraph*, Londres, 24 de novembro de 1998; e "Inquérito De Lavagem De Dinheiro Da 'Ganguelândia' Em Escritórios De Advocacia Da Cidade" (*Gangland money-laundering inquiry into City law firms*), *The Guardian*, Londres, 24 de novembro de 1998.

6. "Inquérito De Lavagem De Dinheiro Da 'Ganguelândia' Em Escritórios De Advocacia Da Cidade" (*Gangland money-laundering inquiry into City law firms*), The Guardian, Londres, 24 de novembro de 1998, op. cit.

7. Vide Congresso dos EUA, Câmara dos Deputados, Relatório do Comitê Especial para Investigar Fundações Isentas e Organizações Equiparadas (*Report of the Special Committee to Investigate Tax-exempt Foundations and Comparable Organisations*) (Washington, D.C.: Editora Governamental dos EUA, 16 de dezembro de 1954); Fundações: Seu Poder E Influência (*Foundations: Their Power and Influence*), Rene Wormser (Nova Iorque: Devin-Adair Company, 1958; reimpresso por Covenant House Books, Sevierville, TN, 1993); e As Fundações Isentas De Impotos (*The Tax Exempt Foundations*), William H. Mcll-hany II, (Westport, CN, Arlington House, 1980).

8. Cocaína: A Grande Praga Branca (*Cocaine: The Great White Plague*), Dr. Gabriel G. Nahas, Ericksson, 1989.

9. A não existência de uma descontinuidade revolucionária estratégica (ao contrário de uma descontinuidade leninista) foi cuidadosamente explicada pelo desertor soviético legítimo, Anatoliy Golitsyn, em seus dois famosos livros *Novas Mentiras Pelas Velhas* (*New Lies for Old*) [Dodd, Mead, New York, 1984] e "A Fraude Chamada Perestroika" (*The Perestroika Deception*) [Edward Harle Limited, Londres e Nova Iorque, 1995 e 1998]: vide o folheto incluído no verso deste volume.

10. Vide, por exemplo, "O Estado Dentro Do Estado" (*The State Within a State*), Yevgenia Albats, Farrar, Straus and Giroux, Nova Iorque, 1994.

Nota do editor: No entanto, deve-se ter cuidado ao considerar o trabalho deste autor, a quem foi concedido acesso privilegiado aos arquivos e fontes de inteligência soviéticas/russas. Seu trabalho fazia parte de um extenso corpo de materiais que serviu para "explicar" a continuação da existência das poderosas KGB/GRU ("sucessores") no contexto da fraude posteriormente exposta de que o Partido Comunista da União Soviética [PCUS] já não existia. Vide "Analista Soviético" (*Soviet Analyst*), passim, e o jornal de Assuntos Políticos do PCEUA, para refutações desta mentira, que é um componente central da fraude estratégica em torno do "comunismo flexível".

11. Vide nota 17 abaixo.

12. "Criminalismo", uma palavra cunhada pelo editor para uso no Analista Soviético, significa "o uso da criminalidade organizada pelos interesses da estratégia".

13. Várias reportagens da imprensa britânica, 1° de dezembro de 1998.

14. "A Máfia Na Rua" (*The Mob on the Street*), Gary Weill, Business Week, 16 de dezembro de 1996, página 93.

15. "Suíça Começa Processo De Fraude De Suspeito Da Máfia Russa" (*Swiss begin fraud trial of Russian mafia suspect*), *The Washington Times*, 1° de dezembro de 1998.

16. Nota do editor: "As transcrições do testemunho do Grande Júri e documentos relacionados, contidos em sete volumes separados publicados para o Escritório do Conselheiro Independente, Kenneth W. Starr, em conexão com o escândalo Clinton-Lewinsky, foram intensamente examinados por duas referências conhecidas na tomada das drogas na Casa Branca. Estes foram explicitamente referidos em uma transmissão da CNN monitorada por Rachel Ehrenfeld, a respeitada especialista em drogas e lavagem de dinheiro. O Editor descobriu que essas referências foram apagadas do registro formal impresso.

17. Nota do editor: Gromyko Jr, que abriu o Chipre como um dos principais centros russos de lavagem de dinheiro para fundos criminosos russos no final da década de 1980, permaneceu no Chipre. Seu nome está na lista telefônica de Limassol. Antes de aparecer no Chipre, ele serviu como chefe da Academia Soviética de Ciências sob Gorbachov, um cargo do qual ele misteriosamente demitiu-se "por razões de saúde". Esta inteligência oferece duas percepções (*insights*) de excepcional importância que suportam a análise contida no presente trabalho. Em primeiro lugar, confirma ainda mais a inexistência de uma verdadeira descontinuidade entre o regime soviético e o seu "sucessor" - para ser acrescentado ao imenso volume de evidências de que a descontinuidade era de carácter leninista (isto é, fraudulenta, dialéctica), tal como explicado por Anatoliy Golitsyn em "A Fraude Chamada Perestroika" (*The Perestroika Deception*) [op. cit.]; e em segundo lugar, reforça uma impressão que emerge de Cocaína Vermelha - dado que a KGB/GRU manteve o seu próprio orçamento financiado em parte pelo produto das drogas, tornando-se assim um "Estado dentro de um Estado" – de que a escala das operações de drogas se tornou tão imensa que eles deram sua própria justificativa para descartar o rígido modelo stalinista como um pré-requisito para permitir que o criminalismo alcance seu pleno potencial como um mecanismo para a revolução global. Isso não quer dizer que essa era a justificativa principal, mas apenas argumenta que uma compreensão adequada da ofensiva soviético-chinesa de drogas é uma pré-condição necessária para formar uma avaliação coerente da estratégia revolucionária mundial leninista.

18. "Os Eleitores Suíços Recusam A Legalização Dos Narcóticos" (*Swiss voters turn down legalization of narcotics*), International Herald Tribune, 30 de novembro de 1998.

19. Vide também "Alunos, Terrorismo e Narcotráfico da KGB" (*KGB Alumni, Terrorism and Drug-trafficking*), Joseph D. Douglass Jr., Análise Conservadora (*Conservative Review*), agosto de 1992, e "Crime Organizado Na Rússia: Quem Está Levando Quem Para Os Lavadores?" (*Organised Crime in Russia: Who's Taking Whom to the Cleaners?*), Análise Conservadora (*Conservative Review*), maio/junho de 1995.

# SUGESTÕES DE LEITURA ADICIONAIS

Conforme os anos tem se passado, mais e mais evidência tem se acumulado de que o flagelo de drogas global é um instrumento primário da contínua Revolução Mundial Leninista. Nenhuma descontinuidade genuína aconteceu em 1989-91 – meramente uma descontinuidade leninista, programada pela inteligência soviética sob uma estratégica fachada coletiva de Gorbachev, cuja longa linhagem política se estende desde o 20° Congresso do Partido Comunista da União Soviética [PCUS] realizado em 1956, e o 22° Congresso de outubro de 1961 no qual a revitalizada estratégia de longo alcance foi aprovada pronta para ser apresentada ao Congresso de 81 Partidos Comunistas (6 de dezembro de 1961). Nem a inteligência ocidental tinha monitorado mudanças nas direções gerais para a KGB/GRU do contínuo Partido Comunista da União Soviética [PCUS]. Justamente a única essência que está para ser resolvida é se os cubanos estavam corretos em sua estimativa, relatada neste livro, que países-alvo ocidentais poderiam ser "amaciados" com drogas para uma tomada interna, durante um período de 35 anos – ou se a opinião soviética que 50 ou 60 anos (duas gerações) seriam necessárias, estava mais próxima da meta.

Cocaína Vermelha provê o arquivo de informações essencial sobre o qual os estudantes sérios da contínua, implacável Revolução Leninista – que persegue o cumprimento da ideia demente de um Governo Mundial (Comunista), uma receita certa para a ditadura global – pode proveitosamente construir um entendimento coerente das intenções diabólicas dos herdeiros de Lênin, seja operando abertamente ou, como o próprio Lênin defendeu, "trabalhar por outros meios" (isto é, secretamente, como é mais amplamente o caso hoje em dia). Um jeito de continuar um estudo talvez começado com este livro é anunciado na página final, onde provemos aos compradores de Cocaína Vermelha a oportunidade de inscrição, a um preço especialmente reduzido, ao Analista Soviético – o único jornal especializado exclusivamente em revelar e explicar a essência da estratégica fraude soviética-chinesa e a ofensiva da inteligência a longo prazo contra o Ocidente. Nas páginas de Analista Soviético, você não vai encontrar quaisquer ideias politicamente corretas– inclusive porque as origens do "politicamente correto" tem sido finalmente rastreadas - nas próprias páginas do Analista Soviético para as entranhas do aparelho do Partido Comunista Soviético adentro.

Para uma perspectiva essencial sobre a ofensiva estrategicamente fraudulenta – a essência do que é a convergência do Ocidente com o Oriente, mas nos termos orientais, não nossos – a atenção do leitor é direcionada para A Fraude da Perestroika: O Declive Mundial Para A "Segunda Revolução de Oububro" ["Weltoktober"], do autêntico desertor soviético Anatoliy Golitsyn – famoso autor da obra profética, Novas Mentiras Pelas Velhas (*New Lies For Old*). O segundo livro do sr. Golitsyn, originalmente publicado por *Edward Harle Limited* em 1995, e republicado em 1998, é tão profético quanto o primeiro memorável volume. Para mais detalhes, vide verso do folheto do Analista Soviético inserido logo atrás.

*Entre as fontes as quais qualquer cético é dirigido para confirmação da existência contínua do Partido Comunista da União Soviética, muito depois do suposto "colapso do comunismo" e da URSS em 1991, estão as edições de outubro-novembro de 1994 e abril de 1995 do jornal teórico de relações políticas do PCEUA (Partido Comunista dos EUA, em inglês: *CPUSA*), que contém referências explícitas à contínua existência e importância central do PCUS. Ele "coordena" as operações dos partidos políticos pseudo-"pós-soviéticos". Governos ocidentais,

liderados pelos Negócios Estrangeiros Britânicos e pelo Departamento de Estado dos EUA, escolheram prematuramente aceitar o falecimento do comunismo e sua pirâmide de mentiras associada, incluindo as novas estruturas “democráticas”, em valor nominal.

# EDWARD HARLE LIMITED
# DECLARAÇÃO DE OBJETIVOS POLÍTICOS.

O célebre autor irlandês-americano, dr. Malachi Martin, um amigo do editor da presente obra, tinha descrito como "uma névoa luciferiana". Nós estávamos discutindo a notável incapacidade das pessoas inteligentes, bem informadas, especialmente entre as comunidades parlamentares e de mídia, de entender a importância leninista das "mudanças" que confundiram o mundo em 1989-91 e que tinham permeado tudo o que aconteceu no palco político, cultural, institucional e religioso desde então. O termo de Malachi é de fato apropriado. Ele estava se referindo, é claro, à dimensão ainda mais aparentemente sobrenatural dos males que o mundo encara hoje, os quais o flagelo das drogas e o implacável ataque sobre a moralidade e as instituições da sociedade são os sintomas mais perniciosos.

A névoa luciferiana que tinha envolvido muitos observadores, políticos, burocratas e jornalistas tinha, desde 1989-91, quase obliterado a realidade objetiva, que tinha sido substituída – pelo intento da inteligência soviética – por uma estrutura de falsas imagens e mentiras. O comunismo desmoronou de repente. O poder militar soviético não é mais uma ameaça (a "ex"-União Soviética e seus aliados do Pacto de Varsóvia não assinaram um documento em 19 de novembro de 1990 intitulado "Declaração Conjunta de Vinte e Dois Estados" que proferiu que os signatários – os países da OTAN e os do "ex"-Bloco Soviético – "não eram mais adversários"?). O PCUS deixou de existir. A máfia na "ex"-URSS é "autônoma". A livre iniciativa tinha encontrado abrigo. As "ex"-Repúblicas Soviéticas são realmente independentes. Todas estas afirmações ou são totalmente falsas ou, no melhor dos casos, são deliberadamente enganosas.

O que aconteceu de fato deveria ser claramente óbvio aos estudantes da língua russa como aos poucos estudantes ocidentais de Lenin que permaneceram apropriadamente céticos que as súbitas, orquestradas "mudanças" não deveriam ser nada além de manifestações das operações de inteligência designadas para iludir o ocidente. Para o verdadeiro leninista, o sentido dialético de "perestroika" é certamente "reformação", como em "formação militar". O mundo inteiro agora está pagando o preço pela falha dos líderes milenares em discernir o enganoso sentido revolucionário de "perestroika" do Gorbachev; e as consequências desestabilizantes desta falha estratégica serão uma pedra de moinho aos pescoços das próximas gerações.

*Edward Harle Limited* foi estabelecido para publicar livros direcionados a esta falha e ao seu legado maligno para a civilização ocidental. Isto remete ao desprezo ao "politicamente correto" em todas as suas manifestações traiçoeiras e ao retalhamento das mentiras, das manobras, desinformação e das fantasias que atormentam nosso entendimento a respeito do que está acontecendo à nossa civilização; e para explicar porque isto está acontecendo. Pela única arma de defesa efetiva que é a EXPOSIÇÃO.

CHRISTOPHER EDWARD HARLE STORY, Londres, janeiro de 1999.

# ANALISTA SOVIÉTICO
# UMA ANÁLISE DA CONTÍNUA ESTRATÉGIA REVOLUCIONÁRIA GLOBAL

Analista Soviético, um boletim de inteligência estratégica, provê o antidoto necessário ao elegante "politicamente correto" e consequentemente às opiniões confusas sobre os desenvolvimentos revolucionários dos países do chamado "ex"-Bloco Soviético, e suas consequências para o mundo inteiro. Aplicando a metodologia analítica explicada por Anatoliy Golitsyn em Novas Mentiras Pelas Velhas (em inglês: *New Lies for Old*) e em A Fraude da Perestroika (em inglês: *The Perestroika Deception*) , esta edição, oficializada em 1972, revê as atividades dos contínuos parlamentares leninistas da perspectiva de sua estratégia de longo alcance. Ela foca no rápido progresso que estão fazendo, no contexto da falsa descontinuidade de 1989-91 e na mentira de que o comunismo foi "abandonado", em direção à realização furtiva dos inalterados objetivos de controle global revolucionário de Lenin. Os herdeiros de Lenin buscam nada menos que o enfraquecimento progressivo, decapitação e integração dos Estados-nação e sua substituição gradativa pela emaranhada "cooperativa" transfronteiriça e estruturas regionais que são projetadas como parte da estrutura do Governo Mundial. Esta "Nova Ordem Social Mundial" será, por definição, uma ditadura global. Aqueles no ocidente – especialmente parlamentares, banqueiros, clérigos e formadores de opinião – que estão colaborando de fato com os revolucionários contínuos no apoio à sua estratégia contínua de "cooperação-chantagem" – de forma consciente como agentes de influência, ou involuntariamente, como os que Lenin chamava de "idiotas úteis" – imprudentemente arriscam o futuro da civilização. Eles estão provendo um tapete vermelho aos revolucionários mascarados como seus camaradas de armas, mas que secretamente buscam sua ruína. Tais colaboradores negligenciam a realidade maligna da "guerra chamada paz" contemporânea.

Foi o Presidente George Bush que reciclou impensadamente a frase leninista de Gorbachev "Nova Ordem Mundial". Outros fornecedores deste slogan revolucionário incluem Karl Marx e Henry Kissinger, que comentou: "NAFTA é um grande trampolim para a Nova Ordem Mundial". E discursando em um jantar de embaixadores das Nações Unidas em 14 de setembro de 1994, o sr. David Rockefeller comentou: "Este 'período de oportunidade' durante o qual uma ordem mundial realmente pacífica e interdependente deve ser construída, não ficará disponível por muito tempo. Já existem forças poderosas em ação que ameaçam destruir todas as nossas esperanças e esforços para erguer uma duradoura estrutura de cooperação global". Se o sr. Rockefeller e seus semelhantes colaboradores entendem onde sua política do "Tapete Vermelho" está os levando, isto está aberto a um debate legítimo; o que está claro é que "cooperação global" na prática significa, e intencionalmente significa, "coletivização global" – a essência própria do comunismo.

Em 1932, William Z. Foster, então líder do Partido Comunista dos EUA, escreveu em seu livro Para A América Soviética (*Toward Soviet America*) que o objetivo do comunismo era o estabelecimento de uma "Nova Ordem Social Mundial". Em 1985, dois *apparatchiks* (membros do aparato do partido comunista) soviéticos, F. Petrenko e V. Popov, explicaram [em Política Externa Soviética, Objetivos e Princípios, Editora Progressista, Moscou; em inglês: *Soviet Foreign Policy, Objectives and Principles, Progress Publishers*] que "o passo de transição para a 'Nova Ordem Mundial' envolve fundir as nações recém-cativas em governos regionais". Em 1942, Stalin escreveu: "como um

crescente número de nações caem para a revolução, se torna possível as reunir sob um regime comunista mundial” [Editora Internacional, Nova Iorque; em inglês: *International Publishers*]. Lenin escreveu que a intenção comunista era uma futura união de todas as nações em um único... sistema mundial. O objetivo permanece inalterado. “A questão é”, diz Yelena Bonner, a viúva de Andrei Sakharov, “que a meta comunista é fixa e imutável – ela nunca vai variar um iota do seu objetivo de dominação mundial, todavia se os julgarmos apenas pela direção que parecem estar indo, vamos ser enganados”.

Analista Soviético, dirigido por Christopher Story, editor deste livro, circula em todo o mundo entre as agências oficiais, embaixadas e entre analistas profissionais , a profissão diplomática, comunidades de inteligência e espectadores informados. Ele é publicado baseado em inscrições anuais pré-pagas [para estes edições por volume/série] pela *World Reports Limited*, em Londres e Nova Iorque. Para se inscrever por um preço especialmente reduzido para compradores de Cocaína Vermelha, preencha o formulário em anexo e o envie no envelope de resposta. Para enviar seu pedido por fax, disque:  +44171-233 0185 [Londres] ou 212-679 1094 [Nova Iorque].